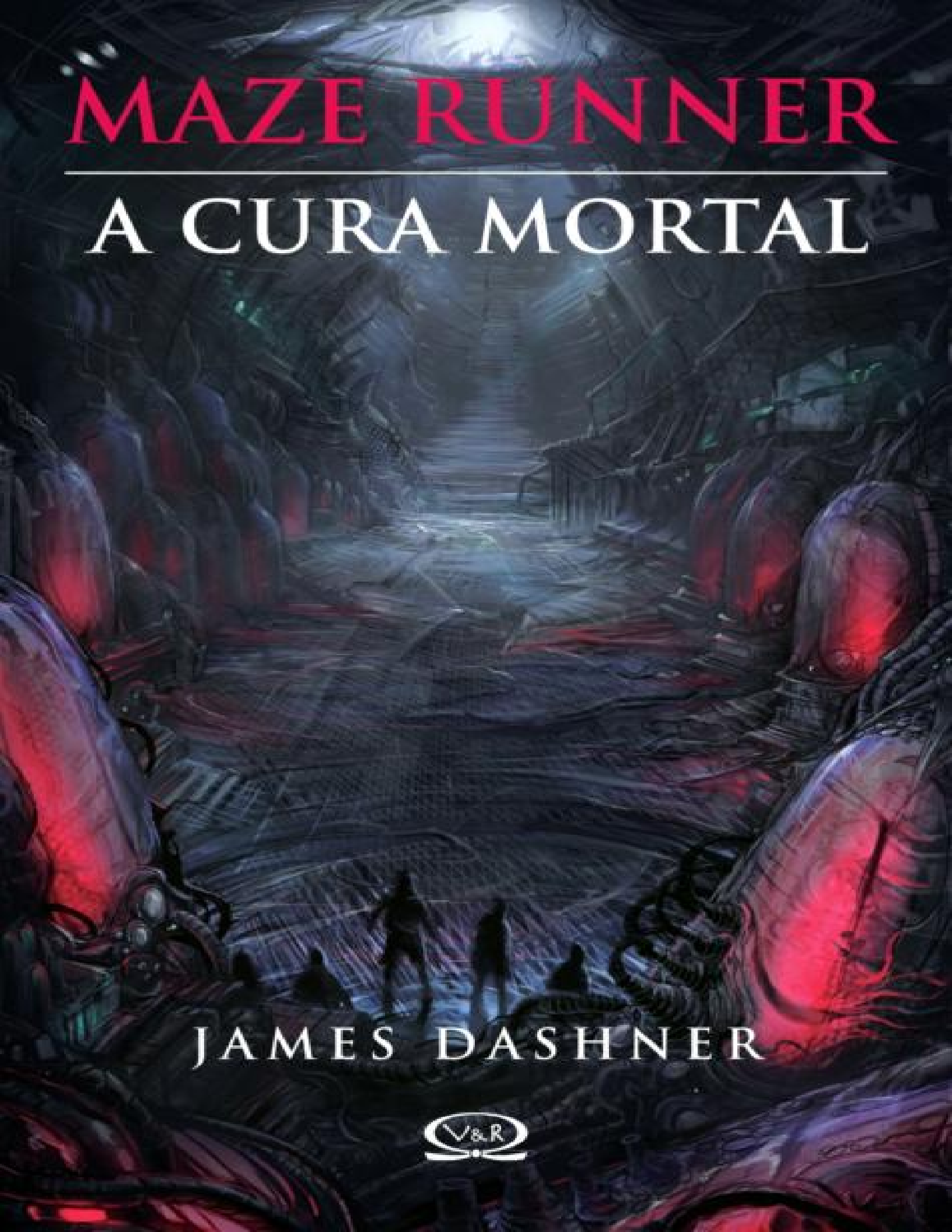
MAZE RUNNER
A CURA MORTAL
JAMES DASHNER
V&R

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

MAZE RUNNER

A CURA MORTAL

MAZE RUNNER
A CURA MORTAL

JAMES DASHNER

TRADUÇÃO: MAGDA LoPEs

Editora: Flavia Lago
Assistente editorial: Natália Chagas Máximo
Preparação: Alessandra Miranda de Sá
Revisão: Laila Guilherme
Direção de arte: Paula Fernández
Diagramação: Linea Editora Ltda.
Capa: Marcelo Orsi Blanco
Título original: *The Death Cure*

© 2011 James Dashner
© 2012 Vergara & Riba Editoras S/A
www.vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Capital Federal, 263
CEP 01259-010 | Bairro Sumaré | São Paulo | SP
Tel.| Fax: [55 11] 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-388-8

Impressão e acabamento: Geográfica
Impresso no Brasil • Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dashner, James
Maze runner : A cura mortal / James Dashner , tradução Magda Lopes. – São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2012. – (Maze runner)

Título original: Maze runner : The Death Cure.
ISBN 978-85-7683-388-8

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título. II Série.

12-05875 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Este livro é dedicado à minha mãe –
o melhor ser humano que já existiu.

1

Foi o cheiro que começou a enlouquecer Thomas pouco a pouco.

Não o fato de estar sozinho há mais de três semanas. Não mais as paredes, o teto e o chão brancos.Tampouco a ausência de janelas ou o fato de nunca apagarem as luzes. Nada disso. Haviam levado seu relógio e lhe davam para comer a mesmíssima refeição três vezes por dia - fatias grossas de presunto, purê de batatas, cenoura crua, unia fatia de pão e água. Jamais falavam com ele; jamais tinham permitido a presença de outra pessoa no quarto. Sem livros, sem filmes, sem jogos.

Isolamento completo, por mais de três semanas - embora começasse a duvidar da contagem do tempo, que se baseava puramente em seu instinto. Tentava adivinhar da melhor maneira possível quando a noite caía; certificava-se de dormir apenas o que achava ser o número normal de horas de sono. As refeições ajudavam, apesar de não parecerem vir regularmente. Como se o objetivo fosse mesmo deixá-lo desorientado.

Sozinho. Em uni quarto acolchoado desprovido de cor - as únicas exceções eram uni pequeno vaso sanitário de aço inoxidável, quase escondido num dos cantos, e uma velha escrivaninha de madeira para a qual Thomas não via uso. Só em meio a um silêncio insuportável, com tempo ilimitado para pensar sobre a doença enraizada dentro dele: o Fulgor, aquele vírus silencioso e rastejante que lentamente ia destruindo todas as carcterísticas humanas.

Porém, nada disso o fazia enlouquecer.

Mas ele fedia, e, por alguma razão, isso o deixava com os nervos à flor da pele - o mau cheiro era algo que perfurava o sólido bloco da sanidade. Não haviam permitido que tomasse banho, nem de chuveiro nem de banheira; não haviam lhe dado sequer uma muda de roupa limpa desde que tinha chegado ali, ou qualquer coisa com a qual pudesse higienizar o corpo. Um simples trapo teria ajudado; podia mergulhá-lo na água que lhe davam para beber e limpar pelo menos o rosto. Mas não tinha nada, exceto as roupas, agora sujas, que vestia quando o haviam trancado ali. Não tinha sequer uni colchão e roupas de cama - dormia todo encolhido, o traseiro encostado num dos cantos do quarto, os braços enlaçados, tentando conseguir algum calor em si mesmo, muitas vezes tremendo.

Não sabia por que o fedor do próprio corpo era o que mais o apavorava. Talvez esse fato, eni si, fosse um sinal de que havia perdido o controle sobre ele. Por alguma razão, as más condições de higiene pressionavam-lhe a mente, provocando pensamentos terríveis. Estava apodrecendo, decompondo-se; seu interior se tornava repugnante à mesma proporção que o exterior ficava frágil.

Era isso que o preocupava, por mais irracional que pudesse parecer. Recebia alimento e água suficiente para dissipar a sede; conseguia descansar bastante e se exercitava o máximo que podia naquele espaço limitado, com frequência correndo no mesmo lugar durante horas. A lógica lhe dizia que estar sujo não significava deterioração das funções do coração ou do pulmão. Mesmo assim, sua mente começava a acreditar que o incessante mau cheiro representava a iminência da morte, prestes a devorá-lo por inteiro.

Esses pensamentos sinistros, por sua vez, faziam-no ponderar que Teresa, afinal, talvez não houvesse mentido na última vez em que tinham se comunicado, quando

dissera que era tarde demais para Thomas e insistira que ele havia sucumbido ao Fulgor com rapidez, enlouquecendo e tornando-se violento. Teresa lhe dissera que já havia perdido a sanidade antes de ir para aquele lugar horrível. Até Brenda tinha lhe advertido de que as coisas ficariam piores para ele. Talvez ambas estivessem certas.

E, além de tudo isso, ainda havia a preocupação com seus amigos. O que havia acontecido a eles? Onde estavam? Que estragos mentais o Fulgor já teria lhes causado? Depois de tudo a que haviam sido submetidos, era assim que a história terminava?

A raiva o invadiu, como um rato trêmulo que busca uni lugar para se aquecer, unia migalha de comida. E, cada dia que passava, unia raiva crescente o assaltava, tão intensa que Thomas às vezes se surpreendia tremendo incontrolavelmente antes de poder dominá-la. Não queria que fosse embora para sempre; desejava apenas armazená-la e deixá-la crescer. Esperar pelo momento certo, o lugar adequado para liberá-la. O CRUEL fizera aquilo com ele. O CRUEL lhe tirara a vida, e a dos amigos, e os usava agora para qualquer propósito que julgasse necessário. Não importavam as consequências.

Mas pagariam por isso de alguma forma, jurava Thomas a si mesmo milhares de vezes ao dia.

Todas essas coisas passavam por sua mente quando se sentou, as costas contra a parede, encarando a porta - e a escrivaninha de mau gosto diante dela -, no que supunha ser o final da manhã do seu vigésimo segundo dia como cativo no quarto branco. Sempre fazia isso após tomar o café da manhã e se exercitar. Esperava, contra todas as provas em contrário, que a porta se abrisse - na verdade, que se abrisse inteira, não apenas aquela diminuta abertura embaixo, através da qual passavam as refeições.

Já havia tentado incontáveis vezes abri-la à força. Também tinha verificado as gavetas da escrivaninha: vazias; nada ali, exceto o cheiro de mofo e cedro. Checava-as todas as manhãs, só para conferir se algo não havia aparecido ali magicamente enquanto dormia. Não era incomum acontecer esse tipo de coisa quando se tratava do CRUEL.

Continuou a olhar fixamente para a porta. Esperando. Paredes brancas e silêncio. O odor do próprio corpo. Pensou nos amigos - Minho, Newt, Caçarola, os outros poucos Clareanos sobreviventes. Em Brenda e Jorge, que haviam sumido de vista depois do resgate do gigantesco Berg. Harriet e Sonya, as outras garotas do Grupo B, e Aris. De novo em Brenda, e na advertência que lhe fizera após ter acordado pela primeira vez no quarto branco. Como havia conseguido se comunicar telepaticamente comThomas? Estaria ou não do lado dele?

Mas, sobretudo, pensava em Teresa. Não conseguia tirá-la da cabeça e a odiava um pouco mais a cada instante. Suas últimas palavras para ele haviam sido: o CRUEL é bom, e, bem ou mal, ela passara a simbolizar tudo de horrível que tinha lhe acontecido. Toda vez que pensava nela, a raiva fervilhava dentro dele.

Talvez a raiva fosse o último fio que o ligasse à sanidade durante aquela espera interminável.

Comer. Dormir. Exercitar-se. Sede de vingança. Foi essa a vida de Thomas durante mais três dias. Sozinho.

No vigésimo sexto dia, a porta se abriu.

2

Thomas imaginou inúmeras vezes aquilo acontecendo. O que faria, o que diria. Como se precipitaria e atacaria qualquer um que entrasse e sairia correndo para fugir dali. Mas esses pensamentos lhe ocorriam, mais que por qualquer outra coisa, quase por diversão. Sabia que o CRUEL não deixaria que algo assim acontecesse. Não; precisava planejar todos os detalhes antes de arriscar sequer um movimento.

Quando aquilo realmente aconteceu - quando a porta se abriu, com um ruído leve como uni sopro, e começou a se escancarar -, Thomas ficou surpreso diante da própria reação: não fez absolutamente nada. Algo lhe dizia que uma barreira invisível havia surgido entre ele e a escrivaninha - como acontecera após terem saído do Labirinto. O momento da ação não havia chegado. Não ainda.

Sentiu apenas uma ligeira surpresa à entrada do Homem-Rato - o sujeito que havia contado aos Clareanos sobre os Experimentos no Deserto, o último pelo qual tinham passado. O mesmo nariz comprido, os olhos semelhantes aos de uma doninha; aquele cabelo seboso, poucos fios penteados sobre uma careca evidente, que tomava metade de sua cabeça. E o mesmo terno branco ridículo. No entanto, parecia mais pálido que da última vez. Segurava uma grossa pasta repleta de papéis amassados e amontoados na dobra de um dos cotovelos, arrastando uma cadeira de encosto reto.

- Bom dia, Thomas - cumprimentou ele com um aceno formal da cabeça. Sem esperar resposta, fechou a porta, colocou a cadeira atrás da escrivaninha e sentou.

Colocou a pasta diante dele, abriu-a e passeou a folhear as páginas. Quando encontrou a que buscava, parou e a pegou nas mãos. Em seguida, esboçou um sorriso patético, os olhos pousando vagarosamente sobre Thomas.

Só quando o garoto fez menção de se manifestar foi que se deu conta de que não o fazia havia semanas, e a voz surgiu como um grasnado:

- Só será um bom dia se me deixar sair daqui.

A expressão do homem não exibiu nem um vislumbre de movimentação.

- Sim, sim, eu sei. Não precisa se preocupar; hoje você vai ouvir novidades muito positivas. Confie em mim.

Thomas refletiu a respeito, envergonhado por deixar que o Homem-Rato despertasse suas esperanças, ainda que por um segundo. Àquela altura, não deveria mais ser tão ingênuo.

- Notícias positivas? Não nos escolheram, afinal, porque achavam que fôssemos inteligentes?

O Homem-Rato permaneceu em silêncio por vários segundos antes de responder:

- Inteligentes, sim. Entre muitas outras razões importantes. - Fez uma pausa e estudou Thomas antes de continuar: - Acha que gostamos disso tudo? Por acaso pensa que nos divertimos vendo-os sofrer? Isso tudo aconteceu por um propósito, que logo fará sentido para você. - A intensidade de sua voz foi aumentando até praticamente gritar a última palavra, o rosto agora vermelho.

- Uau! - disse Thomas, sentindo-se corajoso pelo menos durante aquele minuto. - Esfrie a cabeça aí, meu velho.Você parece a três passos de um ataque cardíaco. - Sentiu-se bem ao deixar as palavras fluírem.

O homem se levantou da cadeira e se inclinou para a frente, sobre a escrivaninha. As veias do pescoço

incharam como cordas tensas de um instrumento. Tornou a sentar-se lentamente e respirou fundo várias vezes.

- Seria de esperar que quase quatro semanas nesta caixa branca tornariam um garoto humilde. Mas você parece mais arrogante que nunca.

- Então vai me dizer que não estou louco? Que não tenho o Fulgor? Que nunca tive? -Thomas não conseguia se conter.A raiva crescia dentro dele, até que se sentiu prestes a explodir. Mas se obrigou a impor calma à voz. - Foi isso que me manteve são durante todo esse tempo. No fundo, sei que mentiu para Teresa, que este é apenas mais uni de seus Experimentos. E então? Para onde eu vou agora? Vão me mandar para a mértila da Lua? Vão me obrigar a nadar no oceano só de cuecas? - Sorriu para enfatizar a ironia das palavras.

O Homens-Rato observava Thomas com olhos inexpressivos durante seu desvario.

- Acabou?

- Não, não acabei. - Havia dias e dias aguardara uma oportunidade para falar, mas, agora que ela havia surgido de fato, sua mente ficara vazia.Tinha esquecido de todos os cenários projetados na mente. - Quero... que me conte tudo. Agora.

- Oh, Thomas - falou o Homem-Rato cone calma, como se fosse dar unia notícia triste a uma criança pequena. - Não mentimos sobre isso. Vocês têm o Fulgor.

Thomas se sentiu embaraçado; um calafrio cortou o ímpeto de sua raiva. Será que mesmo depois de tudo o Homem-Rato continuava a mentir?, ponderou. Mas deu de ombros, como se fosse indiferente àquela notícia.

- Bem, não comecei a enlouquecer ainda. -Até certo ponto, após todo aquele tempo atravessando o Deserto, convivendo com Brenda e cercado por Cranks, conformara-se com o fato de que tivesse mesmo contraído o vírus. Mas se convencera de que por ora estava bem; estava são. E era isso o que importava.

O Homem-Rato deixou escapar um suspiro.

-Você não entende. Não entende o que vim aqui para lhe dizer.

- Por que deveria acreditar em unia só palavra que saísse de sua boca? Como pode esperar isso de mim?

Thomas percebeu que estava em pé, embora não tivesse lembrança de ter se levantado. Seu peito se agitou em inspirações pesadas. Precisava se controlar. O olhar do Homem-Rato era frio, os olhos semelhantes a dois poços negros. Não importava se o homem havia mentido ou não; Thomas sabia que teria de ouvi-lo se quisesse algum dia sair daquele quarto branco. Obrigou-se a se tranquilizar. E esperou.

Depois de vários segundos de silêncio, o visitante prosseguiu:

- Sei que mentimos para você. Muitas vezes. Fizemos coisas terríveis com você e seus amigos. Mas era tudo parte de um plano com o qual vocês não apenas concordaram, mas ajudaram a planejar. Tivemos de levá-lo um pouco mais adiante do que pretendíamos no início; não há dúvida sobre isso. Entretanto, tudo permaneceu em conformidade com o espírito do que os Criadores vislumbraram, do que vocês mesmos vislumbraram.

Thomas sacudiu a cabeça lentamente; lembrava-se de já ter um dia, de algum modo, se envolvido com aquelas pessoas; mas a ideia de fazer qualquer um passar pelo que tinha passado era inconcebível.

- Você não me respondeu. Como pode esperar que eu acredite em qualquer coisa que me diga? - Recordava de mais coisas do que deixava transparecer, é claro. Embora a janela para o passado estivesse embaçada de sujeira, revelando pouco mais que vislumbres enevoados, sabia que havia trabalhado com o CRUEL. Sabia que Teresa também o tinha feito e que haviam ajudado a criar o Labirinto. Além destes, existiam outros flashes de memória.

- Ora, Thomas, não há razão de mantê-lo no escuro - respondeu o Homem-Rato. - Não mais.

Thomas sentiu um repentino cansaço, como se todas as forças houvessem se esvaído de seu corpo. Deixou-se cair no chão com um profundo suspiro. Balançou a cabeça.

- Não sei o que está dizendo. - Qual era a razão de ter uma conversa se não se podia confiar nas palavras?

O Homem-Rato continuou falando, mas seu tom mudou; tornou-se menos objetivo e clínico, e mais professoral.

- Obviamente você tem consciência de que temos uma terrível doença devorando a mente dos humanos no mundo todo.Tudo o que fizemos até agora foi calculado com um único propósito: analisar padrões cerebrais e construir uni plano segundo os dados obtidos. O objetivo é usar esse plano para desenvolver uma cura para o Fulgor. As vidas perdidas, a dor e o sofrimento, você conhecia esses riscos mesmo antes de começar. Todos conhecíamos. Tudo foi feito para garantir a sobrevivência da raça humana. E estancos muito perto. Muito, muito perto.

Várias lembranças atravessaram a mente de Thomas. A Transformação, os sonhos que havia tido desde então, vislumbres fugazes aqui e ali, como lampejos velozes de luz riscando-lhe a consciência. E, naquele exato momento, ouvindo a conversa do homem de terno branco, parecia estar à beira de uni penhasco, de cujas profundezas as respostas viriam à tona, a qualquer instante, para que as compreendesse por completo. A urgência em obter as respostas era quase perigosa demais para continuar olhando dali o desfiladeiro.

Mas não perdera a consciência. Havia sido unia parte daquilo tudo, tinha ajudado a planejar o Labirinto, havia assumido a liderança depois que os Criadores originais

tinham sucumbido e mantido o progresso do programa com novos recrutas.

- Lembro o suficiente para me envergonhar de mim mesmo - admitiu. - Mas suportar esse tipo de abuso é bem diferente de planejá-lo. Isso não está certo.

O Homem-Rato coçou o nariz e mudou de posição na cadeira. Algo que Thomas dissera o havia afetado.

-Vamos ver o que você pensa no final do dia,Thomas.Vamos ver. Mas deixe-nie perguntar o seguinte: está me dizendo que a vida de alguns não tem valor se for para salvar outras, incontáveis? - De novo o homem se expressou com paixão, inclinando-se para a frente. - É uni clichê, eu sei, mas você não acredita que o fim justifica os meios quando não há outra escolha?

Thomas o encarou fixamente. Era uma pergunta para a qual não havia unia boa resposta.

O Homem-Rato poderia ter sorrido, mas parecia mais propenso a um comentário zombeteiro.

- Lembre-se apenas de que em certa ocasião você acreditou que justificasse, Thomas. - Começou a juntar os papéis como se estivesse de saída, mas não fez menção de se levantar. - Estou aqui para lhe dizer que tudo está pronto e que nossos dados estão quase completos. Estamos a um passo de algo imenso. Quando tivermos o Esboço em mãos, pode se queixar com seus amigos sobre o quanto fomos injustos.

Thomas queria atingir o homem com palavras ásperas, mas tentou se conter:

- Como nos torturar poderia resultar nesse Esboço do qual está falando? O que poderia justificar o envio de um bando de adolescentes, contra a própria vontade, a lugares terríveis, ou mesmo observar alguns deles morrer? De que maneira todo esse horror pode se relacionar com a cura de uma doença?

- Tem tudo a ver com isso. - O Homem-Rato suspirou pesadamente. - Garoto, logo você vai se lembrar; e tenho

a sensação de que vai se arrepender uni bocado. Nesse meio-tempo, há algo que precisa saber. Talvez a informação o faça recuperar a razão.

- E o que é? -Thomas não tinha a menor ideia do que o homem queria dizer.

O visitante se levantou, alisou o vinco da calça e ajeitou o paletó. Depois juntou as mãos às costas numa postura solene.

- O vírus do Fulgor está em todas as partes de seu corpo, mas não tem efeito sobre você, e jamais terá. Você faz parte de um grupo seleto,Thomas, porque é Imune ao Fulgor.

Thomas engoliu em seco, incapaz de articular as palavras.

- Lá fora, nas ruas, chamam pessoas assim de Privilegiados. - O Homem- -Rato prosseguiu: - E eles odeiam, odeiam mesmo gente como você.

3

Thomas não conseguia concatenar os pensamentos. Apesar de todas as mentiras que haviam lhe contado, tinha certeza de que o que acabara de ouvir era verdade. Se levado em conta em relação aos últimos Experimentos, fazia muito sentido. Ele, e provavelmente os outros Clareanos, bem como todos do Grupo B, eram Imunes ao Fulgor. Por isso haviam sido escolhidos para os Experimentos. Tudo o que acontecia a eles - todas as peças que haviam lhes pregado, as mentiras, os monstros colocados no cantinho - tinha sido parte de uni plano bem elaborado. E, de algum modo, aquilo conduzia o CRUEL a uma cura.

Tudo se encaixava. Mais que isso, a revelação provocou um lampejo de lembrança. Parecia algo familiar.

- Posso ver que acredita em mim - disse o Homem-Rato por fim, rompendo o longo silêncio. - Quando descobrimos que havia pessoas como você, com o vírus enraizado dentro delas, mas sem exibir os sintomas, procuramos os melhores e os mais brilhantes desse grupo. Foi assim que o CRUEL nasceu. É claro que alguns do seu grupo experimental não são Imunes; foram escolhidos como indivíduos-controle. Quando se realiza um Experimento, é necessário um grupo-controle,Thomas. Eles são como uma liga que mantém os dados no contexto.

Essa última parte fez o coração de Thomas se oprimir.

- Quem não é... - A pergunta não saiu. Estava apavorado demais para ouvir a resposta.

- Quem não é Imune? -As sobrancelhas do Honieni-Rato se arquearam. - Bem, acho que eles vão descobrir antes de você, não concorda comigo? Mas façamos unia coisa de cada vez.Você fede como um cadáver, morto há unia semana.Vou levá-lo para um banho e lhe arranjarei roupas limpas. - Com isso, pegou a pasta e se virou na direção da porta. Estava prestes a transpô-la, quando a mente de Thomas entrou em foco.

- Espere! - gritou.

O visitante se virou para trás para encará-lo.

- O que foi?

- Quando falou sobre o Refúgio Seguro, por que mentiu a respeito de existir uma cura para o Fulgor?

O Homens-Rato deu de ombros.

- Não acho que tenha sido unia mentira.Ao completar os Experimentos e chegar ao Refúgio Seguro, vocês de fato nos ajudaram a coletar riais dados. E, por causa deles, haverá unia cura. Para todos.

- Por que está me contando tudo isso? Por que agora? E por que me mantiveram aqui durante quatro semanas? - Thomas andou a esmo pelo quarto, examinando o teto e as paredes acolchoadas, e o patético vaso sanitário a uni canto.As lembranças esparsas não estavam suficientemente sólidas para extrair qualquer sentido das coisas bizarras pelas quais havia passado. - Por que mentiram para Teresa, dizendo-lhe que fiquei louco e violento, e me mantiveram aqui todo esse tempo? Qual é a razão disso?

- Variáveis - respondeu o Homem-Rato. - Tudo o que fizemos com você foi cuidadosamente calculado pelos Psis e pelos médicos. Provocamos essas situações para estimular respostas na Zona de Conflito Letal, onde o Fulgor causa danos; para estudar os padrões de diferentes emoções, reações e pensamentos, e ver como trabalham nas profundezas do vírus enraizado em você. Desejamos entender por quê, em você, não há uni efeito

debilitante. E tudo isso está relacionado aos padrões da Zona de Conflito Letal, Thomas. Mapeamos suas reações cognitivas e fisiológicas para criar uni Esboço para a cura potencial. Tudo o que fazemos é visando à cura.

- Onde é a Zona de Conflito Letal? - perguntou Thomas, tentando se lembrar, mas deparando apenas com um vácuo mental. - Responda-me apenas esta última pergunta, e vou com você.

- Por quê,Thomas? - replicou o homem. - Estou surpreso que ter sido atormentado pelos Verdugos não o tenha feito se lembrar de mais coisas.A Zona de Conflito Letal é o seu cérebro; é nele que o vírus se instala e se apodera da pessoa. Quanto mais infectada a Zona de Conflito Letal, mais paranoico e violento é o comportamento do infectado. O CRUEL está usando seu cérebro, e o dos poucos outros sobreviventes, para nos ajudar a achar uma cura. - O Homem-Rato parecia satisfeito consigo mesmo. Quase feliz. - Agora, venha. É hora do banho. E, apenas para que saiba, estamos sendo observados. Tente qualquer coisa, e haverá consequências.

Thonias sentou-se, tentando processar todas as informações que acabara de ouvir. As palavras soavam verdadeiras, e os dados se encaixavam, levando em conta as lembranças das últimas semanas. No entanto, a desconfiança que sentia pelo Homem-Rato e pelo CRUEL ainda lançava dúvidas sobre tudo o que ouvira.

Então se levantou, deixando a mente trabalhar em meio às novas revelações, no aguardo de que se associassem em belas e pequenas pilhas para análise posterior. Sem mais uma palavra, atravessou o quarto e seguiu o Homem-Rato porta afora, deixando atrás de si a cela alva e ofuscante.

Nada chamava a atenção no prédio em que se encontrava. Um longo corredor de piso ladrilhado, paredes bege com quadros emoldurados que retratavam

cenas da natureza: ondas rebentando numa praia, uni beija-flor pairando ao lado de unia flor vermelha, chuva e névoa encobrindo uma floresta. Lâmpadas fluorescentes acima deles iluminavam o caminho. O Homem-Rato o conduziu por uni trajeto sinuoso, até pararem diante de unia porta. Ele a abriu e fez uni gesto para que Thomas entrasse. Era uni grande banheiro com armários e chuveiros alinhados. Uni dos armários tinha a porta aberta, exibindo roupas limpas e uni par de tênis. E até mesmo uni relógio de pulso.

- Você tem cerca de trinta minutos - instruiu o Homem-Rato. - Quando estiver pronto, é só sentar e virei buscá-lo. Depois vai se juntar a seus amigos.

Por alguma razão, diante da palavra amigos, a imagem de Teresa surgiu na mente de Thomas. Tentou chamá-la mentalmente, mas nada aconteceu. Apesar do crescente desdém que sentia por ela, o vazio de sua ausência ainda pairava como unia bolha de ar inquebrável dentro dele. Era um vínculo com o passado, e tinha certeza, sem sombra de dúvida, de que ela fora sua melhor amiga - aliás, essa era uma das únicas coisas em sua existência de que tinha certeza. Thomas teve muita dificuldade em afastá-la do pensamento.

O Homem-Rato lhe fez um aceno com a cabeça.

-Vejo você daqui a meia hora - falou. Em seguida, abriu a porta e a fechou atrás de si, deixando Thomas sozinho mais unia vez.

Ainda não tinha outro plano além de encontrar os amigos, mas pelo menos estava um passo mais próximo dele. E, embora não tivesse ideia do que esperar, pelo menos saíra daquele quarto. Enfim. E, agora, uni banho quente.A oportunidade de se limpar. Nada jamais lhe soara tão agradável. Deixando as preocupações de lado por ora,Thomas tirou as roupas imundas e foi tratar de se tornar humano de novo.

4

Camiseta, jeans e tênis, como os que usava no Labirinto. Meias limpas e macias. Depois de se lavar da cabeça aos pés pelo menos cinco vezes, sentiu-se renascer. Não conseguia impedir o pensamento de que dali em diante as coisas iriam melhorar. Que a partir daquele momento assumiria o controle da própria vida. Se pelo menos o espelho não lhe lembrasse da tatuagem - aquela que aparecera antes de irem para o Deserto. A tatuagem era uni símbolo permanente do que havia enfrentado, e gostaria de poder esquecer aquilo tudo.

Ficou de pé do lado de fora do banheiro, encostado à parede com os braços cruzados, só esperando. Ponderou se o Homem-Rato voltaria mesmo ou se deixaria Thomas perambulando pelo lugar, para dar início a mais uni Experimento. Mal havia iniciado aquela linha de reflexão, quando ouviu passos e viu a roupa branca surgir na extremidade do corredor.

- Ora, ora. Não é que está com um aspecto bem agradável? - comentou o Homem-Rato, os cantos da boca se curvando para cima, em direção às maçãs do rosto, fazendo despontar um sorriso aparentemente desconfortável.

Umas cem respostas sarcásticas cruzaram o pensamento de Thonias, mas optou por se comportar direito. Tudo o que importava no momento era reunir o máximo de informações possíveis e, em seguida, encontrar coai os amigos.

- Sinto-me ótimo, realmente. Bem... obrigado. - Obrigou-se a estampar uni sorriso casual no próprio rosto. - Quando verei os outros Clareanos?

-Agora mesmo. - O Homem-Rato era todo profissionalisnio. Apontou com a cabeça o lugar de onde tinha vindo e fez uni gesto para que Thomas o seguisse. - Todos vocês foram submetidos a diferentes tipos de testes para a Terceira Fase dos Experimentos. Esperávamos ter os padrões da Zona de Conflito Letal mapeados no final da Segunda Fase, mas tivemos de improvisar e seguir adiante. No entanto, como lhe disse, estancos muito perto. Agora, todos serão parceiros no estudo, o que nos ajudará no ajuste e aprofundamento necessários, até resolvermos este quebra-cabeça.

Thomas revirou os olhos. Supunha que sua Terceira Fase havia sido o quarto branco, mas e quanto aos outros? Por mais que houvesse odiado o próprio Experimento, não conseguia evitar o pensamento de que o CRUEL seria capaz de outras formas ainda piores de tortura. Quase desejava jamais descobrir o que haviam planejado para seus amigos.

O Homem-Rato chegou a unia porta.Abriu-a sem hesitação e a transpôs.

Adentraram uni pequeno auditório, e Thomas sentiu uni alívio imediato. Espalhados por cerca de unia dúzia de fileiras de cadeiras estavam seus amigos, em segurança e com aparência bastante saudável. Os Clareanos e as garotas do Grupo B. Minho, Caçarola, Newt,Aris, Sonya, Harriet.Todos pareciam felizes - falavam e sorriam -, embora pudessem, até certo ponto, fingir toda aquela descontração. Thomas supôs que também haviam contado a eles que o sofrimento tinha chegado ao fim, mas duvidava que qualquer uni deles houvesse acreditado na história. Ele, por certo, não acreditara. Não ainda.

Olhou pela sala procurando por Jorge e Brenda; desejava rever a amiga. Estava ansioso com relação a seu desaparecimento depois que o Berg os resgatara, preocupado que o CRUEL a tivesse enviado, na

companhia de Jorge, ao Deserto, como ameaçara fazer a princípio. Mas ali não havia nem sinal dos dois. Entretanto, antes que pudesse perguntar sobre eles ao Homens-Rato, unia voz sobressaiu em meio ao burburinho, e Thomas não conseguiu evitar que uni sorriso largo se abrisse em seu rosto:

- Digani se me enganei, se é que não estou em algum paraíso de niértila, mas não é nosso amigo Thomas? - gritou Minho. O anúncio foi seguido por saudações e assobios. Uma onda de alívio, mesclada a preocupação, fazia o estômago de Thomas revirar, e ele continuou a esquadrinhar rostos na sala. Emocionado demais para falar, continuou apenas sorrindo, até que seus olhos encontraram os de Teresa.

Ela se levantou e ajeitou a cadeira no fim da fila para observá-lo melhor. O cabelo negro, bem tratado, escovado e brilhante caía-lhe sobre os ombros, emoldurando o rosto de pele muito clara. Os lábios vermelhos se abriram em um enorme sorriso, que iluminou suas feições, fazendo os olhos azuis cintilar. Thomas quase foi até ela, mas se conteve, a mente enevoada com vivas lembranças do que Teresa havia feito com ele, a afirmação de que o CRUEL era bom, mesmo depois de tudo o que ocorrera.

Consegue me ouvir?, dirigiu-se a ela telepaticamente, apenas para verificar se a habilidade retornara.

Mas Teresa não respondeu, e ele não sentia, de fato, a presença da voz dela dentro dele; apenas um vazio. Ficaram os dois ali de pé, entreolhando-se, os olhos imóveis pelo que pareceu ter durado um minuto inteiro, embora pudesse ter sido apenas alguns segundos. Logo Minho e Newt estavam ao lado dele, dando-lhe tapinhas nas costas, pegando sua mão e o arrastando para dentro da sala.

- Bem, pelo menos não foi ferido nem sangrou até morrer, Tommy - disse Newt, apertando com firmeza a

mão dele. O tom de voz parecia mais nervoso que o habitual, especialmente considerando que não se viam há semanas. No entanto, estava inteiro - era algo a agradecer.

Minho tinha um sorriso forçado no rosto, mas um brilho duro no olhar evidenciava que havia passado por situações difceis. Que ainda não tinha voltado a ser inteiramente o que era, embora se esforçasse ao máximo para agir como se fosse o mesmo de antes.

- Os poderosos Clareanos, juntos de novo. É bom saber que está vivo, seu cara de mértila. Imaginei você morto em cerca de cem maneiras diferentes. Aposto que chorou todas as noites com saudades de mim.

- Claro que sim - murmurou Thomas, entusiasmado por rever todos eles, mas ainda se esforçando para encontrar as palavras. Separou-se do grupo e se dirigiu aonde Teresa estava. Sentia uma urgência esmagadora em fitá-la, para ver se lhe transmitia algum tipo de paz, até poder decidir o que fazer. - Oi.

- Oi - respondeu ela. -Você está bem?

Thomas assentiu.

- Acho que sim. Foram semanas bastante difíceis. Você consegue... - Deteve-se. Quase tinha confessado sua tentativa de chamá-la mentalmente, mas não quis lhe dar o gostinho de saber que havia tentado algo parecido.

- Eu tentei, Tom. Todos os dias, tentei me comunicar com você. Eles cortaram nossa comunicação, mas acho que valeu a pena. - Ela estendeu a mão e pegou a dele, o que desencadeou uni coro de gozações por parte dos Clareanos.

Thomas se desvencilhou das mãos dela com rapidez, sentindo o rosto enrubescer. Por alguma razão, as palavras dela o haviam deixado zangado de repente, embora os demais interpretassem a violência do gesto como mero constrangimento.

- Puxa! - falou Minho. - É quase tão doce quanto aquela vez que ela atingiu sua cara de mértila com a ponta de uma lança.

- Isso é que é amor de verdade - acrescentou Caçarola, e a frase foi acompanhada pela peculiar gargalhada animalesca. - Mal posso esperar para ver o que acontecerá quando os dois tiverem a primeira briga de verdade.

Thomas não se importava com o que os amigos pensavam, mas estava determinado a mostrar a Teresa que não escaparia sem mais consequências de todo o sofrimento pelo qual o fizera passar. Fosse qual fosse o elo de confiança que tivessem compartilhado antes dos Experimentos e o relacionamento que houvessem tido, não significavam mais nada agora. Podia até experimentar uma espécie de paz ao lado dela, mas decidiu naquele exato momento que só confiaria em Minho e Newt. E eni ninguém mais.

Fez menção de abrir a boca para responder, aias o Homem-Rato passou a andar pelo corredor entre as fileiras de cadeiras, enquanto batia palmas.

- Sentem-se todos. Temos coisas para tratar antes de removermos a perturbação causada pelo Dissipador.- Disse aquilo de maneira tão casual que Thomas quase não captou a informação. Quando registrou as palavras removermos a perturbação causada pelo Dissipador, congelou.

A sala ficou em silêncio, e o Homem-Rato subiu ao tablado na frente da sala, aproximando-se da mesa. Apoiando em suas extremidades, repetiu o mesmo sorriso desconfortável de antes e prosseguiu:

- Muito bem, senhoras e senhores.Vocês estão prestes a receber todas as lembranças de volta. Até a última delas.

5

Thomas ficou estupefato. Com a mente em um turbilhão, foi sentar-se ao lado de Minho.

Depois de lutar por tanto tempo para recordar sua vida, sua família e sua infância, ou mesmo o que havia feito no dia anterior ao que acordara no Labirinto, a ideia de ter tudo aquilo de volta era quase demais para elaborar. Mas, à medida que a informação ia se assentando na cabeça, percebeu que algo havia mudado. Lembrar-se de todo o passado não parecia mais tão agradável. E as entranhas revirando dentro dele confirmaram o que vinha sentindo desde que o Homem-Rato lhe dissera que estava tudo acabado: aquilo parecia fácil demais.

O Homens-Rato pigarreou para limpar a garganta.

- Tal como informado nas entrevistas individuais, os Experimentos como os conheceram foram finalizados hoje. Uma vez que a memória de vocês seja restaurada, tenho certeza de que acreditarão em mim, e poderemos ir adiante.A todos foi transmitido um breve resumo sobre o Fulgor e as razões para os Experimentos. Estamos muito perto de concluir o Esboço da Zona de Conflito Letal. Os dados que necessitamos para aprimorar o que já temos serão mais adequados se servidos pela plena cooperação de vocês, com a mente em estado de perfeita consciência. Portanto, parabéns.

- Devia ir até aí para quebrar esse seu nariz de mértila - resmungou Minho. O tom da voz estava terrivelmente calmo, considerando a ameaça das palavras. - Estou farto de você agir como se tudo fosse lindo; como se mais da metade de nossos amigos não tivesse morrido.

- Adoraria ver o nariz desse rato esmagado! - acrescentou Newt.

A raiva em sua voz impressionou Thomas, que nem sequer pôde imaginar a que coisas horríveis Newt fora submetido durante a Terceira Fase.

O Homem-Rato revirou os olhos e deixou escapar um suspiro.

- Antes de qualquer coisa, vocês têm de ser advertidos de que haverá consequências caso tentem me ferir. E fiquem informados de que todos ainda estão sob vigilância. Em segundo lugar, sinto muito pela morte de entes queridos, mas no fim terá valido a pena. O que me preocupa, no entanto, é que nenhuma palavra minha parece ter despertado vocês para a gravidade do assunto: falamos aqui da sobrevivência da raça humana.

Minho tomou fôlego, como se fosse iniciar uma briga, mas se conteve e fechou a boca.

Para Thomas, não importava quanta sinceridade o Homem-Rato deixasse transparecer em suas palavras, aquilo tinha de ser um truque. Tudo era um truque. Mas, àquela altura, sabia que nada de bom resultaria em combatê-lo, nem com palavras, nem com os punhos. Por enquanto, precisavam mesmo era de paciência.

-Vamos nos acalmar, pessoal - comentou Thomas com tranquilidade. -Vejamos o que ele tem a nos dizer.

No momento em que o Homem-Rato fez menção de prosseguir, Caçarola o interrompeu:

- Nos dê apenas um motivo para confiar que vocês vão... como foi que chamou? Dissipador? Depois de tudo o que fizeram com a gente, com nossos amigos, querem remover a perturbação causada pelo tal do Dissipador? Não, obrigado. Prefiro continuar ignorando meu passado, mas me sinto profundamente sensibilizado e agradecido.

- O CRUEL é bom - ouviu-se a voz de Teresa num rompante, como se falasse consigo mesma.

- O quê? - perguntou Caçarola. Todos se viraram para encará-la.

- O CRUEL é bom - repetiu, muito alto, ajeitando-se melhor na cadeira para enfrentar o olhar de todo o grupo. - De todas as coisas que poderia ter escrito em meu braço quando acordei do coma, escolhi essas palavras. Já refleti sobre o assunto, e tem de haver uma razão para isso. Precisamos nos calar e fazer o que o homem diz. Só poderemos entender esta situação com a memória restaurada.

- Concordo! - gritou Aris, muito mais alto do que pareceu ser necessário.

Thomas ficou quieto quando a sala irrompeu em discussões. A maioria dos Clareanos estava com Caçarola, e os membros do Grupo B, do lado de Teresa. Não poderia haver um momento pior para uma batalha de egos.

- Silêncio! - grunhiu o Homem-Rato, batendo o punho no tablado. Esperou que todos se calassem para continuar: - Ninguém vai culpá-los pela desconfiança que sentem.Vocês foram pressionados até o máximo do limite físico, viram pessoas morrer, experimentaram o terror na sua mais genuína manifestação. Mas prometo a vocês que, quando tudo tiver sido dito e feito, ninguém vai se lamentar.

- E se não quisermos participar disso? - gritou Caçarola. - E se não quisermos a memória de volta?

Thomas se virou para encarar o amigo, de certo modo aliviado. Era exatamente no que estava pensando desde o princípio.

O Homem-Rato suspirou.

- Qual é o motivo? Não têm interesse em se lembrar do passado ou não confiam em nós?

- Bem, não consigo nem imaginar por que não confiaríamos em vocês... - replicou Caçarola.

- Será que não entendem que, se quiséssemos fazer algo para prejudicá-los, já o teríamos feito? - O olhar do homem se perdeu no tablado, depois tornou a erguer os olhos. - Se não quiserem remover a perturbação do Dissipador, não o façam. Podem ficar de lado e observar os outros.

Seria mesmo uma possibilidade de escolha, ou mais um truque? Pelo tom do homem,Thomas não pôde afirmar, embora tivesse se surpreendido com a resposta.

Mais uma vez a sala mergulhou em silêncio, e, antes que mais alguém se manifestasse, o Homem-Rato se retirou do tablado, encaminhando-se para a porta nos fundos da sala. Quando a alcançou, voltou-se para eles de novo:

- Desejam mesmo passar o resto da vida sem se recordar de quem são seus pais? Da família e dos amigos? Querem mesmo perder a chance de recuperar pelo menos as poucas boas lembranças que podem ter tido antes de tudo isso começar? Por mim, tudo bem. Mas saibam que pode não haver outra oportunidade.

Thomas avaliou sua decisão. Era verdade que desejava recordar sua família. Havia imaginado isso tantas vezes! Mas não conhecia o CRUEL. E não se permitira cair em outra armadilha. Lutaria até a morte antes de deixar que essas pessoas voltassem a fazer Experimentos em seu cérebro. De qualquer maneira, como poderia confiar sem sombra de dúvida nas memórias que fossem restauradas?

Havia ainda outra coisa que o incomodava - a sensação que sentira quando o Homem-Rato tinha anunciado pela primeira vez que o CRUEL removeria a perturbação do Dissipador. Além de ter consciência de que não poderia aceitar pura e simplesmente o que o CRUEL restaurasse como suas lembranças, estava apavorado. Se tudo aquilo que insistiam ser verdade fosse mesmo verdade, não desejava encarar o passado,

ainda que pudesse. Não compreendia a pessoa que lhe apresentavam como sendo ele mesmo antes de tudo aquilo. E, sobretudo, não gostava dessa pessoa.

Observou o Homem-Rato abrir a porta e deixar a sala. Assim que desapareceu da vista, Thomas se aproximou de Minho e Newt para que apenas os dois amigos pudessem ouvi-lo:

- Nem pensar em fazermos o que eles querem. De jeito nenhum.

Minho cutucou o ombro de Thomas com o seu.

- Concordo com você. Mesmo que confiássemos nesses trolhos, que bem poderiam fazer essas recordações? Lembrem-se do que fizeram a Ben e Alby...

Newt concordou com um gesto de cabeça.

- Precisamos tomar providências imediatas. E, quando o fizermos, vou socar algumas cabeças pra me sentir melhor.

Thomas concordava com o amigo, mas também sabia que deveriam ser cuidadosos.

- Não muito imediatas -falou. -Não podemos estragar tudo; precisamos aguardar o melhor momento. -Vinha seguindo essa intuição desde que saíra do quarto branco, e ficou surpreso com a sensação de força que percorreu seu corpo. Estava reunido com seus amigos, e aquele era o fim dos Experimentos - para sempre. De um modo ou de outro, não seriam mais escravos do CRUEL.

Levantaram-se e, juntos, encaminharam-se para a porta. Mas, quando Thomas fez menção de pousar a mão na maçaneta para abri-la, estacou. O que ouvia fez seu coração se apertar. Os demais ainda conversavam, e a maioria havia decidido recuperar a memória.

O Homens-Rato os aguardava do lado de fora do auditório. Conduziu-os ao longo do corredor sinuoso sem janelas, até que chegaram a unia grande porta de aço, parecendo trancada sob extrema segurança e isolada hermeticamente. O homem de branco aproximou uni

cartão-chave de unia fenda quadrada no aço, e, após alguns diques, a grande placa de metal se abriu com um rangido que fez Thomas recordar as Portas da Clareira.

Em seguida, havia outra porta. Quando todo o grupo havia entrado em uni pequeno vestíbulo, o Homem-Rato fechou a primeira porta e, com o mesmo cartão, destrancou a segunda. Do outro lado despontou unia grande sala, que não parecia ter nada especial - o mesmo piso ladrilhado e as mesmas paredes bege do corredor. Diversos armários e balcões. E várias camas alinhadas ao fundo, cada unia com uni dispositivo mecânico ameaçador, de aparência estranha, feito de metal brilhante e cone um tubo de plástico que lembrava uma máscara pendendo sobre a cama. Thomas não conseguia se imaginar permitindo que alguém colocasse aquela coisa em seu rosto.

O Homens-Rato apontou para as camas.

- É assim que vamos remover a perturbação do Dissipador do cérebro de vocês - anunciou. - Não se preocupem; sei que os dispositivos parecem ameaçadores à primeira vista, mas o procedimento não vai machucá-los tanto quanto imaginam.

- Não vai machucar tanto? - repetiu Caçarola. - Não gostei dessa frase. Quer dizer que vai machucar, é isso?

- Digamos que vocês experimentarão um pequeno desconforto, afinal, trata-se de uma cirurgia - explicou o Homem-Rato ao se dirigir a uma grande máquina à esquerda das camas, dotada de dezenas de luzes piscantes, botões e telas. -Vamos remover um pequeno dispositivo da parte do cérebro destinada à memória de longo prazo. Mas não é tão ruim quanto pode parecer, prometo a vocês. - Passou a pressionar botões, e um zumbido encheu a sala.

- Espere um segundo - disse Teresa. - Isso vai levar embora também o que quer que tenham colocado na gente que permite a vocês nos controlar?

Na mente de Thomas surgiram algumas imagens: Teresa naquele prédio no Deserto.Alby se retorcendo na cama lá na Sede. Gally matando Chuck. Estavam sob o domínio do CRUEL. Por um rápido momento, Thomas duvidou de sua decisão. Será que deveria realmente continuar à mercê deles? Ou deveria concordar com a operação? Mas logo a dúvida se dissipou, por pura desconfiança. E recusava-se a ceder.

Teresa continuou:

- E quanto a... - gaguejou, e seu olhar buscou Thomas.

Sabia no que Teresa estava pensando: a habilidade de se comunicarem telepaticamente. Sem mencionar o que a acompanhava - a estranha percepção um do outro quando as coisas funcionavam bem, quase como se estivessem compartilhando o mesmo cérebro. De súbito, a ideia de perder aquela capacidade para sempre encheu Thomas de alegria. Talvez o vazio de não ter Teresa com ele também desaparecesse.

Teresa se recuperou e prosseguiu:

-Tudo vai sair dali? Tudo?

O Homem-Rato aquiesceu.

-Tudo, exceto o minúsculo dispositivo que nos permite mapear os padrões da sua Zona de Conflito Letal. E nem precisa me dizer o que está pensando, porque posso ver em seus olhos; não, você, Thomas e Aris não vão mais conseguir fazer aquele truquezinho de vocês. Nós desligamos essa habilidade, mas agora isso vai embora para sempre. No entanto, terão a memória de longo prazo restaurada, e não conseguiremos mais manipular a mente de vocês. Lamento que seja uma oferta que venha em um pacote. É pegar ou largar.

Os demais que se encontravam na sala estavam confusos e sussurravam perguntas uns aos outros. Um milhão de coisas deviam passar pela cabeça deles naquele instante. Havia muita coisa em que pensar; demasiadas implicações. Razões de sobra para estarem

furiosos com o CRUEL. Mas o instinto de combate parecia ter sido banido do grupo, substituído por uma ansiedade em dar um fim a tudo aquilo.

-Aquele negócio é um descerebrizador - disse Caçarola. -Vocês entenderam? Um descerebrizador. -A única resposta que recebeu foram alguns grunhidos.

- Bem, acho que estamos prontos - anunciou o Homem-Rato. - Uma última coisa. Há algo que preciso lhes dizer antes que recuperem a memória. É melhor que ouçam isso de mim em vez de... se lembrarem após o procedimento.

- Do que está falando? - perguntou Harriet.

O Homem-Rato uniu as mãos às costas, naquela sua atitude solene, a expressão grave de repente.

-Alguns de vocês são Imunes ao Fulgor. Mas... outros, não.Vou repassar a lista. Por favor, façam o possível para ouvi-la com calma.

6

Fez-se silêncio total na sala, quebrado apenas pelo zumbido da máquina e pelo som muito sutil de um bipe.Thomas já sabia que era Imune. Pelo menos era o que haviam lhe dito. Mas não sabia nada quanto aos demais; tinha esquecido por completo essa informação. O medo doentio que sentiu ao se dar conta disso o inundou de maneira feroz.

- Para um Experimento dar resultados precisos - explicou o HomemRato -, é necessário um grupo-controle. Fizemos o máximo para manter o vírus distante de vocês pelo maior tempo possível. Mas ele se propaga pelo ar e é altamente contagioso. - Fez uma pausa, captando o olhar dos presentes.

- Só os azarados de mértila estarão com ele - disse Newt. - De todo modo, achávamos que todos tínhamos essa doença infeliz. Não está partindo nossos corações.

- Isso mesmo - acrescentou Sonya. -Acabe logo com o drama e fale de uma vez.

Thomas percebeu a inquietação de Teresa, próxima dele. Será que também já tinham lhe dito algo? Achava que ela seria Imune como ele, porque, do contrário, o CRUEL não os teria escolhido para executar papéis especiais.

O Homem-Rato pigarreou.

- Muito bem, então.A maioria de vocês é Imune e nos ajudou a coletar dados valiosos. Apenas dois são considerados Candidatos agora, mas falaremos sobre isso mais tarde. Vamos à lista. As seguintes pessoas não são Imunes: Newt...

Uma espécie de golpe atingiu Thomas no peito. Ele dobrou o corpo para a frente e olhou para o chão. O Homem-Rato falou mais alguns nomes, nenhum que Thomas conhecesse. Mas ele mal os ouviu, dado o zumbido estonteante que parecia encher seus ouvidos e enevoar sua mente. Ficou surpreso diante da própria reação; não havia percebido o quanto Newt significava para ele até ouvir aquela declaração. Um pensamento lhe ocorreu: antes, o Homem-Rato dissera que os indivíduos-controle eram a liga que dava sentido aos dados do projeto, os que os tornavam coerentes e relevantes.

Liga, ou Grude. Esse era o título da tatuagem dele, inscrito na pele até agora como uma cicatriz negra.

- Tommy, acalme-se.

Thomas olhou para cima e viu Newt ali de pé, os braços cruzados e um sorriso forçado no rosto. Thomas se empertigou.

- Me acalmar? Esse trolho acaba de dizer que você não é Imune ao Fulgor. Como pode...

- Não estou preocupado com o maldito Fulgor, cara. Nunca achei que chegasse vivo até aqui. E, seja como for, viver não tem sido uma coisa que poderia chamar de ótima.

Thomas não conseguiu perceber se o amigo falava sério ou se apenas tentava se mostrar corajoso. Mas o sorriso sinistro ainda não havia abandonado o rosto de Newt, e, por isso, Thomas também se obrigou a sorrir.

- Se pra você tudo bem continuar enlouquecendo devagar até ter vontade de devorar criancinhas, acho que não vamos mesmo chorar por você.

Nunca suas palavras tinham sido tão vazias.

- Bom saber disso - respondeu Newt; mas o sorriso desapareceu.

Thomas voltou a atenção para o resto das pessoas da sala, a cabeça ainda zonza em meio a um turbilhão de

pensamentos. Um dos Clareanos - um garoto chamado Jackson, que ele não conhecia muito bem - fitava o espaço com um olhar distante, e um outro tentava conter as lágrimas. Uma das garotas do Grupo B tinha os olhos vermelhos e inchados. Alguns dos amigos se reuniram em torno dela, tentando consolá-la.

- Bem, queria adiantar essa notícia - explicou o Homem-Rato. - Principalmente para que soubessem por mim, e também para que pudesse lembrá-los de que toda a razão desta operação tem sido chegar a uma cura. A maioria dos não Imunes está nos estágios iniciais do Fulgor, e confio plenamente que conseguirão superá-la antes que avance demais. Mas os Experimentos requerem a participação deles.

- E se vocês não conseguirem descobrir nada? - perguntou Minho.

O Homem-Rato o ignorou. Caminhou até a cama mais próxima, depois esticou o corpo e colocou uma das mãos no estranho dispositivo metálico que pendia do teto sobre ela.

- Este aparelho é algo de que nos orgulhamos muito, uma conquista da engenharia científica e médica. Chama-se Retrator, e realizará o procedimento em vocês. Ele deve ser colocado sobre o rosto. Prometo-lhes que continuarão tão bonitos quanto são agora quando tudo estiver terminado. Pequenos fios dentro deste dispositivo descerão e penetrarão em vocês pelos canais auditivos. Em seguida removerão o dispositivo que está no cérebro. Médicos e enfermeiras lhes darão um sedativo para que relaxem, e algo para entorpecer os sentidos e diminuir o desconforto.

Fez uma pausa e percorreu a sala com o olhar.

-Vocês entrarão em uma espécie de transe, enquanto os nervos se reparam e a memória retorna, um estado similar àquele pelo qual alguns já passaram durante o que chamaram de Transformação, lá no Labirinto. Mas

não é nem de longe tão desagradável, prometo a vocês. Grande parte daquela experiência tinha o propósito de estimular os padrões cerebrais. Temos vários quartos como este e toda uma equipe de médicos só nos aguardando para começar. Agora, tenho certeza de que têm um milhão de perguntas, embora a maioria deva ter resposta nas próprias lembranças. Por isso, vou esperar até depois do procedimento para quaisquer outras perguntas e respostas.

O Homem-Rato ficou em silêncio durante alguns instantes, depois concluiu:

- Deem-me apenas alguns minutos, só para me certificar de que as equipes médicas estão prontas. Podem usar esse tempo para tomar essa importante decisão.

Atravessou a sala, o farfalhar da calça branca sendo o único som a cortar o silêncio, e desapareceu pela primeira porta de aço, fechando-a atrás dele. Assim que saiu, o burburinho invadiu a sala.Todos falavam ao mesmo tempo.

Teresa foi até Thomas, seguida por Minho. Ele se inclinou na direção dos dois para ser ouvido acima do ruído das conversas frenéticas.

- Ei, trolhos, vocês sabem e lembram mais que qualquer outra pessoa aqui. Teresa, nunca fiz segredo disso... não gosto de você. Mas, ainda assim, quero saber o que pensa disso tudo.

Thomas também estava curioso para ouvir a opinião de Teresa. Fez uni sinal de incentivo com a cabeça para ela e aguardou que começasse a falar. Havia unia parte dele que, numa expectativa tola, ainda aguardava que ela se manifestasse contra o CRUEL.

- Temos de fazer isso - disse Teresa, e aquelas palavras de modo algum surpreenderam Thomas. A esperança que havia dentro dele morreu para sempre. - Parece mesmo ser o melhor para nós. Precisamos da

memória para voltar a ser inteligentes; para decidir qual será o próximo passo.

A mente de Thomas, confusa, tentava juntar todas aquelas informações.

- Teresa, sei que não é tola. Mas sei também que está cega sobre tudo que diz respeito ao CRUEL. Você pode estar preparada, mas eu não estou convencido de que devemos aceitar isso.

- Nem eu - disse Minho. - Eles podem nos manipular, brincar com nosso cérebro de mértila, cara! Como saberemos se o que estão restaurando são nossas memórias mesmo ou uma criação deles?

Teresa soltou uni suspiro.

- Garotos, vocês não entendem o principal! Se o CRUEL pode nos controlar, se podem fazer o que quiserem conosco, se podem nos obrigar a fazer qualquer coisa, por que se incomodariam com toda essa gentileza em nos dar unia escolha? O homem de branco afirmou que tirariam de nós também a parte que permite nos controlar. Essa notícia me pareceu ser a melhor de todas.

- Bem, seja como for, nunca confiei em você mesmo - respondeu Minho balançando lentamente a cabeça. - E, com certeza, não confio neles. Concordo com Thomas.

- E quanto a Aris? - Newt estava tão calado que Thomas nem percebeu sua aproximação na companhia de Caçarola. - Não disseram que ele estava com vocês antes de virem para o Labirinto? O que ele acha?

Thomas percorreu os olhos pela sala até encontrar Aris, que conversava com algumas das amigas do Grupo B. Tinha estado com elas desde que Thomas chegara, o que fazia sentido. Aris tinha vivenciado a experiência do Labirinto com aquele grupo. Mas Thomas jamais poderia perdoá-lo por ajudar Teresa no Deserto, atraindo-o para a câmara escura e o obrigando a entrar nela.

- Vou perguntar pra ele - disse Teresa.

Thomas e os amigos observaram-na se afastar, e ela e os demais do outro grupo passaram a sussurrar furiosamente uns com os outros.

- Odeio essa garota - constatou Minho.

- Vamos lá... Ela não é tão ruim assim - replicou Caçarola.

Minho revirou os olhos.

- Bem, se está caindo nessa, eu não estou.

- Nem eu - concordou Newt. - Sou o único de nós que não é Imune a esse maldito Fulgor e, portanto, tenho mais a perder que qualquer outra pessoa. Mas não vou cair mais em nenhum truque.

Thomas concordava com ele.

- Vamos apenas ouvir o que Teresa tem a dizer. Aí vem ela.

A conversa de Teresa com Aris havia sido curta.

- Ele parece estar ainda mais certo que nós. Todos eles são a favor.

- Bem, para mim é o bastante - respondeu Minho. - Se Aris e Teresa são a favor, sou contra.

Thomas não poderia ter expressado melhor a própria opinião. Todos os instintos lhe diziam que Minho estava certo; porém, não expressou o que pensava em voz alta. Em vez disso, fitou o rosto de Teresa. Ela se virou e deparou com o olhar de Thomas. Lançou-lhe um olhar que ele conhecia muito bem - esperava que ele ficasse do lado dela. Mas a diferença é que agora Thomas desconfiava das razões que a levavam a querer tanto isso.

Sustentou ainda mais seu olhar, obrigando-se a manter uma expressão indiferente. Teresa desviou o olhar.

- Bem, é com vocês agora. - Sacudiu a cabeça e depois se virou, afastando-se.

Apesar de tudo o que tinha acontecido, o coração de Thomas se oprimiu dentro do peito ao vê-la se dirigir

para o outro lado da sala.

- Ei, cara - irrompeu a voz de Caçarola, que gritava atrás de Thomas. - Não podemos deixá-los jogar essas porcarias na nossa cara, podemos? Ficaria feliz de voltar à minha cozinha na Sede; juro que ficaria.

-já se esqueceu dos Verdugos? - perguntou Newt.

Caçarola fez uma pausa de apenas um segundo, para depois prosseguir:

- Eles nunca se meteram comigo na cozinha, não é mesmo?

- Isso é verdade. Bem, vamos ter de encontrar um novo lugar para você cozinhar. - Newt agarrou o braço de Thomas e de Minho e os afastou do grupo. -já ouvi argumentos suficientes. Não vou me deitar em nenhuma dessas camas.

Minho se inclinou para a frente e tocou o ombro de Newt.

- Nem eu.

- Estou com vocês - decidiu Thomas. Por fim, expressou a ideia que vinha amadurecendo durante semanas. -Vamos ficar por aqui, fingir que concordamos e parecer bonzinhos - sussurrou. - Mas, assim que tivermos uma chance, fugimos deste lugar.

7

0 Homem-Rato retornou antes que Newt ou Minho pudessem responder. Mas, a julgar pela expressão no rosto dos dois, Thomas teve certeza de que estavam do seu lado. Cem por cento.

Mais pessoas se acumulavam na sala, e Thomas voltou a atenção para o que ocorria ali. Todos que haviam se juntado a eles vestiam uni traje verde folgado, unia espécie de macacão, com a palavra CRUEL escrita no peito.Thonias se impressionou com a maneira como cada detalhe daquele jogo - daquele Experimento - havia sido planejado. Será que o nome que usavam para a organização era uma das Variáveis desde o início? Uma palavra com uma ameaça óbvia contida, embora unia entidade que lhes apresentassem como sendo boa? Era bem provável que fosse apenas mais unia provocação para ver como o cérebro deles reagia; o que sentiam diante daquela palavra.

Era um jogo de adivinhação. Havia sido desde o princípio.

Cada médico -Thomas supunha que fossem médicos, como o Homem-Rato dissera - assumia um lugar próximo a cada uma das camas. Manuseavam com dedos hábeis as máscaras que pendiam do teto, ajustando tubos e experimentando botões e chaves que Thomas não conseguia ver.

- Nós já designamos unia cama para cada um de vocês - avisou o Homem-Rato, observando os papéis em unia prancheta que trouxera cone ele. - Os que ficarão neste quarto são... - Citou alguns nomes, entre eles os de

Sonya e Aris, mas não o de Thomas nem de nenhuns dos outros Clareanos. - Aqueles cujo nome não chamei, por favor me acompanhem.

Toda a situação havia assumido um tom bizarro, casual e corriqueiro demais para a seriedade do evento. Eram como gângsteres gritando unia lista de nomes antes de abaterem um grupo de lamentosos traidores. Thomas não sabia o que fazer, a não ser ir adiante, até que surgisse o momento certo.

Ele e os outros seguiram o Homem-Rato em silêncio para fora do quarto e desceram outro corredor longo e sem janelas, antes de pararem diante de unia porta. O guia leu a lista de novo, e, dessa vez, Caçarola e Newt foram incluídos.

- Não vou entrar aí - anunciou Newt. - Você disse que poderíamos escolher, e esta é minha decisão. -Trocou um olhar zangado com Thomas, que sugeria ser aquele o momento exato da ação.

- Está ótimo - respondeu o Homem-Rato. - Logo vai mudar bastante de opinião. Fique comigo até terminarmos de alocar todos os outros.

- E quanto a você, Caçarola? - perguntou Thomas, tentando disfarçar a surpresa diante da facilidade com que o Homem-Rato acalmara Newt.

O cozinheiro mostrou-se repentinamente submisso.

- Bem... acho que vou deixá-los fazer isso.

Thomas ficou chocado.

- Está louco? - perguntou Minho.

Caçarola balançou a cabeça, um tanto na defensiva.

- Quero minhas recordações de volta. Faça a própria escolha, mas me deixe fazer a minha.

-Vamos em frente - convidou o Homem-Rato.

Caçarola desapareceu sala adentro, provavelmente para evitar qualquer outro tipo de argumento. Era preciso deixá-lo ir,Thomas tinha consciência disso. Por enquanto, só podia se preocupar consigo mesmo e encontrar unia

saída para o plano de fuga. Poderia resgatar os demais quando estivesse fora dali.

O Honrem-Rato só chamou por Minho, Teresa e Thomas quando já estavam diante da última porta, juntamente com Harriet e duas outras garotas do Grupo B. Até então Newt havia sido o único a se negar a participar do procedimento.

- Não, obrigado - falou Minho, quando o Homens-Rato fez um sinal para que todos entrassem na sala. - Mas agradeço o convite. E vocês, meus amigos, tenham bons momentos aí dentro. -Acenou de modo zombeteiro.

-Também não vou - anunciou Thomas. Começava a sentir uni frio no estômago. Tinham de aproveitar a primeira oportunidade que surgisse.

O Homens-Rato encarou Thomas durante um longo tempo. Seu rosto era uma máscara indecifrável.

- Tudo bem aí, senhor Homem-Rato? - perguntou Minho.

- Chame-me de diretor assistente Janson - respondeu ele, a voz baixa e tensa, como se demandasse uni enorme esforço permanecer calino. Os olhos continuavam cravados em Thomas. - Aprenda a demonstrar respeito pelos mais velhos.

- É só você parar de tratar as pessoas como animais, e talvez considere seu pedido - retrucou Minho. - Por que está encarando Thomas desse jeito?

O Homem-Rato, Janson, enfim desviou o olhar para Minho.

- Porque há muitas questões a serem consideradas. - Fez uma pausa, parecendo ainda mais inquieto. - Muito bem. Dissemos que poderiam escolher, e vamos cumprir o prometido. Entrem todos, por favor. Iniciaremos os procedimentos com os que estiverem dispostos a participar.

Mais uma vez, Thomas sentiu um frio no estômago. O momento se aproximava. Sabia disso. E, pela expressão

no rosto de Minho, ele sentia o mesmo. Trocaram uni leve sinal de anuência e seguiram o Homem-Rato para dentro do aposento.

Aquele parecia exatamente igual ao primeiro, com seis camas, as máscaras penduradas e os demais detalhes. A máquina que evidentemente comandava tudo já emitia seu zumbido. Pessoas vestidas com macacões verdes iguais aos dos médicos da primeira sala aguardavam em pé ao lado de cada cama.

Thomas olhou ao redor e conteve a respiração. De pé, ao lado de unia das camas, em unia das extremidades da fileira, também vestida de verde, estava Brenda. Parecia mais jovem que os demais, o cabelo castanho e o rosto tão limpos que em nada lembravam o que tinha visto lá no Deserto. Ela lhe acenou com um rápido movimento de cabeça e desviou o olhar para o Homens-Rato. Então, antes que Thomas soubesse o que acontecia, Brenda já corria para o outro lado do aposento. Ela o alcançou, atraindo-o em um forte abraço. Ele correspondeu, enlaçando-a também, completamente perplexo, mas não queria que aquilo prosseguisse.

- Brenda, o que está fazendo? - gritou Janson para ela. -Volte já para seu posto!

Ela pressionou os lábios contra o ouvido de Thomas e em seguida passou a sussurrar, tão baixo que mal conseguia ouvi-la.

- Não confie neles. Não confie neles. Só em mim e na chanceler Paige, Thomas. Sempre. E em ninguém mais.

Depois, separou-se dele e se afastou.

- Desculpe - murmurou ela. - Fiquei muito contente em ver que Thomas sobreviveu à Terceira Fase. Acabei me excedendo no entusiasmo. - Voltou a seu posto e se virou para olhá-lo mais unia vez, o rosto subitamente pálido.

Janson a censurou:

- Não temos tempo para esse tipo de coisa.

Thomas não conseguia desgrudar os olhos dela; não sabia o que pensar ou sentir.Já não confiava no CRUEL, portanto aquelas palavras colocavam ambos do mesmo lado. Mas, então, por que Brenda estaria trabalhando para eles? Não estava doente? E quem era a tal de chanceler Paige? Era mais um teste? Outra Variável?

Algo poderoso havia percorrido seu corpo ao se abraçarem. Relembrou como Brenda havia se comunicado mentalmente com ele quando fora colocado no quarto branco. Ela o advertira de que as coisas piorariam. Thomas só não podia compreender ainda como fora capaz de fazer isso. Será que estava mesmo do lado dele?

Teresa, que estivera em silêncio desde que haviam deixado o primeiro aposento, dirigiu-se a ele, interrompendo o fluxo de seus pensamentos.

- O que ela está fazendo aqui? - sussurrou, a contrariedade transparecendo na voz. A menor coisa que ela fizesse ou dissesse agora o incomodava. - Ela não era uma Crank?

- Não sei - murmurou Thomas. Flashes de todo o tempo que havia passado com Brenda na cidade dos Cranks atravessavam sua mente. Acabara esquecendo daquele lugar. Havia esquecido até mesmo que estivera sozinho com ela. - Talvez... talvez ela esteja apenas me mostrando uma Variável.

-Acha que ela era parte da encenação? Que foi enviada ao Deserto para ajudar no desenvolvimento dos planos?

- É bem provável - respondeu Thomas, bastante magoado. Fazia sentido que Brenda trabalhasse para o CRUEL desde o início. Mas isso significava que havia mentido para ele muitas e muitas vezes. Desejava de todo o coração que essa não fosse a verdade sobre ela.

- Não gosto dela - falou Teresa. - Ela me parece... sorrateira.

Thomas teve de se conter para não gritar com Teresa. Ou soltar uma gargalhada. Em vez disso, respondeu com calma:

-Vá em frente e deixe que brinquem com seu cérebro.

Pensando melhor, talvez a desconfiança que Teresa tinha de Brenda fosse a melhor indicação de que deveria confiar em Brenda.

Teresa lançou-lhe um olhar penetrante.

- Julgue-me o quanto quiser. Só estou fazendo o que acho correto. - Depois se afastou, esperando as instruções do Homem-Rato.

Janson designou os pacientes às camas, enquanto Thomas, Newt e Minho recuavam, sem tirar os olhos da movimentação no aposento. Thomas olhou para a porta, imaginando se deveriam fugir por ali. Estava prestes a dar uma cutucão em Minho, quando o Homem-Rato se manifestou, como se pudesse ler a mente de Thomas.

- Ei, garotos rebeldes, não se esqueçam de que estão sob vigilância. Nem pensem em tentar nada. Basta uma ordem nossa, e guardas armados estarão no encalço de vocês em um segundo.

Thomas teve a inquietante impressão de que alguém realmente havia lido sua mente. Será que eram capazes de interpretar pensamentos reais com base nos padrões que vinham coletando com tanto cuidado?

- Isso tudo é uni monte de plong - sussurrou Minho, enquanto Janson voltava a atenção para as pessoas que se acomodavam nas camas. - Acho que deveríamos aproveitar esta oportunidade, só para ver o que acontece.

Thomas não respondeu. Em vez disso, dirigiu a atenção para Brenda. Ela tinha o olhar perdido no chão, aparentemente imersa em profundas reflexões. Percebeu naquele momento como sentia falta dela; falta daquela conexão que não conseguia compreender inteiramente.

Tudo o que queria era estar sozinho para conversar com ela. E não apenas por causa do que lhe dissera.

Do corredor veio o sons de passos apressados. Três homens e duas mulheres irromperam aposento adentro, todos vestidos de negro, com utensílios amarrados às costas - cordas, ferramentas, munições. Os cinco portavam armas volumosas.Thomas não conseguiu desviar os olhos do arsenal - ele evocava uma parte de sua memória perdida que mal conseguia acossar, mas ao mesmo tempo era como ver as armas pela primeira vez. Elas emanavam uma luz azulada, e um tubo no meio da munição estava carregado com granadas reluzentes, que estalavam com uni som metálico. Os guardas miravam Thomas e os dois amigos.

- Esperamos tempo demais - disse Newt com um murmúrio áspero.

Thomas, ao contrário, sabia que a oportunidade deles estava mais próxima do que nunca.

- Teriam nos capturado lá fora, de qualquer jeito - sussurrou, os lábios quase sem se mover. - Tenha paciência.

Janson caminhou até se aproximar dos guardas. Apontou para uma das armas.

- São Lança-Granadas. Os guardas não hesitarão em dispará-los se qualquer um de vocês me causar problemas. Estas armas não matam, mas confiem em mim quando digo que vão lhes proporcionar os cinco minutos mais desconfortáveis de toda a sua vida.

- Que tipo de papo é este? - perguntou Thomas, surpreso diante do pouco medo que sentia. - Você acabou de nos dizer que poderíamos fazer nossa escolha. Por que então as armas?

- Porque não confio em você. - Janson fez uma pausa, parecendo escolher com cuidado as próximas palavras. - Esperávamos que fizessem as coisas voluntariamente quando a memória voltasse. Facilitaria muito as coisas.

Mas jamais dissemos que não precisaríamos mais de você.

- Oh, estou surpreso! - falou Minho. - Mentiu de novo.

- Não menti sobre nada.Vocês tomaram uma decisão, agora aguentem as consequências. - Janson apontou para a porta. - Guardas, escoltem Thomas e os outros até o dormitório, onde terão tempo de ponderar sobre a decisão que tomaram, até os testes de amanhã de manhã. Usem a força que for necessária.

8

As duas mulheres ergueram ainda mais as armas, os orificios redondos e amplos apontados para os três garotos.

- Não nos façam usar isto aqui - avisou uma delas. -A margem de erro para vocês é zero. Uni movimento em falso, e puxamos o gatilho.

Os três homens ajeitaram as correias das Lança-Granadas sobre os ombros, depois se moveram eni direção aos rebeldes Clareanos, cada uni dirigindo-se a uni dos garotos. Thomas ainda sentia aquela força estranha - vinda em parte da profunda determinação em lutar até não aguentar mais -, além de satisfação por ver que o CRUEL precisava de cinco guardas armados para vigiar três adolescentes.

O sujeito que agarrou o braço de Thomas era de compleição poderosa, pelo menos duas vezes maior que ele. Transpôs a porta vigorosamente e entrou no corredor, carregando Thomas com ele. O garoto olhou para trás e viu outro guarda arrastando Minho pelo chão para aconipanhá-lo, e Newt estava atrás dele, resistindo como podia.

Os garotos foram arrastados, corredor após corredor. Os únicos sons vinham de Minho - grunhidos, gritos e palavrões. Thomas tentou detê-lo, dizendo que só pioraria as coisas e provavelmente acabaria levando uni tiro, aias Minho o ignorou, resistindo com unhas e dentes até que o grupo por fim parou diante de unia porta.

Unia das mulheres arriadas usou um cartão-chave para destrancar a porta. Empurrou-a, abrindo-a e revelando uni pequeno cômodo com dois beliches e unia

minúscula cozinha com uma mesa e cadeiras no canto mais distante. Com certeza não era o que Thomas esperava - havia imaginado unia espécie deAmansador, como o da Clareira, como chão sujo e unia cadeira quebrada.

- Chegamos - disse ela. - Há comida aí. Devem se alegrar por não os deixarmos alguns dias sem comer depois da maneira como agiram. Os testes começarão amanhã. Portanto, é melhor que durmam um pouco esta noite.

Os três homens empurraram os Clareanos para o quarto e fecharam a porta; o cuque da porta sendo trancada ecoou pelo ar.

De repente, a sensação horrível de estar cativo, que Thomas havia suportado na prisão de paredes brancas, voltou, inundando-o. Dirigiu-se à porta, girou a maçaneta e forçou-a com o máximo de firmeza possível. Bateu nela com os dois punhos cerrados, gritando o mais alto que podia, clamando que alguém os deixasse sair.

- Pare com isso - disse Newt, parado atrás dele. - Não vai aparecer ninguém pra salvar a gente.

Thomas girou o corpo num movimento brusco, mas, ao deparar com o amigo atrás dele, conteve-se. Minho se manifestou antes que conseguisse proferir qualquer palavra.

-Acho que perdemos a chance.- E se deixou cair, estatelando-se em uma das camas na parte de baixo. - Estaremos velhos ou mortos antes que o momento mágico chegue, Thomas. Não pense que farão um grande anúncio:"Agora seria um momento excelente para escaparem, porque estaremos ocupados pelos próximos dez minutos". Deixamos passar a oportunidade.

Thomas odiava admitir que os amigos tinham razão, mas era inevitável negar. Deveriam ter tentado fugir antes de os guardas aparecerem.

- Desculpem. Não parecia ser o momento certo. E, quando me vi com todas aquelas armas diante de mim, achei que seria inútil desperdiçar esforços tentando qualquer coisa.

- Pois é - foi tudo o que Minho falou. - Pelo menos, você e Brenda tiveram um belo reencontro.

Thomas respirou fundo.

- Ela me disse uma coisa.

Minho se empertigou na cama.

- O que quer dizer com ela me disse uma coisa?

- Brenda me avisou para não confiar neles. Para confiar apenas nela e na chanceler Paige.

- Bem, qual é a dela, afinal? - perguntou Newt. - Ela trabalha para o CRUEL? Era apenas uma maldita atriz lá no Deserto?

- Ela não parece ser melhor que o resto deles - acrescentou Minho.

Thomas não concordava. Mas não conseguia explicar isso nem a si mesmo, quanto mais aos amigos.

- Olhem, também cheguei a trabalhar pra eles, mas vocês confiaram em mim, certo? Isso não quer dizer nada. Talvez Brenda não tivesse escolha; talvez tenha se transformado. Sei lá.

Minho desviou o olhar para cima, em um gesto reflexivo, mas não respondeu nada. Newt apenas sentou no chão e cruzou os braços, fazendo um bico de garotinho pequeno e mimado.

Thomas balançou a cabeça. Estava cansado de decifrar as coisas. Dirigiu-se à pequena geladeira e a abriu - o estômago roncava de fome. Encontrou alguns tipos de queijo e uvas, e os dividiu entre os três; depois praticamente enfiou sua porção garganta abaixo, antes de tomar um copo cheio de suco. Os outros dois também engoliram a parte deles, todos sem dizer uma palavra.

Uma mulher apareceu logo depois, levando pratos com pedaços de carne de porco e batatas, e comeram

aquilo também. Segundo o relógio de pulso deThomas, era o início de noite, embora não se imaginasse prestes a dormir. Sentou-se em uma cadeira e olhou para os amigos, imaginando o que fariam dali por diante. Sentia-se angustiado, como se fosse culpa dele ainda terem de pensar em algum tipo de fuga, mas não apresentou nenhuma sugestão.

Minho foi o primeiro a falar desde que a comida havia chegado:

-Talvez devêssemos ceder a esses caras de mértila. Quem sabe assim não acabamos um dia sentados por aí, gordos e felizes?

Thomas sabia que Minho não acreditava em nada daquilo.

- É, quem sabe você não arranja uma bela garota que trabalhe aqui, se estabeleça, case e tenha filhos? Bem a tempo de o mundo terminar nas mãos de um mar de lunáticos.

Minho se calou.

- O CRUEL vai solucionar este problema, e então todos seremos felizes para sempre - continuou Thomas.

- Não tem graça nenhuma - respondeu Newt com irritação. - Mesmo que encontrem a cura, você viu como é lá no Deserto. Vai demorar um tempão até que o mundo consiga voltar ao normal. E, mesmo que consiga, jamais veremos isso acontecer.

Thomas se pegou parado, sem reação, o olhar perdido em algum ponto no chão.

- Depois de tudo o que fizeram conosco, não acredito em mais nada. - Não conseguia se conformar com a notícia de que Newt não era Imune. Logo Newt, seu amigo, alguém que faria qualquer coisa pelos outros. Haviam lhe dado uma sentença de morte - possuía uma doença incurável -, apenas para observar qual seria sua reação.

-Aquele tal de Janson se considera um sabe-tudo - continuou Thomas. - Ele acha que as coisas sempre acontecem em prol de algum bem maior. Ou se deixa a humanidade entornar o caldo, ou se fazem coisas terríveis para salvá-la. Mesmo os poucos que são Imunes provavelmente não vão durar muito tempo em um mundo onde noventa e nove por cento das pessoas vão se transformar em monstros enlouquecidos.

- O que quer dizer com isso? - perguntou Minho com um resmungo.

- Quero dizer que, antes de apagarem minha memória, eu acreditava em todo esse lixo. Agora não acredito mais. -A única coisa que o aterrorizava era que, com o retorno das lembranças, ele pudesse mudar de opinião.

- Bem, então não vamos mais desperdiçar nenhuma chance,Thomas - propôs Newt.

- Amanhã - acrescentou Minho. - De um jeito ou de outro.

Thomas lançou um longo olhar aos amigos.

- Combinado. De um jeito ou de outro.

Newt bocejou, fazendo os outros dois bocejarem também.

- Melhor parar de conversar para dormirmos um pouco.

9

Thomas demorou mais de uma hora fitando a escuridão, mas enfim caiu no sono. E, quando o fez, os sonhos foram um amontoado de imagens e lembranças dispersas.

Uma mulher, sentada diante de uma mesa, sorri para ele, fitando-o intensamente do outro lado da superfície de madeira. Ele a observa pegar uma xícara de um líquido fumegante e tentar sorver um gole, experimentando a temperatura. Outro sorriso. Então, ela diz:

- Coma seu cereal agora. Bom menino.

É sua mãe, o rosto bondoso, o amor por ele evidente em cada ruga da pele ao sorrir. Não para de olhá-lo até que acabe de comer. Depois pega sua tigela e a leva à pia, após fazer um carinho no cabelo dele, desalinhando-o.

Agora ele está no chão acarpetado de um pequeno quarto, brincando com blocos prateados que parecem se fundir enquanto constrói um enorme castelo. A mãe está sentada em uma cadeira no canto, chorando. Thomas sabe instantaneamente por quê. O pai foi diagnosticado com o Fulgor; já mostra sinais dele. Não resta dúvida de que a mãe também tem a doença, ou logo a terá. O Thomas que está sonhando sabe que não vai demorar muito até os médicos perceberem que seu corpo jovem tem o vírus, mas é Imune aos efeitos dele. Já desenvolveram um teste que reconhece essa condição.

Em seguida, está andando de bicicleta num dia quente. O calor sobe do chão, e há apenas ervas daninhas dos dois lados da rua, onde antes havia um

gramado. Ele tem um sorriso estampado no rosto. A mãe o observa de perto, e Thomas consegue perceber como ela saboreia cada momento. Os dois se dirigem a um lago nas proximidades. A água está estagnada e fedendo a podridão. A mãe pega algumas pedras para que ele as lance nas profundezas escuras. De início, Thomas lança-as o mais longe possível, depois tenta fazê-las quicar na água, como o pai havia lhe ensinado no último verão. É bom saber que ainda consegue fazer isso. Cansados, as forças exauridas pelo tempo sufocante, ele e a mãe enfim retornam para casa.

Então o sonho - as lembranças - se torna mais obscuro.

Está de novo dentro de casa, e um homem de terno escuro está sentado em uma poltrona. Tem alguns papéis na mão e uni olhar grave no rosto. Thomas está de pé ao lado da mãe, segurando sua mão. O CRUEL havia sido criado, um empreendimento conjunto de governos do mundo todo - os sobreviventes dos clarões solares, um evento que ocorrera muito antes de Thomas nascer. O propósito do CRUEL é estudar o que é agora conhecido como Zona de Conflito Letal, onde o Fulgor causa seu dano: o cérebro.

O homem está dizendo que Thomas é Imune. Há outros que também são. Menos de uni por cento da população, a maioria com menos de vinte anos de idade. E o inundo é perigoso para eles. São odiados pela sorte que têm, e chamados de Privilegiados. Cometem-se atos terríveis contra eles. O CRUEL diz que pode proteger Thomas e que ele pode ajudá-los a trabalhar e encontrar unia cura. Diz que ele é inteligente - uni dos mais inteligentes entre os que foram testados. A mãe não tem escolha, senão deixá-lo ir. Com certeza não quer que o menino assista enquanto, pouco a pouco, ela vai enlouquecendo.

Mais tarde, a mãe diz a Thomas que o ama e que está muito contente por saber que ele nunca passará pelo que testemunharam acontecer com o pai. A Insanidade havia acabado com cada pedacinho do que o tornava quem ele era - do que o fazia uni ser humano.

Depois disso, o sonho desapareceu completamente, e Thomas caiu no profundo vazio do sono.

★

Unia batida forte à porta o acordou na manhã seguinte. Mal havia apoiado o corpo sobre uni dos cotovelos, quando a porta se abriu e os mesmos cinco guardas da véspera entraram com os Lança-Granadas em posição. Janson entrou no quarto logo depois.

- Acordem pra cuspir, meninos - disse o Homem-Rato. - Decidimos lhes devolver a memória, gostem ou não.

10

Thomas ainda estava sonolento. Os sonhos que tivera - as lembranças da inf incia - enevoavam sua mente. Quase não captou o que o homem tinha dito.

-Vá para o inferno - retrucou Newt. Ele já estava fora da cama, os punhos cerrados ao lado do corpo, o olhar furioso cravado em Janson.

Thomas não conseguia se lembrar de ter visto tal fúria no olhar do amigo. Mas então o sentido das palavras do Homem-Rato o atingiu, tirando-o do torpor. Colocou as pernas para fora da cama e se levantou.

-Você disse que não éramos obrigados.

- Receio não ter escolha - replicou Janson. - O tempo das mentiras acabou. Nada vai funcionar com vocês três ainda no escuro. Sinto muito. Precisamos fazer isso. E Newt, de todos vocês, será o mais beneficiado por uma cura.

- Não me importo comigo - sussurrou Newt num resmungo.

Os instintos de Thomas prevaleceram. Sabia que era aquele o momento pelo qual esperavam. Era a última chance.

Thomas observou Janson cautelosamente. O rosto do homem se abrandou, e ele respirou fundo, como se pressentisse o perigo crescente no aposento e desejasse neutralizá-lo.

- Olhem, garotos, entendo como devem estar se sentindo.Vocês viram coisas horríveis. Mas a parte pior acabou. Não podemos mudar o passado; não podemos apagar o que aconteceu com vocês e com seus amigos.

Mas não seria um desperdício não concluirmos o plano a essa altura?

- Não podem apagar? - gritou Newt. - Isso é tudo o que tem a dizer?

- Ei, garoto - advertiu um dos guardas, apontando um Lança-Granadas para o peito de Newt.

O quarto caiu em silêncio. Thomas nunca vira Newt daquele jeito. Tão furioso... tão pouco disposto a acalmar as coisas.

Janson prosseguiu:

- Estamos correndo contra o tempo. Agora vamos, ou os guardas entrarão em ação. Estão prontos para isso, eu lhes asseguro.

Minho saltou do beliche acima do de Newt.

- Ele tem razão - afirmou sem rodeios. - Se podemos salvá-lo, Newt, e só Deus sabe quantos mais, seríamos completos idiotas em ficar neste quarto mais uni segundo que fosse. - Minho lançou um olhar para Thomas e acenou com a cabeça em direção à porta. -Vamos, vamos logo. - Passou pelo Homem-Rato e pelos guardas, e se dirigiu ao corredor sem olhar para trás.

Janson arqueou uma das sobrancelhas para Thomas, que se esforçava para ocultar a própria surpresa. A reação de Minho fora tão estranha... Devia ter algum plano. Fingir concordar com as coisas lhes daria tempo.

Thomas se afastou dos guardas e do Homens-Rato, e deu uma piscadela rápida para Newt, que só ele conseguiu perceber.

-Vamos ver o que querem que a gente faça desta vez. -Tentou parecer casual, sincero, mas aquela era uma das mais dificeis encenações que já tinha feito. -Trabalhei para essas pessoas antes de chegar ao Labirinto. Não posso ter me enganado tanto, não é?

- Oh, por favor. - Newt revirou os olhos, mas se moveu em direção à porta, e Thomas sorriu por dentro diante da pequena vitória. Estavam caindo na história direitinho.

- Vocês serão heróis quando isso tudo tiver acabado - falou Janson, assim que Thomas seguiu Newt para fora do quarto.

- Cale a boca - replicou Thomas.

Thomas e os dois amigos seguiram mais unia vez o Homens-Rato pelos corredores labirínticos. Enquanto avançavam, Janson foi narrando a jornada como se fosse um guia turístico. Explicou que a organização não tinha muitas janelas devido ao clima, em geral tempestuoso, e aos ataques de gangues itinerantes de pessoas infectadas. Mencionou a terrível tempestade da noite em que os Clareanos haviam sido retirados do Labirinto, e como o grupo dos Cranks havia irrompido pelo perímetro externo, para observá-los entrar no ônibus.

Thomas se lembrava muito bem daquela noite. Podia sentir ainda os solavancos dos pneus ao passarem sobre o corpo da mulher que o abordara antes de entrar no ônibus; recordava-se de que o motorista sequer diminuíra a velocidade. Era difícil acreditar que aquilo acontecera havia apenas algumas semanas. Pareciam anos.

- Eu também apreciaria muitíssimo se pudesse calar a boca - replicou Newt. E o Honrem-Rato se calou, porém sem tirar o leve sorriso do rosto.

Quando chegaram ao lugar onde haviam estado na véspera, o Homem-Rato se deteve, virando-se para falar com eles.

- Espero que todos cooperem hoje. Não serei tolerante com nada plenos que isso.

- Onde estão os outros? - perguntou Thomas.

- Os demais indivíduos estão em recuperação...

Antes que pudesse terminar, Newt o atacou, agarrando o Homem-Rato pelas lapelas do paletó do terno branco, e o arremessou contra a porta mais próxima.

- Chame-os de novo de indivíduos, e quebro esse seu maldito pescoço!

Num instante, dois guardas estavam sobre Newt; afastaram-no de Janson e o atiraram ao chão, apontando os Lança-Granadas para seu rosto.

- Esperem! - gritou Janson. - Esperem. - Recompôs-se, alisando a camisa e ajeitando o paletó. - Não atirem.Vamos acabar logo com isso.

Newt se levantou devagar, os braços erguidos.

- Não nos chame de indivíduos. Não somos camundongos tentando encontrar o queijo. E diga aos mértilas dos seus amigos para se acalmarem. Não vou machucá-lo. Pelo menos, não muito. - Os olhos de Newt procuraram os de Thomas, inquisitivos. Quando agiriam?

O CRUEL é born.

Por alguma razão inexplicável, essas palavras vieram à mente de Thomas. Era quase como se o antigo eu - aquele que acreditava na validade de qualquer ação depravada por parte do CRUEL para alcançar seu objetivo - tentasse convencê-lo de que aquelas palavras eram verdadeiras. Que, não importava o quanto tudo aquilo parecesse horrível, deveriam fazer o que fosse necessário para encontrar uma cura para o Fulgor.

Mas havia uma diferença agora. Não compreendia quem tinha sido antes. Como podia ter concordado com aqueles Experimentos? Havia se transformado para sempre, vias... tinha de lhes dar o velho Thomas unia última vez.

- Newt, Minho - chamou num sussurro, antes que o Honrem-Rato pudesse voltar a falar. - Acho que ele está certo. Acho que é hora de fazermos o que devernos fazer. Todos concordamos cone isso na noite passada.

O rosto de Minho se abriu em um sorriso nervoso. As mãos de Newt se crisparam, os punhos fechados.

Era agora ou nunca.

11

Thomas não hesitou. Deu um golpe para trás com o cotovelo esquerdo e atingiu o rosto do guarda atrás dele, enquanto lançava o joelho contra o corpo do que estava à frente. Os dois caíram no chão, estupefatos, mas se recuperaram com rapidez. Com o canto do olho, Thomas viu que Newt atirava um guarda ao chão; Minho socava outro. Mas o quinto - uma mulher - não havia sido neutralizado, e já erguia o Lança-Granadas.

Thomas se lançou sobre a mulher, apontando a extremidade da arma para o teto, antes que conseguisse pressionar o gatilho, mas ela girou a arma e a lançou contra a lateral da cabeça dele. Uma dor insuportável lhe explodiu pelo rosto, alcançando o queixo. Ele perdeu o equilíbrio, caiu de joelhos e prostrou-se de barriga no chão.Apoiou as mãos para se levantar, mas um peso esmagador foi lançado sobre as costas, atirando-o de novo ao chão e arrancando o ar dos pulmões. Um joelho foi pressionado contra sua espinha, e sentiu o metal duro pressionado contra o crânio.

- Dê a ordem! - gritou a mulher. - A. D. Janson, dê a ordem, e fritarei o cérebro desse imbecil.

Thomas não conseguia avistar os outros, mas os sons de luta haviam cessado. Aquilo significava que a revolta tivera vida breve, os três sendo subjugados em menos de um minuto. Seu coração doía de desespero.

- O que estão pensando? - Thomas ouviu o grito de Janson atrás de si. Ficava apenas por conta da imaginação a cara furiosa que o homem devia exibir agora. - Realmente acharam que três crianças poderiam dominar cinco guardas armados? Meninos, supõe-se que

sejam inteligentes, não que façam papel de idiotas, de rebeldes delirantes. Quem sabe o Fulgor não atacou os miolos de vocês!

- Cale a boca! - Thomas ouviu Newt gritar. - Cale a sua maldita...

Algo sufocou o restante da frase. Imaginar um dos guardas machucando Newt fez Thomas estremecer de ódio. A mulher pressionou ainda mais forte a arma contra o crânio dele.

- Nem... pense... nisso - sussurrou-lhe no ouvido.

- Levantem esses imbecis! - berrou Janson. - Levantem!

A mulher puxou Thomas pelas costas da camisa até que ficasse de pé, mantendo a ponta do Lança-Granadas pressionada contra sua cabeça. Newt e Minho também foram erguidos sob ameaça de ação das armas, e os dois guardas livres miravam, em prontidão, os três Clareanos.

O rosto de Janson queimava, enrubescido.

- Que estupidez! Não permitiremos, de maneira nenhuma, que algo assim aconteça de novo. -Voltou-se para Thomas.

- Eu era apenas uma criança - retrucou Thomas, surpreendendo a si mesmo.

- O que disse? -Janson indagou.

Thomas encarou o Homem-Rato.

- Eu era apenas uma criança. Manipularam meu cérebro para me obrigar a fazer essas coisas, para ajudá-los. - Era isso que o devorava aos poucos desde que a memória havia começado a voltar; desde que tinha passado a juntar as peças do quebra-cabeça.

- Bem, não participei disso desde o começo - respondeu Janson em uni tom de voz mais baixo. - Mas você mesmo me aprovou para este trabalho. E deve saber que nunca vi ninguém, criança ou adulto, tão determinado quanto você era. - Sorriu, e Thomas sentiu uma vontade imensa de esmurrar a cara dele.

- Não me importo com o que você...

- Chega! - gritou Janson. - Vamos começar por ele. - Fez uni gesto para uni dos guardas. - Faça uma enfermeira descer até aqui. Brenda está lá dentro; ela tem insistido para que a chamemos. Talvez fique mais fácil de lidar com Thomas se for ela a técnica que trabalhar cone ele. Leve os outros para a sala de espera. Prefiro lidar com um de cada vez. Agora preciso verificar outro assunto. Encontro vocês lá.

Thomas estava tão perturbado que nem registrou a menção ao nome de Brenda. Outro guarda se juntou à mulher que estava atrás dele, e cada uni deles segurou uni de seus braços.

- Não vou permitir que façam isso! - gritou Thomas. A ideia de saber quem havia sido o aterrorizava. - Não vão conseguir colocar aquela coisa no meu rosto!

Janson o ignorou e instruiu os guardas diretamente:

- Certifiquem-se de que ela vai sedá-lo. - Então se afastou.

Os dois guardas arrastaram Thomas em direção à porta. Ele resistiu, tentou se desvencilhar, mas as mãos dos captores eram como algemas de ferro. Por fim, parou de resistir, para tentar conservar as próprias forças. Talvez houvesse mesmo perdido aquela luta. A última esperança era Brenda.

Brenda estava de pé ao lado de uma das camas dentro do aposento. O rosto parecia esculpido em pedra. Thomas buscou seu olhar, mas a expressão era indecifrável.

Os captores o arrastaram para dentro do quarto.Thomas não compreendia por que Brenda estava ali, ajudando o CRUEL a fazer aquela coisa medonha.

- Por que está trabalhando para eles? -A voz soou fraca aos próprios ouvidos.

Os guardas viraram o corpo dele.

- É melhor manter a boca fechada - respondeu Brenda. - Preciso que confie em mim como confiou no Deserto. É o melhor a fazer.

Thomas não podia vê-la daquele ângulo, mas havia algo estranho na voz dela. Apesar do que dissera, soara cordial. Brenda estaria do lado dele?

Os guardas conduziram Thomas com mãos de ferro até a última cama. Depois a mulher o soltou e mirou nele o Lança-Granadas, para que o outro guarda pudesse empurrar Thomas para a extremidade da cama.

- Deite-se - falou o guarda.

- Não - grunhiu Thomas.

O guarda se abaixou e lhe deu um tapa no rosto.

- Deite-se! Agora!

- Não.

O homem ergueu Thomas pelos ombros e o atirou sobre o colchão.

- Isto vai acontecer, portanto é melhor não resistir. -A máscara metálica com fios e tubos pendia sobre ele como uma aranha gigantesca, só aguardando para alcançá-lo.

- Você não vai colocar essa coisa no meu rosto. - O coração de Thonias agora batia em descompasso, trazendo à tona uni pavor que o sufocava. O medo afastava qualquer possibilidade de elaborar uni plano às pressas e com frieza, para sair daquela situação.

O guarda agarrou os dois pulsos do garoto e os pressionou contra o colchão, enquanto se inclinava para a frente cone todo o peso, para se certificar de que Thomas não escaparia.

- Pode começar a sedá-lo.

Thomas se obrigou a se acalmar e economizar energia para um derradeiro esforço na tentativa de fuga. Sentiu-se magoado ao ver Brenda contra ele; havia se apegado a ela mais do que tinha imaginado. Se ela ajudasse o CRUEL, obrigando-o a reverter o processo provocado pelo

Dissipador, significava que tinha se tornado sua inimiga. Era algo doloroso demais para sequer ser cogitado.

- Por favor, Brenda - pediu. - Não faça isso. Não permita que façam isso comigo.

Ela se aproximou de Thomas e pousou a mão em seu ombro com suavidade.

-Vai dar tudo certo. Nem todos estão aqui para deixá-lo em unia condição miserável.Vai me agradecer mais tarde pelo que estou prestes a fizer. Agora, pare de se lamentar e relaxe.

Thomas continuava a desconfiar dela.

- Então é assim? Depois de tudo o que aconteceu no Deserto? Quantas vezes estivemos à beira da morte naquela cidade? Depois de tudo o que passamos juntos, vai me trair?

- Thomas... - Ela recuou, sem se incomodar em esconder a própria frustração. - Era o meu trabalho.

- Pude ouvir sua comunicação telepática. Você me advertiu de que as coisas estavam prestes a piorar. Por favor, diga-me que não está realmente do lado deles.

- Quando conseguimos voltar à Sede, depois dos Experimentos no Deserto, falei com você mentalmente porque queria avisá-lo, prepará-lo. Jamais esperei que nos tornássemos amigos de verdade naquele inferno.

De certo modo, o fato de ouvi-la falar assim tornou a situação um pouco mais suportável. Agora, não podia mais se conter:

-Você contraiu o Fulgor? - perguntou ele.

As respostas vinham em frases breves e rápidas.

- Estava representando. Jorge e eu somos Imunes. Já sabíamos há muito tempo. Por isso nos usaram. Agora, fique quieto. - O olhar se dirigiu ao guarda.

-Acabe logo com isso! - berrou o guarda, já sem paciência.

Brenda lhe lançou um olhar frio, mas não respondeu nada. Em seguida, voltou a Thomas e o surpreendeu ao

lhe dar uma sutil piscadela. - Quando injetar o sedativo, você vai dormir em segundos. Entendeu? -Ao enfatizar as palavras, tornou a piscar de novo. Felizmente, os dois mantinham os olhos cravados no prisioneiro, e não nela.

Thomas ficou confuso, mas um arrepio gélido de esperança lhe percorreu o corpo. Brenda estava prestes a aprontar alguma.

A jovem foi até o balcão atrás dela e se dedicou aos preparativos. O guarda aplicou força total nos pulsos de Thomas, praticamente cortando a circulação. O suor brotava da testa do homem, mas estava claro que não soltaria o garoto até que estivesse inconsciente.A mulher armada estava de pé ao lado dele, com o Lança-Granadas apontado para o rosto de Thomas.

Brenda voltou com uma seringa na mão esquerda, a agulha para cima e o polegar no êmbolo. Um líquido amarelado o aguardava.

- Muito bem,Thomas.Vamos acabar com isso bem depressa. Está pronto? Ele concordou com um gesto de cabeça, sem estar muito certo do que Brenda queria dizer, mas determinado a se manter em estado de alerta.

- Bom - replicou ela. - É melhor que esteja mesmo.

12

Brenda sorriu e se moveu na direção de Thomas. Mas tropeçou em alguma coisa e cambaleou para a frente. Agarrou-se à cama com a mão direita e caiu de tal maneira que a agulha da seringa se enfiou no antebraço do guarda que segurava Thomas. Instantaneamente, Brenda empurrou o êmbolo com o polegar, liberando um sibilo rápido e agudo, antes de ele se afastar para trás.

- Que diabos... - gritou o homem, mas os olhos já estavam vidrados.

Thomas agiu de imediato. Agora em liberdade, pressionou o corpo para baixo da cama e, tomando impulso, lançou as pernas para trás com um movimento em arco, atingindo a mulher armada, que ainda se recuperava do breve momento de choque. Um pé atingiu o Lança-Granadas, e o outro, o ombro dela. Ela soltou um grito, que foi logo seguido do ruído de uma cabeça batendo contra o chão.

Thomas se precipitou para pegar o Lança-Granadas, agarrou-o antes que ficasse fora de alcance e o apontou para a mulher, que tinha as mãos na cabeça. Brenda estava do outro lado da cama, a arma do guarda nas mãos, apontando-a para o corpo desfalecido.

Thomas inspirou profundamente em busca de ar, o peito ardendo enquanto a adrenalina lhe percorria o corpo todo. Não se sentia tão bem assim há semanas.

- Sabia que você...

Antes que ele pudesse terminar, Brenda disparou o Lança-Granadas.

Um som agudo percorreu o ar, aumentando em volume uma fração de segundo antes de a arma ser

disparada e dar o coice, lançando Brenda para trás. Uma das granadas brilhantes foi disparada, bateu no peito da mulher e explodiu, enviando centelhas luminosas por seu corpo. Ela passou a convulsionar de modo incontrolável.

Thomas, atemorizado pelo efeito do Lança-Granadas, ficou surpreso por Brenda tê-lo disparado sem hesitar. Se precisava de mais alguma prova de que Brenda não estava comprometida com o CRUEL, havia acabado de testemunhá-la. Seu olhar se voltou para ela.

Brenda o encarou também, com o mais delicado dos sorrisos.

- Há muito tempo vinha querendo fazer algo assim. Ainda bem que convenci Janson a me indicar para fazer o procedimento em você. - Inclinou-se, pegou o cartão-chave do guarda inconsciente e o colocou no bolso. - Esse cartão nos permite entrar em qualquer lugar.

Thomas teve de conter o ímpeto de lhe dar um abraço apertado.

- Vamos - falou. - Ainda temos de resgatar Newt e Minho. E, depois, todos os outros.

Correram pelo corredor sinuoso, com Brenda à frente. Isso o fez lembrar de quando ela o guiara pelos túneis subterrâneos do Deserto. Seguindo-a, pediu que Brenda se apressasse, pois sabia que outros guardas apareceriam a qualquer segundo.

Alcançaram uma das portas, e Brenda pegou o cartão-chave para abri-la; um breve sibilo soou, e em seguida a porta de metal estava aberta. Thomas entrou precipitadamente, com Brenda em seu encalço.

O Homem-Rato estava sentado em uma cadeira, mas ficou em pé de um salto, a expressão logo evidenciando um genuíno horror.

- Que diabos está fazendo aqui?

Brenda já havia disparado duas granadas nos guardas. Um homem e unia mulher caíram ao chão, convulsionando em uma nuvem de fumaça e minúsculas

faíscas luminosas. Enquanto isso, Newt e Minho haviam dominado o terceiro guarda; Minho tinha tomado a arma dele.

Thomas apontou o Lança-Granadas para Janson e colocou o dedo no gatilho.

- Passe o cartão-chave para mim, depois deite no chão com as mãos sobre a cabeça. -A voz era firme, mas o coração estava disparado.

-Vocês perderam completamente a razão - falou Janson. Ele estendeu o cartão para Thomas. E falou baixinho, parecendo incrivelmente calmo diante das circunstâncias. - Não têm nenhuma chance de sair deste complexo. Mais guardas já estão a caminho.

Thomas sabia que as chances eram ruins, mas era tudo o que tinham.

- Depois do que já passamos, isto não é nada. - Sorriu ao perceber que falara a mais pura verdade. - Obrigado pelo treinamento. Agora, mais uma palavra, e vou ter que submetê-lo a um Experimento. Como foi mesmo que você o chamou? Os cinco minutos mais desconfortáveis de toda a sua vida?

- Como conseguiram...

Thomas puxou o gatilho. Um som agudo invadiu o quarto, seguido do lançamento de uma granada. Ela atingiu em cheio o peito do homem e explodiu em um brilhante festival de eletricidade. Ele gritou enquanto caía ao chão, tremendo, uma nuvem de fumaça emanando do cabelo e das roupas. O quarto foi tomado por um odor horrível - um fedor que o fez recordar o Deserto, quando Minho fora atingido por um raio.

- Isso não está me cheirando bem - comentou Thomas. Parecia tão calmo aos próprios ouvidos que se sentiu perturbado. Enquanto assistia aos espasmos dos captores, quase ficou envergonhado por não sentir culpa. Quase.

- Pelo jeito, isso vai matá-lo - comentou Brenda.

- Que perda lastimável! - replicou Minho. Levantou-se, depois de amarrar com o cinto o guarda que havia desarmado. - Ora, o mundo ficaria bem melhor sem ele.

Thomas desviou a atenção do homem que se contorcia a seus pés.

- Vamos embora. Agora.

- Concordo em gênero, número e grau - disse Newt.

- Era exatamente o que estava pensando - acrescentou Minho.

Os três se voltaram e olharam para Brenda. Ela havia erguido o Lança-Granadas nos braços e lhes fez um sinal com a cabeça. Parecia pronta para o que desse e viesse.

- Odeio essas pessoas tanto quanto vocês - falou. - Estou nessa. Thomas foi inundado de novo por aquela estranha sensação de força. Brenda estava a seu lado de novo. Fitou Janson mais uma vez. A estática crepitante começava a diminuir. Os olhos do homem estavam fechados, e ele havia, enfim, parado de se mexer, embora ainda respirasse.

- Não sei quanto tempo dura um tiro de uma destas - disse Brenda -, e é certo que, quando acordar, vai estar furioso. É melhor darmos o fora daqui.

- Qual é o plano? - perguntou Newt.

Thomas não tinha nenhum.

- Montamos um enquanto saímos.

- Jorge é piloto - comentou Brenda. - Se conseguirmos de algum jeito chegar ao hangar, até o Berg...

Antes que qualquer um pudesse responder, gritos e passos soaram no corredor.

- Estão vindo - avisou Thomas. A realidade da situação o atingiu em cheio. Não permitiriam que os garotos saíssem com tranquilidade do prédio. Sabe-se lá por quantos guardas teriam de passar.

Minho correu até a porta e tomou posição bem próximo dela.

- Com certeza vão passar por aqui.

Os sons do corredor tornavam-se cada vez mais altos. Os guardas estavam perto agora.

- Newt - instruiu Thomas -, você fica do outro lado da porta. Brenda e eu vamos atirar na primeira dupla que entrar.Vocês pegam o resto deles pelas laterais e depois saem para o corredor. Estaremos bem atrás.

Tomaram as respectivas posições.

13

Aexpressão de Brenda era uma estranha mescla de raiva e excitação. Thomas se posicionou perto dela, agarrando nas mãos o Lança-Granadas com firmeza. Era um risco confiar em Brenda. Ele havia sido enganado por muita gente daquela organização, até mesmo por pessoas com quem pensava ter laços de amizade. Não podia subestimar a inteligência do CRUEL. Mas ela era a única razão de terem chegado tão longe. E, se Brenda ia com eles, resolveu que não podia mais duvidar dela.

O primeiro guarda chegou, um homem vestido com o mesmo traje preto dos outros, mas cone um tipo diferente de arma - menor e mais reluzente -, mantida com firmeza diante dele. Thomas disparou e assistiu à granada chegar ao peito do homem; ele cambaleou para trás, contorcendo-se e tremendo em meio a um entrelaçamento de luzes.

Mais duas pessoas - uni homem e uma mulher - estavam bem atrás dele com os Lança-Granadas posicionados.

Minho agiu antes que Thomas pensasse em fazê-lo. Agarrou a mulher pela blusa e a puxou com força contra ele, depois a virou contra seu corpo e a atirou de encontro à parede. Ela deu um disparo, mas a granada prateada atingiu, num gesto indolor, o chão, enviando um feixe breve de energia crepitante pelo piso de cerâmica.

Brenda disparou contra o homem, atingindo-o nas pernas; minúsculas faíscas de eletricidade subiram-lhe pelo corpo, e ele gritou, caindo para trás no corredor. Sua areia aterrissou no chão.

Minho desarmou a mulher e a obrigou a se ajoelhar. Agora ele mantinha o Lança-Granadas apontado para a cabeça dela.

Um quarto homem transpôs a porta, mas, com uni golpe, Newt atirou longe sua arma e lhe deu um soco no rosto. O guarda caiu de joelhos, colocando uma das mãos na boca, que sangrava. Parecia prestes a dizer algo, porém Newt recuou um passo e atirou em seu peito. Àquela distância curta, a granada emitiu um zumbido aterrorizador ao explodir contra o homem. Um lamento terrível saiu de sua garganta, enquanto tombava ao chão, retorcendo-se em meio a uma rede de pura eletricidade.

- Esse besouro mecânico está assistindo a tudo o que fazemos - avisou Newt. E apontou para algo ao fundo do quarto. - Temos que sair daqui. Os guardas vão continuar chegando.

Thomas se virou e viu o pequeno besouro robótico encolhido a um canto, emitindo uma brilhante luz vermelha. Depois voltou a olhar para a porta, que não anunciava, por enquanto, a chegada de mais ninguém. Encarou a mulher. A arma de Minho pairava a alguns centímetros da cabeça dela, mirando-a.

- Quantos de vocês há aqui? - perguntou-lhe Thomas. - Há mais vindo para cá?

De início, ela não respondeu, mas Minho se inclinou para a frente, até que a arma tocasse seu rosto.

- Há pelo menos cinquenta de plantão - respondeu ela com rapidez.

- E onde eles estão? - perguntou Minho.

- Não sei.

- Não minta pra mim! - gritou Minho.

- Nós... Há outra coisa acontecendo também. Mas não sei o que é. Juro.

Thomas a examinou de perto e viu mais que apenas medo em sua expressão. Seria frustração? Parecia estar

dizendo a verdade.

- Outra coisa acontecendo? O quê?

Ela balançou a cabeça.

- Só sei que um grupo foi chamado para uma seção diferente; é tudo que sei.

- E você não tem ideia do motivo? - Thomas exagerou a entonação de dúvida na voz. - Acho um pouco dificil acreditar nisso.

- Eu juro.

Minho a agarrou pelas costas da blusa.

- Então vamos levar a boa moça aqui conosco, como refém.Vamos logo.

Thomas o barrou, fazendo-o parar.

- Brenda precisa nos guiar. Ela conhece os caminhos por aqui. Depois vamos eu, você e sua nova amiga, e Newt segue na retaguarda.

Brenda se apressou em ficar ao lado de Thomas.

- Ainda não ouço ninguém vindo, mas não podemos demorar mais. Vamos. - Espreitou o corredor, depois deixou o aposento.

Thomas levou alguns segundos para secar as mãos suadas na calça, depois pegou o Lança-Granadas e a seguiu. Brenda virou à direita. Ouviu os demais vindo atrás de si; uma olhadela rápida mostrou que a captora de Minho também se apressava, não parecendo nem um pouco feliz diante da ameaça de um choque elétrico a poucos centímetros dela.

Atingiram o fim do primeiro corredor e entraram à direita, sem parar. O novo caminho parecia exatamente igual ao último, uma viela de cor bege se estendendo diante deles por pelo menos quinze metros, antes de terminar em um conjunto de portas duplas. De algum modo, a cena o fazia pensar no último trecho do Labirinto, bem na frente do Penhasco, quando ele,Teresa e Chuck haviam corrido para a saída enquanto os outros lutavam contra osVerdugos para mantê-los a salvo.

Ao se aproximarem do conjunto de portas duplas, Thomas tirou do bolso o cartão-chave do Homem-Rato.

A refém gritou para ele:

- Eu não faria isso! Aposto que há umas duzentas armas do outro lado, só aguardando para queimá-los vivos. - Mas algo em seu tom de voz denotava um traço de desespero. Teria o CRUEL se tornado excessivamente confiante, relaxando a segurança? Com apenas vinte ou trinta adolescentes restantes, com certeza não tinham mais de uma pessoa da segurança para cada um dos indivíduos, como diziam, se tanto.

Precisavam encontrar Jorge e o Berg, mas também tinham de achar todos os outros. Pensou em Caçarola e Teresa. Não ia deixá-los para trás só porque haviam escolhido restaurar a antiga memória.

Parou na frente das portas e se virou para Minho e Newt:

- Só conseguimos quatro Lança-Granadas, e é bem provável que haja mais guardas do outro lado esperando por nós. Estamos prontos para enfrentá-los?

Minho se dirigiu ao painel do cartão-chave, puxando pela blusa a mulher que estava com ele.

- Você vai abrir esta porta, assim poderemos nos concentrar em seus companheiros. Não se inova nem faça nada até lhe darmos a ordena. Não tente me enganar. -Virou-se para Thomas: - Comece a atirar assim que as portas abrirem.

Thomas concordou com um aceno de cabeça.

-Vou ficar agachado. Minho, você se apoia no meu ombro. Brenda fica à esquerda, e Newt, à direita.

Thomas se abaixou e apontou a arma diretamente para o lugar onde as duas portas se encontravam. Minho, acima dele, fez o mesmo. Newt e Brenda também estavam a postos.

-Vou contar até três - avisou Minho. - E, senhorita, se tentar alguma manobra suspeita, alguma gracinha ou

tentar fugir, garanto que uni de nós vai alcançá-la. Thomas, você conta.

A mulher pegou o cartão-chave em silêncio.

- Uni - começou Thomas -, dois...

Fez unia pausa, permitindo-se um momento para respirar fundo. Mas, antes que pudesse falar o último número, uni alarme soou, e as luzes se apagaram.

14

Thomas piscou várias vezes, tentando se adaptar à escuridão. O alarme soava em disparos agudos e ensurdecedores.

Percebeu que Minho se levantara, depois o ouviu arrastar os pés.

-A mulher fugiu! - gritou seu amigo. - Não consigo encontrá-la.

Assim que proferiu a última palavra, um som de disparo entrecortou os lamentos do alarme, seguido do ruído de uma granada explodindo contra o chão. As faíscas de eletricidade iluminaram o lugar; Thomas entreviu uma figura furtiva seguindo corredor abaixo e, pouco a pouco, desaparecendo na escuridão.

- Culpa minha - resmungou Minho, mas mal conseguiam ouvi-lo.

- Todos de volta à posição - Thomas instruiu, temendo a situação de urgência que o alarme pudesse significar. - Prestem atenção ao local onde as portas se abrem. Vou usar o cartão-chave do Homem-Rato. Preparem-se!

Apalpou a parede até encontrar o lugar certo, e em seguida inseriu o cartão; ouviu-se um cuque, e uma das portas passou a se abrir para dentro.

- Comecem a atirar! - gritou Minho.

Newt, Brenda e Minho começaram a lançar granadas através da porta na escuridão. Thomas, cautelosamente, manteve-se em posição e seguiu o combinado, atirando na direção do festival de eletricidade oscilante que agora irrompia próximo às portas. Alguns segundos se passavam entre os tiros, mas estes logo criaram uma exibição ofuscante de luz e explosões. Não havia nenhum

sinal de pessoas em parte alguma, nem resposta aos disparos.

Thomas deixou a arma pender a seu lado. - Parem! - gritou. - Não desperdicem mais munição!

Minho deixou uma última granada voar, mas depois todos se levantaram e esperaram que parte da energia minguasse, para poderem avançar em segurança.

Thomas se virou para Brenda, falando alto para ser ouvido acima do alarme:

- Dê uma ajudinha para o desmemoriado aqui.Você tem ideia de onde estão todos? por que o alarme?

Ela balançou a cabeça.

-Tenho de ser honesta: definitivamente, alguma coisa deu errado.

- Aposto que este é outro daqueles malditos testes! - gritou Newt. - Tudo isso já estava programado, e estamos todos sendo analisados de novo.

Thomas não conseguia organizar as ideias, e Newt não estava ajudando nem uni pouco. Queria chegar a um lugar seguro antes que a luz dos disparos de granada desaparecesse totalmente. Do lago obscuro das poucas lembranças recuperadas, recordara que havia crescido naquele lugar. Tentava puxar na memória a planta do local. Brenda devia conhecê-la também. Deu-se conta do quanto ela era peça crucial para a liberdade deles. Jorge também, se é que estaria disposto a levá-los para longe dali.

O alarme parou.

- O que... -Thomas havia mantido o mesmo tom alto de antes, mas teve de baixar a voz. - O que foi agora?

- Provavelmente cansaram de ferir os próprios ouvidos com essa barulheira - respondeu Minho. - O fato de o terem desligado não significa absolutamente nada.

O brilho das faíscas elétricas desapareceu, mas o aposento do outro lado da porta, onde estavam, tinha luzes de emergência que iluminavam o ambiente com

uma névoa vermelha. Estavam em unia grande área de recepção com poltronas, cadeiras e algumas escrivaninhas. Ninguém à vista.

- Nunca vi ninguém nestas salas de espera - disse Thomas, o espaço de repente parecendo-lhe familiar.- Esse lugar vazio desse jeito é bem sinistro.

- Faz muito tempo desde que permitiam visitantes aqui, tenho certeza - respondeu Brenda.

- E agora,Tommy? - perguntou Newt. - Não podemos ficar aqui o dia todo só olhando para as paredes.

Thomas refletiu por um segundo. Tinham de encontrar os amigos, mas garantir o plano de fuga era prioridade.

- Muito bem - disse ele. - Brenda, precisamos realmente de sua ajuda. Temos de chegar ao hangar, encontrar Jorge e lhe pedir que prepare o Berg. Newt e Minho, vocês ficam com ele para lhe dar apoio, enquanto Brenda e eu vasculharemos o lugar para encontrar nossos amigos. Brenda, sabe onde podemos conseguir mais munição?

- O depósito de armas fica no caminho para o hangar - ela respondeu. - Mas é provável que esteja sob vigilância.

- Já enfrentamos coisa pior - retrucou Minho. - Atiraremos até que caiam. Ou nos matem.

-Vamos acabar com eles - acrescentou Newt, as palavras se assemelhando a uni grunhido. - Até o último desses nojentos.

Brenda apontou para um dos corredores que davam na sala de recepção.

- É por ali.

Brenda os guiou curva após curva, as luzes de emergência vermelhas e sombrias iluminando o caminho. Não encontraram resistência, embora com bastante frequência uni besouro mecânico se agitasse, produzindo uni som seco. Minho tentou disparar um tiro em uni deles, mas errou totalmente o alvo e quase chamuscou

Newt, que soltou uni uivo, prestes a revidar, julgando pela expressão de seu rosto.

Depois de uns bons quinze minutos de caminhada, chegaram ao depósito de parou no corredor, surpreso por encontrar a porta aberta. arnias.ThomasPeloquepôde ver, as prateleiras lá dentro estavam abarrotadas.

- E agora essa - disse Minho. - Não há mais dúvida.

Thomas sabia exatamente o que ele queria dizer. Havia passado por muita coisa para não desconfiar.

- Alguém está aprontando alguma pra gente - murmurou.

- Só pode ser - acrescentou Minho. - Todo mundo de repente desaparece, as portas estão destrancadas, e as armas estão aqui, só esperando por nós. É óbvio que estão nos observando através desses trolhos de besouros mecânicos.

- Sem dúvida, muito estranho - acrescentou Brenda.

Ao ouvir a voz dela, Minho se virou.

- Como vamos saber se você não está metida nisso? - perguntou ele.

A garota retrucou, a voz cansada:

-Tudo o que posso dizer é: juro que não tenho a mínima ideia do que está acontecendo.

Thomas detestava admitir, mas o que Newt havia sugerido antes - que toda a fuga até agora não era nada além de um exercício orquestrado pelo CRUEL - parecia cada vez mais provável. Haviam sido reduzidos mais uma vez a camundongos, tendo apenas trocado o tipo de labirinto.Thomas esperava ansiosamente que aquilo não fosse verdade.

Newt já havia entrado na sala das armas.

- Olhem para isso - chamou ele.

Quando Thomas entrou na sala, Newt apontava para uma parte da parede com as prateleiras vazias.

- Olhem para a poeira ao redor. É bem evidente que uma série de armas foi retirada daqui há pouco tempo.

Talvez na última hora.

Thomas inspecionou a área. A sala estava bastante empoeirada - o suficiente para provocar espirros se alguém ficasse ali por muito tempo -, mas os lugares para os quais Newt apontou estavam perfeitamente limpos. Ele tinha razão.

- Por que isso é tão importante? - a voz de Minho soou atrás dele.

Newt encarou o amigo:

-Você não consegue descobrir nada por si próprio, unia vez que seja, seu trolho?

Minho recuou. Parecia mais surpreso que zangado.

- Calma aí, Newt - falou Thomas. - As coisas estão fervendo por aqui, eu sei, mas vá devagar. O que há de errado?

-já lhe disse o que há de errado, droga.Você dá uma de durão, faz tudo sem planejamento e está nos liderando como um bando de galinhas em busca de migalhas. E Minho não consegue dar um maldito passo sem perguntar que pé deve colocar na frente.

Minho se recuperou o suficiente para se irritar:

- Olhe aqui, seu cara de mértila.Você é que está agindo como um gênio pé de chinelo, por imaginar que alguns guardas pegaram armas da sala de armas. Pensei que deveria lhe dar o beneficio da dúvida, agir como se talvez tivesse descoberto algo mais profundo do que isso. Da próxima vez, vou dar um pontapé nesse seu maldito traseiro por declarar uma besteira dessas.

Thomas desviou o olhar para Newt, a tempo de ver a mudança na expressão do amigo. Ele parecia abalado, quase em lágrimas.

- Desculpe - murmurou Newt. Em seguida se virou e saiu da sala.

- O que deu nele? - sussurrou Minho.

Thomas não queria expressar em voz alta o que vinha pensando: que a sanidade de Newt estava sendo

devorada aos poucos. E felizmente não precisou.

- Rapazes, vocês não entenderam - manifestou-se Brenda.

- Não entendemos o quê? - perguntou Minho.

- Devia haver duas ou três dúzias de revólveres e Lança-Granadas nesta seção, e agora desapareceram. Muito recentemente. Mais ou menos na última hora, como disse Newt.

- E daí? - provocou Minho, no momento em que a ficha caiu para Thomas.

Brenda estendeu as mãos, embora a resposta fosse óbvia.

- Os guardas só vêm aqui quando precisam fazer alguma substituição ou se querem usar algo além de um Lança-Granadas. Por que todos necessitariam fazer isso ao mesmo tempo? Hoje? E os Lança-Granadas são tão pesados que você não consegue dispará-los se estiver carregando outra arma. Onde estão as armas que ficaram para trás?

15

Minho foi o primeiro a oferecer uma explicação:

- Talvez soubessem de antemão que algo como o que aconteceu hoje ocorreria, e não quisessem nos matar. Ao que parece, a menos que alguém seja atingido direto na cabeça, os Lança-Granadas só deixam a gente atordoado por uni tempo. Depois todos voltaram aqui e pegaram as armas habituais.

Brenda já balançava a cabeça em discordância antes que tivesse terminado.

- Não. É regra carregarem o tempo todo os Lança-Granadas, por isso não faz sentido terem vindo aqui, todos ao mesmo tempo, para pegar uni novo. O que quer que pense sobre o CRUEL, o objetivo deles não inclui matar pessoas. Nem mesmo quando os Cranks invadiram.

- Os Cranks já invadiram isso aqui antes? - perguntou Thomas.

Brenda fez que sim com a cabeça.

- Quanto mais infectados estão, mais insanos, mais desesperados ficam. Duvido realmente que os guardas...

Minho a interrompeu:

- Talvez tenha sido isso que aconteceu. Com todos aqueles alarmes soando, quem sabe os Cranks não tenham invadido e roubado as armas que estavam aqui, disparado nos guardas e depois devorado os corpos de mértila deles: talvez a gente só tenha visto alguns guardas porque o resto deles está morto!

Thomas havia visto os Cranks depois de passarem pela Insanidade, e as lembranças o assombravam - Cranks que tinham convivido cone o Fulgor entranhado

no corpo por tanto tempo que a doença acabara lhes devastando o cérebro, provocando uma demência completa, quase animais em uni corpo humano.

Brenda suspirou.

- Detesto ter de concordar, mas você deve ter razão. - Refletiu por um momento. - É sério. Isso explicaria o que aconteceu. Alguém invadiu esta sala e levou um monte de armas.

Um calafrio percorreu o corpo de Thomas.

- Se é assim, nossos problemas são muito piores do que pensávamos.

- Fico contente em ver que quem não é Imune ao Fulgor não é o único com um cérebro que ainda funciona.

Thomas se virou e deparou com Newt à porta.

- Da próxima vez, tente se explicar direito, em vez de surtar - falou Minho, a voz sem denunciar nenhum traço de compaixão. - Não achei que tivesse perdido a cabeça tão depressa, mas fico contente que tenha voltado. Podemos precisar de um Crank para farejar esses outros, se é que realmente invadiram isso aqui.

Thomas estremeceu diante da observação cortante e olhou para Newt a fim de ver sua reação.

Newt não estava nada satisfeito, algo visível pela expressão de seu rosto.

- Nunca soube quando fechar a matraca, não é, Minho? Sempre tem de dar a maldita última palavra.

- Cale a boca, seu cara de mértila - replicou Minho. A voz soou tão calma que por um segundo Thomas podia ter jurado que era Minho quem havia enlouquecido. A tensão entre ambos era quase palpável.

Newt caminhou a passos lentos até Minho e se deteve na frente dele. Então, rápido como um bote de cobra, esmurrou-lhe o rosto. Minho cambaleou para trás e bateu na prateleira de armas vazia. Num salto, lançou-se sobre Newt, derrubando-o no chão.

Tudo aconteceu tão depressa que Thomas mal conseguiu acompanhar os movimentos. Por fim, correu na direção deles e puxou a camisa de Minho.

- Pare! - gritou, mas os dois Clareanos continuavam se socando: nos braços, nas pernas, por toda parte.

Brenda avançou para ajudar, e ela e Thonias conseguiram conter e imobilizar Minho, cujos punhos se agitavam de modo selvagem. Uma cotovelada perdida atingiu Thomas no queixo, causando nele um acesso de genuína raiva.

- Até que ponto pode chegar a estupidez de vocês? - gritou Thomas, girando os braços de Minho para trás das costas. - Estamos fugindo de pelo menos um inimigo, talvez dois, e vocês dois estão gastando o tempo com uma briga?

- Foi ele quem começou! - disse Minho, salpicando saliva em Brenda.

Ela enxugou o rosto.

- Quantos anos vocês têm? Oito? - perguntou ela.

Minho não respondeu. Lutou para se libertar durante mais alguns segundos, até que desistiu. Thomas se sentia indignado. Não sabia o que era pior: que Newt já desse alguns sinais de Insanidade ou que Minho - que supostamente deveria se controlar - agisse como um idiota.

Newt se levantou, tocando com cuidado um ponto vermelho no rosto, onde Minho devia ter atingido um soco.

-A culpa é minha. Tudo está me aborrecendo.Vão ter de descobrir sozinhos o que devemos fazer. Preciso de uma droga de pausa. - E, após dizer isso, virou-se e deixou a sala.

Thomas soltou um suspiro de frustração; deixou Minho para lá e ajeitou a própria camisa. Não tinham tempo a perder com discussões sem sentido. Se quisessem sair dali, teriam de se unir e trabalhar como equipe.

- Minho, encontre mais alguns Lança-Granadas para levarmos, e depois pegue pistolas daquela prateleira ali. Brenda, você pode encher uma caixa com o máximo de munição possível? Vou buscar Newt.

- Um bom plano - replicou ela, já olhando ao redor. Minho não disse uma palavra; só passou a procurar nas prateleiras.

Thomas se dirigiu ao corredor. Newt havia sentado no chão, a cerca de seis metros de distância, e reclinara-se contra a parede.

- Não diga uma maldita palavra - rosnou quando Thomas se aproximou dele.

Ótimo começo, pensou Thomas.

- Escute, algo estranho está acontecendo. Ou o CRUEL está nos testando, ou vamos dar de cara com Cranks correndo por este lugar e matando pessoas a torto e a direito. Seja o que for, precisamos encontrar os outros e dar o fora daqui.

- Eu sei - foi a resposta de Newt. Nada mais.

- Então se levante e volte lá para nos ajudar.Você estava todo frustrado, dizendo que não tínhamos tempo a perder. E agora quer ficar sentado aqui no corredor fazendo beicinho?

- Eu sei. -A mesma resposta.

Thomas nunca havia visto Newt daquele jeito.A esperança parecia tê-lo abandonado por completo, e essa visão atingiu Thomas com uma onda de puro desespero.

- Todos estamos ficando um pouco louc... - Deteve-se. Não podia ter dito nada pior. - Quero dizer...

- Não diga nada - replicou Newt. - Sei que alguma coisa começou a falhar na minha cabeça. Não me sinto bem. Mas não precisa se preocupar com isso. Só me dê um segundo, e ficarei ótimo.Vamos tirar vocês daqui, então vou poder lidar melhor com isso.

- O que quer dizer com tirar vocês daqui?

- Nos tirar daqui, que seja. Só me dê um maldito minuto.

O mundo da Clareira parecia estar a eras de distância. Lá Newt sempre fora o mais calmo, o mais controlado. Agora se afastava do grupo. Parecia pouco se importar se escapasse ou não, contanto que os demais conseguissem.

- Ótimo - disse Thomas. Resolveu que o melhor seria tratar Newt como sempre havia tratado. - Mas você sabe que não podemos perder mais tempo. Brenda está pegando a munição. É preciso ajudá-la a carregar tudo ao hangar do Berg.

- Eu ajudo. - Newt rapidamente se levantou do chão. - Mas primeiro tenho que pegar uma coisa; não vou demorar. - Começou a se afastar, rumo à sala de recepção.

- Newt! - gritou Thomas, cogitando que porcaria o amigo tinha de fazer de tão importante. - Não seja estúpido. Temos que nos apressar. E precisamos ficar juntos.

Mas Newt continuou andando e nem se voltou para olhar.

- Só vou pegar uma coisa! Vai demorar só alguns minutos.

Thomas balançou a cabeça. Não havia nada que pudesse fazer nem dizer para trazer de volta o garoto sensato que tinha conhecido.Virou-se, dirigindo-se à sala de armas.

Thomas, Minho e Brenda pegaram tudo que podiam carregar. Thomas estava com um Lança-Granadas em cada ombro e mais um nas mãos. Enfiou duas pistolas carregadas nos bolsos dianteiros e vários pentes de munição em cada um dos bolsos traseiros. Minho havia feito o mesmo, e Brenda carregava uma caixa de papelão repleta de granadas brilhantes e balas, o Lança-Granadas apoiado por último.

- Parece bem pesado - comentou Thomas, apontando para a caixa. - Você quer...

Brenda o cortou.

- Consigo carregar até Newt voltar para cá.

- Quem sabe o que esse cara vai aprontar... - disse Minho. - Ele nunca agiu assim antes. O Fulgor já começou a devorar o cérebro dele.

- Ele disse que volta logo.-Thomas estava cansado da atitude de Minho; aquilo só piorava as coisas. - E preste atenção no que diz a ele. A última coisa de que precisamos é você tirando ele do sério.

- Lembra o que eu contei a você no caminhão, lá na cidade? - perguntou Brenda a Thomas.

A mudança repentina na conversa o surpreendeu, e o assunto levantado, recordando os momentos do Deserto, causou-lhe ainda mais surpresa - não chamava a atenção para o fato de que Brenda havia mentido para ele?

- O quê? - perguntou Thomas. - Está dizendo que falou alguma coisa que fosse verdade naquele dia? - Havia se sentido tão próximo dela naquela noite! Percebeu que esperava com ansiedade uma resposta positiva.

- Sinto muito. Menti sobre a razão de estar lá,Thomas. E sobre como podia sentir o Fulgor despertando em mim. Mas o resto era verdade. Juro. - Fez uma pausa, fitando-o com olhos suplicantes. - Seja como for, lembra que eu falei que o aumento de atividade celular acelera o ritmo de destruição? Esse processo se chama destruição cognitiva. Por isso essa droga, a Bênção, é tão popular entre as pessoas que podem se dar ao luxo de coniprá-la. A Bênção retarda as funções cerebrais e aumenta o tempo até se chegar ã Insanidade. Pena que é muito cara.

A ideia de uma existência sem estar vinculado a nenhum Experimento, de gente vivendo escondida em prédios abandonados, como havia testemunhado no Deserto, parecia algo irreal.

-As pessoas ainda continuam ativas, vivendo a vida e saindo para trabalhar, ou seja lá o que for que se faça no inundo de hoje, quando estão drogadas?

- Fazem o que precisam fazer, mas ficam muito mais... relaxadas, digamos assim, por causa da droga.Você pode ser um bombeiro que resgata trinta crianças de uni incêndio, mas não vai se estressar se deixar algumas delas caírem nas chamas durante o resgate.

O pensamento de um mundo assim aterrorizou Thomas.

- Isso é tão... doentio.

- Gostaria muito de experimentar uni pouco desse negócio - ncurncurou Minho.

-Você não entende - respondeu Brenda. - Pense no inferno que Newt está vivendo, em todas as decisões que tem tido que tomar. Não espanta que o Fulgor esteja agindo tão depressa nele. Newt tem sido estimulado demais, bem mais que a média das pessoas que vivem apenas seu dia a dia.

Thomas suspirou. Uma tristeza imensa tomou conta de seu coração.

- Bem, não há nada que possamos fazer a respeito até chegarmos a um lugar mais seguro.

- Fazer a respeito de quê?

Thomas se virou e viu Newt novamente à porta, depois fechou os olhos por um momento e se controlou.

- Nada; não importa... Aonde você foi?

- Preciso falar com você, Tommy. Só com você.Vai demorar apenas um segundo.

O que será agora?, ponderou Thomas.

- O que está acontecendo? - perguntou Minho.

- Por favor, me dê um tempo, Minho. Preciso dar uma coisa paraTommy. Para Tommy, e mais ninguém.

-Tudo bem, então vá. - Minho ajustou as correias dos Lança-Granadas nos ombros. - Mas precisamos nos apressar.

Thomas seguiu para o corredor com Newt, morrendo de pavor do que o amigo poderia dizer e de quanto o que falasse pudesse revelar sua Insanidade. E os segundos passavam.

Afastaram-se da porta poucos metros, até que Newt parasse e encarasse Tommy, entregando-lhe depois um pequeno envelope fechado.

- Enfie isto no bolso.

- O que é? - Thomas o pegou e o virou; estava em branco do lado de fora.

-Apenas coloque o maldito envelope no bolso.

Thomas fez o que lhe era pedido. Estava confuso, mas também curioso.

- Agora olhe dentro dos meus olhos. - Newt estalou os dedos.

O estômago de Thomas se contraiu dolorosamente diante da angústia que viu ali.

- O que tem no envelope?

-Você não precisa saber exatamente agora.Aliás, não pode saber. Mas tem de me fazer uma promessa, e não estou brincando.

- Oqueé?

- Quero que jure que não vai ler o que está dentro desse maldito envelope até chegar a hora certa.

Thomas jamais poderia concordar com aquilo. Desejava ler o que estava no envelope naquele momento, nem um segundo a mais. Fez menção de tirá-lo do bolso, mas Newt agarrou seu braço para detê-lo.

- Quando for a hora certa? - perguntou Thomas. - Como vou saber...

-Você vai saber! - respondeu Newt, antes que Thomas prosseguisse. - Agora jure. Jure! - O corpo do garoto parecia tremer a cada palavra dita.

- Está bem! - Thomas concordou, mais preocupado com o amigo que qualquer outra coisa. -Juro que não vou ler até ser a hora certa. Juro. Mas por que...

- Combinado, então - interrompeu Newt. - Quebre a promessa, e jamais o perdoarei.

Thomas queria estender a mão e sacudir o amigo, ou socar a parede tal era sua frustração. Mas não o fez. Continuou imóvel, enquanto Newt se afastava dele e voltava à sala de armas.

16

Thomas precisava confiar em Newt. Tinha que fazer isso pelo amigo, embora a curiosidade o queimasse por dentro como um incêndio em uma floresta. No entanto, sabia que não havia tempo a perder. Precisavam achar os outros e tirá-los do complexo do CRUEL. Teria mais tempo para conversar com Newt quando estivessem no Berg, se é que conseguiriam chegar ao hangar e convencer Jorge a ajudá-los.

Newt deixou a sala de armas segurando sozinho a caixa de munição, seguido por Minho, depois Brenda, que carregava outro par de LançaGranadas e pistolas enfiadas nos bolsos.

-Vamos procurar os outros - disse Thomas. Então se dirigiu ao caminho de onde tinham vindo, e os outros seguiram em fila atrás dele.

Procuraram durante uma hora, mas os amigos pareciam ter desaparecido. O Homem-Rato e os guardas, que haviam deixado para trás, tinham sumido também, e o refeitório e todos os dormitórios, bem como banheiros e salas de reunião, estavam vazios. Nem uma só pessoa ou Crank à vista. Thomas estava aterrorizado com a possibilidade de algo horrível ter acontecido, e que ainda por cima tivessem de lidar com as consequências.

Por fim, depois de terem procurado em cada canto do prédio, uma coisa lhe ocorreu.

- Por onde vocês tinham permissão de circular quando me trancaram no quarto branco? - perguntou ele. - Têm certeza de que não deixamos passar nenhum cômodo?

- Não que eu saiba - respondeu Minho. - Mas ficaria chocado se não houvesse quartos escondidos.

Thomas concordou, mas não podiam perder mais tempo procurando.A única alternativa era saírem dali.

- Bem, vamos refazer o caminho até o hangar, procurando por eles enquanto voltamos.

Caminhavam já há algum tempo quando Minho estacou de repente, petrificado. Apontou para a própria orelha. Era difícil enxergar alguma coisa, porque o corredor estava mal iluminado, apenas à sombra das luzes vermelhas de emergência.

Thomas parou também, tentando diminuir o ritmo da respiração, e escutou atentamente. Ouviu de imediato. Era uni som baixo, um gemido, algo que fez Thomas estremecer.Vinha de alguns metros à frente, de uma das raras janelas do corredor, que dava para unia grande sala. De onde Thomas estava, o aposento parecia totalmente escuro. O vidro da janela havia sido quebrado por dentro - havia cacos no piso abaixo dela.

O lamento se fez ouvir novamente.

Minho levou um dos dedos aos lábios e depois, lenta e cuidadosamente, depositou no chão os dois Lança-Granadas extras. Thomas e Brenda fizeram o mesmo, e Newt também se livrou da caixa de munição, depositando-a em uni local próximo. Os quatro agarraram as armas, e Minho assumiu a liderança, enquanto caminhavam, passo a passo, na direção do ruído. Pareciam pessoas aguardando o despertar de uni terrível pesadelo. A apreensão de Thomas aumentava a cada passo. Estava apavorado cone o que estava prestes a descobrir.

- Pronto - sussurrou Minho. - Agora. - Girou o corpo e apontou o Lança-Granadas para o aposento escuro, enquanto Thomas se movia para a esquerda, e Brenda, para a direita, as armas prontas para disparar. Newt se manteve em alerta atrás deles, observando.

O dedo de Thomas deslizou para o gatilho, pronto para pressioná-lo a qualquer sinal de alarme, mas não

houve nenhum movimento. Sentiu-se confuso em meio à escuridão do local. O brilho vermelho das luzes de emergência não revelava muita coisa, mas o chão parecia recoberto de montinhos escuros. Algo se movia bem devagar. Pouco a pouco, seus olhos se acostumaram, e Thomas passou a distinguir formas de corpos e roupas pretas. E percebeu também cordas no chão.

- São guardas! - disse Brenda, a voz cortando o silêncio.

Sons abafados invadiram o aposento, e, por fim,Thomas conseguiu perceber rostos, vários deles. Bocas amordaçadas e olhos arregalados de pânico. Os guardas estavam amarrados e deitados no chão, lado a lado, espalhados por todo o quarto. Alguns estavam imóveis, mas a maioria lutava com as amarras.Thomas olhava surpreso para a cena, a mente em busca de uma explicação.

- Então é aqui que todos estão - sussurrou Minho.

Newt se curvou para dar uma olhada também.

- Pelo menos não estão todos enforcados e pendendo do maldito teto com a língua para fora, como da última vez.

Thomas nunca estivera mais de acordo. Lembrava-se vivamente daquela cena, quer ou não tivesse sido real.

- Precisamos interrogá-los e descobrir o que aconteceu - sugeriu Brenda,já se movendo em direção à porta.

Thomas a agarrou antes mesmo de pensar no que ela dissera.

- Não.

- O que quer dizer com não? Por que não? Eles podem nos contar tudo! - Ela se desvencilhou de sua mão, mas esperou pela resposta.

- Pode ser uma armadilha, ou quem quer que tenha feito isso pode estar para voltar. Só precisamos dar o fora daqui o mais rápido possível, isso sim.

- Concordo - disse Minho. - Isso nem se discute. Não me importo se temos Cranks, rebeldes ou gorilas correndo por este lugar. Esses guardas de mértila não são nossa prioridade no momento.

Brenda deu de ombros.

- Por mim tudo bem. Só pensei que poderíamos obter alguma informação. - Fez uma pausa, depois apontou: - O hangar fica naquela direção.

★

Após juntarem armas e munições, Thomas e os outros seguiram corredor após corredor, o tempo todo observando para ver se encontravam quem quer que tivesse dominado todos aqueles guardas. Em certo momento, Brenda parou diante de outro conjunto de portas. Unia delas encontrava-se ligeiramente entreaberta, e unia brisa fluía por ali, fazendo as roupas ondularem.

Sem que Thomas instruísse, Minho e Newt assumiram posição em cada urna das laterais da porta, os Lança-Granadas a postos. Brenda se aproximou da porta com a pistola apontada para o espaço aberto. Nenhum som do outro lado.

Thomas agarrou mais forte o Lança-granadas, unia das extremidades pressionada contra o próprio ombro e o cano apontado para a frente.

- Abra - ordenou, o coração disparando.

Brenda abriu totalmente a porta, e Thomas avançou. Movimentou o Lança-Granadas para a esquerda e para a direita, completando um giro completo antes de avançar.

O hangar parecia ter sido construído para guardar três dos enormes Bergs, mas apenas dois estavam nos postos de abastecimento. Eram como gigantescos sapos agachados feitos de metal, o material bastante desgastado, como se houvessem transportado soldados para unia centena de batalhas ferozes. Além de alguns

compartimentos de carga e o que pareciam ser postos de manutenção, o resto da área era apenas espaço aberto.

Thomas avançou, dando uma busca no hangar, enquanto os outros três se espalharam ao redor. Nenhum movimento.

- El! - gritou Minho. - Aqui. Alguém está... - Não terminou a frase. Parou próximo de um grande compartimento de carga e cutucou com a arma algo atrás dele.

Thomas foi o primeiro a chegar ao se aproximar de Minho, e ficou surpreso ao ver uni homem deitado, semioculto pelo compartimento de madeira, gemendo enquanto esfregava a cabeça. Não havia sangue saindo do cabelo escuro, mas, a julgar pela maneira como teve de se esforçar para sentar, Thomas podia quase afirmar que acabara de ser atingido.

- Cuidado aí, camarada - advertiu Minho. -Vire-se devagar, sem movimentos bruscos, ou vai se transformar num pedaço de bacon tostado antes mesmo de piscar.

O homem se apoiou eni uni dos cotovelos, e, ao tirar as mãos do rosto, Brenda deixou escapar uni pequeno grito, correndo em sua direção e o atraindo para uni abraço apertado.

Jorge.Thomas foi tomado por uma onda de alívio - haviam encontrado o piloto, e ele estava bem, embora um pouco apavorado.

Brenda, no entanto, não parecia se sentir da mesma maneira. Procurava por ferimentos em Jorge enquanto o enchia de perguntas:

- O que aconteceu? Como foi ferido? Levaram o Berg? Onde estão todos?

Jorge gemeu de novo e a afastou com suavidade.

- Calma, hermana. Minha cabeça dói como se tivesse sido pisoteada por Cranks dançarinos. Dê-me apenas um segundo enquanto me recupero.

Brenda se afastou um pouco e sentou, o rosto corado, a expressão repleta de ansiedade.Thomas também tinha um milhão de perguntas para fazer a Jorge, mas sabia muito bem como era ser golpeado na cabeça. Observouo enquanto recobrava lentamente o senso de orientação e se lembrou do quanto ficara apavorado, certa vez, com aquela expressão assustadora. Jorge tinha lhe despertado uni genuíno terror. Imagens de Jorge brigando com Minho dentro das ruínas de um prédio no Deserto jamais abandonariam sua mente. Felizmente, assim como Brenda, Jorge percebera que ele e os Clareanos estavam do mesmo lado.

Jorge cerrou e abriu os olhos algumas vezes, depois passou a contar:

- Não sei como conseguiram, mas tomaram conta do lugar, livraram-se dos guardas, roubaram o Berg e fugiram daqui com outro piloto. Fui um idiota; tentei detê-los até poder descobrir mais sobre o que estava acontecendo. Agora minha cabeça é que paga o preço.

- Quem? - perguntou Brenda. - De quem está falando? Quem foi que conseguiu fugir?

Por alguma razão, Jorge olhou para Thomas ao responder:

- Aquela garota, Teresa. Ela e o resto dos indivíduos. Bem, todos eles, exceto vocês, nwchaclios.

17

Thomas recuou um passo ou dois para a esquerda, buscando apoio no maciço compartimento de madeira. Pensara que talvez os Cranks tivessem atacado, ou que algum outro grupo tivesse se infiltrado no CRUEL, levado Teresa e os demais; resgatado todos eles.

Mas Teresa havia liderado uma fuga? Tinham lutado, subjugado os guardas e fugido no Berg? Sem ele e os outros? Havia elementos demais no cenário, e nenhum deles se encaixava em sua mente.

- Calem a boca! - gritou Jorge, diante da montanha de perguntas de Minho e Newt, e Thomas foi lançado de novo ao presente. - Estão martelando pregos na minha cabeça com esse monte de perguntas... Por favor, parem de falar um minuto. Alguém pode me ajudar a levantar?

Newt agarrou a mão do homem e o puxou.

- É melhor começar a explicar que diabos aconteceu aqui. Desde o princípio.

- E bem rápido - acrescentou Minho.

Jorge se apoiou no compartimento de carga e cruzou os braços, ainda gemendo de dor a cada movimento.

- Preste atenção, hermano, já disse que não sei muita coisa. O que falei que aconteceu foi o que aconteceu. Minha cabeça está latejando e...

- Sei, já entendemos essa parte - cortou Minho. -Você está com dor de cabeça. Agora nos diga o que sabe, e vou tentar achar alguma aspirina de mértila pra você.

Jorge soltou uma risadinha.

- Palavras corajosas, garoto. Se me lembro bem, você é aquele que teve de pedir desculpas e implorar pela própria vida lá no Deserto.

O rosto de Minho se contraiu, corando.

- Bem, é fácil ser durão quando se tem um bando de lunáticos armados com facas protegendo você. As coisas agora estão um pouco diferentes.

- Parem vocês dois! - gritou Brenda. - Estamos todos do mesmo lado.

-Vamos logo com isso - acrescentou Newt. - Solte o verbo, para que os idiotas aqui saibam o que fazer.

Thomas ainda estava em choque. Continuava ouvindo Jorge, Newt e Minho, mas era como se observasse algo em uma tela; como se aquilo não estivesse acontecendo de verdade. Jamais pensara que Teresa fosse tão indecifrável para ele. Não a esse ponto.

- Eu passo a maior parte do tempo neste hangar - disse Jorge. - Comecei a ouvir todo tipo de gritos e advertências dentro do prédio, e depois as luzes de alarme começaram a piscar. Saí para investigar, e aí algo explodiu na minha cabeça.

- Se tivesse explodido de verdade, pelo menos ela não doeria mais - resmungou Minho.

Jorge não ouviu o comentário, ou então o ignorou.

- Daí as luzes se apagaram, e corri para cá, para pegar a arma.A próxima coisa de que me lembro é Teresa e o bando dos seus amigos vindo para cá na maior correria, como se o mundo fosse acabar, e obrigando o velho Tony a pilotar o Berg. Tive de soltar a pistola, porque apontaram para o meu peito sete ou oito Lança-Granadas. Implorei a eles que esperassem, que me explicassem o que estava acontecendo. Mas uma garota de cabelo loiro me golpeou na testa com a coronha da arma. Desmaiei e, quando acordei, deparei com a cara feia de vocês me encarando e o Berg desaparecido. Isso é tudo o que sei.

Ao ouvir aquilo,Thomas percebeu que nenhum dos detalhes importava realmente. De todo aquele episódio,

apenas uma coisa importava, e o magoava ter de enfrentá-la:

- Deixaram a gente pra trás - quase sussurrou. - Não consigo acreditar nisso.

- Hein? - perguntou Minho.

- Fale,Tommy - incentivou Newt.

Thomas trocou um longo olhar com os dois.

- Deixaram a gente pra trás - repetiu. - Nós, pelo menos, voltamos e procuramos por eles. Mas eles nos deixaram aqui para que o CRUEL fizesse o que quisesse conosco.

Ninguém respondeu, mas o olhar de todos revelava que pensavam o mesmo.

- Talvez tenham procurado por vocês... - disse Brenda - e não conseguiram encontrá-los. Ou talvez a troca de tiros tenha ficado tão terrível que foram obrigados a partir.

Minho zombou:

-Todos os guardas estão amarrados naquela sala lá atrás! Tiveram tempo mais que suficiente para nos procurar. Não há explicação. Apenas nos abandonaram.

- De propósito - acrescentou Newt num fio de voz.

Nada daquilo parecia se encaixar para Thomas:

- Tem algo que não me cheira bem. Nos últimos tempos, Teresa vinha agindo como fã número um do CRUEL. Por que fugiria? Deve ser algum truque.Vamos, Brenda.Você me disse para não confiar neles; tem de saber alguma coisa. Desembuche.

Brenda sacudia a cabeça em uma veemente negativa.

- Não sei nada sobre isso. Mas por que é tão dificil acreditar que os outros indivíduos tiveram a mesma ideia que nós? Só fizeram um trabalho melhor, ora.

Minho soltou um ruído que se assemelhou a um lobo uivando.

- Insultar-nos é algo que não recomendaria neste momento. Use a palavra indivíduos de novo, e arrebento

você, garota.

- Tente fazer isso - advertiu Jorge. -Você a arrebenta, e será a última coisa que fará nesta vida.

- Podemos parar um pouco com esses joguinhos de machões? - Brenda revirou os olhos. - Precisamos descobrir o que faremos agora.

Thomas não conseguia evitar de pensar que Teresa e os outros - até mesmo Caçarola! - haviam fugido sem eles. Se o grupo deles tivesse amarrado os guardas, não teriam procurado até encontrar os demais? E por que Teresa quisera ir embora? Será que a memória dela lhe trouxera algo inesperado?

- Não há nada para ser descoberto - disse Newt.- Temos de sair daqui. - E apontou para um dos Bergs.

Thomas concordava plenamente.Voltou-se para Jorge:

-Você é mesmo piloto?

O homem esboçou uni sorriso debochado.

- Pode apostar, rnuchacho. Uni dos melhores.

- Então, por que o mandaram para o Deserto, se é tão valioso?

Jorge desviou o olhar para Brenda.

- Aonde Brenda for, irei também. Detesto dizer isso, mas ir para o Deserto foi melhor do que ficar aqui. Encarei aquilo como férias. Transformou-se em unia coisa um pouco mais difícil do que imaginava, é verdade, mas...

Uni alarme começou a soar, o mesmo grito lamentoso de antes. O coração de Thomas saltou no peito - o ruído parecia ainda mais alto no hangar do que no corredor, ecoando paredes acima e pelo teto.

Brenda, olhos arregalados, voltou-se para as portas que haviam transposto, e Thomas se virou na mesma direção para ver o que chamara a atenção dela.

Pelo menos unia dezena de guardas vestidos de preto atravessavam a passagem, as armas a postos.

Começaram a atirar.

18

Aguém agarrou a camisa de Thomas e o puxou com força para a esquerda; ele cambaleou e caiu atrás do compartimento de carga, enquanto o som de vidros estilhaçados e estalos de eletricidade invadiam o hangar. Raios luminosos circundavam o compartimento de carga, deixando uni odor de queimado no ar. Mal tiveram tempo para piscar antes de unia saraivada de balas atingir a madeira.

- Quem os desamarrou? - gritou Minho.

- E difícil pensar nessas coisas neste momento! - gritou Newt.

O grupo se abaixou, os corpos pressionados uni contra o outro. Parecia impossível revidar o ataque naquela posição.

- Em um segundo vão nos cercar - gritou Jorge. - Temos de responder ao fogo!

Apesar de uni ataque selvagem já estar ocorrendo ao redor, aquela declaração impressionou Thomas.

- Suponho que esteja do nosso lado, então?

O piloto trocou uni olhar com Brenda e deu de ombros.

- Se ela está ajudando vocês, também estou. E, se não perceberam ainda, estão tentando me matar também!

Unia onda de alívio diluiu o terror que Thomas sentia.Tudo que tinham de fazer agora era entrar em um daqueles Bergs.

O ataque obedeceu a unia breve trégua, e Thomas pôde ouvir o arrastar de pés e comandos sendo sussurrados. Para obterem alguma vantagem, precisavam agir com rapidez.

- Como vamos lidar com isso? - perguntou a Minho. - Você está no comando dessa vez.

O amigo lhe lançou um olhar atravessado, mas concordou:

- Está bem.Vou atirar para a direita, e Newt para a esquerda. Thomas e Brenda, vocês disparam sobre o compartimento de carga. Jorge, você verifica uni modo de chegarmos a esse Berg de mértila.Atirem em qualquer coisa que se mover ou estiver de roupa preta. Preparem-se.

Thomas se ajoelhou, só aguardando o sinal de Minho. Brenda estava bem perto dele, com duas pistolas em vez de um Lança-Granadas. Os olhos chispavam fogo.

- Está planejando matar alguém? - perguntou Thomas a Brenda.

- Não. Estou mirando as pernas deles. Mas nunca se sabe. Pode ser que eu atinja uni ponto mais alto por acidente. - Ela lhe lançou uni sorriso. Thomas decidiu que gostava cada vez mais dela.

- Certo! - gritou Minho. -Agora!

Movimentaram-se.Thomas ficou de pé, erguendo o Lança-Granadas e atirando por cima do compartimento de carga. Disparou uni tanto aleatoriamente e, assim que ouviu a granada explodir, buscou um alvo mais específico. Uni homem se arrastava na direção deles, vindo da outra extremidade do hangar. Thomas mirou e disparou.A granada irrompeu em centelhas luminosas ao atingir o peito do homem, lançando-o ao chão em um ataque de espasmos.

Tiros e gritos enchiam o hangar, aliados ao som de estática da eletricidade. Guarda após guarda tombou, as mãos sobre a área atingida - principalmente as pernas, como Brenda havia prometido. Outros se espalharam em busca de proteção.

- Nós os pusemos pra correr! - gritou Minho. - Mas isso não vai durar muito tempo. Densos sorte; provavelmente

não perceberam a tempo que tínhamos armas. Jorge, qual Berg é o seu?

- Aquele - respondeu Jorge, e apontou para a nave no canto esquerdo do hangar. - Aquele é o meu bebê. Não deplora muito, e logo estará pronta para voar.

Thomas se virou para o local que Jorge havia indicado. A grande porta de carga do Berg, da qual se lembrava por ocasião da fuga do Deserto, estava aberta e permanecia no chão, esperando que os passageiros subissem na superficie de metal. Nada jamais lhe pareceu tão convidativo.

Minho disparou outra granada.

- Muito bem. Primeiro vamos recarregar. Depois Newt e eu daremos cobertura, enquanto Thomas, Jorge e Brenda correm para o Berg. Jorge, você liga os motores, enquanto Thomas e Brenda nos dão cobertura por trás da porta. Acham que é um bom plano?

- Os Lança-Granadas danificam o Berg? - perguntou Thomas.Todos se ocupavam colocando mais munição nas armas e nos bolsos.

Jorge balançou a cabeça:

- Não muito. Essas bestas são mais resistentes que um camelo no Deserto. Se não conseguirem atirar em nós e eu conseguir alcançar minha nave, já é meio caminho andado.Vamos nessa, muchachos!

- Então vamos, vamos, vamos! - gritou Minho num rompante. Ele e Newt passaram a lançar granadas como loucos, fazendo-as voar pelo espaço aberto diante do Berg que os aguardava.

Thomas sentiu a adrenalina tomar todo o seu corpo. Ele e Brenda assumiram as respectivas posições, à esquerda e à direita de Jorge, e correram a toda a velocidade, saindo da proteção do compartimento de madeira. Uma rajada de tiros alvejou o ar, mas havia tanta eletricidade e fumaça que era impossível mirar em alguém. Thomas disparou a arma, tentando mirar o

melhor que pôde ao correr, assim como Brenda. Podia jurar que pelo menos uma das balas passara zunindo por ele, não o acertando por um triz. As granadas continuavam a explodir - um festival de luz à direita e à esquerda deles.

- Corram! - gritou Jorge.

Thomas se esforçou para ir mais depressa, os músculos das pernas ardendo. Fagulhas cintilantes atingiam o chão, vindas de todas as direções; balas ricocheteavam nas paredes de metal do hangar; a fumaça se contor cia como dedos atrofiados feitos de neblina. Tudo se tornou uma sombra quando Thomas se concentrou no Berg, agora a apenas alguns metros de distância.

Estavam quase lá, quando uma granada explodiu atrás de Brenda; ela gritou e caiu, o rosto batendo contra o chão de concreto e teias de eletricidade percorrendo-lhe o corpo.

Thomas se deteve, quase escorregando com o solavanco, e jogou-se ao chão para se proteger da mira inimiga. Fios de luz serpenteavam o corpo de Brenda, e depois se transformaram em fios de fumaça, correndo ao longo da superfície ao redor dela. Thomas, deitado de bruços a vários metros de distância, esquivando-se dos raios erráticos de calor, procurava uni jeito de se aproximar.

Newt e Minho evidentemente tinham visto a desastrosa reviravolta dos acontecimentos e desistido do plano. Correram na direção de Thomas enquanto continuavam a atirar. Jorge conseguira alcançar o Berg e desaparecera porta adentro, mas retornara, atirando com um tipo diferente de Lança-Granadas; estas granadas explodiam em fluxos de uni fogo furioso ao entrar em contato com alguma coisa.Vários guardas gritaram enquanto eram envolvidos pelas chamas, e outros recuaram uni pouco, devido à nova ameaça.

Thomas esperava ansiosamente no chão, perto de Brenda, praguejando diante da incapacidade de ajudá-la. Sabia que tinha de esperar a eletricidade se dissipar antes de poder agarrá-la e arrastá-la para o Berg, mas não sabia se haveria tempo suficiente. O rosto dela havia adquirido uma palidez mortal; pingava sangue do nariz, e uma baba grossa lhe escorria pela boca, enquanto os membros dançavam em espasmos, o tronco parecendo prestes a saltar sozinho do chão. Os olhos estavam arregalados e fixos, devido ao choque e ao terror.

Newt e Minho o alcançaram e se atiraram ao chão também.

- Não! - gritou Thomas. - Continuem seguindo para o Berg. Preciso que me deem cobertura detrás da porta da nave. Esperem até começarmos a nos movimentar e então cubram nosso trajeto. Atirem como loucos até chegarmos lá.

-Vamos fazer isso já! - gritou Minho em resposta. Agarrou Brenda pelos ombros, e Thomas prendeu a respiração, enquanto o corpo do amigo retrocedia sob o impacto, várias centelhas de luz percorrendo seu braço. Mas a eletricidade havia enfraquecido de modo considerável, e Minho conseguiu se recompor e arrastá-la atrás dele.

Thomas amparou os ombros de Brenda, e Newt pegou as pernas dela. Reiniciaram o caminho em direção ao Berg. O hangar era uni universo de ruídos, fumaça e luz faiscante. Uma bala passou de raspão pela perna de Thomas - unia onda quente de dor, depois sangue escorrendo. Alguns centímetros mais, e o tiro poderia tê-lo feito mancar por toda a vida ou sangrar até a morte. Lançou um grito furioso e imaginou que todos os de preto fossem aquele que o alvejara.

Trocou uni olhar com Minho; o rosto do garoto estava tenso pelo esforço de arrastar Brenda.Thomas aproveitou a onda voraz de adrenalina e se arriscou, erguendo o

Lança-Granadas sob ele com unia das mãos, disparando em direções aleatórias, enquanto usava a outra para ajudar a carregar Brenda.

Afinal conseguiram chegar aos pés da porta da nave. Jorge imediatamente deixou pender a enorme arma e escorregou pela rampa para agarrar uni dos braços de Brenda.Thomas relaxou a pressão nos ombros dela e deixou que Minho e Jorge a levassem para dentro do avião, os pés dela sendo arrastados, chocando-se contra as saliências da porta.

Newt recomeçou a disparar, lançando granadas à esquerda e à direita, até ficar sem niunição.Thomas atirou uma vez mais, e o Lança-Granadas ficou sem munição.

Os guardas que estavam no hangar sabiam que o tempo para capturar os garotos estava prestes a acabar, e uma horda deles veio correndo rumo à nave, abrindo fogo novamente.

- Não dá para recarregar! - gritou Thomas. -Vamos dar o fora daqui!

Newt se virou e passou a subir a rampa. Thomas ia em seu encalço. A cabeça dele havia acabado de cruzar a entrada da nave, quando algo o atingiu e explodiu contra suas costas. Em um instante, sentiu o poder ardente de mil raios de luz atingindo-o ao mesmo tempo; tombou para trás, aterrissando na superficie do hangar, todo o corpo em convulsão e a vista escurecendo.

19

Os olhos de Thomas se mantinham abertos, embora não conseguisse enxergar nada. Não, não era verdade. Luzes brilhantes em arcos cruzavam seu campo de visão, cegando-o. Não conseguia piscar, não conseguia fechar as pálpebras para se proteger da luminosidade. A dor atravessava-lhe o corpo; a pele parecia prestes a derreter até músculos e ossos. Tentou se mexer, mas era como se houvesse perdido o controle motor sobre o corpo - braços, pernas e tronco sacudiam sem parar, não importava o quanto tentasse contê-los.

Crepitações e estalos de eletricidade invadiam os ouvidos, mas logo outro ruído os superou - um zumbido profundo e irritantemente agudo, que penetrou os tímpanos e agitou a cabeça. Estava no limiar da inconsciência e se sentia entrando e saindo de um abismo que desejava tragá-lo. Mas algo dentro dele sabia o que era aquele som. Os motores do Berg haviam sido ligados, os propulsores queimando em chamas azuis.

Estavam deixando o lugar. Primeiro Teresa e os outros; agora, os amigos mais queridos e Jorge. Não conseguia suportar mais traição. Isso o magoava demais. Queria gritar, enquanto agulhadas de dor atingiam cada centímetro de seu corpo, e o cheiro de queimado tomava conta de seus sentidos. Não, não teriam coragem de deixá-lo para trás. Sabia disso.

Pouco a pouco a visão clareou, e as descargas de calor ardente diminuíram em força e quantidade. Piscou. Duas, depois três figuras vestidas de preto estavam de pé sobre ele, as armas apontadas para seu rosto. Guardas. Iriam matá-lo? Arrastá-lo de volta ao Homem-Rato para

mais testes? Um deles falou, mas Thomas não conseguiu discernir as palavras, pois a estática zunia nos ouvidos.

De repente, os guardas foram embora, obstruídos por duas figuras que aparentemente flutuavam no ar. Amigos; tinham de ser seus amigos. Através de um nevoeiro de fumaça, Thomas pôde ver o teto do hangar acima. A dor quase havia desaparecido por completo, substituída por um torpor que o fez ponderar se conseguiria se mover. Virou para a direita, depois rolou para a esquerda, então se apoiou sobre um dos cotovelos, confuso e fraco. As derradeiras correntes de eletricidade lhe agitaram o corpo, dissipando-se na superficie. O pior havia passado. Ou assim esperava.

Tornou a mudar de posição e olhou para trás, por cima do ombro. Minho e Newt estavam sentados sobre um guarda, cada um de uni lado, impedindo que retomasse a consciência. Jorge estava de pé entre os Clareanos, atirando com o feroz Lança-Granadas em todas as direções.A maioria dos guardas devia ter desistido ou estava incapacitada - do contrário, Thomas e os outros não teriam conseguido ir tão longe. Ou talvez, pensou Thomas, os guardas fingissem, apenas encenando tudo aquilo, como os demais faziam nos Experimentos.

Não se importou. Só queria deixar aquele lugar. E a fuga estava a uni passo deles.

Com uni gemido, virou-se de bruços e depois ergueu o corpo, apoiando-se nas mãos e nos i oelhos.Vidro estilhaçado, crepitação de luzes, disparos de armas e silvos de balas atingindo o metal enchiam o ar ao redor. Se alguém atirasse nele agora, não haveria nada que pudesse fazer. Só se arrastar até o Berg. Os propulsores da nave zuniam enquanto esquentavam; toda aquela coisa vibrava, fazendo estremecer o chão sob ela. A porta estava a poucos metros de distância. Precisavam com urgência entrar na aeronave.

Tentou gritar alguma coisa para Minho e os outros, mas tudo que saiu da boca foi uni grunhido enrolado. Com mãos e joelhos feridos, passou a engatinhar para a frente o mais rápido que o corpo permitia - tinha de lutar para extrair cada porção de força de dentro dele. Chegou à beirada da rampa, atirou-se sobre ela e começou a escalá-la devagar. Os músculos doíam, e a náusea revirava o estômago. Os ruídos da batalha martelavam-lhe os ouvidos, deixando os nervos prestes a explodir; algo podia atingi-lo a qualquer momento.

Conseguiu chegar à metade da rampa.Virou-se para procurar os amigos com o olhar. Estavam de costas para ele, os três disparando. Minho teve de parar e recarregar, e tudo que Thomas pôde ver foi que havia sido atingido por um tiro ou unia granada. Mas o amigo terminou de recarregar a arma e recomeçou a atirar. Os três atingiram o limiar da porta, agora bem perto.

Thomas tentou falar de novo; agora o som da voz parecia o de uni cão ferido.

- É isso aí! - gritou Jorge. - Arraste esse traseiro aí pra dentro!

Jorge subiu a rampa, passou por Thomas e desapareceu lá dentro. Algo fez uni dique alto, e então a rampa começou a subir, as dobradiças rangendo.Thonias havia literalmente desmoronado, o rosto apoiado contra os blocos da tração de metal, mas não conseguia se lembrar direito de como isso acontecera. Sentiu mãos puxando sua camisa e percebeu que fora erguido no ar. Depois caiu sobre a superficie, enquanto a porta era fechada, e as travas, acionadas.

- Perdão, Tonmry - murmurou Newt em seu ouvido. - Acho que poderíamos ter sido mais delicados.

Embora estivesse próximo da inconsciência, uma alegria indescritível animou o coração de Thomas - haviam conseguido escapar do CRUEL. Soltou uni gemido

fraco, uma tentativa de compartilhar a felicidade com o amigo. Em seguida, cerrou os olhos e desmaiou.

20

Thomas acordou com Brenda encarando-o. Parecia preocupada. Sua pele estava pálida e marcada por filetes de sangue, além de manchas de fuligem na testa e uma ferida se formando no rosto. Como se as feridas dela o fizessem recordar, de repente sentiu unia pontada dos próprios ferimentos percorrendo-lhe o corpo. Não tinha ideia de como aqueles Lança-Granadas funcionavam, mas estava feliz por ter sido atingido por um deles apenas unia vez.

- Acabei de me levantar - ela comentou. - Como está se sentindo?

Thomas mudou de posição para se apoiar no cotovelo e se encolheu diante da forte dor na perna, onde a bala passara de raspão.

- Como uni monte de plong.

Estava deitado em uma cama baixa dentro de um grande compartimento de carga que, naquele momento, não carregava nada, senão algumas peças de móveis. Minho e Newt tiravam cochilos bem merecidos em leitos de aparência sofrível, cobertos com mantas até o queixo. Thomas tinha uma leve suspeita de que Brenda havia feito aquilo - pareciam garotinhos, bem aconchegados e aquecidos.

Brenda havia se ajoelhado junto à cama; agora se levantara e sentara em unia poltrona desgastada, a uma pequena distância dele.

- Dormimos durante quase dez horas.

- Sério? - Thonias não conseguia acreditar. Para ele, tinha acabado de adormecer. Ou de desmaiar, se quisesse ser mais preciso.

Brenda fez que sim com a cabeça.

- Estamos voando para tão longe assim? Para onde estancos indo? Para a Lua? -Thomas arrastou as pernas para fora da cama e sentou na beirada do colchão.

- Não. Jorge nos levou a mais ou menos cento e cinquenta quilômetros de distância, depois aterrissou em uma grande clareira. No momento, ele também está cochilando. Não podemos voar com um piloto cansado.

- Não consigo acreditar que nós dois fomos atingidos por Lança-Granadas. Preferiria ter puxado o gatilho. - Thomas esfregou o rosto e bocejou. Depois examinou alguns dos ferimentos nos braços. - Acha que vão deixar cicatrizes?

Brenda riu.

- Com todas as coisas que estão acontecendo, é com isso que você se preocupa?

Thonias não pôde deixar de sorrir. Ela tinha razão.

- Bem - começou, depois continuou lentamente. -A ideia de escapar do CRUEL parecia ótima quando estávamos lá, mas... nem sei como é o mundo real. Não é tudo como o Deserto, é?

- Não - Brenda respondeu. - Só as regiões entre os trópicos estão devastadas. Nos demais locais, há apenas oscilações extremas de clima. Existem cidades seguras aonde poderíamos ir. Principalmente sendo Imunes. Seria fácil encontrar um emprego.

- Emprego - repetiu Thomas, como se a palavra fosse a coisa mais estranha que já havia ouvido. -já está pensando em arranjar um emprego?

- Bem, você quer comer, não quer?

Thomas não respondeu. Sentia o peso opressivo da realidade. Se conseguissem mesmo fugir para o mundo real, teriam de começar a viver como pessoas reais. Mas isso seria possível em um mundo onde o Fulgor existisse? Pensou em todos os seus amigos.

-Teresa - comentou.

Brenda se retesou, surpresa.

- O que tem ela?

- Será que há um modo de descobrir para onde ela e os outros foram?

-Jorge já descobriu. Checou o sistema de rastreamento do Berg. Foram para uma cidade chamada Denver.

Thomas sentiu um frio no estômago de alarme.

- Significa que o CRUEL será capaz de nos encontrar?

-Você não conhece Jorge.- Ela exibia um sorriso no rosto que era todo malícia. - Ele consegue manipular o sistema de um jeito que mal dá para acreditar. Conseguiremos ficar um passo na frente deles, pelo menos durante algum tempo.

- Denver - repetiu Thomas após alguns instantes. O nome lhe soava estranho. - Onde fica esse lugar?

- Nas Montanhas Rochosas. Um lugar alto. Uma escolha óbvia para uma zona de isolamento, porque lá o clima se equilibra com rapidez, desde que o Sol brilhe. Um bom lugar para ir.

Thomas não se importava muito com o local. Só sabia que deveria encontrar Teresa e os outros, para se unirem de novo. Ainda não tinha certeza do motivo, e com certeza não estava pronto para discuti-lo com Brenda. Por isso, resolveu adiar a conversa.

- Como é lá? - perguntou por fim.

- Bem, como na maioria das grandes cidades, são bastante implacáveis em manter Cranks a distância, e os moradores têm de fazer o teste do Fulgor, ao acaso e com frequência. Na verdade, há outra cidade estabelecida do lado oposto do vale, para onde mandam os recém-infectados. Os Imunes ganham muito dinheiro para cuidar deles, embora seja uma atividade extremamente perigosa. Os dois lugares são muito bem guardados.

Mesmo com algumas das lembranças de volta,Thomas não tinha muitos dados sobre a população Imune ao

Fulgor. Mas recordou de algo que o Homem-Rato lhe dissera:

- Janson comentou que as pessoas odeiam os Imunes; que nos chamam de Privilegiados. O que ele quis dizer com isso?

- Quando você tem o Fulgor, sabe que vai enlouquecer e morrer. Não é uma questão de se, mas de quando. E, por mais que o mundo tenha tentado, o vírus sempre encontra caminho em brechas das quarentenas. Imagine saber disso e depois constatar que os Imunes ficarão bem; que o Fulgor não faz nada a eles, que eles nem sequer transmitem o vírus. Você não os odiaria também?

- É provável - respondeu Thomas, contente por estar do lado dos sortudos pelo menos unia vez. Era melhor ser odiado que ficar doente. - Mas não seria valioso tê-los por perto? Quero dizer, saber que haverá alguém entre tantos doentes que continuará saudável?

Brenda deu de ombros.

- Os Imunes são bem utilizados, principalmente nos setores de governo e segurança, mas a população em geral os trata como se fossem lixo. E a maioria maciça é de não Imunes. Por isso os Privilegiados são tão bens pagos para trabalhar no setor de segurança, por exemplo. Do contrário, não conseguiriam lidar cone a função. Muitos tentam até mesmo esconder a imunidade. Ou arranjam trabalho no CRUEL, como Jorge e eu fizemos.

- Então vocês já se conheciam, mesmo antes de trabalhar para o CRUEL?

- Nós nos conhecemos no Alasca, depois que descobrimos que éramos Imunes. Havia uni lugar que abrigava pessoas como nós, uma espécie de campo de refugiados. Jorge se tornou como um tio para mim e jurou ser meu guardião. Meu pai já havia morrido, e minha mãe me afastou dela quando contraiu o Fulgor.

Thomas se inclinou para a frente, os cotovelos sobre os joelhos.

-Você me disse que o CRUEL era responsável pela morte do seu pai. E mesmo assim foi lá e se ofereceu como voluntária para trabalhar com eles?

- Sobrevivência,Thomas. - Uma sombra lhe passou pelo rosto. -Você não sabe a sorte que teve em crescer sob a proteção do CRUEL. No mundo real, a maioria das pessoas faz qualquer coisa para sobreviver mais uni dia. Os Cranks e os Imunes têm problemas diferentes, sim, mas ainda assim lutam pela simples sobrevivência. Todos querem viver.

Thomas não respondeu; não sabia o que dizer. Toda a sua experiência de vida abrangia o Labirinto, o Deserto e as lembranças confusas da infância ao lado do CRUEL. Sentia-se vazio e perdido, como se na verdade não pertencesse a lugar nenhum.

Uma dor repentina oprimiu seu coração.

- Fico imaginando o que aconteceu com minha mãe - comentou Thomas, surpreendendo a si mesmo.

- Sua mãe? - perguntou Brenda. -Você se lembra dela?

- Tenho tido alguns sonhos com ela ultimamente. Acho que são recordações.

- Do que se lembrou? Como era ela?

- Bem, ela era... uma mãe. Ela me amava, cuidava de mim, se preocupava comigo. -A voz de Thomas falhou. - Não acho que alguém mais tenha me dado isso desde que me tiraram dela. Sofro em pensar nela enlouquecendo; em pensar no ela pode ter sofrido. Talvez algum Crank sedento de sangue possa ter...

- Pare com isso, Thomas. Pare. - Brenda pegou a mão dele e a apertou entre as suas, gesto de que Thomas gostou. - Pense em como sua mãe se sentiria feliz sabendo que ainda está vivo, que ainda está lutando. Ela morreu sabendo que você é Imune e que teria uma

chance real de envelhecer, não importa o lixo em que o mundo se transformasse. Além disso, está enganado.

Thomas, cujo olhar se perdera no chão, levantou a cabeça ao ouvir a última frase.

- O quê?

- Minho. Newt. Caçarola. Todos os seus amigos se importam e se preocupam com você. Até mesmo Teresa. Ela realmente fez todas aquelas coisas no Deserto porque achava que não tinha escolha. - Brenda fez uma pausa e depois acrescentou em tom suave: - E Chuck.

A opressão que Thomas sentia no peito apertou um pouco mais.

- Chuck. Ele é... - Teve de se deter um segundo para se recompor. Dava-se conta agora de que Chuck era a razão mais viva para que desprezasse o CRUEL. Que tipo de bem poderia resultar da morte de um garoto como Chuck?

Thomas prosseguiu:

-Vi o garoto morrer. Nos últimos segundos havia um terror genuíno nos olhos dele. Não se pode fazer algo desse tipo. Não se pode fazer isso a alguém. Não me importo com o que digam, não me importo com a maneira como as pessoas enlouquecem e morrem, tampouco se toda a mértila da raça humana terminar. Mesmo que essa fosse a única condição para se encontrar a cura, ainda assim seria contra a morte de Chuck.

- Thomas, relaxe.Você vai arrancar os dedos de tanto apertá-los.

Não se recordava de ter se desvencilhado das mãos dela. Olhou para as próprias mãos, agarradas com firmeza uma à outra, a pele branca. Soltou-as e sentiu, de imediato, o sangue voltar a circular.

Brenda fez um aceno solene com a cabeça.

- Mudei para sempre lá no Deserto. Sinto muito por tudo. De verdade. Thomas balançou a cabeça.

-Você não tem nenhuma razão para me pedir desculpas. Tudo isso é uma grande e maldita complicação - grunhiu, e voltou a se deitar na cama, olhando para a grade de metal no teto.

Depois de uma longa pausa, Brenda voltou a falar:

- Sabe, talvez a gente deva procurarTeresa e os outros, para nos juntarmos a eles. Eles saíram de lá, o que significa que estão do nosso lado. Acho que devemos lhes dar o beneficio da dúvida.Talvez não tivessem outra escolha, a não ser sair sem a gente. E não é nenhuma surpresa que tenham ido para onde foram.

Thomas se virou para encarar Brenda, ponderando sobre o que ela lhe dizia.

- Então você acha que devemos ir para...

- Denver.

Thomas assentiu, de repente tendo certeza de que aquilo era o correto e adorando essa sensação.

- Sim, Denver.

- Mas seus amigos não são a única razão. - Brenda esboçou um sorriso. - Há algo ainda mais importante lá.

21

Thomas arqueou a sobrancelha, ansioso por ouvir o que Brenda tinha a dizer.

-Você já sabe a resposta, tenho certeza - disse ela. - Qual é a nossa maior preocupação?

Thomas refletiu um pouco.

- Que o CRUEL encontre nosso rastro ou arranje um jeito de nos controlar.

- Exatamente - disse Brenda.

- E...? - Mais uma vez, sentiu um frio no estômago com o suspense.

Brenda voltou a sentar na frente dele e se inclinou, esfregando as mãos nos joelhos com grande entusiasmo.

- Conheço um cara chamado Hans, que se mudou para Denver. Ele é Imune, assim como nós. E é médico. Trabalhou com o CRUEL e se envolveu com os chefões, portanto conhece os protocolos que envolvem implantes cerebrais. Ele me contou que as experiências do CRUEL eram muito arriscadas; que a organização havia transposto vários limites, chegando a ser desumana. O CRUEL não queria que ele partisse, mas Hans conseguiu escapar.

- Esses caras precisam melhorar o esquema de segurança deles - murmurou Thomas.

- Sorte nossa - riu Brenda. - Seja como for, Hans é um gênio. Ele conhece os implantes que vocês têm na cabeça nos mínimos detalhes. E sei que foi para Denver porque me enviou uma mensagem pela Rede, pouco antes de eu ir para o Deserto. Se conseguirmos entrar em contato com Hans, com certeza ele saberá como retirar essa coisa que vocês têm. Ou pelo menos

desabilitá-la. Não sei com certeza como ela funciona, mas, se é que alguém sabe, esse alguém é ele. E Hans faria isso com satisfação. Ele detesta o CRUEL tanto quanto nós.

Thomas pensou por alguns instantes naquelas informações.

- Se nos manipularem, como vêm fazendo, estaremos em uma bela encrenca. Já vi isso acontecer pelo menos três vezes. -Alby lutando contra uma força invisível na Sede; Gally sendo controlado com a faca que ferira Chuck; e Teresa se esforçando para falar com Thomas quando a encontrara no prédio do Deserto. Essas três estavam entre suas lembranças mais perturbadoras.

- Exatamente. Poderiam manipulá-lo, obrigá-lo a fazer coisas. Não podem vê-lo, ouvir sua voz nem nada do tipo, mas precisamos dar um jeito em vocês. Se os tiverem sob observação e decidirem que vale a pena arriscar a vida de vocês, farão isso. E essa é a última coisa de que precisamos.

Eram muitos problemas para resolver de uma vez.

- Bem, parecemos ter razões suficientes para ir a Denver.Vamos ver o que Newt e Minho acham assim que acordarem.

Brenda fez um aceno com a cabeça.

- Ótima ideia. - Levantou-se e se aproximou de Thomas, depois se inclinou e o beijou no rosto. Um arrepio lhe percorreu o peito e os braços. - Sabe, a maior parte do que aconteceu naqueles túneis não foi uma representação. - Levantou-se e o fitou um momento, calma e profundamente. -Vou acordar Jorge. Ele está dormindo nas dependências do capitão.

Virou-se e se afastou, enquanto Thomas ficou ali sentado, esperando que seu rosto não tivesse corado demais ao se lembrar do que acontecera no Subsolo. Colocou as mãos atrás da cabeça e deitou na cama, tentando processar tudo o que havia acabado de ouvir.

Enfim tinham uma direção a seguir. Sentiu um sorriso se abrir no rosto, e não apenas porque havia sido beijado.

Minho convocou uma reunião, como nos velhos tempos.

No final dela, Thomas estava com uma dor de cabeça tão latejante que pensou que os globos oculares fossem saltar das órbitas. Minho fizera o papel de advogado do diabo em cada questão e, por alguma razão, o tempo todo lançou olhares enviesados para Brenda. Thonias concordava que era necessário examinar as coisas de todos os ângulos possíveis, irias gostaria que Minho desse uma folga a Brenda.

Por fim, depois de unia hora de discussão, de idas e vindas e de girar em círculos uma dezena de vezes, decidiram - por unanimidade - ir para Denver. Planejaram aterrissar o Berg na cidade, argumentando serem Imunes a serviço do governo. Felizmente o Berg não exibia nenhuma marca de propriedade; aparentemente, o CRUEL não fazia propaganda ao se mostrar no mundo real. Seriam testados e rotulados como Imunes ao Fulgor, o que lhes permitiria acesso à cidade. Todos, exceto Newt, que, por estar infectado, teria de permanecer no Berg até que descobrissem o que fazer em seguida.

Fizeram unia refeição rápida; em seguida, Jorge se aprontou para pilotar a aeronave. Alegou que estava bem descansado e queria que todos tirassem uri cochilo, pois ainda demorariam algumas horas para chegar a Denver. Depois disso, quem saberia dizer quanto tempo demoraria ainda até encontrar uni lugar para passar a noite...

Tudo que Thomas desejava era ficar sozinho, por isso usou a dor de cabeça como desculpa. Encontrou una cadeira reclinável em uni canto escondido e se jogou nela, as costas voltadas para o espaço aberto atrás dele. Havia unia manta ali, e se enrolou nela, sentindo-se aconchegado como há muito não se sentia. E, embora

estivesse apavorado com o que pudesse vir pela frente, também experimentava uma sensação de paz. Talvez estivessem mesmo perto de romper para sempre os laços com o CRUEL.

Recordou-se da fuga e de tudo que havia ocorrido até então. Quanto mais pensava a respeito, mais duvidava que qualquer unia daquelas coisas tivesse sido orquestrada pelo CRUEL. Muita coisa fora feita no impulso do momento, e os guardas haviam lutado furiosamente para niantê-los ali.

Enfim o torpor da sonolência o afastou de todos esses pensamentos, e Thomas sonhou.

★

Tem apenas doze anos de idade e está sentado em uma cadeira, olhando para outro homem, que parece infeliz em estar ali. Estão em uma sala com uma janela de observação.

- Thomas - começa a falar o homem de expressão triste -, você tem estado um pouco, como direi... distante nos últimos tempos. Preciso que se concentre no que é importante.Você e Teresa estão progredindo com a telepatia, e as coisas vão bem, segundo nossas estimativas. Mas você tem de manter o foco.

Thomas sente vergonha, e depois vergonha de estar envergonhado. Isso o confunde e faz com que deseje sair dali; ele quer voltar ao dormitório. O homem percebe.

- Não vamos sair daqui até que me sinta satisfeito com seu comprometimento. - As palavras são como uma sentença de morte lançada por um juiz impassível. -Vai responder às minhas perguntas, e é melhor que transpire sinceridade dos seus poros. Está me entendendo?

Thomas faz que sim com a cabeça.

- Por que estamos aqui? - pergunta o homem.

- Por causa do Fulgor.

- Quero mais que isso. Elabore a resposta.

Thomas faz uma pausa. Ultimamente tem sentido vontade de se rebelar, mas sabe que, se contar ao homem o que ele quer ouvir, essa sensação vai se dissipar. Thomas voltará a fazer o que querem e aprender o que colocarem diante dele.

- Prossiga - estimula o homem.

Thomas despeja tudo em um ímpeto, palavra por palavra, tal como havia memorizado há muito tempo:

-A ira do Sol golpeou a Terra. A segurança em muitos prédios do governo estava comprometida. Um vírus fabricado pelo homem, criado para uma guerra biológica, escapou de um centro militar de controle de doen ças. O vírus atingiu os principais centros populacionais e se disseminou com rapidez. Tornou-se conhecido como Fulgor. Os governos sobreviventes colocaram todos os recursos nas mãos do CRUEL, que encontrou os melhores e os mais brilhantes entre todos os Imunes. Deram então início aos estudos de estímulo e mapeamento dos padrões cerebrais de todas as emoções humanas conhecidas, e examinam agora como nosso cérebro funciona, apesar de termos o Fulgor enraizado dentro dele. A pesquisa conduzirá a...

Continua falando, sem parar, inspirando e expirando ao proferir as palavras que mais odeia.

O Thomas que está sonhando se vira e foge, correndo rumo à escuridão.

22

Thomas havia decidido que precisava compartilhar os sonhos que vinha tendo, cujo conteúdo, suspeitava ele, eram lembranças do passado.

Quando sentaram para a segunda reunião, Thomas fez os participantes jurar que manteriam a boca fechada até que houvesse terminado. Agruparam as cadeiras perto da cabine do piloto do Berg, para que Jorge pudesse ouvir também. Thomas então passou a narrar cada sonho que tivera - lembranças de sua vida quando era ainda um menino; ele sendo levado pelo CRUEL ao descobrirem que era Imune; o treinamento com Teresa e cada detalhe de que se recordava. Quando relatou tudo, aguardou a reação dos amigos.

- Não vejo que importância isso tem para nós - disse Minho. - Só me faz odiar ainda mais o CRUEL. Fizemos bem em deixar toda essa porcaria para trás. Espero nunca mais ter de ver de novo aquela cara de mértila de Teresa.

Newt, que andava irritadiço e distante, manifestou-se pela primeira vez desde que tinham começado a reunião.

- Brenda é uma maldita princesa comparada com aquela sabe-tudo metida.

- Hum? Ah, obrigada - replicou Brenda, revirando os olhos.

- Quando você mudou de opinião? - soltou Minho em tom brusco.

- Hein? - replicou Brenda.

- Em que momento se rebelou contra o CRUEL? Você trabalhou para eles, fez tudo o que quiseram que fizesse no Deserto. Estava a postos para ajudá-los a colocar

aquela máscara no rosto das pessoas e arrumar confusão o tempo todo pra nossa vida. Quando e como passou desse jeito tão apaixonado para o nosso lado?

Brenda suspirou; parecia cansada, mas as palavras saíram acrescidas com uma nota de raiva:

- Nunca estive do lado deles. Jamais. Sempre discordei da maneira como trabalhavam, mas o que poderia fazer sozinha? Ou mesmo com Jorge? Fiz o que precisava para sobreviver. Só que convivi com vocês no Deserto, e isso me fez entender... bem, isso me fez entender que temos alguma chance.

Thomas tentou mudar de assunto.

- Brenda, você acha que o CRUEL vai começar a nos obrigar a fazer coisas? Você sabe, começar a confundir nossa cabeça, a nos manipular?

- Por isso é que precisamos encontrar Hans com urgência. - Ela deu de ombros. - Pelo que conheço do CRUEL, só posso supor que farão isso, sem sombra de dúvida. De vez em quando eu os via controlar alguém; com esse dispositivo que colocam no cérebro, é fácil manter a pessoa sob observação. Como estão fugindo e o CRUEL não tem como saber exatamente o que estão fazendo, talvez eles não queiram correr riscos.

- Por que não? - perguntou Newt. - Por que não nos fazem apunhalar nossa própria perna ou nos acorrentar em uma cadeira até que nos encontrem?

- Não estão próximos o suficiente - respondeu Brenda. - É óbvio que o CRUEL precisa de vocês, rapazes. Não podem correr o risco de que sejam feridos, muito menos mortos. Aposto que mandaram um monte de gente atrás de vocês. Quando se aproximarem o bastante para observar, daí sim podem começar a bagunçar o cérebro de vocês. E tenho uma forte intuição de que farão isso mesmo. Por isso é imprescindível irmos para Denver.

Thomas já havia decidido.

-Vamos, e pronto. E afirmo que vamos esperar cem anos antes de ter outra reunião para falar desse lixo.

- É bom mesmo - acrescentou Minho. - Concordo com você.

Por enquanto, dois a favor. Todos se voltaram para Newt.

- Eu sou um Crank - respondeu o garoto. - Não importa o que um maldito como eu pensa.

- Podemos levá-lo à cidade - disse Brenda, ignorando as palavras dele. - Pelo menos tempo suficiente para que Hans trabalhe no seu cérebro. Só precisamos ser muito cuidadosos para mantê-lo a distância de...

Newt se levantou com um movimento brusco e socou a parede atrás da cadeira.

- Pra começar, não importa o jeito como as coisas estão na minha cabeça. De qualquer modo, logo vou passar pela Insanidade. E não vou morrer com a culpa de ter infectado uma cidade de pessoas saudáveis.

Thomas se lembrou do envelope no bolso, algo que tinha esquecido até então. Os dedos se movimentaram para alcançá-lo.

Ninguém disse nada.

A expressão de Newt se fechou.

- Bem, não percam tempo tentando me convencer a participar desse plano - rosnou por fim. -Todos sabemos que a cura milagrosa do CRUEL nunca vai funcionar, e não gostaria mesmo que funcionasse. Não tanto a ponto de poder sobreviver neste planeta de mértila. Vou ficar no Berg enquanto vocês vão para a cidade. -Virou-se e se afastou, seguindo para a área comum.

- Muito bem - murmurou Minho. - Suponho que a reunião tenha terminado. - Levantou-se e seguiu o amigo.

Brenda franziu a testa e depois trocou um olhar com Thomas.

-Você... quer dizer, nós... Bem, estamos fazendo o certo, não estamos?

- Acho que não há mais certo ou errado - respondeu Thomas, percebendo cansaço na própria voz. Desejava desesperadamente dormir. - Só coisas horríveis e coisas um pouco menos horríveis.

Levantou-se para se juntar aos outros dois Clareanos, enfiando o envelope no bolso. O que estaria escrito ali?, ponderou ao se afastar. E como saberia qual seria o momento certo para abri-lo?

23

Não havia mais tempo para Thomas pensar em como seria o mundo livre do controle do CRUEL. Agora que haviam decidido encará-lo, seus nervos estavam tensos de expectativa, e o estômago revirava. Estava prestes a entrar em território totalmente desconhecido.

- Estão prontos? - perguntou Brenda. Estavam fora do Berg, aos pés da rampa da porta de carga, a apenas uns trinta metros de uma parede de cimento com grandes portões de ferro.

Jorge bufou.

- Tinha me esquecido de como é aconchegante este lugar.

-Têm certeza que sabem o que estão fazendo? - perguntou-lheThomas.

- Só mantenha a boca fechada, hermano, e deixe as coisas comigo.Vamos usar nosso nome real com sobrenome falso. Tudo que realmente importa pra eles é que somos Imunes; adoram adicionar gente ao registro. Não teremos mais que um dia ou dois antes que nos cacem para prestar algum serviço ao governo. Somos valiosos. Bem, volto a enfatizar: você precisa manter essa sua matraca fechada.

-Você também, Minho - acrescentou Brenda. - Entendeu? Jorge criou documentos falsos para todos nós, e ele mente como um mestre.

- Não brinca - murmurou Minho.

Jorge e Brenda se afastaram da nave, com Minho no encalço deles. Thomas hesitou. Olhou a parede de cima a baixo. Lembrava-lhe o Labirinto, e um flash rápido dos horrores que vivenciara naquele lugar lhe atravessou a

mente, especialmente da noite em que amarrara Alby na hera grossa, escondido dos Verdugos. Sentia-se grato por esses muros serem nus.

A caminhada pareceu durar uma eternidade, a parede e as portas se avolumando à medida que o grupo se aproximava. Quando enfim chegaram, um zumbido eletrônico soou de algum lugar, seguido de uma voz feminina.

- Digam nome e qualificação.

Jorge respondeu em tom bem alto:

- Meu nome é Jorge Gallaraga, e estes são meus sócios: Brenda Despain, Thomas Murphy e Minho Park. Estamos aqui para coletar informações e para testes de campo. Sou piloto de Berg certificado. Tenho todos os documentos necessários comigo, mas pode verificá-los. - Tirou alguns cartões de dados do bolso traseiro e os mostrou para unia câmera na parede.

- Espere, por favor - respondeu a voz.

Thomas transpirava a olhos vistos. Estava certo de que a voz acionaria um alarme a qualquer momento. Guardas apareceriam correndo. Seriam enviados ao CRUEL, para o quarto branco ou coisa bem pior.

Esperou, a mente em um turbilhão, pelo que pareceram vários minutos, até que unia série de diques invadiu o ar, seguida de uni alto som metálico. Em seguida, unia das portas de ferro abriu para fora, as dobradiças rangendo. Thomas espiou pela espaço aberto que se ampliava e ficou aliviado ao ver que o caminho estreito do outro lado estava vazio. No fim dele havia outra enorme parede com outro conjunto de portas. Estas pareciam mais modernas, e várias telas e painéis se inseriam na parede à direita.

-Vamos - disse Jorge. Transpôs a porta aberta como se fizesse isso todos os dias. Thomas, Minho e Brenda o seguiram pelo caminho até o outro conjunto de portas, onde ele se deteve. As telas e os painéis que Thonias

havia visto de longe pareciam bastante complexos agora que tinham se aproximado. Jorge pressionou uni botão no painel maior e passou a digitar nomes falsos e números de identificação. Digitou outras informações e depois inseriu os cartões de dados em uma grande fenda.

O grupo esperou em silêncio enquanto os minutos passavam, a ansiedade deThomas aumentando a cada segundo.Tentou controlá-la, mas uma sensação súbita de que aquilo era um erro o tomou. Deveriam ter ido para outro lugar com menos rigor de segurança, ou tentado entrar na cidade de outra maneira. É claro que aquelas pessoas veriam que estavam mentindo. Talvez o CRUEL já tivesse enviado comunicados sobre a busca de fugitivos.

Calma, Thomas, disse a si mesmo, e por um décimo de segundo temeu ter falado em voz alta.

A voz da mulher se fez ouvir.

- Os papéis estão em ordem. Por favor, dirijam-se à estação de teste viral.

Jorge deu um passo à direita, e um painel se abriu na parede. Thomas observou um braço mecânico sair de dentro dela. Era um dispositivo estranho com cavidades que se assemelhavam a órbitas. Jorge se inclinou e pressionou o rosto contra o dispositivo. Assim que seus olhos se alinharam às cavidades, um pequeno fio de metal se projetou e lhe picou o pescoço. Houve vários silvos e cuques; depois o fio se recolheu, retornando ao dispositivo, e Jorge se afastou.

Todo o painel se fechou parede adentro, e o dispositivo que Jorge usou desapareceu, sendo substituído por um novo, que parecia igual ao anterior.

- O seguinte - anunciou a voz feminina.

Brenda trocou um olhar inquieto com Thomas, depois foi até a máquina e se inclinou em sua direção. O mesmo procedimento: o fio de metal picou seu pescoço, o dispositivo emitiu silvos e cuques, e o teste chegara ao

fim. Ela se afastou, dando um perceptível suspiro de alívio.

-Já faz muito tempo desde que usei uma dessas - sussurrou para Thonias. - Elas me deixam nervosa, como se de repente fosse descobrir que não sou mais Imune.

Mais uma vez a voz feminina soou:

- O próximo.

Minho passou pelo procedimento. Por fim, chegara a vez de Thomas.

O garoto se dirigiu ao painel de teste. Assim que um novo dispositivo apareceu, fixou o rosto no lugar, inclinando-se para a frente e alinhando os olhos onde se supunha que deveriam ficar. Abraçou o próprio corpo, temendo a dor da picada do fio de metal, mas a verdade é que mal a percebeu. Quando se deu conta, o teste havia terminado. Tudo o que viu dentro da máquina foram flashes coloridos. Sentiu um sopro de ar que o fez cerrar os olhos, e, ao abri-los, estava escuro.

Depois de alguns segundos, afastou-se do aparato e esperou pelo que viria em seguida.

A voz feminina se manifestou de novo:

- Estão livres de ACV, e a imunidade foi confirmada. Compreendem que as oportunidades para pessoas como vocês são enormes aqui em Denver, não compreendem? Mas não propaguem muito essa condição nas ruas. Todos aqui são saudáveis e estão livres do vírus, mas há muitos que ainda não encaram os Privilegiados com simpatia.

- Estamos aqui para realizar tarefas simples e partiremos em breve. Provavelmente daqui a uma semana - respondeu Jorge. - Esperamos poder manter nossa imunidade em segredo.

- O que é ACV? - sussurrou Thomas a Minho.

- E você acha que eu sei?

- Ameaça de Contágio Viral - respondeu Brenda, antes que Thomas tivesse tempo de lhe perguntar. - Mas tome

cuidado. Qualquer um que não saiba o que é isso parecerá suspeito aqui.

Thomas fez menção de dizer algo, mas estacou, assustado, com um alto bipe, quando as portas começaram a se abrir. Outro corredor foi revelado, as paredes revestidas de metal. Havia mais um conjunto de portas fechadas no fim dele. Thomas ponderou quanto tempo isso duraria.

- Entrem no detector um de cada vez, por favor - orientou a mulher. Aparentemente, a voz os havia seguido até o corredor. - Senhor Gallaraga primeiro.

Jorge entrou no pequeno espaço, e as portas se fecharam atrás dele.

- O que é esse detector? - perguntou Thomas.

- Ele detecta coisas - respondeu Brenda, conto se não fosse algo óbvio.

Thomas franziu o cenho para ela. Mais rápido do que esperava, um alarme tocou de novo, e as portas se abriram. Jorge não estava mais lá.

- A próxima é a senhorita Despain - anunciou de novo a voz, agora soando uni tanto entediada.

Brenda fez uni sinal de cabeça para Thomas e entrou no detector. Uni minuto depois, era a vez de Minho.

Minho encarou Thomas com uma expressão séria.

- Se não voltar a vê-lo do outro lado - falou, forçando emoção na voz -, lembre-se de que amo você. - Abafando o riso enquanto Thomas revirava os olhos, avançou porta adentro, e elas se fecharam.

Logo depois a voz chamou Thomas.

Ele entrou, e as portas obedeceram ao mesmo processo anterior. Uni fluxo de ar o atingiu enquanto vários bipes soavam; depois as portas se abriram, e havia pessoas por toda parte. Os batimentos cardíacos de Thomas se aceleraram de imediato, mas localizou os amigos, que o aguardavam, e relaxou. Ficou impressionado com toda a atividade que o cercava

agora. Uma multidão ruidosa de homens e mulheres - muitos dos quais seguravam panos sobre a boca - enchia uni enorme átrio coberto com uni teto de vidro muito alto, que deixava transpassar bastante luz solar. Conseguiu distinguir vários arranha-céus, embora não se parecessem nem um pouco com os prédios que tinha visto no Deserto. Estes eram brilhantes sob a luz solar. Thomas ficou tão espantado com tudo o que havia para olhar que quase se esqueceu de como estivera nervoso apenas um minuto atrás.

- Não foi tão ruim, foi, muchaclio? - perguntou Jorge.

- Pra ser honesto, até gostei - disse Minho.

Thomas levantou o pescoço numa tentativa de captar alguns detalhes do grande prédio em que entraram.

- O que é este lugar? - perguntou. - Quem são essas pessoas? - Lançou aos amigos um olhar inquisitivo. Jorge e Brenda pareceram um tanto constrangidos com aquelas perguntas. Mas logo a expressão de Brenda mudou abruptamente, ganhando um quê de tristeza.

- Estou sempre esquecendo que perdeu a memória - murmurou ela, e depois abriu os braços para abranger o espaço ao redor. - Isto é uni centro comercial. Basicamente, ele percorre todo o muro que cerca a cidade. É composto principalmente de lojas e escritórios.

- Nunca vi tantas... - Não completou a frase. Uni homem de jaqueta azul-escura se aproximava deles, o olhar fixo em Thomas. Não parecia muito feliz.

- Olá - sussurrou Thomas, acenando com a cabeça na direção do estranho.

O homem os alcançou antes que qualquer uni pudesse responder. Fez uni breve aceno em resposta e anunciou:

- Estamos sabendo que algumas pessoas escaparam do CRUEL. E, a julgar pelo Berg no qual vieram, suponho que fazem parte desse grupo. Recomendo expressamente que aceitem o conselho que vou dar. Não há nada a temer; estamos apenas pedindo ajuda, e serão

protegidos quando chegarem. - Entregou a Thomas uma folha de papel, girou nos calcanhares e se afastou sem acrescentar uma única palavra.

- Que diabos isso quer dizer? - perguntou Minho. - O que diz aí?

Thomas olhou para baixo e leu:

- Aqui diz: "Você precisa me encontrar imediatamente. Estou cone uni grupo chamado Braço Direito. Esquina da Kenwood com Brookshire, apartamento 2.792."

Formou-se um bolo na garganta de Thomas ao ver a assinatura na folha de papel. Olhou para Minho, certo de que seu rosto havia empalidecido.

- É Gally.

24

Thomas, ao contrário do que poderia pensar, não precisou dar nenhuma explicação. Brenda e Jorge já trabalhavam para o CRUEL havia muito tempo e sabiam quem era Gally; como ele havia sido uma espécie de excluído na Clareira; como ele e Thomas haviam se tornado amargos rivais devido às lembranças que Gally tinha da Transformação. Mas tudo que Thonias conseguia recordar era o garoto zangado que matara Chuck com unia faca, fazendo-o sangrar até a morte, enquanto Thomas o segurava nos braços.

Daí em diante, não tivera mais notícias dele. Achava que havia espancado Gally até a morte. Uma surpreendente quantidade de alívio o inundou ao perceber que, talvez, não o tivesse matado de verdade. Se é que aquele bilhete era realmente de Gally... Por mais que odiasse o garoto, Thomas não desejava ser um assassino.

- Não é possível que seja dele - disse Brenda.

- Por que não? - perguntou Thomas; o alívio começou a desaparecer. - O que aconteceu com ele depois que fomos levados de lá? Ele...

- Morreu? Não. Passou uma ou duas semanas na enfermaria se recuperando de uni maxilar quebrado. Mas não foi nada, comparado ao dano psicológico. Eles o usaram para matar Chuck, porque os Psis acharam que os padrões resultantes seriam valiosos. Foi tudo planejado. Obrigaram Chuck a ficar na sua frente.

Qualquer resquício de raiva que Thomas ainda sentisse de Gally foi transferido ao CRUEL, alimentando o ódio sempre crescente pela organização. O rapaz havia

agido como uni imbecil, mas tinha sido apenas instrumento do CRUEL. O que deixou Thomas ainda mais furioso foi descobrir que a morte de Chuck não resultara de um gesto impensado do amigo.

Brenda continuou:

- Soube que um dos Psis planejou toda a interação para que fosse unia Variável, não apenas para você e os Clareanos que a testemunharam, mas... mas também para Chuck, durante os momentos derradeiros.

Por um instante curto, porém apavorante, Thomas achou que a raiva fosse dominá-lo por inteiro; que agarraria qualquer estranho escolhido ao acaso em meio à multidão e o espancaria, tal como fizera com Gally.

Suspirou fundo e deslizou a mão trêmula pelo cabelo.

- Nada mais me surpreende - resmungou entre os dentes.

- A mente de Gally não conseguiu lidar com o que havia feito - Brenda explicou. - Ele ficou completamente louco, e tiveram de mandá-lo embora.Tenho certeza de que concluíram que ninguém jantais acreditaria na história dele.

- E por que você acha que este bilhete não pode ser dele? - perguntou Thomas. - Talvez ele tenha melhorado e encontrado seu caminho aqui.

Brenda sacudiu a cabeça.

- Olhe, sei que qualquer coisa é possível. Mas eu vi o garoto; era como se houvesse contraído o Fulgor. Ele tentava comer cadeiras, cuspia, gritava e arrancava o próprio cabelo.

- Também vi - acrescentou Jorge. - Um dia ele passou pelos guardas. Corria nu pelos corredores, gritando a plenos pulmões e filando que havia besouros nas veias dele.

Thomas fez uni esforço para ordenar os pensamentos:

- Estou imaginando o que "Braço Direito" quer dizer.

Foi Jorge quem respondeu:

- Há rumores sobre ele em todo lugar. Supõe-se que se trata de uni grupo subversivo inclinado a destruir o CRUEL.

- Mais unia razão para fazer o que o bilhete diz - concluiu Thomas.

O rosto de Brenda evidenciava uma expressão de dúvida.

- Acho mesmo que, primeiro, devemos encontrar Hans.

Thomas levantou a folha de papel e a sacudiu.

-Vamos ver Gally antes. Precisamos de alguém que conheça a cidade. -A intuição de Thomas lhe dizia que era por ali que deviam começar.

- E se for algum tipo de armadilha?

- É - disse Minho. - Talvez a gente deva pensar melhor no assunto.

- Não - Thomas discordou. - Não podemos mais agir assim. Às vezes eles fazem coisas só para me obrigar a fazer o contrário do que acham que eu acho que acham que eu quero fazer.

- Há? - perguntaram os três ao mesmo tempo, a confusão transtornando a expressão antes duvidosa.

- De agora em diante, farei o que achar certo e pronto - explicou Thomas. - E algo me diz que precisamos ir a esse lugar e ver Gally. Nem que seja para descobrir que o bilhete não é dele. Gally tem conexão com a Clareira, por isso tem todas as razões do mundo para estar do nosso lado.

Os outros o encararam com expressão ainda incerta, como se tentassem buscar novos argumentos.

- Muito bem - disse Thomas. -Vou tomar esse silêncio como um sim. Fico contente em ver que todos concordam comigo.Agora, como faremos para chegar lá?

Brenda soltou um profundo suspiro.

-Você já ouviu falar em táxi?

Após uma rápida refeição no centro comercial, pegaram um táxi para levá-los à cidade. Quando Jorge entregou ao motorista um cartão para pagar a corrida,Thomas tornou a se preocupar com o possível rastreamento do CRUEL. Assim que se viram acomodados nos devidos lugares, compartilhou essa dúvida com Jorge em um sussurro, para que o motorista não pudesse ouvi-los.

Jorge apenas lhe lançou um olhar inquieto.

-Também ficou preocupado com o fato de Gally saber de nossa chegada, não ficou? - perguntou Thomas.

Jorge assentiu.

- Um pouquinho. Mas, pela maneira como aquele homem nos abordou com o bilhete, aposto que foi só ouvirem a palavra "fuga" vazar do CRUEL para que o Braço Direito tenha nos procurado desde então. Ouvi dizer que a base deles é aqui.

- Ou talvez isso tenha algo a ver com o grupo de Teresa ter chegado aqui primeiro - sugeriu Brenda.

Thomas não se sentia muito satisfeito com a resposta.

- Tem certeza do que estão fazendo? - perguntou a Jorge.

-Vai ficar tudo bem, inuchadio. Agora que estamos aqui, o CRUEL terá a maior dificuldade em nos pegar. É mais fácil do que pensa, desaparecer em unia cidade. Portanto, relaxe.

Thomas não sabia se seria possível relaxar, mas recostou-se no banco, olhando através da janela.

Percorrer a cidade deixou-o completamente sem fôlego. Lembrou-se dos veículos flutuantes da infância - veículos policiais não tripulados e armados que todos chamavam de máquinas policiais. Mas muita coisa era diferente do que havia visto: os enormes arranha-céus, a exibição reluzente de propagandas holográficas, o número enorme de pessoas; de fato, teve dificuldade para acreditar que aquilo era real. Uma pequena parte

dele ponderava se seus nervos ópticos não estavam sendo de algum modo manipulados pelo CRUEL; se tudo aquilo não era mais uma simulação. Imaginou se algum dia havia morado em uma cidade como aquela; e, caso tivesse amorado, como era possível haver esquecido o esplendor daquilo tudo.

Enquanto o táxi percorria ruas repletas de gente, ocorreu-lhe que, afinal, quem sabe o mundo não seria tão ruim assim. Ali surgia toda unia comunidade, milhares de pessoas vivendo a vida de cada dia. Mas a corrida continuava, e, pouco a pouco, detalhes que não havia percebido começaram a entrar em foco. E, quanto mais o carro andava, mais inseguro Thomas se sentia. Quase todos os que via pareciam pouco à vontade. As pessoas pareciam se evitar, e não apenas por polidez - pareciam estar se precavendo para ficar a salvo dos demais.Tal como no centro comercial, muitos deles usavam máscaras ou seguravam panos no rosto que cobriam a boca e o nariz enquanto andavam.

Cartazes e placas cobriam as paredes dos edificios, a maioria deles rasgada ou tingida com spray. Alguns advertiam sobre o Fulgor e explicavam as respectivas precauções; outros falavam sobre os perigos de deixar as cidades; do procedimento a seguir caso se entrasse em contato com alguém infectado. Alguns tinham fotos aterrorizantes de Cranks em estágio avançado de Insanidade. Thomas localizou uni cartaz cone uni Glose de uma mulher de rosto tenso, o cabelo impecável puxado para trás, tendo embaixo uni slogan que dizia: A CHANCELER PAIGE AMA VOCÊS.

Chanceler Paige. Thomas reconheceu o nome de imediato. Segundo Brenda, era a única pessoa eni quem se podia confiar... a única.Virou-se, pronto para perguntar a Brenda a respeito, vias desistiu. Algo lhe dizia que era para esperar até estarem sozinhos. Enquanto o carro rodava, observou vários cartazes que mostravam a

imagem dela, embora a maior parte tivesse sido pichada. Era dificil distinguir cone nitidez como era a mulher sem o acréscimo de chifres demoníacos ou bigodes mal desenhados.

Algum tipo de força de segurança patrulhava as ruas em grande número - havia centenas deles, todos vestindo camisa vermelha e usando estranhas máscaras de metal protetoras, unia arma em uma das mãos e na outra uma pequena versão do dispositivo de teste viral do qual Thonias e os amigos haviam aproximado o rosto antes de entrar na cidade. Quanto mais se afastavam do muro da barreira externa, mais sujas as ruas se tornavam. Havia lixo em toda parte, janelas quebradas, e pichações ornamentavam quase todas as paredes. E, apesar do brilho do Sol, unia certa escuridão havia se estabelecido no local.

O táxi virou em uma alameda, e Thomas ficou surpreso ao ver que se encontrava deserta. O veículo parou diante de uni prédio de cimento com pelo menos vinte andares, e o motorista tirou o cartão de Jorge da fenda e o devolveu a ele - algo que Thomas entendeu como sendo o sinal para saírem do carro.

Uma vez que saltaram e o táxi se afastou, Jorge apontou para a escada mais próxima.

- O número 2.792 é bem aqui, no segundo andar.

Minho suspirou, depois comentou com ironia:

- Parece até um lar de verdade.

Thomas concordou. O lugar estava longe de ser convidativo, e os sombrios tijolos cinzentos todos pichados o deixavam nervoso. Não queria subir os degraus e enfrentar o que o esperava lá dentro.

Brenda, atrás dele, deu-lhe um empurrão.

-A ideia foi sua.Vá na frente.

Thomas engoliu em seco, mas não disse nada. Só caminhou até a escada e subiu devagar, os outros três atrás dele. A porta de madeira rachada e torta do

apartamento 2.792 parecia ter sido colocada ali havia pelo menos mil anos, restando apenas resquícios de uma pintura verde desbotada.

- Isso é loucura - sussurrou Jorge. - Uma completa loucura.

Minho bufou.

- Thomas acabou com o Gally uma vez. Pode acabar de novo, se for necessário.

-A menos que ele apareça com armas em punho - replicou Jorge.

- Ei, caras, podem fazer o favor de calar a boca? - Thomas falou. Seus nervos estavam à flor da pele. Sem dizer mais nada, estendeu o braço e bateu à porta. Alguns agonizantes segundos mais tarde ela foi aberta.

Thomas percebeu de imediato que o garoto de cabelo negro que atendeu a porta era Gally, da Clareira. Não havia dúvida sobre isso. Mas o rosto estava cheio de cicatrizes, coberto por linhas salientes como finas lesmas brancas. O olho direito parecia inchado, com danos permanentes, e o nariz, que havia sido grande e um tanto deformado antes do incidente de Chuck, estava agora acentuadamente torto.

- Estou contente por terem vindo - disse Gally com sua voz áspera. - Porque o fim do mundo está próximo.

25

Gally recuou e abriu totalmente a porta.

- Entrem.

Thomas sentiu a culpa invadi-lo ao ver o estrago que havia causado em Gally. Não tinha a menor ideia de como agir nem o que dizer. Só acenou com a cabeça e se obrigou a entrar no apartamento.

Era um lugar escuro e sem mobília, embora limpo, e cheirava a bacon. Uma manta amarela havia sido pendurada sobre a grande janela, dando ao lugar um brilho sombrio.

- Sentem-se - convidou Gally.

Tudo em que Thomas pôde pensar foi descobrir como o Braço Direito soubera que estava em Denver e o que queriam com ele, mas o instinto o aconselhou a jogar segundo as regras deles, antes de poder obter respostas. Sentaram-se no chão, ele e os amigos enfileirados, com Gally encarando-os como se fosse um juiz. O rosto do garoto era aterrorizador sob o efeito da luz mortiça, o olho direito inchado e vermelho de sangue dando o arremate final.

-Você conhece Minho - Thomas apresentou, um tanto constrangido. Minho e Gally trocaram um breve aceno de cabeça. - Estes são Brenda e Jorge. Eles são do CRUEL, mas...

- Sei quem eles são - interrompeu Gally. Não parecia louco, só um pouco esquisito. - Esses mértilas do CRUEL restituíram minha memória. Sem perguntar se eu queria, devo acrescentar. - O olhar se concentrou em Minho: - Ei, você foi realmente legal comigo em nossa última

reunião. Obrigado mesmo. - O sarcasmo era quase palpável.

Thomas se encolheu diante da lembrança - Minho atirara Gally ao chão e o ameaçara. Havia se esquecido disso.

- Aquele foi um dia ruim - respondeu Minho, a expressão indecifrável impossibilitando saber se falava sério ou mesmo se se desculpava.

- Bem... - disse Gally. - O que passou, passou, certo? - O riso abafado deixou claro que desejava dizer qualquer coisa, menos isso.

Minho podia não ter arrependimentos, mas Thomas, sim.

- Lamento pelo que fiz, Gally. - Encarou profundamente o garoto ao proferir essas palavras. Queria que Gally acreditasse nele; que compreendesse que agora o CRUEL era um inimigo comum.

- Você lamenta? Fui eu que matei Chuck. Ele está morto. Por minha causa.

Ouvi-lo dizer isso não trouxe alívio nenhum a Thomas, apenas tristeza.

- Não foi culpa sua - Brenda acrescentou em tom consolador.

- Aquilo foi um monte de plong. - As palavras de Gally saíram ásperas. - Se tivesse um pingo de vergonha na cara, poderia tê-los impedido de me controlar. Mas deixei que fizessem isso comigo porque achava que ia matar Thomas, não Chuck. Nem em um milhão de anos me permitiria assassinar aquele pobre garoto.

- Muito generoso de sua parte - comentou Minho.

- Então você queria que eu morresse? - perguntou Thomas, surpreso diante da honestidade do garoto.

Gally respondeu, zombeteiro:

- Não se lamente tanto comigo. Odiei você mais do que já odiei qualquer pessoa na minha vida. Mas o que

aconteceu no passado não importa mais. É preciso falar sobre o futuro. Sobre o fim do mundo.

- Espere um segundo aí, muchacho - interrompeu Jorge. - Antes de qualquer coisa, você vai nos contar tudinho o que aconteceu com você desde que foi expulso do CRUEL até terminar sentado bem aí onde está.

- E eu quero saber como teve conhecimento da nossa chegada - acrescentou Minho. - E quando. E também quem era aquele cara estranho que nos entregou sua mensagem.

Gally tornou a soltar um risinho abafado, o que tornou seu rosto consideravelmente mais assustador.

- Suponho que lidar com o CRUEL não desperte muita confiança na gente, não é?

- Eles têm razão - disse Thomas. -Você tem de nos contar o que está acontecendo. Especialmente se quiser nossa ajuda.

- Ajuda? - repetiu Gally. - Não sei se colocaria as coisas dessa maneira. Mas tenho certeza de que temos os mesmos objetivos.

- Escute - disse Thomas. - Precisamos de uma razão para confiar em você. Portanto, pode começar a falar.

Depois de unia longa pausa, Gaily começou:

- O cara que entregou o bilhete a vocês se chama Richard. Ele é membro do grupo Braço Direito. Eles têm pessoal espalhado por todas as metrópoles e cidades que restaram neste planeta de mértila. A missão: acabar com nossos velhos amigos e usar o dinheiro e a influência do CRUEL para coisas que realmente importam. Mas o Braço Direito não tem recursos suficientes para destruir uma organização tão imensa e poderosa. Querem agir, mas ainda carecem de algumas informações.

-já ouvimos falar deles - disse Brenda. - Como você se envolveu com o grupo?

- Eles têm espiões no complexo principal do CRUEL, e eles se aproximaram de mim e me explicaram que, se

me fingisse de louco, seria mandado embora. Teria feito qualquer coisa para sair daquele lugar. Seja como for, o Braço Direito queria alguém lá de dentro que soubesse como o lugar funciona, os sistemas de segurança, esse tipo de coisa. Então atacaram o carro que me escoltava e nie pegaram. Trouxeram-me para cá. Foi assim que soube da chegada de vocês. Recebemos unia mensagem anônima pela Rede. Supus que vocês a tivessem enviado.

Thomas se voltou para Brenda em busca de unia explicação, mas tudo o que conseguiu dela foi um dar de ombros.

- Então não foram vocês - concluiu Gally. - Talvez tenha sido alguém do quartel-general enviando um alerta, tentando recrutar caçadores de recompensa ou coisa do gênero. Depois que obtivemos essa informação, foi só hackear o sistema do aeroporto para ver se um Berg havia aterrissado.

- Então nos trouxe aqui para falar da destruição do CRUEL? - perguntou Thomas. A simples possibilidade já o enchia de esperança.

Gally balançou lenta e deliberadamente a cabeça antes de falar.

-Vocês fazem parecer fácil demais. Mas é mais ou menos isso, sim. No entanto, temos dois grandes problemas nas mãos.

Brenda falou, um traço de impaciência na voz:

- O que é? Diga logo.

- Calina, garota.

- Que tipo de problemas? - insistiu Thomas.

Gally lançou um olhar a Brenda, depois voltou a encarar Thomas.

-Antes de qualquer coisa, correm rumores de que o Fulgor está se alastrando de modo desenfreado em toda esta cidade de mértila, e que há todo tipo de corrupção para esconder esse fato, porque os doentes são os

figurões do governo. Estão dissimulando o vírus com a Bênção. Como a droga retarda o Fulgor, as pessoas que o contraíram podem se misturar aos demais sem que haja suspeitas, embora o vírus continue se disseminando. Suponho que esteja acontecendo o mesmo no mundo todo. A conclusão é simples: não há como neutralizar essa fera.

Thomas sentiu um frio no estômago. A ideia de um mundo assolado por hordas de Cranks era aterrorizante. Não podia dimensionar até que ponto as coisas poderiam se tornar terríveis; ser Imune não valeria muito se isso acontecesse.

- Qual é o outro problema? - perguntou Minho. - Como se esse já não fosse suficientemente ruim...

- Pessoas como nós.

- Pessoas como nós? - repetiu Brenda, uma expressão confusa no rosto. - Está se referindo à condição de Imunes?

- Sim. - Gally se inclinou para a frente. - Os Imunes estão em franco desaparecimento. Sendo sequestrados ou fugindo, ou apenas se pulverizando no ar... ninguém sabe. Um passarinho me contou que estão sendo reunidos e vendidos ao CRUEL para que possam continuar com os Experimentos. Querem começar tudo de novo, se for o caso. Quer seja verdade ou não, a população de Imunes nesta cidade e em outras caiu pela metade nos últimos seis meses, e a maioria está desaparecendo sem deixar vestígios. Isso está causando muita dor de cabeça. A cidade precisa mais deles do que as pessoas imaginam.

A ansiedade de Thomas aumentou.

- Mas a maioria das pessoas não detesta os Privilegiados? É assim que nos chamam, não é? Talvez estejam sendo mortos ou algo parecido. - Odiava a outra possibilidade que havia lhe ocorrido: de que o CRUEL os

estivesse arrebanhando para fazê-los passar por tudo que ele próprio já tinha passado.

- Duvido - disse Gally. - Meu passarinho é unia fonte confiável, o que me faz pensar que o CRUEL é quem está comandando essa história. Todos esses problemas compõem uma péssima combinação. O Fulgor está invadindo a cidade, ainda que o governo declare o contrário. E os Imunes estão desaparecendo. Seja lá o que esteja acontecendo, não vai restar nenhum em Denver. E quem pode dizer o que acontecerá no caso das outras cidades?

- Mas o que isso tem a ver conosco? - perguntou Jorge.

Gally pareceu surpreso:

- Confio assine? Vocês não se importam de que a civilização esteja prestes a acabar? As cidades estão desmoronando. Logo haverá apenas unia multidão de loucos que vão querer nos comer no jantar.

- É claro que nos importamos - respondeu Thomas. - Mas o que quer que a gente faça a respeito?

- Olhem, tudo o que sei é que o CRUEL tem unia neta: encontrar unia cura. E é óbvio que isso nunca vai acontecer. Se tivéssemos o dinheiro e os recursos deles, poderíamos usá-los para realmente ajudar. Para realizar alguma coisa em prol da saúde das pessoas.Achei que também desejassem isso.

Thomas desejava com certeza.

Gally deu de ombros quando ninguém respondeu.

-já que não temos muito a perder, podemos tentar fazer alguma coisa.

- Gally - disse Thomas -, você sabe algo sobre Teresa e uni grupo, que também escaparam hoje?

Gally fez que sim com a cabeça.

- Também os encontramos, e lhes mandamos a mesma mensagem que para você. Querei vocês achavam que era meu passarinho?

- Teresa - sussurrou Thomas. Uma onda de esperança o invadiu. Era provável que Teresa houvesse se lembrado de muitas coisas quando o CRUEL removera a perturbação causada pelo Dissipador, restituindo-lhe a memória. Será que o procedimento a teria feito mudar de opinião? Será que a insistência no "O CRUEL é bom" enfim era algo do passado?

- Isso mesmo. Ela disse que não podia concordar em começar todo o ciclo de novo. Falou algo sobre esperar encontrá-lo também. Mas há ainda outra coisa.

Thomas grunhiu:

- Não me parece nada bom o que vem por aí.

Gally deu de ombros.

-Atualmente, nada é. Um dos nossos lá fora que procurava o seu grupo ouviu uni estranho runmor.Algo relacionado às pessoas que escaparam do quartel-general do CRUEL. Não tenho certeza se conseguiram ou não rastreá-los, mas é provável que tenham imaginado o destino de vocês.

- Por quê? - perguntou Thomas. - Qual é o rumor?

- Há unia recompensa enorme para quem encontrar uni cara chamado Hans, que trabalhava lá e agora mora aqui. O CRUEL imagina que vieram para Denver procurá-lo, e agora o querem morto.

26

Brenda se levantou de um salto.

-Vamos embora. Agora!

Jorge e Minho se levantaram, e Thomas se juntou a eles em seguida. Brenda tinha razão. Encontrar Hans era mesmo prioridade. Tinham de se livrar daquele maldito dispositivo colocado no cérebro deles pelo CRUEL. Precisavam com urgência encontrá-lo, antes que a organização o fizesse.

- Gally, você jura que tudo o que nos disse é verdade?

- Cada detalhe. - O Clareano não havia se movido, ainda sentado no chão. - O Braço Direito está pronto para agir. Estão esboçando um plano enquanto conversamos aqui. No entanto, precisam de mais informações sobre o CRUEL, e quem melhor que vocês para nos ajudar? Se pudermos conseguir a adesão de Teresa e dos outros, melhor ainda. Precisamos de todo o auxílio possível.

Thomas decidiu confiar em Gally. Talvez nunca tivessem gostado um do outro, mas agora havia um inimigo comum, que os havia colocado do mesmo lado.

- Bem, o que temos de fazer para ajudar o Braço Direito? - perguntou Thomas depois de alguns instantes de silêncio. -Voltamos aqui? Ou temos de ir para outro lugar?

Gally sorriu.

-Voltem aqui.Antes das nove da manhã, por mais uma semana. Devo ficar por aqui também. Não creio que faremos nenhum movimento antes disso.

- Movimento? - Thomas estava morrendo de curiosidade.

-já contei o suficiente. Se quiserem saber além disso, voltem mais tarde. Estarei aqui.

Thomas fez que sim com a cabeça e depois estendeu a mão. Gally a apertou.

- Não o culpo por nada - disse Thomas. -Você viu o que fiz em nome do CRUEL quando passou pela Transformação. Também não teria confiado em mim mesmo. E sei que não queria matar Chuck. Bem... é isso.A gente também não precisa trocar abraços a cada encontro, certo?

- O sentimento é recíproco.

Brenda já aguardava Thomas à porta. Entretanto, antes de Thomas sair, Gally lhe tocou o ombro.

- O tempo está correndo. Mas ainda podemos fazer alguma coisa.

- Voltaremos aqui - afirmou Thomas, e depois seguiu os amigos porta afora. O medo do desconhecido não o controlava mais. A esperança havia encontrado seu caminho e tomara conta dele.

Só encontraram Hans no dia seguinte.

Jorge conseguiu para eles um hotel barato, após comprarem algumas roupas e alimentos, e Thomas e Minho usaram o computador do quarto para fazer unia busca na Rede, enquanto Jorge e Brenda faziam dúzias de telefonemas para pessoas sobre as quais Thomas jamais ouvira falar. Depois de horas de trabalho, por fim encontraram um endereço por intermédio de alguém que Jorge chamou de "um amigo de um amigo de uni inimigo do inimigo". Mas então já era tarde, e estavam todos morrendo de sono; Thomas e Minho se acomodaram no chão, e os outros dois na bicama.

Na manhã seguinte, tomaram uma ducha, comeram e vestiram as roupas novas. Depois pegaram uni táxi e foram direto ao lugar onde haviam dito que Hans morava - uni prédio de apartamentos em uni estado ligeiramente melhor do que aquele de Gally. Subiram ao quarto andar

e bateram em unia porta de metal cinza. A mulher que atendeu disse-lhes que nunca ouvira falar em nenhum Hans, mas Jorge continuou insistindo. Então, uni homem de cabelo grisalho com um maxilar enorme apareceu por cima do ombro dela.

- Deixe que entrem - disse ele em tom áspero.

Cerca de um minuto depois, Thomas e os três amigos sentavam-se ao redor de uma mesa de cozinha com pés bambos, a atenção voltada para o homem a certa distância deles chamado Hans.

- É bom ver que está bem, Brenda - disse ele. - E você também, Jorge. Mas não estou com ânimo para adivinhações. Por que não me dizem logo o que querem?

-Acho que sabe a principal razão de estarmos aqui - replicou Brenda, indicando em seguida Thomas e Minho. - Mas também acabamos de obter a informação de que o CRUEL colocou um preço para a sua cabeça. Precisamos nos apressar e fazer o que tem de ser feito, e depois você tem de dar o fora daqui.

Hans pareceu desprezar essa última parte, observando os dois prováveis clientes.

- Ainda estão com os implantes?

Thomas assentiu, nervoso, mas determinado a acabar logo com aquilo.

- Tudo que desejo é tirar esse dispositivo de controle, mas não quero minhas lembranças de volta. E preciso saber, primeiro, como funciona essa operação.

Hans franziu o rosto, a indignação transbordando do semblante.

- Que tipo de palhaçada é esta? Quem é esse covarde que trouxe até mim, Brenda?

- Não sou covarde - retrucou Thomas, antes que ela pudesse responder. - Só não quero recordar o passado, porque tinha gente demais na cabeça.

Hans ergueu as mãos e depois deu um soco na mesa.

- E quem lhe disse que vou fazer qualquer coisa que seja na sua cabeça? Quem falou que gostei de você o suficiente para isso?

- Tem alguém legal em algum lugar desta cidade? - sussurrou Minho.

-Vocês têm três segundos para sumir do meu apartamento.

- Ei, calem a boca por um instante! - gritou Brenda. Inclinou-se para Hans e falou em voz baixa: - Escute, isto é importante. Thomas é impor tante, e o CRUEL fará qualquer coisa para pôr as mãos nele. Não podemos correr o risco de que se aproximem o suficiente para tentar controlá-lo. E para controlar Minho.

Hans olhou para Thomas e o avaliou como um cientista que examina um espécime.

- Ele não me parece tão importante. - Balançou a cabeça e se levantou. - Deem-me cinco minutos para me preparar - falou, e então desapareceu por uma porta lateral, sem mais explicações.Thomas ponderou se o homem realmente o reconhecia. Se sabia o que havia feito para o CRUEL antes de entrar no Labirinto.

Brenda tornou a sentar na cadeira e soltou um suspiro.

- Não foi tão ruim assim.

É, pensou Thomas, a pior parte ainda está por vir. A princípio, sentira-se aliviado por Hans ter aceitado ajudá-los, mas, ao correr o olhar pelo local, ficou ainda mais nervoso. Estava prestes a deixar uni estranho mexer em seu cérebro em um apartamento velho e sujo.

Minho comentou, abafando o riso:

-Você parece apavorado, Tommy.

- Não se esqueça, muchacho - disse Jorge -, de que você vai fazer o mesmo. O vovô de cabelo grisalho disse cinco minutos... portanto, prepare-se.

- Quanto antes, melhor - replicou Minho.

Thomas apoiou os cotovelos sobre a mesa e encostou a cabeça - que havia começado a latejar - nas mãos. Olhou um instante para cima.

- Preciso...

As palavras ficaram presas na garganta quando uma dor aguda lhe desceu pela espinha. Mas, tão rápido quanto tinha vindo, ela se foi. Empertigou-se na cadeira, assustado; depois um espasmo o obrigou a esticar braços e pernas, fazendo-o retorcer o corpo, até que deslizou da cadeira e caiu ao chão, convulsionando. Gritou com o impacto das costas contra o piso frio e lutou para conseguir controlar os movimentos agitados dos membros, mas não obteve sucesso. Os pés batiam, descontrolados, no chão, às vezes chutando, com vontade própria, as pernas da mesa.

- Thomas! - gritou Brenda. - O que está acontecendo com você?

Apesar de ter perdido o controle do corpo,Thonias continuava completamente lúcido. Podia ver, pelo canto dos olhos, Minho próximo dele, tentando acalmá-lo, e Jorge petrificado em seu lugar, os olhos arregalados.

Thomas fez menção de falar, mas apenas unia baba grossa escorria de sua boca.

- Pode me ouvir? - berrou Brenda, inclinando-se sobre ele. - Thomas, o que é que você tem?

Então, de súbito, os membros relaxaram, as pernas se esticaram, buscando uma posição de repouso, e os braços penderam, inertes, ao lado do corpo. Não conseguia fazê-los se mover. Sentiu-se exausto com o esforço, mas nada aconteceu. Tentou falar, mas nenhuma palavra foi articulada.

A expressão de Brenda agora beirava o horror.

- Thomas?

Não compreendeu como, mas seu corpo passou a se mover, embora não houvesse lhe dado nenhum comando para fazê-lo. Braços e pernas mudaram de posição;

estava se levantando. Era como se tivesse se transformado em um fantoche. Tentou gritar, mas não conseguiu.

-Você está bem? - perguntou Minho.

O pânico tomou conta de Thomas enquanto continuava a se mover contra a própria vontade. A cabeça girou, virando em direção à porta pela qual o anfitrião havia desaparecido. Palavras passaram a ser praticamente cuspidas boca afora, embora não fizesse ideia de onde tinham vindo.

- Não posso... deixá-los... fazer isso.

27

Thomas lutava desesperadamente, esforçando-se para controlar os músculos. Mas algo estranho havia se apoderado de seu corpo.

-Thomas, pegaram você ! - gritou Brenda. - Resista!

O garoto a observava, a expressão traindo desespero, enquanto a própria mão empurrava o corpo dela, fazendo-a cair ao chão.

Jorge se moveu para protegê-la, mas Thomas esticou o braço e o atingiu no queixo com uni golpe rápido. A cabeça de Jorge pendeu para trás; uni pequeno fio de sangue escorria agora de seu lábio.

Mais unia vez, palavras forçadas foram cuspidas da boca de Thomas:

- Não posso... deixá-los... fazer isso! - gritou, o esforço para articular as palavras ferindo-lhe a garganta. Era como se o cérebro houvesse sido programado com aquela única sentença, e não pudesse dizer outra coisa.

Brenda conseguiu se levantar. Minho estava de pé, boquiaberto, o rosto unia máscara de confusão. Jorge limpava o sangue do queixo, os olhos cintilando de raiva.

Unia recordação veio à tona na mente de Thomas - algo a respeito de um sistema à prova de falhas programado no implante para evitar que fosse removido. Desejava pedir aos amigos que o sedassem, mas não conseguia. Começou a se mover em direção à porta, os passos vacilantes, afastando Minho do cantinho. Quando passou, meio trôpego, pela cozinha, a mão se estendeu e agarrou unia faca que estava sobre a pia. A mão se acomodou eni volta do cabo, e, quanto mais se esforçava

para deixá-la cair, mais os dedos o apertavam com firmeza.

- Thomas! - gritou Minho, enfim saindo de seu estupor. - Lute, cara! Tire esses pensamentos de mértila da cabeça!

Thomas se virou para encará-lo e levantou a faca. Odiava-se por ser tão fraco, por não ser capaz de dominar nem mesmo o próprio corpo. De novo tentou articular as palavras, mas nada saiu. Tudo o que o corpo fazia agora era em prol de evitar que o implante fosse removido.

-Vai me matar, seu idiota? - perguntou Minho. -Vai atirar essa coisa em mim, como Gally fez com Chuck? Pois então atire. Atire a faca!

Por um segundo, Thomas ficou aterrorizado, pensando que as mãos fossem executar exatamente esse movimento. Mas, em vez disso, o corpo girou e lançou uni olhar na direção oposta. Quando o fez, Hans apareceu à porta, e os olhos se arregalaram. Hans devia ser o principal alvo - o mais provável era que o sistema à prova de falhas atacasse quem quer que fosse tentar remover o implante.

- Que porcaria é esta? - perguntou Hans.

- Não posso... deixá-los... fazer isso - respondeu Thomas.

- Estava mesmo preocupado que acontecesse algo assim - murmurou Hans.Virou-se para o grupo: -Venham até aqui e me ajudem!

Thomas imaginou o funcionamento interno do mecanismo em seu cérebro como instrumentos minúsculos operados por diminutas aranhas. Lutava contra elas agora, cerrando os dentes. Mas, apesar disso, o braço fez menção de subir, o cabo da faca agarrado com firmeza entre as mãos.

- Não... - Mas, antes que terminasse, alguém o golpeou por trás, fazendo a faca voar de sua mão. Caiu

ao chão e, mesmo em meio à dor, avistou Minho.

- Não vou deixar que mate ninguém - falou o amigo.

- Largue-me! - gritou Thomas, sem ter certeza se aquelas palavras eram suas ou do CRUEL.

Mas Minho havia prendido os braços de Thomas no chão. Estava sobre ele, comprimindo-o com tanta força com o peso do próprio corpo que o outro mal conseguia respirar.

- Não vou sair daqui até que deixem sua mente em paz.

Thomas teve vontade de rir, mas o rosto não conseguia obedecer nem mesmo a um comando simples. Sentia a tensão invadir cada um dos músculos do corpo.

- Não vão parar. Hans precisa retirar o implante bem rápido - disse Brenda. - Hans?

O homem se ajoelhou perto de Thomas e Minho.

- Não consigo acreditar que já trabalhei para essas pessoas. Pra vocês. - Quase cuspiu as palavras, os olhos cravados em Thomas.

O garoto, no entanto, observava tudo cone impotência. As entranhas se retorciam com o desejo de relaxar os músculos, de ajudar Hans a fazer o que precisava ser feito. Então algo foi acionado dentro dele, fazendo metade do corpo se arquear para cima, debatendo-se para se libertar dos braços que o seguravam. Minho o pressionava para baixo, tentando ajeitar as próprias pernas de modo a sentar-se sobre as costas de Thomas. Mas o que quer que controlasse Thomas parecia liberar adrenalina dentro dele; sua força superava a de Minho, e atirou longe o garoto.

Em um instante,Thomas estava de pé. Pegou a faca do chão e partiu para cima de Hans, atacando-o com a lâmina. O homem se protegeu com o antebraço, um corte vermelho aparecendo ali de imediato. Os dois colidiram e rolaram pelo chão, lutando um contra o outro. Thomas se esforçava ao máximo para se conter, mas a

faca continuava investindo contra Hans, que se esquivava a cada tentativa.

- Agarrem-no! - ouviu-se a voz de Brenda.

Thomas viu mãos surgirem, agarrando-lhe os braços.Alguém o puxou pelo cabelo, fazendo sua cabeça tombar para trás. O garoto soltou um grito de pura agonia, depois brandiu a faca às cegas. O alívio tomou conta dele... Jorge e Minho ganhavam o controle da situação, obrigando-o a se afastar de Hans. Thomas caiu de costas, e a faca se soltou da mão. Ouviu o ruído do metal contra o chão, e alguém chutando-a para a outra extremidade da cozinha.

- Não posso deixá-los fazer isso! - gritou Thomas. Odiava-se, mesmo sabendo que era impossível se controlar.

- Cale a boca! - gritou Minho em resposta, agora cara a cara com ele, enquanto, com a ajuda de Jorge, lutava contra as tentativas de Thomas de se desvencilhar. -Você está louco, cara! Estão deixando você louco!

Thomas queria desesperadamente dizer a Minho que concordava com ele; que não acreditava realmente nas palavras que dizia.

Minho se virou e gritou para Hans:

-Tire já essa coisa da cabeça dele!

- Não! - gritou Thomas. - Não! - Contorceu-se e se debateu, resistindo com uma força feroz. Mas os quatro provaram ser mais fortes. De algum modo,Thomas se viu, depois de se debater tanto, com cada um dos membros agarrado por uma pessoa. Ergueram-no do chão, carregaram-no da cozinha por um corredor curto, e, durante todo o caminho, ele deu chutes e se contorceu, derrubando vários quadros das paredes. O som de estilhaços de vidro os acompanhava.

Thomas gritou unia vez, outra, inúmeras vezes. Não resistia mais àquela força interna que o comandava. O

corpo lutava contra Minho e os demais; disse tudo que o CRUEL o mandava dizer. Entregou-se por completo.

-Aqui! - gritou Hans.

Adentraram um pequeno e limitado laboratório, com duas mesas repletas de instrumentos e unia maca. Uma versão grotesca da máscara que haviam visto no prédio do CRUEL pendia sobre o colchão vazio.

- Coloquem-no na maca! - gritou Hans. Depositaram-no sobre ela, enquanto o garoto continuava a se debater e resistir. - Ei, alguém agarre esta perna em meu lugar. Preciso preparar um negócio pra nocautear esse cara.

Minho, que segurava unia das pernas, agora retinha ambas, o próprio corpo fazendo pressão contra a cama para imobilizá-las.Thomas se lembrou de imediato de quando ele e Newt haviam feito o mesmo com Alby, quando despertara da Transformação na Sede da Clareira.

Ouviu-se o ruído dos passos de Hans e o som de unia gaveta se abrindo e mãos remexendo lá dentro em busca de algo. Não demorou para que voltasse a se aproximar da cama.

- Segurem-no com o máximo de firmeza!

Thomas reuniu suas últimas forças, tentando se libertar e gritando a plenos pulmões. Um dos braços se desvencilhou das mãos de Brenda e atingiu Jorge no rosto com o punho cerrado.

- Pare com isso! - gritou Brenda, esticando-se para agarrar o braço dele.

Thomas arqueou o tronco mais uma vez.

- Não posso... deixá-los... fazer isso! -Jamais na vida sentira-se tão impotente quanto naquele momento.

- Segurem firme, droga! - gritou Hans.

Por fim, Brenda conseguiu agarrar o braço de Thomas novamente e se inclinou sobre ele, fazendo pressão para imobilizá-lo com o próprio corpo.

Thomas sentiu uma picada aguda na perna. Era estranho lutar com tamanha violência contra algo e, ao mesmo tempo, desejar com tanta força que aquilo acontecesse.

Quando a escuridão tomou conta dele e o corpo relaxou, obteve de novo o controle sobre si mesmo. No último instante antes de cair inconsciente, falou:

- Odeio esses mértilas.

Então, tudo se apagou.

28

Em meio à névoa causada pelas drogas,Thomas sonhou.

Tem quinze anos agora, e está sentado em uma cama. O quarto está escuro, exceto pelo brilho amarelado de uma lâmpada sobre a escrivaninha. Teresa está ali; havia puxado unia cadeira e sentado perto dele. Ela tem unia expressão de assombro no rosto, o próprio retrato da infelicidade.

- Tivemos de fazer isso - diz baixinho.

Thomas está ali, mas ao mesmo tempo não está. Não se lembra dos detalhes do que aconteceu, mas sabe que se sente podre e sujo. Ele e Teresa haviam feito algo horrível, mas o Thomas que está sonhando não consegue recordar o que é. Uma coisa apavorante, não menos repulsiva pelo fato de quem lhes tinha ordenado para fazê-lo serem pessoas que também o faziam.

- Tivemos de fazer isso - repete.

- Eu sei - responde Thomas, com uma voz que parece vir de dentro de um túmulo.

Unia palavra lhe vem à cabeça: Purgação.A parede que bloqueia a memória abre uma fenda por uni instante, e um vislumbre de um fato terrível assoma.

Teresa prossegue:

- Queriam dar uni fim nisso,Tom. É melhor morrer do que passar anos enlouquecendo uni pouco a cada dia. Agora estão todos mortos. Não tivemos escolha, e não havia maneira melhor de fazer isso acontecer. Está feito e pronto. Precisamos treinar gente nova e continuar com os Experimentos. Já chegamos longe demais para deixar tudo dar em nada.

Por uni momento, Thomas a odeia, mas é passageiro. Ele sabe que Teresa só está tentando ser forte.

- Não significa que eu tenha de gostar disso.

Thomas não gosta. Nunca odiou a si mesmo com tanta intensidade quanto agora.

Teresa concorda com a cabeça, mas não diz nada.

O Thomas que está sonhando tenta invadir a mente do Thomas mais jovem, explorar as lembranças daquele espaço tão misterioso. Os Criadores, infectados pelo Fulgor, purgados e mortos. Inúmeros voluntários para assumir o lugar deles. Os dois Experimentos do Labirinto continuam, mais intensos a cada ano que passa, com mais resultados a cada dia. O plano em construção é lento, mas seguro. Deve haver um treinamento para a substituição.

Tudo ali, disponível. Para lembrar. Mas, de repente, muda de ideia e dá as costas para tudo aquilo. O passado é o passado. Agora só há o futuro.

E mergulha na penumbra do esquecimento.

Thomas acordou zonzo e com uma incômoda dor atrás dos olhos. O sonho ainda palpitava no cérebro, pulsante, embora os detalhes houvessem se tornado confusos. Sabia o suficiente sobre a Purgação; sobre ser a mudança dos Criadores originais para os substitutos. Ele e Teresa haviam sido obrigados a exterminar toda a equipe após um surto... Não houvera escolha; eram os únicos Imunes que tinham restado. Jurara jamais pensar naquilo de novo.

Minho estava sentado em uma cadeira próxima, a cabeça pendendo, enquanto ressonava em um sono profundo.

- Minho - sussurrou Thomas. - Ei, Minho. Acorde.

- Há? - Minho abriu os olhos devagar e pigarreou. - O quê? O que está acontecendo?

- Nada. Só quero saber como foram as coisas. Hans conseguiu tirar aquele negócio do meu cérebro?

Minho fez que sina com a cabeça em meio a uni grande bocejo.

- Sim... Ele tirou o implante de nós dois. Pelo menos, foi o que disse. Cara, você ficou agitado demais. Lembra de tudo aquilo?

- Claro que lembro. - Uma onda de constrangimento fez seu rosto corar. - Mas era como se estivesse paralisado ou algo assim. Por mais que tentasse, não conseguia deter o que estava misteriosamente me controlando.

- Cara, você tentou cortar fora o meu você-sabe-o-quê!

Thomas riu, algo que não fazia havia um longo tempo. Gostou de ouvir o som do próprio riso.

- Que pena não havia conseguido. Teria livrado o mundo de futuros pequenos Minhos.

- Espero que não se esqueça de que me deve uma.

- Pode deixar. - Na verdade, devia a todos eles.

Brenda, Jorge e Hans entraram, os três com uni ar sério, e o sorriso se apagou lentamente do rosto de Thomas.

- Gally veio até aqui e teve outro papo estimulante com vocês? - perguntou Thomas. - Parecem arrasados.

- Quando é que ficou tão alegre, muchacho? - perguntou Jorge. - Poucas horas atrás, ameaçava a gente com uma faca.

Thomas fez menção de abrir a boca para se desculpar, mas Hans fez um gesto para que se calasse. Inclinou-se sobre a cama e acendeu uma pequena lanterna, direcionando-a aos olhos dele.

- A cabeça está cicatrizando muito bem. A dor deve passar logo. O procedimento foi um pouco pior por causa daquele sistema à prova de falhas.

Thomas se voltou para Brenda:

- Está tudo certo?

- Funcionou - ela respondeu. - A julgar pelo fato de não estar mais tentando nos matar, deu tudo certo. E...

- O quê?

- Bem, provavelmente você não será mais capaz de se comunicar telepaticamente com Teresa ou Aris.

Thomas até poderia ter sentido uma pontada de tristeza diante dessa notícia na véspera, mas agora só conseguia sentir alívio.

- Por mim, tudo bem. Já houve algum sinal de problema por aqui?

Ela abanou a cabeça.

- Não, mas Hans e a esposa não querem se arriscar.Vão partir daqui a pouco. Antes, porém, Hans quer lhe dizer uma coisa.

Ele havia recuado um pouco, encostando-se à parede, para lhes dar um pouco de privacidade. Agora se adiantava, cabisbaixo.

- Gostaria de poder seguir com vocês e ajudá-los, mas tenho unia esposa. Ela é minha família, minha primeira preocupação. Quero lhes desejar sorte. Espero que consigam fazer o que não tive coragem suficiente para tentar.

Thomas assentiu com a cabeça. A mudança na atitude do homem era marcante... Talvez o recente incidente comThomas o tivesse feito recordar do que o CRUEL era capaz de fazer.

- Obrigado. E, se conseguirmos deter o CRUEL, viremos buscá-lo.

-Veremos - murmurou. - O futuro nos guarda muitas surpresas ainda.

Hans se virou e voltou à posição anterior, encostado à parede.Thomas imaginou a quantidade de lembranças obscuras que aquele homem carregava...

- E agora? - perguntou Brenda.

Não havia tempo a perder. E a mente de Thomas já funcionava com rapidez, pensando nos próximos passos.

-Vamos encontrar o grupo que está com Teresa. Temos de convencê-los a se juntarem a nós. Depois voltaremos ao apartamento de Gally.A única coisa que fiz na vida até agora foi ajudar a montar um Experimento que fracassou e fez um monte de garotos sofrer. Está na hora de acrescentar outras coisas a essa lista. Deteremos a operação toda, antes que possam repetir esses Experimentos infernais com os novos Imunes.

Jorge se manifestou pela primeira vez após um longo silêncio:

- Nós? O que está dizendo, hermano?

Thomas o encarou, a determinação interior ganhando ainda mais consistência.

-Temos de ajudar o Braço Direito.

Por alguns instantes, ninguém falou nada.

- Está bem - enfim Minho se manifestou. - Mas primeiro precisamos comer alguma coisa.

29

Dirigiram-se a unia cafeteria próxima, recomendada por Hans e pela esposa. 0 balcão estava bem cheio.

Thomas nunca estivera em um lugar daquele tipo. Pelo menos, não que se lembrasse. Os clientes alinhavam-se diante do balcão, pegando café e bolinhos, e depois se dirigiam a uma mesa ou saíam para comer na rua. Observou como unia mulher idosa levantava e descia, com gestos nervosos, a máscara cirúrgica para tomar sua bebida quente. Uni daqueles guardas de camisa vermelha estava de pé ao lado da porta, testando aleatoriamente, de vez em quando, pessoas contra o Fulgor com seu dispositivo manual; a máscara de metal protetora cobria-lhe a boca e o nariz.

Thomas sentou-se com Minho e Brenda a uma mesa nos fundos, enquanto Jorge pegava comida e bebidas. Os olhos de Thomas não conseguiam desviar de uni homem, de uns trinta e cinco ou quarenta anos, sentado em uni banco próximo em frente a uma grande janela que dava para a rua. Ele mal havia tocado no café desde que Thomas e os amigos tinham chegado ali, e a fumaça não subia mais da xícara. O homem acabara de se curvar para a frente e colocar os cotovelos nos joelhos, as mãos frouxamente entrelaçadas, olhando para um ponto distante no outro lado da cafeteria.

Havia algo perturbador na expressão de seu rosto.Vazia. Os olhos quase flutuavam nas órbitas, e, no entanto, havia neles uni indício de prazer. Quando Thomas o apontou para Brenda, ela lhe sussurrou que o cara provavelmente era usuário da Bênção e seria preso

se fosse pego - informação que causou certo nervosismo a Thomas. Esperava que o homem fosse embora logo.

Jorge retornou com sanduíches e xícaras de café fumegantes, e os quatro comeram e beberam em silêncio. O grupo todo compreendia a urgência da situação, mas Thomas se sentiu agradecido por poder descansar e recuperar parte das forças.

Terminaram de comer e já se preparavam para sair, mas Brenda permanecia na cadeira.

- Importam-se de esperar lá fora por alguns minutos? - perguntou. A expressão deixava claro que se referia a Jorge e Minho.

- Como assim? - perguntou Minho em tom exasperado. - Mais segredos?

- Não. Não é nada disso. Juro. Só preciso de um momento. Quero contar uma coisa a Thomas.

Thomas estava surpreso, mas também curioso. Tornou a sentar.

-Vá - pediu ele, dirigindo-se a Minho. -Você sabe que não vou esconder nada de você. Ela também sabe disso.

O amigo resmungou, mas seguiu Jorge, e os dois ficaram de pé na calçada, perto da janela mais próxima. Minho lançou um sorriso irônico para Thomas e acenou, o sarcasmo deixando evidente que não estava exatamente feliz com a situação. Thomas lhe devolveu o aceno, concentrando-se depois em Brenda.

- E então? O que quer me contar? - perguntou ele.

- Sei que precisamos nos apressar, por isso serei bem rápida. Não tivemos tempo para ficar sozinhos, e só quero ter certeza de que sabe que o que aconteceu no Deserto não foi uma representação. Estava ali a trabalho, para ajudar na conclusão das coisas, mas me aproximei de você de verdade, e esse contato me modificou. Há algumas coisas que merece saber. Sobre mim, sobre a chanceler Paige e...

Thomas ergueu a mão para interrompê-la:

- Por favor, pare.

Ela recuou, um ar de surpresa estampado no rosto.

- O quê? Por quê?

- Não quero saber de mais nada. Nada mesmo. Tudo o que me importa é o que faremos daqui em diante, não as coisas do meu passado, do seu passado ou do CRUEL. Não fale nada. E vamos nos apressar.

- Mas...

- Não, Brenda. Por favor. Estamos aqui, temos um objetivo, e isso é tudo em que precisamos nos concentrar. Chega de conversa.

Ela sustentou o olhar dele sem dizer nada, depois fitou as próprias mãos apoiadas na mesa.

- Bem, então só vou dizer que sei que está fazendo a coisa certa. E vou continuar ajudando da melhor maneira que puder.

Thomas esperava não ter ferido os sentimentos de Brenda, mas acreditava mesmo no que tinha dito. Era hora de deixar as coisas fluírem, mesmo que a garota estivesse evidentemente ansiosa por lhe contar algo. Enquanto refletia a respeito, os olhos vagaram pelo lugar e depararam mais uma vez com o estranho homem no balcão. Ele puxou do bolso algo que Thomas não conseguiu ver e que agora pressionava contra a parte interna do cotovelo direito. Fechou os olhos e piscou bem devagar, parecendo um pouco confuso ao abri-los de novo.A cabeça lentamente pendeu para trás, até se apoiar na janela.

O guarda de camisa vermelha que testava as pessoas contra o Fulgor entrou no café, e Thomas se inclinou para obter melhor visão da cena. O Camisa Vermelha dirigiu-se ao banco onde o homem drogado repousava em sua tranquilidade inabalável. Uma mulher baixinha se aproximou do guarda e lhe sussurrou algo no ouvido, parecendo bastante inquieta.

- Thomas? - Brenda chamou.

Ele levou o indicador aos lábios, depois acenou com a cabeça na direção do confronto prestes a acontecer. Ela se virou na cadeira para observar do que se tratava.

O Camisa Vermelha chutou o pé do homem que estava no banco, que se encolheu e olhou para cima. Os homens passaram a discutir, mas Thomas não conseguiu ouvir o que diziam em meio ao burburinho da café teria lotada. O homem, que poucos segundos atrás parecia completamente relaxado, agora exibia uma expressão apavorada.

Brenda se voltou para Thomas:

- Precisamos sair daqui. Agora.

- Por quê? -A tensão era quase palpável no ar, e Thomas estava curioso para ver o desenrolar dos fatos.

Brenda já estava de pé.

-Apenas me escute e saia!

Virou-se e se dirigiu com rapidez para a saída, e Thomas resolveu segui-la. Mal havia levantado da cadeira quando o Camisa Vermelha puxou um revólver e o apontou para o homem que estava no banco, depois se inclinou para a frente, aproximando a arma do rosto dele. Mas o homem deu um golpe na arma e se precipitou para a frente, enfrentando o guarda. Thomas acompanhou a cena com o olhar, paralisado pela surpresa, enquanto o revólver era arremessado para longe, desaparecendo sob o balcão. Os dois homens colidiram com uma das mesas e caíram no chão.

O Camisa Vermelha começou a gritar, a voz quase robótica soando através da máscara de metal protetora, que lhe cobria a boca e o nariz.

- Pegamos um infectado! Atenção: evacuem o local!

O lugar virou um pandemônio, com gritos invadindo o ar, enquanto todos se dirigiam para a única saída.

30

Thomas desejou depois não ter hesitado. Deveria ter corrido quando tivera chance. Uma massa de corpos se apinhava à frente, bloqueando a porta. Brenda não teria conseguido voltar, mesmo que quisesse. Thomas não conseguira se mover e assistia em um silêncio estupefato os dois homens que lutavam no chão, trocando socos, agarrando-se, e tentando ver quem levava a melhor.

Embora fosse possível ser ferido pela multidão em fuga, não havia muito com que se preocupar: ele era Imune. O resto das pessoas na cafeteria, no entanto, enlouquecera ao saber que o vírus se encontrava tão próximo. O que era compreensível; provavelmente, mais de unia delas o havia contraído ali. Mas, enquanto pudesse ficar fora do caminho daquela agitação, tanto mais seguro para ele.

Alguém bateu à janela, e Thomas se virou, avistando Brenda, Minho e Jorge na calçada. Brenda fazia gestos frenéticos para que saísse, masThomas queria ver o desfecho da briga.

O Camisa Vermelha enfim imobilizara o homem no chão.

- Está acabado! Já estão a caminho! - gritou ele, de novo naquela voz metálica e sinistra.

O homem infectado parou de lutar, irrompendo em soluços. Só então Thomas percebeu que todos haviam ido embora e a cafeteria estava vazia, exceto pelos dois homens e por ele. Um silêncio mortal envolvia o lugar.

O Camisa Vermelha o encarou:

- Por que ainda está aqui, garoto? Por acaso quer morrer? - O guarda prosseguiu, sem que Thomas pudesse responder: - Se vai ficar por aí, faça algo útil. Encontre meu revólver. - E voltou a atenção para o homem que havia dominado.

Thomas se sentia como em um sonho. Já havia visto muita violência, mas aquilo era diferente de algum modo. Foi procurar o revólver sob o balcão.

- Eu... sou Imune - falou. Ajoelhou-se e estendeu o braço, esticando-se até os dedos tatearem o metal frio. Pegou o revólver e se dirigiu ao Camisa Vermelha.

O homem não agradeceu. Pegou o revólver e tornou a se abaixar, apontando a arma para o rosto do homem infectado.

- Isso é ruim, muito ruim. Está acontecendo com cada vez mais frequência. Dá para saber quando alguém está sob o efeito da Bênção.

- Então era mesmo a Bênção - murmurou Thomas.

-Você sabia? - perguntou o Camisa Vermelha.

- Bem, ele parecia estranho desde que cheguei aqui.

- E não disse nada? -A pele em torno da máscara do guarda ficou quase da cor de sua camisa. - O que há de errado com você?

Thomas se surpreendeu com o repentino acesso de raiva do Camisa Vermelha.

- Eu... sinto muito. Na verdade, não sabia o que estava acontecendo.

O homem infectado havia se encolhido no chão, como uma bola, e agora soluçava. O CamisaVermelha se afastou dele e encarou Thomas com frieza:

-Você não sabia? Que tipo de... De onde você é?

Thomas desejou realmente ter dado o fora dali antes.

- Eu... meu nome é Thomas. Só... - Procurava algo para dizer, alguma explicação que pudesse dar. - Não sou daqui. Sinto muito.

O Camisa Vermelha apontou o revólver para ele.

- Sente-se. Sente-se aqui. - E indicou uma cadeira próxima.

- Espere! Juro que sou Imune! - O coração de Thomas batia forte no peito. - Por isso eu...

- Sente esse traseiro aqui! Já!

Os joelhos de Thomas cederam, e ele caiu sentado na cadeira. Olhou para a porta, e o coração se acalmou um pouco ao ver Minho ali de pé, com Brenda e Jorge bem atrás dele. Mas Thomas não queria que os amigos se envolvessem - não desejava arriscar que fossem feridos. Balançou a cabeça em um gesto breve e rápido, para lhes pedir que ficassem fora daquilo.

O Camisa Vermelha ignorou as pessoas à porta, concentrando-se apenas em Thomas.

- Se tem certeza de que é um Privilegiado, não vai se importar de fazer o teste agora para provar o que me diz, não é?

- Não. -A ideia na verdade o encheu de alívio. Talvez o homem o deixasse ir ao constatar que falava a verdade. - Ótima ideia.Vá em frente.

O Camisa Vermelha colocou o revólver no coldre e se aproximou de Thomas. Tirou o dispositivo e se inclinou para aproximá-lo do rosto dele.

- Olhe para ele com os olhos bem abertos - instruiu o homem. - Só vai levar alguns segundos.

Thomas fez o que o guarda pediu, desejando dar um fim àquela história o mais rápido possível.Viu o mesmo flash colorido do teste anterior, sentiu o mesmo sopro de ar e a picada no pescoço.

O Camisa Vermelha pegou o dispositivo e olhou para uma pequena tela de leitura.

- Bem, pode ir falando o que sabe. Afinal, é um maldito Privilegiado. Quer me explicar como veio para Denver e como não sabia o que fazer ao suspeitar que alguém está fazendo uso da Bênção?

-Trabalho para o CRUEL. -As palavras saíram antes que tivesse tempo de raciocinar. Só queria dar o fora dali.

- Acredito tanto nessa porcaria que me falou quanto acredito que o problema de droga desse cara não tem nada a ver com o Fulgor. Mantenha seu traseiro grudado aí, ou começo a atirar.

Thomas engoliu em seco. Não estava apavorado, e sim furioso consigo mesmo por ter se envolvido naquela situação ridícula.

- Está bem - concordou.

Mas o Camisa Vermelha já havia se virado. O reforço tinha chegado - quatro pessoas cobertas dos pés à cabeça com macacões verdes, apenas o rosto à vista. Os olhos estavam protegidos por grandes óculos, e, sob eles, havia uma máscara como a utilizada pelo Camisa Vermelha. Imagens vieram à mente de Thomas, mas a que mais o surpreendeu foi a da época em que fora levado do Deserto, após a complicação do ferimento a bala.Todos no Berg usavam o mesmo tipo de traje que essas quatro pessoas.

- Que diabos...? - começou uni deles, a voz robótica. - Pegou dois?

- Na verdade, não - respondeu o Camisa Vermelha. - Arranjei uni Privilegiado também. Estava por aqui assistindo ao show.

- Uni Privilegiado? - O outro homem não parecia acreditar muito no que tinha ouvido.

- Um Privilegiado. Ele ficou quietinho onde estava, enquanto todos sumiam daqui praticamente dando na cara um do outro. E, para piorar, desconfiou que nosso Crank aqui estivesse sob efeito da Bênção, mas não disse nada. Continuou tomando seu café como se tudo corresse às mil maravilhas no mundo.

Todos os olhares se voltaram para Thomas, que estava sem fala. Ele deu de ombros.

O Camisa Vermelha recuou quando os quatro funcionários cercaram o homem infectado, ainda aos soluços, encolhido no chão. Uni dos recém-chegados tinha uni objeto de plástico azul nas mãos. Em unia das extremidades havia uni bocal esquisito, e o sujeito o apontava para o homem como se fosse unia arma. O propósito daquele objeto parecia ser bens sinistro, e Thomas revirou a mente, agora desprovida de memória, para descobrir o que aquilo poderia ser, mas não achou nada nela.

- Precisamos que o senhor estique as pernas - disse um deles. - Mantenha o corpo relaxado; não se mova.

- Eu não sabia! - choramingou o homem. - Como poderia saber?

- Claro que sabia! - o Camisa Vermelha berrou a seu lado. - Ninguém usa a Bênção apenas por prazer.

- Gosto da sensação! -A tristeza na voz do homem fez Thomas lamentar profundamente sua sorte.

- Existem várias drogas mais baratas que essa. Pare de mentir e cale a boca. - O Camisa Vermelha fez um movimento com a mão, como se espantasse unia mosca. - Quem se importa? Imobilizem logo o babaca.

Thomas percebeu que o homem infectado se encolhia ainda mais, agarrando as pernas junto ao peito com os dois braços.

- Não é justo. Eu não sabia! Expulsem-me da cidade. Juro que nunca mais voltarei. Juro! - E a série agonizante de soluços recomeçou.

-Ah, sin1, vão expulsá-lo, sim... - disse o Camisa Vermelha, o olhar desviando para Thomas por alguma razão desconhecida. Parecia sorrir por trás da máscara; os olhos cintilavam de puro prazer. - Continue observando, Privilegiado. Vai gostar disso.

Thomas sentiu uma onda de ódio pelo Camisa Vermelha invadi-lo por completo. Desviou o olhar e voltou a atenção aos quatro personagens uniformizados,

que agora se aproximavam mais do pobre sujeito prostrado no chão.

- Estique as pernas! - repetiu um deles. - Ou vai doer muito mais. Estique! Já!

- Não posso! Por favor, deixem-me ir embora!

O Camisa Vermelha caminhou a passos decididos até o homem, afastando uni dos funcionários do caminho, depois se inclinou e lhe encostou o cano do revólver na cabeça.

- Estique as pernas, ou vou colocar unia bala em seu cérebro e tornar tudo mais fácil para todos nós. Agora, estique já as pernas!

Thomas não se conformava com a total falta de compaixão do guarda.

Choramingando, os olhos tomados pelo terror, o homem infectado lentamente relaxou as pernas e as esticou, todo o corpo tremendo enquan to aguardava no chão. O Camisa Vermelha saiu do caminho, deslizando o revólver para dentro do coldre.

A pessoa com o estranho objeto azul se moveu com rapidez, postando-se atrás da cabeça do homem. Em seguida, encostou o bocal no topo da cabeça dele, pressionando-o contra o crânio.

- Tente não se mexer. - Soou uma voz que quase se podia afirmar ser feminina, embora soasse um pouco mais áspera que a dos homens. - Ou algo pode ser destruído.

Thomas mal teve tempo de pensar no que aquele comentário significava. Ela pressionou um botão, e uma espécie de gel saiu do bocal. Era azul e viscoso, mas se movia com rapidez, espalhando-se pela cabeça do homem, depois por orelhas e rosto. Ele gritou, mas o som foi interrompido assim que o gel lhe cobriu a boca, descendo para o pescoço e os ombros. A substância ia endurecendo ao se mover, congelando-se em um revestimento, embora fosse possível enxergar através

dela. Em questão de segundos, metade do corpo do homem infectado estava rígida, envolvida em uma espessa camada daquela coisa, que se introduzia em todas as fendas da pele e dobras de roupa.

Thomas percebeu que o Camisa Vermelha o encarava, e enfrentou o olhar do guarda.

- O que foi? - perguntou o garoto.

- Grande show, não? - respondeu o Camisa Vermelha. - Aproveite enquanto durar. Assim que acabar, você vai comigo.

31

0 coração de Thomas se oprimiu. Havia algo de sádico nos olhos do Camisa Vermelha. Desviou o olhar, concentrando-se de novo no homem infectado justamente quando o gel azul lhe atingia os pés, solidificando-se ao redor deles. O sujeito agora estava completamente imóvel, envolvido naquele rígido revestimento. A mulher se levantou, e Thomas percebeu que o objeto azul que tinha nas mãos era agora nada além de uni saco vazio. Ela o dobrou e o enfiou em uni bolso do macacão verde.

-Vamos tirá-lo daqui - disse ela.

Quando os quatro funcionários se abaixaram e levantaram o homem infectado, os olhos de Thomas se voltaram para o Camisa Vermelha, que observava os demais carregar seu cativo. Que diabos o guarda queria dizer com "você vai comigo"? Ir para onde? Para quê? Se o homem não tivesse um revólver, Thomas teria corrido.

Quando os outros se encaminharam para a porta, Minho apareceu de novo. Estava prestes a entrar, quando o Camisa Vermelha sacou a arma.

- Pare já aí! - gritou o homem. - Saia!

- Mas estamos com ele. - Minho apontou para Thomas. - E precisamos ir embora.

- Este aqui não vai a lugar nenhum. - Fez uma pausa, como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer. Olhou para Thomas, depois para Minho. - Espere uni segundo.Vocês também são Privilegiados?

O pânico tomou conta de Thomas, mas Minho foi mais rápido. Não hesitou em sair dali correndo.

- Pare! - gritou o Camisa Vermelha, seguindo para a entrada.

Thomas olhou pela j anela.Viu Minho, Brenda e Jorge no exato momento em que atravessavam a rua e desapareciam na esquina adiante. O Camisa Vermelha parou do lado de fora da cafeteria; desistiu dos outros e tornou a entrar, o revólver apontado para Thomas.

- Devia atirar em seu pescoço e ver você sangrar até morrer, só por causa do que o seu amiguinho acabou de fazer. É melhor agradecer ao Deus lá de cima pelo fato de os Privilegiados serem tão valiosos, ou acabaria com a sua raça só pra me sentir melhor. O dia está sendo uma bela porcaria.

Thomas não conseguia acreditar... Depois de tudo por que passara, havia entrado de novo em uma enrascada. Não se sentia amedrontado; apenas frustrado.

- Bem, não está sendo um bom dia pra mim também - murmurou ele.

-Você vai me render um bom dinheiro. É tudo que interessa por enquanto. E, só para que saiba, não gosto de você. Posso dizer isso só de olhar pra sua cara.

Thomas sorriu.

- Bem, o sentimento é recíproco.

-Você é um garoto metido a engraçadinho. Todo cheio de risos.Vamos ver como vai se sentir quando a noite tiver chegado. Veremos. - Fez um gesto em direção à porta com a arma. - E, acredite em mim, estou sem paciência nenhuma. Tente qualquer coisa, que lhe dou um tiro na nuca e digo à polícia que estava agindo como um infectado, fugindo de um guarda. A polícia tem tolerância zero nesses casos. Não vai sequer questionar. O máximo que fará será arquear as sobrancelhas.

Thomas se manteve quieto, refletindo sobre suas opções. Era uma grande ironia: ter escapado do CRUEL só para ser capturado por um funcionariozinho municipal.

- Não me faça repetir essas palavras - advertiu o Camisa Vermelha.

- Para onde vamos?

- Quando chegar a hora, você vai saber. E eu serei um cara rico. Agora, andando.

Thomas já havia levado dois tiros e sabia com que tipo de dor teria de lidar. Se não quisesse passar por isso de novo, a única opção era ir com o sujeito. Olhou para o guarda, depois se encaminhou para a porta. Ao alcançá-la, deteve-se.

- Para qual direção? - perguntou Thomas.

-VI para a esquerda. Vamos caminhar calmamente por cerca de três quarteirões, depois você vai virar à esquerda outra vez. Tenho um carro esperando por nós no local. Não é preciso adverti-lo de novo sobre o que vai acontecer se tentar alguma gracinha, não é?

-Você vai atirar na nuca de um garoto desarmado. Entendi; ficou claro como cristal.

-Ah, detesto essa raça de Privilegiados! Comece a andar. - Pressionou o cano do revólver contra as costas de Thomas, e ele passou a descer a rua.

Chegaram ao fim do terceiro quarteirão e viraram à esquerda sem trocar uma palavra sequer. O ar estava abafado, e o suor havia umedecido cada pedacinho do corpo de Thomas. Quando levantou a mão para limpar a testa, o CamisaVermelha o atingiu na cabeça com a coronha do revólver.

- Não faça isso - avisou o homem. - Posso ficar nervoso com sua movimentação e fazer um buraco nesse seu cérebro.

Custou até a última gota de força de vontade para que Thomas permanecesse em silêncio.

A rua estava abandonada, e havia lixo por todos os lugares.A parte inferior dos prédios estava totalmente recoberta de cartazes, alguns de advertência sobre o Fulgor e outros com imagens da chanceler Paige - todos

tingidos de spray. Quando chegaram a um cruzamento, tendo de parar devido aos carros que passavam, a atenção de Thomas foi atraída por um cartaz próximo e recém-colocado, supôs, pela ausência de pichações. Leu as palavras de advertência:

Anúncio do Serviço Público Detenha a Disseminação do Fulgor!!!

Ajude a deter a disseminação do Fulgor. Conheça os sintomas antes de infectar vizinhos e entes queridos.

O Fulgovirus (VC321xb47), doença infecciosa produzida pelo homem, extremamente contagiosa, que foi acidentalmente liberada durante o caos da catástrofe causada pela explosão do Sol. O Fulgor é uma doença mental progressiva e degenerativa, resultando em movimentos incontroláveis, perturbações emocionais e deterioração do cérebro. Vivemos atualmente uma pandemia.

Os cientistas conduzem experimentos clínicos agora em estágio final, mas por enquanto ainda não há um tratamento estabelecido para o Fulgor. O vírus é, portanto, fatal, e pode ser transmitido através do ar. Neste momento, os cidadãos devem se unir para evitar maior disseminação da pandemia. Aprendendo a reconhecer em si mesmo e nos outros sinais de Ameaças de Contágio Viral (ACV), você vai dar o primeiro passo na luta contra o Fulgor.*

* Indivíduos suspeitos devem ser imediatamente relatados às autoridades

O cartaz prosseguia, falando sobre o período de incubação, de cinco a setenta dias, e os sintomas. Coisas como irritabilidade e disfunções motoras eram sinais iniciais de advertência, seguidos por demência, paranoia e, depois, agressividade severa. Thomas havia testemunhado todos eles em primeira mão, tendo cruzado com Cranks em mais de uma ocasião.

O Camisa Vermelha deu um leve empurrão em Thomas, e continuaram a andar. Enquanto prosseguiam, Thomas não conseguia parar de pensar nas terríveis informações contidas no cartaz. A parte sobre o Fulgor ter sido produzida pelo homem não apenas o assombrava, mas cutucava algo lá no fundo da mente, uma lembrança que não compreendia com clareza. Embora o cartaz não dissesse abertamente, havia algo mais ali, e pela primeira vez em muito tempo desejou ter acesso ao passado, pelo menos por alguns instantes.

- É bem ali.

A voz do Camisa Vermelha o fez retornar ao presente. Um pequeno carro branco esperava no final do quarteirão, a apenas poucos metros de onde estavam. Thomas tentou pensar rápido em um jeito de escapar - se entrasse no veículo, as chances podiam ter chegado ao fim. Mas seria prudente se arriscar a levar um tiro?

-Você vai entrar calmamente no banco de trás - avisou o CamisaVermelha. -Tenho algumas algemas lá e vou observá-lo enquanto as coloca em si mesmo.Acha que consegue seguir essas instruções sem tentar nada estúpido?

Thomas não respondeu. Torcia para que Minho e os outros estivessem por perto, traçando uma estratégia de resgate. Precisava que alguém ou alguma coisa distraísse seu captor.

Chegaram ao carro, e o Camisa Vermelha puxou um cartão-chave e o pressionou contra a janela da frente do banco do passageiro. As fechaduras destravaram, e ele abriu a porta de trás, o tempo todo com o revólver apontado para Thomas.

- Entre. Com bastante calma.

Thomas hesitou, espreitando as ruas em busca de alguém, de alguma coisa. A área estava deserta, mas pelo canto do olho percebeu um movimento. Era uma espécie de planador, quase tão grande quanto um carro.

Virou-se para olhar, e o planador, a dois quarteirões de distância, manobrou e veio na direção deles. Um som semelhante ao de uma cigarra foi ficando mais alto à medida que o veículo se aproximava.

- Falei para entrar - repetiu o Camisa Vermelha. -As algemas estão no console, no meio do banco.

- Aquela coisa voadora está se aproximando - avisou Thomas.

- É? E daí? É só uma patrulha; eles supervisionam a equipe o tempo todo. As pessoas que a controlam estão do meu lado, não do seu. O que significa um destino cruel pra você, companheiro.

Thomas suspirou - aquilo bem que valia um tiro. Onde estariam Brenda, Jorge e Minho? Examinou a área uma última vez, depois entrou no carro. Quando voltou a olhar para o CamisaVermelha, o ar se encheu com o som de unia rajada de tiros. Logo o Camisa Vermelha tombava para trás, contorcendo-se. As balas haviam lhe dilacerado o peito, faíscas voando ao atingirem a máscara de metal. O guarda deixou cair o revólver, e a máscara saiu do rosto assim que se chocou contra a parede do prédio mais próxinmo. Thomas assistiu com absoluto horror quando o homem tombou, inerte.

O tiroteio parou. Thomas não conseguia se mexer, imaginando se seria o próximo a ser atingido. Ouviu o zumbido incessante do planador de patrulha ao pairar ao lado da porta aberta do carro e percebeu que havia sido o motivo do ataque. A máquina não era conduzida por mãos humanas e possuía uni pesado arsenal. Uma voz familiar soou do alto-falante no teto:

- Saia já do carro,Thomas.

Ele estremeceu. Reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

Era Janson. O Homem-Rato.

32

Thomas não podia ter ficado mais surpreso. De início hesitou, mas depois saiu rápido do carro. O planador de patrulha estava a apenas alguns metros de distância. Uni painel havia sido aberto na lateral, revelando unia tela da qual o rosto de Janson o encarava.

Thomas sentiu unia onda de alívio. Era o Homem-Rato, mas ele não estava dentro do planador. Era apenas unia imagem de vídeo. Thonias supôs que o Honrem-Rato também pudesse vê-lo.

- O que aconteceu? - perguntou, ainda estupefato. Tentou desviar o olhar do homem que agora jazia no chão. - Como me encontrou?

Janson exibia unia expressão quase satânica.

- Bem, custou-me uma quantidade considerável de esforço e sorte, pode acreditar. Ah... a propósito, de nada. Acabei de salvar você das mãos deste caçador de recompensas.

Thomas não pôde conter uma risada.

- São vocês que os pagam mesmo... O que você quer?

- Thomas, serei absolutamente franco. A única razão de não termos vindo para Denver atrás de você é porque o índice de contaminação aqui está astronômico. Este foi o meio mais seguro de contatá-lo. Insisto que volte e complete o Experimento.

Thomas sentiu vontade de berrar com aquele homem. Por que diabos ele achava que retornaria ao CRUEL? Mas então olhou para o Camisa Vermelha, o corpo a apenas alguns metros de distância, as imagens do ataque ainda bastante claras em sua mente. Tinha de conduzir com cuidado aquela situação.

- Que motivos teria para voltar?

O semblante de Janson era inexpressivo.

- Usamos nossos dados para selecionar um Candidato Final, e você foi o escolhido. Precisamos de você, Thomas. Tudo agora depende de você.

Nem que a vaca tussa, cuspa e morda eu voltaria, pensou Thomas. Mas dizer essas palavras não o livraria do Homem-Rato. Em vez disso, curvou a cabeça, fingindo considerar. Depois de alguns instantes, falou:

-Vou pensar.

-Tenho certeza de que vai. - O Homem-Rato fez uma pausa. - Há algo que me sinto obrigado a lhe contar. Principalmente porque imagino que essa informação vá influenciar sua decisão.Vai fazê-lo compreender que tem de fazer o que lhe peço agora.

Thomas havia se apoiado no capô do carro.Toda aquela situação o havia exaurido, fisica e emocionalmente.

- Oqueé?

O rosto do Homem-Rato se contorceu e ficou ainda mais parecido com o de um rato. Parecia ser extremamente prazeroso para ele dar aquela má notícia.

- É sobre seu amigo, Newt. Temo que esteja enfrentando muitos problemas.

- Que tipo de problemas? - perguntou Thomas, o estômago se contraindo.

- Sei que tem consciência de que ele está com o Fulgor e que já presenciou alguns dos efeitos do vírus.

Thomas fez que sim com a cabeça, de repente se lembrando do bilhete no bolso.

- Sim.

- Bem, ele parece estar sucumbindo a ela com rapidez. O fato de você já ter visto sintomas de raiva e perda de concentração se manifestando antes de ir embora significa que logo, logo ele vai seguir rumo à Insanidade.

Thomas sentiu um aperto no coração.Tinha aceitado o fato de que Newt não era Imune, mas achava que ainda demoraria semanas, ou mesmo meses, até que a demência realmente se instalasse. Mas o que Janson lhe dizia fazia sentido: o estresse acelerava o processo da doença, e o haviam deixado sozinho fora da cidade.

-Você poderia muito bem salvá-lo - Janson mencionou com calma.

- Está se divertindo com essa situação? - perguntou Thomas. - Porque às vezes tenho a impressão de que se diverte muito.

Janson balançou a cabeça.

-Apenas faço meu trabalho, Thomas. Desejo a cura mais que qualquer outra pessoa. Exceto você, talvez, antes de ter perdido a memória.

-Vá embora - disse Thomas.

- Espero que volte - respondeu Janson. -Tem a oportunidade de realizar um grande feito. Lamento muito pelas nossas diferenças. Mas,Thomas, você precisa se apressar. O tempo está correndo.

-Vou pensar - Thomas se obrigou a dizer novamente. Fingir uma relação de cordialidade com o Homem-Rato o fazia querer vomitar, mas era a única saída que tinha encontrado para ganhar tempo. E ainda havia a ameaça de, caso não mantivesse a paz com aquele homem, terminar como o Camisa Vermelha - alvejado por um planador de patrulha, que pairava a apenas poucos metros dele.

Janson sorriu.

- É tudo que lhe peço. Espero revê-lo em breve.

A tela ficou negra, e o painel se fechou. O planador partiu, o zumbido de cigarra pouco a pouco desaparecendo. Thomas o observou até desaparecer em uma esquina.Assim que ele se foi, seus olhos pousaram no homem morto. Desviou o olhar rapidamente - aquela cena era a última coisa que desejava ver.

-Ali está ele!

Virou a cabeça e viu Minho vindo em sua direção; Brenda e Jorge o seguiam. Pelo que Thomas se lembrava, nunca ficara tão feliz em ver alguém.

Minho parou de modo brusco ao ver o Camisa Vermelha jogado no chão.

- Santo... O que aconteceu por aqui? - Voltou-se para Thomas: - E quanto a você? Tudo bem? Foi você que o matou?

Contra todo o senso de seriedade que a ocasião pedia, Thomas teve vontade de rir.

- Sim, saquei minha metralhadora e o reduzi a um monte de minúsculos pedaços de carne.

O semblante de Minho deixou evidente que não havia apreciado o sarcasmo, mas Brenda se manifestou antes que se ouvisse o revide:

- Quem o matou?

Thomas apontou para o céu.

- Um daqueles planadores de patrulha. Voou até aqui e atirou nele até matá-lo, e a próxima coisa que sei é que o Homem-Rato apareceu em uma tela, tentando me convencer de que preciso voltar ao CRUEL.

- Cara - disse Minho -, você não pode nem...

- Dá um tempo! -Thomas respondeu. - É claro que não há como voltar para lá, mas talvez precisem tanto de mim que aceitem negociar e nos ajudar de algum modo. Nossa prioridade agora deve ser Newt. Janson acha que ele está sucumbindo ao Fulgor bem mais rápido que a média das pessoas. Temos de dar uma olhada nele.

- Ele disse isso mesmo?

- Disse.-Thomas se sentia mal por ter perdido a paciência com o amigo. -Acredito nele. Vocês viram como Newt vem agindo.

Minho endereçou aThomas um olhar cheio de dor.Thomas se lembrou de que Minho havia conhecido

Newt dois anos antes dele; haviam tido mais tempo de se tornar próximos.

- É melhor darmos uni jeito de ver como ele está - repetiu Thomas. - Temos de fazer algo por Newt.

Minho concordou com a cabeça e desviou o olhar. Thomas se sentia tentado a tirar o bilhete do amigo do bolso e lê-lo naquele momento, ali mesmo, mas havia prometido que esperaria até ter certeza de que era o momento certo.

- Está ficando tarde - Brenda falou. - Eles não deixam pessoas entrar e sair da cidade à noite. Já é dificil demais manter as coisas sob controle durante o dia.

Thomas percebeu pela primeira vez que a luz começava a minguar, o céu acima dos prédios assumindo um tom alaranjado.

Jorge, que estivera calado até então, comentou:

- Esse é o menor dos problemas. Algo estranho está acontecendo neste lugar, muchachos.

- Como assim? - perguntou Thomas.

-Todos parecem ter desaparecido na última meia hora, e as poucas pessoas que vi eram bem esquisitas.

-Aquela cena na cafeteria realmente fez todo mundo dispersar - comentou Brenda.

Jorge deu de ombros.

- Não sei, não... Esta cidade está me provocando uma sensação horrível, hermana. É como se tivesse ganhado vida própria e só aguardasse para desencadear algo detestável e terrível.

Um estranho mal-estar percorreu a espinha deThomas. Os pensamentos voltaram a Newt.

- E se nos apressarmos, não conseguiremos chegar lá? Será que é possível escapar da vigilância?

- Podemos tentar - disse Brenda. - E precisamos torcer para encontrar um táxi... Estamos do outro lado da cidade.

-Vamos tentar, então - resolveu Thomas.

Desceram a rua, mas a expressão no rosto de Minho não era nada boa. Thomas esperava não ser um sinal de alguma desgraça à vista.

33

idaram durante uma hora e não viram um único carro, que dirá uni táxi. Correram em meio a poucas pessoas dispersas, e o planador de patrulha emitia seu estranho zumbido enquanto voava por ali ao acaso. A cada cinco minutos, ouviam uni som a distância que fazia Thomas relembrar o Deserto... alguém falando alto demais, um grito, um riso estranho. Quando a luz deu lugar à escuridão, passou a se sentir cada vez mais amedrontado.

Em certo momento, Brenda parou e encarou os demais.

- Temos de esperar até amanhã - anunciou. - Não vamos encontrar transporte esta noite e estamos muito longe para andar. Precisamos dormir, assim estaremos descansados pela manhã.

Thomas detestava admitir, mas Brenda tinha razão.

- Tem de haver uma maneira de chegarmos lá - contrapôs Minho.

Jorge apertou levemente o ombro dele.

- Não dá, hervrmano. O aeroporto fica a pelo menos quinze quilômetros daqui. E, a julgar pela aparência desta cidade, vamos ser assaltados, alvejados ou espancados até a morte pelo caminho. Brenda está certa; é melhor descansarmos e amanhã verificar como Newt está.

Thomas já se preparava para contra-argumentar com Minho, como de costume, mas o amigo não discutiu mais. O que Jorge dissera fazia sentido. Estavam em unia cidade enorme, completamente desconhecida para eles.

- Estamos perto do hotel? - perguntou Thomas. Disse a si mesmo que Newt conseguiria passar mais unia noite sozinho.

Jorge apontou para a esquerda.

- São apenas alguns quarteirões.

Encaminharam-se naquela direção.

Estavam a uni quarteirão de distância quando Jorge estacou, assustado, mantendo uma das mãos no ar e colocando o indicador da outra sobre os lábios. Thomas ficou literalmente paralisado, a expectativa agitando-lhe os nervos.

- O que foi? - Minho sussurrou.

Jorge girou o corpo devagar, examinando a área ao redor, e Thomas o imitou, imaginando o que o deixara tão apreensivo de uma hora para outra. A noite havia caído, escura, e as poucas luzes nas ruas por onde passavam mal davam para uma escassa iluminação. O mundo que Thomas conseguia ver parecia feito de penumbra, e imaginou coisas horrendas ocultas em meio à escuridão.

- O que foi? - sussurrou Minho de novo.

- Continuo achando que ouvi algo bem atrás de nós - respondeu Jorge. - Sussurrando. Outra pessoa...

- Ali! - Brenda gritou, a voz soando como uni trovão em um ambiente silencioso. -Viu aquilo? -Apontava para a esquerda.

Thomas estreitou os olhos para enxergar melhor, mas não viu nada. Pelo que conseguia distinguir, as ruas estavam vazias.

-Alguém estava vindo de trás daquele prédio, depois recuou. Juro que vi.

- El! - gritou Minho. - Quem está aí?

- Estão loucos? - sussurrou Thomas. -Vamos logo para o hotel!

-Acalme-se, cara. Se quisessem atirar em nós, ou qualquer coisa assim, não acha que já o teriam feito?

Thomas suspirou, exasperado. Não estava gostando nem um pouco daquela situação.

- Devia ter falado da primeira vez que ouvi - disse Jorge.

-Talvez não seja nada - respondeu Brenda. - E, se for, ficar parados aqui não vai adiantar nada.Vamos embora.

- El! - gritou Minho de novo, fazendo Thomas pular. - Ei, você! Quem está aí?

Thomas apertou forte o ombro de Minho.

- É sério... Pode se controlar e parar com isso?

O amigo o ignorou:

- Mostre logo quem você é!

Quem quer que fosse, não respondeu. Minho fez menção de atravessar a rua, como se fosse dar uma olhada por lá, mas Thomas o agarrou pelo braço.

- Nem pensar. É a pior ideia que já vi. Está escuro, e pode ser unia armadilha. Aliás, pode ser um monte de coisas horríveis.Vamos dormir uni pouco para manter os olhos bem abertos amanhã.

Minho não parecia muito disposto a discutir.

- Está bem.Você é uni covarde. E eu vou ficar com unia das cairias esta noite.

Com isso, subiram para o quarto. Demorou unia eternidade para Thonias cair no sono, a mente trabalhando sem cessar diante das possibilidades de quem poderia tê-los seguido. Mas, não importava por onde os pensamentos vagassem, sempre voltavam para Teresa e os outros que a haviam acompanhado. Onde estariam? Seria Teresa quem os espionara lá na rua? Talvez Gally e o Braço Direito?

Thomas odiou não ter outra escolha senão esperar durante a noite inteira antes de ver como Newt estava. E se tivesse acontecido algo com ele?

Por fim, a mente desacelerou, as perguntas foram desaparecendo, e Thomas adormeceu.

34

Na manhã seguinte, Thomas ficou surpreso em ver como se sentia descansado. A princípio, lembrava-se de ter se mexido e virado a noite toda, mas a certa altura devia ter conseguido entrar em um sono profundo e reparador. Depois de uma longa ducha quente e do café da manhã em uma máquina automática, estava pronto para enfrentar o dia.

Ele e os outros saíram do hotel por volta de oito da manhã, ponderando o que encontrariam na cidade ao longo do caminho, até chegar aonde Newt estava.Viram uma pessoa aqui, outra ali, mas havia bem menos gente, considerando o movimento da véspera. E Thomas não ouviu nenhum ruído estranho, como os da noite anterior, durante a longa caminhada até o hotel.

-Algo está acontecendo; estou dizendo a vocês - disse Jorge, enquanto desciam a rua em busca de um táxi. - Deve haver mais gente por aí.

Thomas observou os poucos pedestres ao redor. Nenhum deles o encarava; todos permaneciam de cabeça baixa, com frequência uma das mãos segurando a máscara cirúrgica no rosto, como se temessem que um repentino golpe de vento pudesse levá-la, e caminhavam em um passo apressado e frenético, quase saltando para fora da calçada quando outra pessoa se aproximava. Percebeu uma mulher lendo um cartaz sobre o Fulgor parecido com o que havia lido na véspera, enquanto era escoltado pelo Camisa Vermelha, o que lhe trouxe à mente aquela sensação de lembrança que não conseguia captar... Aquilo o deixava maluco!

-Vamos nos apressar para chegar àquele aeroporto de mértila - murmurou Minho. - Este lugar está me dando arrepios.

- Acho que devíamos seguir por ali - apontou Brenda. - Não há táxis perto desses escritórios.

Atravessaram a rua e se dirigiram a outra, estreita, que passava por unia espécie de terreno baldio de um lado e um prédio velho e dilapidado do outro.

Minho se inclinou para Thomas e disse, um tanto sussurrante:

- Cara, estou com a cabeça meio pirada. Estou apavorado pensando em como vamos encontrar Newt.

Thomas sentia o mesmo pavor, mas não admitiu.

- Não se preocupe. Tenho certeza de que por enquanto ele está bem.

- Tomara. E a cura para o Fulgor vai sair do seu traseiro a qualquer minuto.

- Quem sabe? Talvez saia. No entanto, pode ter um cheiro um pouco desagradável. - O amigo não pareceu achar o comentário muito divertido. - Olhe, não podemos fazer nada até chegar lá e ver como Newt está. - Thomas odiava dar a impressão de ser insensível, mas as coisas já estavam dificeis por si sós; não podiam agravar a situação pensando no pior.

- Obrigado pelo papo estimulante.

O terreno baldio à direita continha os destroços de unia antiga construção de tijolos, as ervas daninhas preenchendo cada pedacinho vazio. Uma parede enorme se erguia em meio às ruínas, e, ao passarem por ali, Thomas percebeu movimento perto dela. Deteve-se e, de modo instintivo, ergueu unia das mãos para que Minho também parasse. Fez uni gesto para que se calasse, antes que tivesse a chance de perguntar o que estava acontecendo.

Brenda e Jorge perceberam e também pararam. Thomas apontou para a área onde havia visto

movimento, e tentaram obter melhor visão do local.

Uni homem sem camisa estava de costas para eles e curvado sobre algo, cavando com as mãos como se houvesse perdido alguma coisa na lama e tentasse achá-la. Arranhões com formatos estranhos cobriam-lhe os ombros, e havia unia longa cicatriz cruzando-lhe a espinha. Thomas notou que seus movimentos eram irregulares e desesperados. Os cotovelos projetavam-se para trás, como se rasgasse algo no chão. O mato alto impedia Thomas de ver o foco da atenção frenética do homem.

Brenda sussurrou atrás dele:

-Vamos continuar andando.

- Esse cara está doente - sussurrou Minho. - Não parece totalmente louco?

Thomas não sabia o que responder.

-Vamos embora - disse apenas.

O grupo recomeçou a andar, mas Thomas não conseguia desviar os olhos da cena desconcertante. O que aquele cara estava fazendo?

Quando chegaram ao final do quarteirão,Thomas se deteve, assine conto os outros. Aquilo havia incomodado, era evidente, tanto os outros quanto ele. O grupo todo queria dar uma última olhada.

De repente, o homem se levantou e se virou na direção deles, o sangue cobrindo-lhe a boca e o nariz. Thomas, acovardado, recuou um passo e trombou com Minho. O homem mostrou os dentes em uni meio sorriso desagradável, depois ergueu as mãos sujas de sangue, como para exibi-las. Thomas estava prestes a gritar algo para ele, quando o sujeito tornou a se curvar e retornou a sua tarefa. Felizmente, não conseguiram ver qual era ela.

- É uni momento excelente para darmos o fora daqui - disse Brenda.

Um suor gelado escorria pelas costas de Thomas. Ele concordou de imediato. Todos se viraram e correram, e

continuaram correndo por mais dois quarteirões, só então diminuindo o ritmo e voltando a andar.

Demorou outra meia hora até encontrarem um táxi, mas enfim estavam a caminho. Thomas queria comentar a cena do terreno baldio, mas não conseguia se expressar com palavras. Aquilo o havia deixado totalmente enojado.

Minho foi o primeiro a se manifestar a respeito: - Aquele cara estava comendo uma pessoa. Tenho certeza disso.

- Talvez... - começou Brenda. - Mas talvez fosse apenas uni cão sem dono. - Seu tom deu a Thomas a certeza de que ela não acreditava em sequer unia palavra do que dizia.- Não que a cena se tornasse menos desagradável por isso...

Minho zombou:

-Tenho certeza absoluta de que não é algo que se imagine ver durante uma bela caminhada por uma cidade em isolamento em plena luz do dia. Acredito em Gally. Este lugar está lotado de Cranks, e logo todo mundo por aqui vai começar a se matar.

Ninguém comentou mais nada. Mantiveram silêncio pelo resto do caminho até o aeroporto.

Não demorou muito para avistarem os muros maciços que cercavam a cidade. Na verdade, a equipe que encontraram pareceu animada com o fato de estarem de partida.

O Berg estava no mesmo lugar onde o haviam deixado, só esperando, como a casca abandonada de um inseto gigante no concreto quente e fumegante. Nada se mexia ao redor.

- Ande logo. Abra isso - disse Minho.

Jorge não ficou intimidado pela ordem brusca; com calma, tirou do bolso o pequeno controle e pressionou alguns botões. A rampa da porta de carga desceu devagar, as dobradiças rangendo até a extremidade

encostar no chão com um ruído áspero. Thomas esperava ver Newt descer correndo pela rampa, um grande sorriso no rosto, contente por vê-los.

Mas nada se movia dentro ou fora da aeronave, e seu coração se oprimiu.

Pelo semblante de Minho, era óbvio que também se sentia da mesma forma.

- Há algo errado. - Correu para a porta e subiu a rampa antes que Thomas tivesse chance de reagir.

- É melhor entrarmos - propôs Brenda. - E se Newt ficou violento?

Thomas odiou cada uma das palavras daquela pergunta, mas Brenda tinha razão. Sem responder, saiu no encalço de Minho, entrando no Berg escuro e sufocante. Todos os sistemas haviam sido desligados - não havia ar-condicionado, luzes, nada.

Jorge seguiu Thomas.

- Deixe-nle ligar os sistemas, ou logo estaremos suando tanto que não sobrará nada de nós, a não ser uma pilha de ossos e pele. - E se apressou na direção da cabine do piloto.

Brenda se manteve perto de Thomas, ambos espreitando em meio à penumbra da nave, a única iluminação vindo das poucas janelas dispersas. Minho chamou Newt em algum lugar distante da nave, mas não houve nenhuma resposta. Uma cavidade pareceu se abrir nas entranhas de Thomas, avolumando-se e sugando toda a sua esperança.

- Vou para a esquerda - Thomas avisou, apontando para o pequeno corredor que ia dar na área comum. - Por que não segue Jorge e procura por lá? Isto não está me cheirando nada bem... Se as coisas estivessem normais, Newt estaria aqui para nos receber.

- Sem mencionar as luzes e o ar, que estariam ligados. - Brenda lançou uni olhar apreensivo para Thomas, e em seguida foi procurar Jorge.

Thomas seguiu pelo corredor até o compartimento principal da nave. Minho estava sentado em um dos assentos, os olhos cravados em uni pedaço de papel, o rosto parecendo uma escultura de pedra, a face tão rígida que chegava a assustar. O vazio dentro de Thomas cresceu ainda mais, a última gota de esperança se esvaindo.

- El! - filou. - O que é isso?

Minho não respondeu. Continuava imóvel, os olhos grudados no papel.

- O que está acontecendo?

Minho se voltou para ele.

-Venha cá e veja por si mesmo. - Levantou o papel em uma das mãos enquanto afundava no assento, parecendo à beira das lágrimas. - Ele partiu.

Thomas se aproximou e pegou o papel. Escrito com uma caneta hidrográfica preta, lia-se:

Eles deram um jeito de entrar aqui. Estão me levando para viver com outros Cranks.

É melhor mesmo. Obrigado pela amizade de vocês.

Adeus.

- Newt... -Thomas sussurrou. O nome do amigo reverberou no ar como uma sentença de morte.

35

Logo todos estavam sentados juntos. O objetivo era conversar sobre o próximo passo a ser seguido, mas a realidade era que não tinham nada a dizer. Os quatro apenas olhavam para o chão, nenhuma palavra a ser dita.

Por alguma razão,Thonias não conseguia tirar Janson da cabeça. Será que voltar seria mesmo uni modo de salvar Newt? Cada parte dele se rebelava contra a ideia de retornar ao CRUEL, mas, se voltasse e conseguisse completar o Experimento...

Minho rompeu o pesado silêncio:

- Quero que vocês três me escutem. - Parou uni momento para olhar cada uni deles, depois prosseguiu: - Desde que fugimos do CRUEL, tenho seguido qualquer idiotice que vocês têm me pedido para fazer. Sem me queixar. Pelo menos, não tanto. - Lançou um sorriso amargo para Thomas. - Mas, aqui e agora, estou tomando uma decisão, e terão de fazer o que eu disser. Se alguém recusar, que vá para o inferno.

Thomas previa qual seria a decisão do amigo, e estava de acordo com ela.

- Sei que temos objetivos maiores em mente - continuou Minho. - Precisamos entrar em contato com o Braço Direito e descobrir o que fazer em relação ao CRUEL. Vocês sabem, todo essa mértila de salvar o mundo. Mas primeiro temos de encontrar Newt. E esse detalhe não está aberto a discussão. Nós quatro vamos aonde for preciso para resgatar Newt.

- Eles chamam o lugar de Palácio dos Cranks - disse Brenda. Thomas se voltou para ela, mas Brenda tinha o

olhar perdido eni algum ponto distante. -Tem de ser esse o lugar ao qual Newt se refere no bilhete.Alguns daqueles CamisasVermelhas provavelmente entraram no Berg, encontraram Newt e constataram que estava infectado. E permitiram que Newt nos deixasse uni bilhete. Não tenho nenhuma dúvida de que foi isso que aconteceu.

- Parece uni nome tirado de um conto de fadas - zombou Minho. -já esteve lá?

- Não. Toda cidade importante tem um Palácio dos Cranks, um lugar para onde mandam os infectados, no qual possam levar unia vida relativamente suportável, até que atinjam a Insanidade. Não sei o que fazem com eles depois disso, mas não me parece um local agradável de se viver, não importa quem você seja. Os Imunes trabalham nesses locais e são muito bem remunerados; quem não é Imune jamais se arriscaria a contrair o Fulgor. Se quiserem ir até lá, temos de pensar bem antes. Estancos completamente sem munição.

Apesar da terrível descrição, o olhar de Minho emanava uni brilho de esperança.

-já pensamos bem. Pronto. Sabe onde é o Palácio mais próximo?

- Sim - respondeu Jorge. - Passamos por ele quando viemos para cá. É no ponto mais distante deste vale, na frente das montanhas, a oeste.

Minho bateu uma mão na outra.

- Então é exatamente para onde vamos. Jorge, ponha este pedaço de mértila no céu.

Thomas esperava ao menos um pouco de resistência por parte dos amigos. Mas não houve nenhuma.

- Estou contente por participar dessa pequena aventura, inuchacho - disse Jorge, levantando-se. - Estaremos lá em vinte minutos.

Jorge cumpriu a palavra quanto ao horário. Aterrissou o Berg em unia clareira, aos pés de unia floresta que se estendia pela encosta da montanha,

surpreendentemente verde. Cerca de metade das árvores estava morta, mas a outra metade parecia ter acabado de se recuperar de anos de calor fustigante. Essa constatação deixou Thomas triste: o mundo provavelmente se recuperaria algum dia dos clarões solares, mas o encontraria desabitado.

Desceu a rampa da porta de carga e deu uma boa examinada no muro que cercava o que só podia ser o Palácio dos Cranks, a poucas centenas de metros adiante. Fora construído com grossas tábuas de madeira.

O portão mais próximo começou a se abrir, e duas pessoas apareceram, amibas portando enormes Lança-Granadas. Pareciam exaustas, mas, mesmo assim, assumiram unia postura defensiva, as armas em posição. Obviamente tinham ouvido o ruído do Berg e acompanhado sua aproximação.

- Não é um bom começo - murmurou Jorge.

Uni dos guardas gritou algo, mas Thomas não conseguiu entender o que dizia.

-Vamos até lá conversar com eles. Devem ser Imunes, do contrário não estariam com esses Lança-Granadas.

-A menos que os Cranks tenham assumido o controle - sugeriu Minho, lançando uni sorriso irônico para Thomas. - Seja como for, vamos entrar, e não sairemos daqui sem Newt.

O grupo caminhou lentamente até o portão, certificando-se de não fazer nada que pudesse causar alarme. A última coisa que Thomas queria era ser atingido de novo por um Lança-Granadas. Conforme se aproximavam, notou que a aparência dos guardas era ainda pior do que havia percebido a distância. Estavam sujos, suados e cobertos de feridas e arranhões.

Pararam diante do portão, e um dos guardas deu um passo à frente.

- Quem são vocês? - perguntou. Tinha o cabelo negro e um bigode, e era mais alto que o parceiro. - Não se

parecem muito com os cientistas imbecis que vêm aqui às vezes.

Jorge ficara cone o encargo de falar por todos eles, como havia feito no aeroporto ao chegarem a Denver.

- Jantais saberiam de nossa chegada com antecedência, iuucliacho. Somos do CRUEL, e uni de nossos garotos foi capturado e trazido para cá por engano. Viemos buscá-lo.

Thomas ficou surpreso. Pensando bem, o que Jorge dissera, em termos, era mesmo a verdade.

O guarda não pareceu muito impressionado.

- Acham que dou a mínima pra vocês e para esse trabalho idiota no CRUEL? Não são os primeiros arrogantes que chegam aqui e agem como se fossem donos do lugar. Querem visitar os Cranks? Fiquem à vontade. Principalmente após o que tem ocorrido nos últimos tempos. - Deu um passo para o lado e fez um gesto exagerado de boas-vindas. - Desfrutem da estada no Palácio dos Cranks. Não há reembolso nem troca, no caso de perderem um braço ou um olho.

A tensão no ar era quase palpável, e Thomas temeu que Minho acrescentasse alguma observação engraçadinha e mandasse aqueles caras para o inferno; por isso, apressou-se em dizer:

- O que quer dizer com "o que tem ocorrido nos últimos tempos"? O que está acontecendo?

O sujeito deu de ombros.

- Este não é um lugar que se possa chamar de feliz. É tudo que precisam saber. - E não acrescentou mais nada.

Thomas não gostou do andar da carruagem. Havia algo estranho ali.

- Bem... sabe se alguma pessoa - Thomas não achava certo dizer Cranks - nova foi trazida para cá nos últimos dois dias? Vocês têm um registro?

O outro guarda, baixinho e troncudo, de cabeça raspada, pigarreou, para perguntar:

- Quem estão procurando? Homem ou mulher?

- Homem - respondeu Thomas. - O nome dele é Newt. É um pouco mais alto que eu, de cabelo loiro e comprido. E ele manca.

O sujeito respondeu:

- Posso ter alguma informação a respeito. Mas saber e dizer são duas coisas bem diferentes. Vocês parecem ter bastante dinheiro. Desejam compartilhá-lo?

Thomas, tentando dar certa esperança ao guarda, voltou-se para Jorge, que cerrava o maxilar.

Minho falou antes que Jorge se manifestasse:

-Temos dinheiro, sim, seu cara de mértila.Agora nos diga onde ele está.

O guarda ajustou, com ferocidade, a mira do Lança-Granadas sobre ele.

- Mostrem-me os cartões de dinheiro, ou esta conversa está acabada. Quero pelo menos mil.

- Ele está com tudo - disse Minho, apontando o polegar para Jorge, os olhos cravados no guarda. - Imbecil ganancioso.

Jorge puxou o cartão e balançou-o no ar.

- Terão de me matar para arrancar isto, e sabem que, sem as minhas digitais, não vai funcionar. Terão o dinheiro quando for a hora, hermanos. Agora, mostrem-nos o caminho.

-Tudo bem, então - concordou o homem. - Sigam-me. Mas lembrem-se: se alguma parte do corpo de vocês for arrancada devido a um encontro desafortunado com um Crank, aconselho-os enfaticamente a deixar essa parte do corpo para trás e correr na velocidade com que o diabo fugiria da cruz.A menos que seja uma perna, claro.

Girou os calcanhares e transpôs o portão aberto.

36

0 Palácio dos Cranks era um lugar horrível e imundo. O guarda baixinho se revelou um falante inveterado e, ao caminharem em meio ao caos apavorante, deu mais informações do que Thonias desejava saber.

Descreveu a aldeia dos infectados como uni enorme conjunto de círculos concêntricos, sendo todas as áreas comuns - cafeteria, enfermaria, salas de recreação - localizadas no meio e, depois, círculo após círculo de alojamentos construídos de modo rudimentar ao redor delas. Os Palácios haviam sido concebidos como unia habitação humana - refúgios para infectados até atingirem uni ponto em que a loucura saísse do controle. Após essa fase, eram removidos para locais remotos, que haviam sido abandonados durante a fase mais intensa dos clarões solares. Os idealizadores dos Palácios desejavam dar aos infectados uma última chance de vida decente antes do triste fim. Projetos como aquele haviam sido disseminados na maioria das cidades remanescentes mundo afora.

Mas a ideia original, bem-intencionada, sofrera alterações. Lotar um lugar com pessoas sem esperança e conscientes de que estavam prestes a sucumbir a uma espiral descendente de podridão e insanidade acabou gerando as zonas anárquicas mais miseráveis já conhecidas pelo homem. Com os residentes bem conscientes de que não haveria punição nem consequências reais piores do que as que já enfrentavam, os índices de criminalidade aumentaram astronomicamente. Assim, nessa sucessão de fatos, os

Palácios haviam se tornado abrigos de genuína depravação.

Enquanto o grupo passava por casa após casa, nada além de barracos em péssimo estado de conservação, Thomas imaginou como deveria ser terrível viver num lugar daqueles. A maioria das janelas estava quebrada, e o guarda explicou que tinha sido um grave erro de projeto permitir vidros ali. Estes haviam se tornado o primeiro arsenal.As ruas estavam recobertas de lixo, e, embora ainda não houvessem encontrado ninguém, Thomas sentia que ele e os amigos eram espionados a distância. Ao longe, ouviu alguém gritar obscenidades; em seguida, veio um grito de outra direção, deixando Thomas em pânico.

- Por que não fecham este lugar? - perguntou, sendo o primeiro de seu grupo a se manifestar. - Quero dizer... se está indo tão mal...

- Indo tão mal? - repetiu o guarda. - Garoto, mal é uni termo muito relativo. Está indo como tem de ir. O que mais podem fazer com essas pessoas? Não podem deixá-las no meio de pessoas saudáveis nas cidades fortificadas. Não poderei colocá-las em uni lugar cheio de Cranks, que já atingiram a Insanidade, e deixá-los lá para serem comidos vivos. E nenhum governo ficou ainda suficientemente desesperado para começar a exterminar pessoas que contraiam o Fulgor. Não há saída. E é uma forma de nós, Imunes, ganharmos um bom dinheiro, pois ninguém mais aceitaria trabalhar aqui.

As declarações do guarda provocaram uma profunda tristeza em Thomas. O mundo se encontrava em uma situação lastimável. Talvez estivesse mesmo sendo egoísta recusando-se a ajudar o CRUEL a terminar os Experimentos.

Então Brenda se manifestou, o semblante contraído numa expressão de desgosto desde que haviam entrado ali:

- Por que não contam a verdade? Deixam os infectados perambular por este lugar esquecido por Deus, até estarem tão mal que a consciência não pese tanto ao se livrarem deles?

- Este já é o início do fim - respondeu o guarda, sem rodeios. Estava sendo difícil para Thomas continuar a desprezar o sujeito. Sentia-se, de algum modo, triste por ele.

Continuaram a andar, passando pelas casas, todas deterioradas, desgastadas e sujas.

- Onde estão todos eles? - perguntou Thomas. - Pensei que o local estivesse cheio, de um muro ao outro. O que vem acontecendo nos últimos tempos? - Thomas insistiu na pergunta anterior:

Desta vez, foi o sujeito de bigode quem respondeu, e foi bom ouvir outra voz, para variar:

-Alguns, os que têm sorte, estão relaxando com a Bênção em casa. Mas a maioria está na Zona Central, comendo, jogando ou fazendo alguma besteira. Estão nos mandando gente demais, e mais rápido do que o fluxo dos que saem. Acrescente-se a isso o detalhe de que os Imunes estão sumindo a torto e a direito, indo sabe-se lá para onde. As coisas estão prestes a atingir um ponto de ebulição. Basta dizer que esta manhã a água aqueceu o suficiente.

- Imunes sumindo a torto e a direito? - repetiu Thomas. O CRUEL parecia estar decidido a reunir todos os recursos possíveis para a realização de mais Experimentos. Mesmo que agir assim pudesse ter consequências perigosas.

- Isso mesmo. Quase metade dos funcionários desapareceu durante os dois últimos meses. Não há sinal deles, nenhuma explicação. O que só aumenta o meu trabalho por aqui.

Thomas suspirou.

- Bem, mantenham a gente longe de confusão e nos coloquem em um lugar seguro até encontrarmos Newt.

-Aprovado - acrescentou Minho.

O guarda deu de ombros.

- Tudo bem para mim. Contanto que receba meu dinheiro...

Os guardas se detiveram dois círculos após a Zona Central e disseram ao grupo para esperar. Thomas e os outros se esconderam atrás de uma das cabanas. Os ruídos só aumentavam, agora que se encontravam tão próximos da concentração de habitantes do Palácio, soando como se uma enorme briga estivesse ocorrendo bem perto deles. Thomas odiou cada segundo de espera, à mercê daqueles sons horríveis, imaginando o tempo todo se o guarda voltaria, quem sabe trazendo Newt.

Cerca de dez minutos depois de os guardas terem se afastado, duas pessoas saíram de unia pequena cabana na extremidade oposta de onde estavam. A pulsação de Thomas se acelerou, e já cogitava se levantar e fugir dali, quando percebeu que os sujeitos não pareciam ameaçadores. Era um casal, estava de mãos dadas, e, fora o fato de se encontrarem uni pouco sujos e vestirem praticamente farrapos, poderiam passar por pessoas comuns.

Os dois se aproximaram do pequeno grupo e pararam diante deles.

- Quando chegaram aqui? - perguntou a mulher.

Thomas buscava as palavras certas, mas Brenda se adiantou:

-Viemos com o último grupo. Na verdade, procuramos uni amigo que estava conosco. O nome dele é Newt: loiro, uni pouco manquitola. Já o viram por aqui?

O homem respondeu como se acabasse de ouvir a pergunta mais idiota da sua vida:

- Há centenas de pessoas loiras por aqui. Como podemos saber quem é quem? E que porcaria de nome é

este... Newt?

Minho fez menção de abrir a boca, mas o ruído proveniente da Zona Central do Palácio chamou a atenção, e todos se viraram para olhar. O casal trocou uni olhar preocupado. Então, sem unia palavra, voltaram para dentro de casa. Fecharam a porta, e Thomas ouviu o clique de uma fechadura sendo trancada. Alguns segundos depois, unia tábua de madeira apareceu na janela, protegendo-a. Ouviu-se um tilintar de um pequeno pedaço de vidro que caiu ao chão.

- Parecem tão felizes quanto nós de estarem aqui - considerou Thomas.

Jorge resmungou:

- Gente realmente amigável. Acho que vou voltar aqui só para visitá-los.

- Não devem estar aqui há muito tempo - disse Brenda. - Não consigo imaginar o que passa pela cabeça de uma pessoa nessa condição. Descobrir que está infectado e ser enviado para viver com os Cranks, só para ver diante do nariz o que está prestes a se tornar.

Thomas concordou, balançando a cabeça em um gesto lento. Era a manifestação da infelicidade em sua mais pura forma.

- Onde estão os malditos guardas? - perguntou Minho, a impaciência evidente no tom de voz. - Quanto tempo demora para encontrar alguém e lhe dizer que os amigos estão esperando?

Dez minutos depois, os dois guardas despontaram em uma esquina adiante. Thomas e os demais se apressaram na direção deles.

- E então? - perguntou Minho, ansioso.

O baixinho parecia inquieto, os olhos se movendo com rapidez de um lado para outro, como se toda a audácia anterior houvesse desaparecido. Thomas ponderou que uma visita ao que chamavam de Zona Central devia sempre causar esse efeito nas pessoas.

Foi o parceiro quem respondeu:

- Precisamos fazer mais algumas perguntas por lá, mas acho que encontramos seu amigo. Ele corresponde à descrição que fizeram, e se virou quando o chamamos pelo nome. Mas... - Os guardas trocaram um olhar desconfortável.

- Mas o quê? - insistiu Minho.

- Ele disse... com bastante ênfase, devo acrescentar... que falássemos para darem o fora daqui.

37

Ruelas palavras foram um golpe para Thomas, e Minho parecia tão chocado quanto ele.

- Mostre-nos onde ele está - Minho pediu.

O guarda ergueu as nãos.

- Não ouviu o que acabei de dizer?

-Você não fez o trabalho completo - insistiu Thomas. Concordava inteiramente com Minho. Não importava o que Newt houvesse dito. Estavam tão perto... Não poderiam apenas virar as costas agora.

O guarda baixinho sacudiu a cabeça com determinação.

- Nem pensar. Vocês nos pediram que encontrássemos o amigo de vocês, e nós encontramos. Agora deem o nosso dinheiro.

- Parecemos estar com ele, por acaso? - perguntou Jorge. - Ninguém vai ganhar uni centavo até que ele esteja aqui.

Brenda não comentou nada, mas, ao lado de Jorge, fez que sim com a cabeça para demonstrar seu apoio. Thomas se sentiu aliviado por ver que todos concordavam em falar com Newt, apesar da mensagem que ele havia deixado.

Os dois guardas não pareciam muito satisfeitos e trocavam sussurros, aparentemente discutindo.

- El! - gritou Minho. - Se querem o dinheiro, levem a gente até lá!

- Muito bem - respondeu, por fim, o guarda de bigode. - O parceiro lhe lançou uni olhar contrariado. - Sigam-nos.

Viraram-se e percorreram o caminho feito antes pelos guardas. Minho seguia logo atrás deles, com os demais

em seu encalço.

Thomas não imaginou que as coisas pudessem piorar por ali, mas, ao avançarem mais uni pouco rumo ao centro do complexo, constatou que estava enganado. As construções estavam mais dilapidadas, as ruas mais sujas. Avistou pessoas deitadas nas calçadas, a cabeça apoiada em sacos imundos ou em peças de roupas amontoadas. Fitavam o céu com uni olhar vazio, um ar de tola alegria que parecia quase religioso. A Bênção feri Urgi Uowne apropriado, pensou Thomas.

Os guardas foram em frente, movimentando os Lança-Granadas para a esquerda e para a direita, apontando-o a qualquer um que ficasse a menos de quatro metros de distância deles.A certa altura, passaram por uni homem com unia aparência devastada - roupas rasgadas, o cabelo recoberto por unia espécie de substância viscosa, a pele repleta de erupções -, no exato momento em que se atirava sobre uni adolescente dopado e começava a espancá-lo.

Thomas parou, imaginando se não deviam ajudar.

- Nem pense nisso - murmurou o guarda, antes que Thomas pudesse proferir unia única palavra. - Continue andando.

- Mas não faz parte do seu trabalho...

O outro guarda o cortou:

- Cale a boca e nos deixe cuidar das coisas por aqui. Se nos metêssemos em toda briga violenta que víssemos, jamais daríamos conta. Aliás, é bem provável que já estivéssemos mortos. Esses dois que resolvam os próprios problemas.

- Tudo que queremos é que nos levem até Newt - disse Minho calmamente.

Prosseguiram, eThomas tentou ignorar os gritos pavorosos que surgiram atrás deles.

Por fim, chegaram a um arco em unia parede alta, que conduzia a unia área aberta lotada de gente. Uma

tabuleta no alto da parede proclamava em letras grandes: Zona Central. Thomas não conseguiu discernir o que acontecia lá dentro, embora todos parecessem ocupados.

Os guardas pararam, e o de bigode se dirigiu ao grupo:

- Só vou perguntar uma vez.Têm certeza de que querem entrar aí?

- Sim - respondeu Minho, sem hesitar.

- Certo. Seu amigo está no salão de boliche.Assim que apontarmos para ele, quero o nosso dinheiro.

-Vamos em frente - grunhiu Jorge.

Transpuseram o arco e adentraram a Zona Central. Então se detiveram para observar a cena.

A primeira palavra que veio à mente de Thomas foi hospício, e percebeu, conforme observava, que o termo era literalmente adequado.

Havia Cranks por toda parte.

Corriam de uni lado para outro em unia área circular com cerca de cem metros de diâmetro, limitada pelo que aparentemente uni dia havia sido uni conjunto de lojas, restaurantes e locais de entretenimento. A maior parte do local estava destruída ou fechada. A maioria dos infectados não parecia tão demente quanto o cara de cabelo viscoso que tinham visto antes, mas havia uma aura de loucura rondando aquele grupo de pessoas. Para Thomas, as ações e os gestos de todos pareciam um tanto... exagerados. Alguns riam histericamente, uma selvageria característica emanando do olhar, enquanto batiam com tapas grosseiros nas costas uns dos outros. Alguns choravam de modo incontrolável, soluçando sozinhos no chão ou andando em círculos, o rosto entre as mãos. Havia pequenos focos de brigas por toda parte, e homens e mulheres podiam ser vistos, aqui e ali, gritando a plenos pulmões, sem nenhum motivo

aparente, o rosto vermelho pelo esforço, o pescoço evidenciando veias salientes pela tensão.

Outros se reuniam em grupos, os braços cruzados e a cabeça oscilando da esquerda para a direita, sem parar, como se esperassem ser atacados a qualquer momento. E, assim como Thomas tinha visto nos círculos externos, alguns dos Cranks estavam envolvidos no atordoamento da Benção, sorrindo ao sentar ou deitar no chão, ignorando por completo todo aquele caos. Alguns guardas faziam sua ronda, armas em posição, mas estavam em número extremamente reduzido.

- Lembrem-me de não comprar nenhuma propriedade aqui - ironizou Minho.

Thomas não conseguiria rir, nem que quisesse. Estava tomado pela expectativa e ansiava por ver tudo aquilo terminado.

- Onde é o salão de boliche? - perguntou ele.

- Por aqui - instruiu o guarda baixinho.

Dirigiu-se para a esquerda, e os demais o seguiram. Brenda caminhava ao lado de Thomas, os braços de ambos se roçando a cada passo que davam. Desejava segurar a mão dela, mas não queria fazer nenhum movimento que pudesse atrair atenção para si. Tudo naquele lugar era tão imprevisível que não desejava fazer sequer um gesto além do estritamente necessário.

A maioria dos Cranks cessou a atividade febril na qual estavam envolvidos para acompanhar com o olhar os recém-chegados que se aproximavam. Thomas manteve o olhar baixo, apavorado com a ideia de fazer contato visual com alguém que se tornasse hostil ou tentasse vir falar com ele. Ouviram-se vaias e assobios, vários comentários obscenos ou insultos enquanto caminhavam. Passaram por uma loja de conveniência destruída, e Thomas notou, pelas vitrines abertas - o vidro havia muito tempo tinha desaparecido -, que quase todas as prateleiras estavam vazias. Havia uni

consultório médico e unia lanchonete, mas nenhuma iluminação que denotasse funcionamento.

Alguém agarrou a camisa de Thomas.Virou-se para ver quem era, enquanto se desvencilhava do contato. Deparou com uni mulher de cabelo escuro e desgrenhado, com um arranhão no queixo, mas fora isso até que parecia normal. Tinha o semblante fechado, e o encarou fixamente por alguns instantes, antes de abrir a boca o máximo possível, revelando dentes em bom estado, embora parecessem sem escovação há algum tempo. A língua estava inchada e descolorida. A mulher tornou a fechar a boca.

- Queria beijar você - disse a mulher. - O que acha disso, Privilegiado? - E soltou unia risada apavorante, maníaca, um som entrecortado por roncos, enquanto deslizava a mão pelo peito de Thomas.

Thomas se afastou e continuou a andar. Percebeu que os guardas sequer haviam diminuído a marcha para se certificar de sua segurança.

Brenda se aproximou dele e sussurrou:

- Poderia ter sido a coisa mais horripilante de toda a sua vida.

Thomas acenou com a cabeça, concordando.

38

0 salão de boliche não tinha portas, e, a julgar pela grossa camada de ferrugem que cobria as dobradiças expostas, tinham sido arrancadas e descartadas havia muito tempo. Uma grande tabuleta de madeira pendia sobre a entrada, mas quaisquer palavras que um dia tivessem sido escritas ali já haviam desaparecido, deixando apenas resquícios de tinta colorida raspada.

- Ele está ali - apontou o guarda de bigode. - Agora, o dinheiro.

Minho passou por ele em direção à entrada da sala e se inclinou, esticando o pescoço para ver lá dentro. Depois se virou para Thomas:

- Ele está ali na frente - disse, o rosto contraído pela preocupação.- Está escuro, mas tenho certeza de que é ele.

Thomas estivera tão preocupado em encontrar o velho amigo que só agora se dava conta de que não tinha nenhuma ideia do que dizer para ele. Por que Newt os teria mandado dar o fora dali?

- Queremos o dinheiro - repetiu o guarda.

Jorge respondeu, o semblante tranquilo:

-Vão ganhar o dobro se nos escoltarem até o Berg na volta.

Os dois guardas trocaram olhares. Então, o mais baixo falou:

- O triplo. E queremos metade agora como garantia.

-Trato feito, uiucliaclio.

Quando Jorge tirou o cartão e o digitou, transferindo o dinheiro para os guardas, Thonias sentiu unia satisfação sinistra de que estivessem roubando dinheiro do CRUEL.

-Vamos esperar bem aqui - disse o guarda, assim que a transferência foi feita.

-Vamos - Minho chamou. E seguiu adiante, sem esperar pela resposta.

Thomas se voltou para Brenda, que tinha a testa franzida.

- O que foi? - perguntou.

- Não sei - ela respondeu. - Só tive um mau pressentimento.

- Então somos dois.

Ela lhe endereçou um meio sorriso e pegou a mão dele, gesto queThomas retribuiu com satisfação. Entraram no salão de boliche com Jorge atrás deles.

Tal como havia acontecido em diversas ocasiões desde que sua memória fora extraída,Thomas tinha imagens mentais de como deveria ser um salão de boliche e de como funcionava, mas não conseguia se lembrar de alguma vez ter jogado. Mas o lugar onde entraram estava longe de ser o que esperava.

As pistas nas quais antigamente se jogava estavam completamente destruídas, a maior parte da madeira que as revestiam, arrancada ou quebrada. Agora, sacos de dormir e mantas preenchiam os espaços, com pessoas tirando uni cochilo ou deitadas enquanto olhavam para o teto, dopadas pela Bênção. Brenda dissera que só os ricos podiam comprar a droga, por isso, Thomas ponderou, com certeza não se atreveriam a revelar aos demais que ela era utilizada livremente em lugares como aquele. Imaginou que não demoraria muito até alguém dar um jeito de arrancar a droga daqueles Cranks.

Nos nichos, onde costumavam ficar os pinos de boliche, várias chamas ardiam - invenção que estava longe de ser segura. Mas pelo menos havia alguém diante de cada chanca, para cuidar dela. O cheiro de

madeira queimada flutuava pelo ar, e uma nuvem de fumaça obstruía a escuridão.

Minho apontou para a pista da extrema esquerda, cerca de trinta metros de onde estavam. Não havia muita gente ali. A maioria parecia estar reunida nas pistas intermediárias, mas Thomas localizou Newt de imediato, apesar da pouca iluminação: o longo cabelo loiro à luz do fogo e a forma familiar do corpo pendendo para um dos lados eram inconfundíveis. O amigo estava de costas para eles.

- Que lugar mais maluco - Thomas sussurrou para Brenda.

Ninguém notou a presença deles enquanto, com cautela, dirigiam-se ao local onde Newt estava, abrindo caminho em meio ao labirinto de pessoas dopadas no chão, cobertas com mantas, até chegarem à última pista.Thomas prestava bastante atenção por onde andava.A última coisa que queria era pisar em alguns Crank e ser mordido na perna.

Estavam a cerca de três metros de distância de Newt, quando de repente ouviu-se a voz dele, num tom tão alto que ecoou pela penumbra do salão de boliche:

- Disse que era pra vocês, seus malditos trolhos, se mandarem daqui!

Minho estacou, eThomas quase trombou com ele. Brenda apertou a mão deThomas e percebeu o quanto o amigo transpirava.A palma estava úmida.

Para Thonias, ouvir aquelas palavras da boca de Newt era como constatar que estava tudo acabado; que ele jamais seria o mesmo - dali em diante, o amigo só teria dias de escuridão pela frente.

- Precisamos filar com você - disse Minho, avançando alguns passos na direção de Newt.Teve de desviar, com uni movimento desajeitado, de unia mulher esquelética deitada no chão.

- Não se aproxime mais - respondeu Newt. A voz era suave, mas continha um tom de ameaça. - Aqueles brutamontes me trouxeram para cá por uma razão: acharam que eu fosse um maldito Imune escondido naquele Berg de mértila. Imagine só a surpresa quando constataram que eu tinha o Fulgor devorando meu cérebro. Disseram que cumpriam um dever cívico ao me atirar neste buraco de rato.

Vendo que Minho não respondia nada, Thomas resolveu se manifestar, tentando não deixar que as palavras de Newt o impressionassem.

- Por que acha que estamos aqui, Newt? Sinto muito que tenha ficado para trás e sido capturado. Sinto muito que o tenham trazido para cá. Mas podemos tirá-lo daqui; ninguém parece dar a mínima para quem entra ou sai.

Newt se virou lentamente para encará-los. O estômago deThomas se contraiu brutalmente ao ver que o garoto tinha uni Lança-Granadas nas mãos. E parecia todo estropiado, como se há três dias seguidos estivesse correndo, lutando, caindo e levantando de penhascos. Mas, apesar da raiva que havia se acentuado em seus olhos, Newt ainda não fora tonado pela loucura.

- Uau, aí está você! - disse Minho, recuando um pouco. Por um triz, não pisou na mulher atrás dele no chão. - Acalme-se, garoto. Não há necessidade de apontar esse negócio para minha cara enquanto conversamos. Aliás, onde arranjou essa coisa?

- Roubei - respondeu Newt. - Roubei do guarda que me deixou... contrariado.

As mãos de Newt tremiam, o que deixou Thomas ainda mais nervoso; o dedo do garoto estava sobre o gatilho da arma.

- Eu não... estou bem - disse Newt. - Honestamente, fico agradecido pelo fato de vocês, seu bando de trolhos idiotas, terem vindo atrás de mim. Mas é aqui que essa

droga de história acaba. É aqui que vocês viram as costas, saem por aquela porta, entram no Berg e somem daqui. Estão me entendendo?

- Não, Newt, não entendo - respondeu Minho, a frustração se avolumando no tom de voz. -Arriscamos o pescoço para entrar neste lugar, você é nosso amigo, e vamos levá-lo para casa. Se quiser se lamentar e chorar enquanto enlouquece, tudo bem. Mas fará isso conosco, não com esses Cranks de mértila.

Newt de repente deu um salto, tão repentino que Thomas quase caiu para trás. Ergueu o Lança-Granadas e o apontou para Minho.

- Eu sou um Crank, Minho! Eu sou um Crank! Por que não consegue enfiar isso na sua maldita cabeça? Se tivessem o Fulgor e soubessem que estavam prestes a sucumbir, gostariam que seus amigos ficassem por perto, assistindo a tudo? Hein? Gostariam disso? -As últimas palavras saíram aos berros, e ele tremia um pouco mais a cada instante que passava.

Minho não fizera nenhum comentário, e Thomas sabia por quê. Ele próprio tentava encontrar as palavras certas, mas todas elas haviam desaparecido. O olhar de Newt se desviou para ele.

- E quanto a você,Tommy? - disse o garoto, baixando a voz. - Precisou reunir muita coragem para vir até aqui e me pedir que voltasse com vocês. Foi tanta ousadia da sua parte que só de olhar pra você fico enjoado.

Thomas emudeceu. Jamais as palavras de alguém o haviam magoado tanto. Jamais.

39

Thomas não conseguiu pensar em nenhuma explicação possível para aquela declaração.

- Do que você está falando? - ele perguntou.

Newt não respondeu; só o encarou com uni olhar duro, os braços trêmulos, e o Lança-Granadas apontado para o peito de Thomas. Mas de repente se acalmou, as feições se suavizando. Baixou a arma, e o olhar se perdeu no chão.

- Newt, não entendi - insistiu Thomas, a voz calma. - Por que está dizendo essas coisas para mim?

Newt ergueu os olhos de novo, e ali não havia mais nenhum traço da amargura anterior.

- Sinto muito, gente. Sinto mesmo. Mas precisam me ouvir. Estou me sentindo pior a cada segundo; sei que não vai demorar muito até que a loucura tome todo o meu cérebro. Por favor, vocês têm de partir.

Quando Thomas fez menção de abrir a boca para argumentar, Newt levantou as mãos:

- Não! Não quero ouvir mais nada. Por favor, saiam daqui. Estou implorando. Imploro a vocês que façam isso por mim. Nunca pedi algo com mais sinceridade em toda a minha vida. Há uni grupo que conheci aqui e com o qual me identifiquei. Estão planejando fugir daqui e ir para Denver hoje, mais tarde. Eu vou com eles.

Fez uma pausa, e Thonias precisou de todo o seu autocontrole para permanecer em silêncio. Por que diabos queriam fugir dali e ir para Denver?

- Não espero que me entendam, mas não posso mais ficar com vocês.Vai ser muito dificil para mim agora, e será pior se souber que testemunharam isso. Ou, pior

ainda, se vier a feri-los. Portanto, deixem-me dizer adeus e prometam que vão recordar de mim como o Newt dos velhos tempos.

- Não consigo fazer isso - disse Minho.

- Seu mértila! - berrou Newt. -Tem alguma ideia de como é difícil para mim permanecer calmo neste momento? Eu disse o que precisava dizer, e agora acabou. Saiam daqui! Vocês me entenderam? Deem o fora daqui!

Alguém cutucou o ombro de Thomas, e ele se virou, deparando com vários Cranks reunidos atrás deles. Quem cutucouThomas era um homem alto e corpulento, com um longo cabelo grisalho. Ele estendeu de novo o braço e encostou a ponta do indicador no peito de Thomas.

- Acho que nosso novo amigo pediu a vocês que o deixem em paz - falou o sujeito.A língua se projetava para umedecer os lábios enquanto falava.

- Esse assunto não é da sua conta - replicou Thomas. Podia sentir o perigo iminente, mas não se importou. Dentro dele, só havia espaço para a saudade que sentiria de Newt. - Ele era nosso amigo muito antes de vir para cá.

O homem passou a mão pelo cabelo ensebado.

- Este garoto é um Crank agora, assim como nós. Isso faz dele assunto nosso. Agora, deixem-no em paz... e sozinho.

Minho se adiantou, antes que Thomas pudesse responder.

- Ei, seu cretino, talvez seus ouvidos tenham coagulado com o Fulgor. Isto é entre nós e Newt. Saia daqui você.

O homem o encarou com uma expressão furiosa, depois ergueu uma das mãos para mostrar um comprido caco de vidro. Gotejava sangue dela, tal a firmeza com que o apertava.

- Esperava mesmo que resistissem... - resmungou ele. - Isso aqui estava um tédio.

O braço disparou para a frente, o vidro cortante na direção do rosto de Thomas, que se atirou ao chão para desviar do golpe. Enquanto isso, Brenda deu um passo à frente, estapeando a mão do sujeito e arremessando longe o caco de vidro. Logo Minho estava sobre ele, atirando o Crank no chão. Aterrissaram sobre a mulher da qual desviara antes para se aproximar de Newt, e ela o xingou de maldito assassino, passando a desferir tapas e chutes. Não demorou para que os três se envolvessem em uma briga enfurecida.

- Parem com isso! - gritou Newt. - Parem já!

Thomas se mantivera imóvel no chão, agachado, só aguardando a oportunidade ideal para saltar e ajudar Minho. Mas girou o corpo a tempo de ver que Newt segurava Lança-Granadas em posição de tiro, os olhos cintilantes de ódio.

- Parem, ou vou começar a atirar e não vou dar a mínima para quem for atingido.

O homem de cabelo ensebado desistiu da briga e se levantou, dando um derradeiro chute nos quadris da mulher. Ela soltou um grito de dor. Minho, por sua vez, agora também estava em pé, o rosto coberto de arranhões.

O som metálico do Lança-Granadas sendo carregado invadiu o ambiente, e Thomas sentiu cheiro de gás queimado. Então Newt apertou o gatilho. Uma granada atingiu o peito de Cabelo Ensebado, e centelhas de luz envolveram seu corpo enquanto ele tombava gritando no chão, retorcendo-se, as pernas rígidas e uma baba escorrendo da boca.

Thomas mal podia acreditar na repentina virada dos acontecimentos. Olhava para Newt com os olhos arregalados, satisfeito por ter feito o que fizera e feliz por

não ter apontado o Lança-Granadas para ele ou para Minho.

- Disse a vocês que parassem com isso - falou, a voz quase sussurrante. Depois apontou a arma para Minho, mas ela tremia, porque seus braços também estavam trêmulos. -Agora vocês vão embora. Sem mais discussões. Sinto muito.

Minho ergueu as mãos.

-Vai ter coragem de atirar em mim? Em seu velho companheiro?

-VI embora - avisou Newt. - Eu lhe pedi com bons modos. Agora estou mandando. Essa situação já passou dos limites. Adeus.

- Newt, vamos lá fora...

- Adeus! - Newt se aproximou e posicionou a arma com brutalidade. - Sumam daqui!

Thomas odiava o que tinha diante dos olhos - a selvageria havia dominado Newt por completo. Todo o seu corpo tremia, e os olhos haviam perdido qualquer sinal de sanidade. Ele enlouquecia, um pouco mais a cada momento.

-Vamos - disse Thomas, uma das coisas mais tristes que já havia pronunciado. -Vamos embora.

Minho se virou para ele, os olhos brilhantes de raiva, parecendo ter o coração prestes a saltar da boca.

- Não pode estar falando sério.

Thomas acenou com a cabeça.

Os ombros de Minho desmoronaram, e o olhar se perdeu no chão.

- Que mértila de mundo é este? -As palavras mal foram ouvidas; eram apenas um murmúrio sofrido.

- Sinto muito - disse Newt. Lágrimas lhe escorriam pelo rosto. - Eu vou... vou atirar em vocês se não forem embora agora. Agora!

Thomas não esperou mais. Agarrou Brenda pela mão, Minho pelo braço, e os três se encaminharam para a

saída, desviando dos corpos no chão e abrindo caminho no labirinto de mantas. Minho não resistiu e se entregou a um choro sentido, e Thomas não se atreveu a olhar para ele. Torcia para que Jorge estivesse atrás deles. Continuou indo em frente, cruzando o salão, as portas, rumo à Zona Central, para longe do ambiente caótico provocado pelos Cranks.

Para longe de Newt. Para longe de um grande amigo, e de seu cérebro doente.

40

Não havia nem sinal dos guardas que os tinham escoltado até ali, mas havia ainda mais Cranks do que quando tinham entrado no salão de boliche. E a maioria deles parecia aguardar os recém-chegados. Provavelmente tinham escutado o ruído do Lança-Granadas e os gritos do sujeito que havia sido atingido. Ou talvez alguém tivesse saído para contar a notícia. Fosse como fosse, Thomas sentia como se cada pessoa que o olhasse já houvesse passado pela Insanidade e estivesse faminta por um almoço regado a carne humana.

- Olhem estes idiotas aqui - alguém gritou.

- É mesmo! Não são uma graça? - outro comentou. - Venham brincar com os Cranks. Ou não querem se juntar a nós?

Thomas continuou andando, agora próximo do arco de entrada da Zona Central. Havia soltado o braço de Minho, mas ainda segurava a mão de Brenda. Passaram pela multidão, e, enfim, Thomas não precisou mais encarar o olhar das pessoas. Tudo o que vira nele fora loucura e sede de sangue, bem como a inveja estampada em rostos sangrentos e mutilados. Desejava correr, mas tinha a sensação de que, se o fizesse, toda aquela multidão os atacaria como um bando de lobos.

Chegaram ao arco e o cruzaram sem hesitação. Thomas seguiu à frente, liderando-os, até a rua principal, passando por várias casas dilapidadas. Com a saída deles, o tumulto da Zona Central parecia ter recomeçado, e os sons assustadores de risos histéricos e gritos selvagens acompanhavam o grupo em sua

jornada. Quanto mais se afastavam do ruído, menos tenso Thomas se sentia. No entanto, ainda não se atrevia a perguntar a Minho como ele estava. Afinal, já sabia a resposta.

Passavam por mais um conjunto de construções em péssimo estado, quando ouviu gritos soando, e em seguida o som de passos.

- Corram! - gritou alguém. - Corram!

Thomas se voltou para trás e avistou os dois guardas, ausentes até então, correndo na direção deles com rapidez. Não diminuíram o ritmo ao passarem por eles, apressando-se rumo à extremidade mais distante do Palácio. Nenhum deles portava mais o Lança-Granadas.

- El! - gritou Minho. -Voltem aqui!

O guarda de bigode olhou para trás.

- Disse para correrem, seus idiotas! Vamos!

Thomas não hesitou mais. Correu atrás deles, e Minho, Jorge e Brenda o seguiram. Relanceou o olhar para trás e viu uni bando de Cranks em seu encalço. Pelo menos uma dúzia deles. Pareciam frenéticos, como se um botão houvesse sido acionado e todos tivessem atingido a Insanidade ao mesmo tempo.

- O que aconteceu? - perguntou Minho, as palavras entrecortadas pela respiração pesada.

- Expulsaram a gente da Zona Central! - gritou o homem mais baixo. -Juro por Deus que iam nos comer vivos. Escapamos por pouco.

- Não parem de correr! - gritou o outro guarda. Os dois de repente partiram em outra direção, aparentemente tonando uni atalho.

Thomas e os amigos seguiram rumo à saída, dirigindo-se ao Berg.Assobios e vaias os acompanhavam, e Thomas se arriscou a lançar outro olhar para trás, a fim de observar melhor os perseguidores: roupas em farrapos, cabelos ensebados, rostos imundos. Mas ainda

não haviam se aproximado o suficiente para apresentar risco.

- Não podem nos alcançar! -Thomas gritou. O portão externo se avolumava agora à frente deles. - Continuem correndo, estancos quase lá!

Mesmo assim, Thomas empreendeu o ritmo mais veloz de toda a sua vida - sentia se mais pressionado do que já estivera em qualquer outra ocasião no Labirinto. A ideia de ser capturado pelos Cranks o enchia de horror. O grupo conseguiu chegar ao portão e o transpôs sem se deter por um segundo sequer. Não se deram ao trabalho de fechá-lo; apenas se apressaram em direção ao Berg, a porta abrindo assim que Jorge acionou os botões no controle.

Alcançaram a rampa, e Thomas praticamente se lançou porta de carga adentro. Virou-se e viu que os amigos estavam por perto, a rampa já rangendo ao começar a se mover para cima. O bando de Cranks que os perseguia jamais chegaria a tempo, mas ainda assim continuava a correr, assobiando e bradando palavras sem sentido. Um deles chegou perto o suficiente para pegar uma pedra e arremessar contra ele. Ela caiu a alguns metros da nave.

O Berg decolou assim que a porta se fechou.

Jorge manteve a aeronave a poucos metros de altura, enquanto recuperavam o fôlego. Lá embaixo, os Cranks não eram mais uma ameaça - nenhum deles portava arma.

Thomas, Minho e Brenda apinharam-se em uma das janelas da nave, assistindo à multidão em um delírio furioso abaixo deles. Era dificil acreditar que o que viam ali era uma cena real.

- Olhem para eles - disse Thomas. - Quem sabe o que faziam apenas alguns meses atrás. Talvez vivessem em um prédio alto, ou trabalhassem em um escritório. Agora estão caçando pessoas como animais selvagens.

-Vou lhe dizer o que faziam alguns meses atrás - disse Brenda. - Eram sujeitos infelizes, aterrorizados pela possibilidade de contrair o Fulgor, pela consciência de que a exposição a ele é inevitável.

Minho ergueu as mãos.

- Como podem se preocupar com eles? Que tal se preocuparem com meu amigo? O nome dele é Newt.

- Não pudemos fazer nada - disse Jorge, da cabine do piloto. Thomas sentiu uma pontada no coração diante de tamanha falta de compaixão.

Minho se virou para ele: - Cale a boca, seu cara de mértila. Só voe para longe daqui.

- Farei o melhor que puder - respondeu Jorge com um suspiro. Ocupou-se com os instrumentos e pôs o Berg em movimento.

Minho se esparramou no chão, como se houvesse derretido.

- Então é isso o que acontece quando um amigo lhe aponta um Lança-Granadas? - perguntou a ninguém em particular, o olhar vazio perdido na parede.

Thomas não tinha ideia do que responder; não havia como expressar a tristeza que tomava seu peito. Afundou na cadeira ao lado de Minho, e ali permaneceram, sem dizer uma palavra sequer, enquanto o Berg ganhava altura e se afastava do Palácio dos Cranks.

Newt se fora.

41

Enfini,Thonias e Minho se levantaram e foram sentar em um dos assentos da área comum, enquanto Brenda fazia companhia a Jorge na cabine do piloto.

Com tempo de sobra para pensar, a realidade do que havia acabado de acontecer atingiu Thomas como uma rocha rolando montanha abaixo. Desde que Thomas entrara no Labirinto, Newt estivera a seu lado. Até aquele momento,Thomas não havia percebido ainda a força daquela amizade. Seu coração estava ferido.

Tentou se lembrar de que Newt não estava morto. Mas, de algum modo, sua condição era pior que aquela. De muitas maneiras. Havia caído na teias da loucura e estava cercado por Cranks sedentos de sangue. Sem mencionar a perspectiva de nunca mais vê-lo, que era quase insuportável.

Minho se manifestou, a voz sem vida:

- Por que ele fez isso? Por que não voltou conosco? Por que apontou aquela arma para o meu rosto?

- Newt jamais teria puxado o gatilho - disse Thomas, embora não tivesse certeza do que dizia.

Minho sacudiu a cabeça.

-Você viu como os olhos dele mudaram. Era o olhar de um lunático completo. Eu estaria numa bela encrenca se continuasse insistindo. Ele está louco, cara. Doido de pedra.

-Talvez seja melhor.

- Como assim? - perguntou Minho, enquanto se virava para encarar Thomas.

-Talvez, quando a mente se vá, eles não sejam mais eles mesmos.Talvez o Newt que conhecemos tenha ido

embora e não esteja consciente do que está acontecendo com ele. Então, na verdade, não está sofrendo como nós.

Minho parecia ofendido com a ideia.

- Bela tentativa, seu idiota, mas não acredito nisso. Acho que ele estará sempre ali, gritando por dentro, demente e sofrendo cada segundo de mértila.Tão atormentado quanto um cara que é enterrado vivo.

Essa imagem desencorajou qualquer outra palavra de Thomas, e caíram novamente em silêncio.Thomas tinha o olhar perdido no chão, observando incansavelmente o mesmo ponto, deixando que o temor pelo destino de Newt o invadisse. Manteve-se assim até que o Berg aterrissou com um solavanco no aeroporto de Denver. Esfregou o rosto com as duas mãos.

- Acho que chegamos.

- Agora entendo um pouco mais o CRUEL - disse Minho, uni ar ausente no rosto. - Depois de ver aquele olhar de perto. De tomar contato com a loucura. Não é a mesma coisa quando se trata de alguém que você conheceu por tanto tempo. Já vi muitos amigos morrer, mas não posso imaginar uni castigo pior que o de Newt. O Fulgor, cara. Se pudéssemos encontrar unia cura para ele...

Não concluiu a sentença, mas Thomas sabia muito bem no que Minho pensava. Fechou os olhos por um segundo. Não havia unia resposta única e correta quando o assunto era o Fulgor. Jamais haveria.

Jorge e Brenda se juntaram a eles e depois ficaram algum tempo sentados, também em silêncio.

- Sinto muito - murmurou Brenda.

Minho resmungou algo; Thomas fez uni aceno de cabeça e lhe dirigiu uni longo olhar, tentando comunicar o quanto se sentia nial. Jorge permaneceu sentado no chão, o olhar perdido em uni ponto qualquer.

Brenda pigarreou.

- Sei que é dificil, mas precisamos pensar sobre o que vamos fazer agora.

Minho se levantou, o dedo em riste apontado para ela.

- Pode pensar o que quiser sobre qualquer coisa de mértila que deseje, senhorita Brenda. Quanto a mim, acabei de abandonar meu amigo na companhia de um bando de loucos. - E se retirou, irritado.

Os olhos de Brenda pousaram em Thomas.

- Lamento muito.

Ele deu de ombros.

-Tudo bem. Minho já era amigo de Newt dois anos antes de eu chegar ao Labirinto.Vai demorar algum tempo para se recuperar.

- Todos nós estamos exaustos, muchachos - disse Jorge. - Talvez devêssemos tirar alguns dias para descansar; para refletir sobre tudo isso.

- Talvez - murmurou Thomas.

Brenda se inclinou para ele e lhe apertou a mão.

-Vamos achar uma saída.

- Só há um lugar para começar - replicou Thomas. - Com Gally.

- Talvez tenha razão. - Ela apertou de novo a mão dele, depois a largou e se levantou. -Vamos, Jorge.Vamos preparar algo para comer.

Os dois deixaram Thomas sozinho com sua enorme tristeza.

Depois de uma refeição terrível, durante a qual ninguém falou mais que duas palavras coerentes seguidas uma da outra, os quatro tomaram rumos diferentes. Thomas não conseguia parar de pensar em Newt, enquanto andava sem propósito pelo Berg. O coração apertava ao pensar sobre o que seria de seu amigo louco; quanto tempo de vida ainda lhe restaria.

O bilhete.

Por um momento,Thomas ofegou, surpreso, depois correu até o banheiro e trancou a porta. O bilhete!

Depois do caos vivido no Palácio dos Cranks, tinha esquecido por completo dele! Newt dissera a Thomas que, quando o momento certo chegasse, deveria lê-lo. Na verdade, devia tê-lo feito antes de o deixarem naquele lugar pavoroso. Se o momento certo não era aquele, não sabia qual seria.

Tirou o envelope do bolso e o abriu. Em seguida, pegou um pedaço de papel. As luzes mortiças que emolduravam o espelho iluminaram a mensagem com uni brilho amarelado. Era uma mensagem breve:

Mate-me. Se for realmente meu amigo, mate-me.

Thomas o leu repetidas vezes, desejando que as palavras pudessem se transformar sob seus olhos. Pensar que o amigo estava tão apavorado, a ponto de escrever aquelas palavras com antecedência, deixava-o nauseado. Lembrou-se de como Newt tinha ficado furioso com ele quando haviam se encontrado no salão de boliche. Ele só desejava impedir o destino inevitável de se tornar uni Crank.

E Thomas havia falhado com ele.

42

Thomas decidiu não falar com ninguém sobre a mensagem. Não via qual seria o propósito de compartilhar aquilo com alguém. Era hora de seguir adiante, e se entregou a isso com uma frieza que desconhecia ter.

Passaram duas noites no Berg, descansando e traçando planos. Nenhum deles conhecia muito a cidade nem tinha um relacionamento sólido ali. As conversas acabavam retornando a Gally e ao Braço Direito. O Braço Direito queria deter o CRUEL. E, se era verdade que o CRUEL poderia começar de novo todos os Experimentos com novos Imunes, Thomas e os demais tinham os mesmos objetivos que o Braço Direito.

Gally. Tinham de procurar Gally de novo.

Na manhã do terceiro dia após o encontro com Newt,Thomas tomou uma ducha e depois se juntou aos outros para uma refeição rápida. Era óbvio que os quatro estavam ansiosos para entrar em ação após dois dias de descanso. O combinado era ir ao apartamento de Gally e seguir com os planos a partir desse encontro. Havia certa preocupação com respeito ao que Newt havia lhes contado - que alguns Cranks planejavam fugir do Palácio e ir para Denver -, mas não havia sinal deles por enquanto.

Quando estavam prontos, reuniram-se à porta da aeronave.

- Deixem que eu fale de novo - pediu Jorge.

Brenda concordou.

- E, quando entrarmos, pegaremos um táxi - disse ela.

- Ótimo - murmurou Minho. -Vamos parar com essa conversa fiada e começar a agir.

Thomas não poderia ter escolhido melhores palavras para expressar o que também sentia. Ação era a única coisa que amorteceria seu desespero em relação a Newt e ao terrível bilhete.

Jorge pressionou um botão, e a enorme rampa da porta de carga passou a descer. Ela só havia descido pela metade quando avistaram três pessoas em pé do lado de fora do Berg. Quando a extremidade da rampa tocou o chão,Thomas percebeu que aquilo podia ser tudo, menos uni cumprimento amistoso de boas-vindas.

Dois homens. Unia mulher. Usavam as mesmas máscaras protetoras que o Camisa Vermelha lá na cafeteria. Os homens portavam pistolas, e a mulher tinha uni Lança-Granadas nas mãos. O rosto deles estava sujo e suado, e parte das roupas havia sido rasgada, como se tivessem precisado lutar contra uni exército para chegar até ali.Thomas torceu para que fosse apenas algum tipo de medida extra de segurança.

- O que é isso? - perguntou Jorge.

- Cale a boca, Privilegiado - falou uni dos homens, a voz metálica tornando as palavras ainda mais sinistras. - Agora, desçam até aqui com calma, ou não vão gostar do que vai acontecer. Não tentem nenhuma gracinha.

Thomas olhou para o grupo à frente, talvez de sequestradores, e ficou chocado ao ver que os dois portões que protegiam a entrada para Denver estavam totalmente abertos, e duas pessoas jaziam sem vida no caminho estreito que conduzia à cidade.

Jorge foi o primeiro a responder:

- Se começarem a disparar, hermano, saltaremos em cima de vocês como urubus na carniça. Podem atingir um de nós, mas conseguiremos matar vocês três no final.

Era uma ameaça vazia, no entanto.

- Não tensos nada a perder - replicou o homem. - Atire o melhor que puder.Tenho bastante confiança de que furo dois de vocês antes que alguém dê uni único passo. - Ergueu a pistola alguns centímetros e a apontou para o rosto de Jorge.

- Muito bem - murmurou Jorge, e levantou os braços. - Por enquanto, vocês ganharam.

Minho soltou um suspiro.

-Você não passa de um grande idiota. - Mas também levantou os braços. - É melhor não baixarem a guarda. É o melhor conselho que posso dar a vocês.

Thomas sabia que não havia outra escolha, a não ser acompanhá-los. Ergueu as mãos e foi o primeiro a descer a rampa. Os outros vieram atrás dele, e todos foram conduzidos para trás do Berg, onde unia velha van estropiada os esperava, o motor ligado. Havia unia mulher cone unia máscara protetora atrás do volante, e dois outros, portando Lança-Granadas, estavam sentados no banco traseiro, atrás dela.

Um dos homens abriu a porta lateral, depois fez um aceno de cabeça para que

entrassem.

- Aqui vamos nós. Uni movimento em falso, e balas começarão a voar. Como eu disse, não temos nada a perder. E posso pensar em várias outras coisas piores que uni mundo cone uni ou dois Privilegiados a menos.

Thomas subiu no banco traseiro da van, a mente trabalhando sem parar. Quatro contra três, pensou. Mas eles tinham armas.

- Quem está pagando vocês para sequestrarem Imunes? - perguntou ele, quando os amigos entraram na van e se acomodaram ao lado dele. Queria que alguém confirmasse a história que Teresa havia contado a Gally sobre a venda de Imunes.

Ninguém respondeu.

Os três que os tinham aguardado na saída do Berg entraram na van e fecharam as portas. Depois, apontaram as armas para eles.

- Há capuzes pretos aí no canto - instruiu o sujeito que aparentemente liderava o grupo. -Vistam-nos. E já adianto que não vou gostar nada de ver algum de vocês espiando durante o caminho. Gostamos de manter nossos segredos bem guardados.

Thomas suspirou. Seria inútil discutir. Pegou uni dos capuzes e o colocou na cabeça. A escuridão o envolveu, enquanto a van se colocava em movimento, o ronco do motor se impondo ao partir.

43

Foi uma corrida tranquila, mas pareceu durar uma eternidade. E tanto tempo livre para pensar sobre aquela situação não era exatamente o que Thomas precisava - principalmente sem conseguir enxergar. Quando por fim pararam, sentia-se uni pouco nauseado.

A porta lateral da van foi aberta, e Thomas estendeu o braço em uni gesto instintivo para tirar o capuz.

- Não faça isso - disse o sujeito que estava no comando. - Não ousem tirar o capuz até darmos a ordem para fazê-lo. Agora, saiam cone calma. E façam o favor de se manterem vivos.

- Cone certeza, você é um valentão de mértila - Thomas ouviu Minho dizer. - É fácil agir assim quando se está cercado por pessoas armadas. Por que vocês não...

A fala foi interrompida pelo ruído de um soco, seguido de uni gemido alto.

Mãos agarraram Thomas e o puxaram da van de um modo rude, quase fazendo-o cair. Quando conseguiu se equilibrar, a pessoa o puxou de novo e passou a conduzi-lo para a frente; Thomas mal se mantinha em pé.

Ficou quieto enquanto era conduzido por uma série de degraus descendentes e depois ao longo de uni corredor. Detiveram-se em certo momento, e pôde ouvir o ruído de uni cartão-chave, o dique de unia fechadura e depois o rangido de unia porta se abrindo. Uni burburinho de vozes abafadas invadiu o ar de imediato, como se várias pessoas os esperassem lá dentro.

Alguém lhe deu um empurrão, e Thomas quase caiu alguns degraus à frente. Então estendeu o braço e

arrancou o capuz da cabeça, enquanto a porta se fechava atrás dele.

Ele e os demais encontravam-se em uma enorme sala repleta de pessoas, a maioria sentada no chão. Luzes mortiças no teto iluminavam os rostos que os encaravam, alguns deles sujos, grande parte arranhados ou feridos.

Uma mulher se adiantou, o semblante contraído de medo e ansiedade.

- Como estão as coisas lá fora? - perguntou ela. - Estamos aqui há algumas horas, e a cidade parecia prestes a sucumbir. A situação piorou?

Mais pessoas se aproximaram do grupo deles.

- Não somos da cidade - Thomas respondeu. - Eles nos pegaram nos portões de Denver. O que querem dizer com esse negócio de sucumbir? O que aconteceu?

O olhar da mulher se perdeu no chão.

- O governo declarou estado de emergência, sem nenhum tipo de advertência adicional. Então a polícia, o pessoal que controla os planadores de patrulha, os guardas que fazem o teste do Fulgor, todos sumiram. Ao mesmo tempo, pelo que parece. Fomos capturados por essas pessoas enquanto tentávamos conseguir trabalho nas construções da cidade. Não houve tempo sequer para descobrir o que acontecia ou por quê.

- Éramos guardas no Palácio dos Cranks - disse outro homem. - Outros como nós foram desaparecendo sem nenhum motivo. Por fim, desistimos de trabalhar lá e viemos para Denver alguns dias atrás. Fomos sequestrados no aeroporto.

- Como as coisas degringolaram assim tão de repente? - perguntou Brenda. -A cidade não estava assim três dias atrás.

Um dos homens lhe lançou um sorriso amargo.

-Toda a cidade está repleta de idiotas que se acham contaminados pelo Fulgor. Este tem sido um rumor que

vem se intensificando, e a situação chegou ao limite. Não há saída para o mundo. O vírus é muito resistente. Várias pessoas vêm constatando esse fato há um bom tempo.

O olhar de Thomas se voltou para o grupo de pessoas que se aproximavam. Sentiu um frio no estômago ao reconhecer Aris.

- Minho, olhe - disse, cutucando-o e apontando para o outro garoto.

O integrante do Grupo B já havia aberto uni sorriso e se aproximava a passos lentos. Atrás dele, Thomas avistou algumas garotas que haviam estado no grupo de Aris. Fossem quem fossem as pessoas que os haviam conduzido até ali, eram muito competentes em seu trabalho.

Aris se dirigiu a Thomas e se postou na frente dele, parecendo prestes a lhe dar uni abraço, mas apenas lhe estendeu a pião. Thomas a apertou.

- Fico satisfeito em saber que estão bens - o garoto comentou.

- Também fico contente por você estar bem. -Ver o rosto familiar de Aris fez Thomas perceber que qualquer desavença que houvesse tido com ele no Deserto não importava mais. - Onde estão todos?

O rosto de Aris ficou sério.

-A maioria não está mais conosco. Foram levados por outro grupo. Antes que Thomas pudesse compreender suas palavras, Teresa apareceu. Thomas teve de pigarrear para se livrar do nó que de repente se formou ali.

-Teresa? - Foi atingido por tamanha onda de emoções que mal conseguiu falar.

- Olá,Tom. -Aproximou-se dele com um olhar triste. - Estou contente por você estar bem. - Os olhos dela se encheram de lágrimas.

- Também estou contente. - Parte dele a odiava; a outra sentia saudade dela. Queria berrar, perguntar por

que os havia deixado para trás ao fugir do CRUEL.

- Para onde vocês foram? - ela perguntou. - Como conseguiram chegar a Denver?

Thomas ficou confuso.

- O que quer dizer com para onde vocês foram?

Teresa o encarou por alguns segundos.

-Temos muita coisa para conversar.

Thomas lhe lançou uni olhar enviesado.

- O que é que está pretendendo fazer agora?

- Não estou pretendendo nada... - A voz soou contrariada. - Obviamente houve algum mal-entendido. A maior parte do nosso grupo foi capturada ontem por vários sequestradores. É bem provável que já os tenham vendido ao CRUEL. Incluindo Caçarola. Sinto muito.

Uma imagem do cozinheiro cruzou a mente de Thomas. Não tinha certeza se conseguiria perder mais um amigo.

Minho se inclinou para falar:

- Posso ver que está tão alegre como sempre. Estou contente por estar diante de sua iluminada presença mais uma vez.

Teresa o ignorou por completo.

- Tom, logo vão nos transferir. Por favor, venha aqui comigo. Preciso falar com você em particular. Agora.

Thomas odiava o fato de também desejar fazer o mesmo.Tentou esconder a própria ansiedade:

- O Homem-Rato já me fez um grande discurso. Agora, diga que concorda com ele e que devo voltar ao CRUEL. É isso, não é?

- Nem sei do que está falando. - Teresa fez uma pausa, como se lutasse contra o próprio orgulho. - Por favor.

Thomas a fitou longamente, sem saber ao certo como se sentia. Brenda estava a apenas alguns metros de distância, e era evidente que não havia apreciado nem um pouco o reencontro com Teresa.

- E então? - Fez um gesto com as mãos, abrangendo o ambiente ao redor. - Não há muita coisa a fazer por aqui. Está ocupado demais para conversar comigo?

Thomas se conteve para não revirar os olhos. Apontou para duas cadeiras vazias no canto da grande sala.

-Vamos lá, mas seja rápida.

44

Thomas sentou e recostou a cabeça na parede, os braços cruzados.Teresa se acomodou na cadeira de modo a ficar de frente para ele.

Minho, enquanto caminhavam juntos, advertiu-o a não ouvir unia palavra sequer do que ela dissesse.

- Bem - começou Teresa.

- Bem...

- Por onde começamos?

- A ideia foi sua. Fale você. Podemos encerrar se não tiver nada a dizer.

Teresa suspirou.

-Talvez você pudesse começar me dando o beneficio da dúvida e deixando de lado esse comportamento idiota. Sim, sei que fiz coisas no Deserto, mas você também sabe por que as fiz: para salvar sua vida. Na época não compreendia que tudo estava relacionado aVariáveis. Que tal me dar uni pouco de crédito? Fale comigo como uma pessoa normal.

Thomas deixou o silêncio pairar sobre os dois por alguns instantes, antes de responder:

- Muito bem. Mas você me deixou para trás quando fugiu do CRUEL, o que demonstra...

-Tom! - ela gritou como se houvesse sido esbofeteada. - \'io o deixamos para trás! Do que está falando?

- Do que você está falando? -Thomas agora estava completamente confuso.

- Não o deixamos para trás! Viemos depois de você. Você é que rios deixou para trás!

Thomas cravou os olhos em Teresa.

- Acha que sou realmente estúpido a esse ponto?

- O que todos comentavam no complexo era que você, Newt e Minho haviam conseguido fugir e estavam em algum lugar da floresta. Procuramos, mas não vimos nenhum sinal de vocês. Desde então estive torcendo para que tivessem conseguido voltar à civilização. Por que acha que fiquei tão contente em saber que estava vivo?

Thomas teve uma sensação familiar de raiva.

- Como pode esperar que eu acredite nisso? O mais provável é que soubesse exatamente o que o Homem-Rato tentou me convencer a fazer; eles precisam de mim, porque fui escolhido o Candidato Final.

Teresa ficou boquiaberta.

-Acha que sou o pior ser humano que já pisou na Terra, não acha?-Mas não esperou pela resposta. - Se você tivesse recuperado a memória, como deveria ter feito, veria que eu sou a mesma Teresa que sempre fui. Fiz o que fiz no Deserto para salvá-lo, e desde então venho tentando reparar esse fato.

Thomas sentia dificuldade em continuar a odiá-la. Teresa não parecia estar representando.

- Como posso acreditar em você,Teresa? Como?

Ela o olhou fixamente.

- Juro que não sei nada sobre esse Candidato Final. Esse negócio foi desenvolvido depois que fomos para o Labirinto, por isso não tenho lembranças disso. Mas o que realmente sabia era que o CRUEL não pretendia parar os Experimentos até conseguir o Esboço. Estão aguardando para começar outro ciclo, Thomas. O CRUEL reúne agora uma nova leva de Imunes para teste, caso os Experimentos não deem resultado. Não posso fazer isso de novo. Saí de lá para encontrá-lo. Isso é tudo.

Thomas não respondeu. Uma parte dele queria acreditar. Desesperadamente.

- Sinto muito. - Teresa deixou escapar um suspiro. Desviou o olhar e passou a mão pelo cabelo. Esperou

vários segundos antes de voltar a olhá-lo. -Tudo o que posso lhe dizer é que me sinto virada do avesso. Dilacerada. Acreditei que descobririam a cura, e sabia que precisavam de você para isso. Agora é diferente. Mesmo com minha memória restituída, não con sigo pensar da mesma maneira que antes. Agora consigo ver que as coisas nunca terão fim.

Ela parou de falar, mas Thomas não tinha nada a acrescentar. Examinou o semblante de Teresa e viu nele um sofrimento diferente, jamais expresso antes por aquele rosto. Ela dizia a verdade.

Teresa não esperou que Thomas se manifestasse e prosseguiu:

- Por isso fiz um trato comigo mesma. Faria o que fosse preciso para compensar meus erros. Queria primeiro salvar meus amigos e, depois, se possível, os outros Imunes. E veja só que grande trabalho eu fiz.

Thomas procurava as palavras certas.

- Bem, não fizemos muito melhor, não é?

As sobrancelhas dela se arquearam.

- Pretende detê-los?

- Estamos prestes a ser vendidos ao CRUEL. De novo, ao mesmo lugar. O que importam meus planos?

Teresa não respondeu nada. Thomas teria dado qualquer coisa para estar dentro da mente dela... e não do modo antigo. Por um breve momento, sentiu-se triste, sabendo que haviam compartilhado inúmeras horas juntos, das quais não guardava nenhuma lembrança. Ambos haviam sido os melhores amigos um do outro. Por fim, ela falou:

- Se de algum modo pudermos fazer alguma coisa, espero que encontre um jeito de confiar em mim de novo. E sei que podemos convencer Aris e os outros a nos ajudar. Eles se sentem da mesma maneira que eu.

Thomas tinha de ser cuidadoso. Era estranho Teresa concordar com ele a respeito do CRUEL só agora que

havia recuperado a memória.

-Veremos - ele disse depois de um breve silêncio.

O rosto dela se contraiu.

- Não confia mais em mim, não é,Thomas?

-Veremos - repetiu. Depois levantou-se e se afastou, odiando testemunhar o sofrimento no rosto dela. E odiando a si mesmo por se importar com isso, mesmo após tudo o que Teresa tinha aprontado com ele.

45

0, uando voltou para o local onde estava antes, Thomas encontrou Minho sentado com Brenda e Jorge, e Minho não parecia nada feliz. Lançou-lhe um olhar maldoso.

- Então, o que aquela traidora de mértila tinha a dizer?

Thomas sentou-se ao lado dele. Vários estranhos tinham se reunido ali perto, e não havia como saber se estavam escutando.

- E então? - insistiu Minho.

- Ela disse que a razão de terem fugido foi a descoberta dos planos do CRUEL, que está disposto a começar de novo os Experimentos se for preciso. E que estavam reunindo os Imunes, assim como Gally nos contou. Teresa jura que eles foram levados a acreditar que já havíamos conseguido fugir e que procuravam por nós. - Thomas fez uma pausa. Sabia que Minho não gostaria da próxima parte. - E disse que quer nos ajudar, se puder.

Minho sacudiu a cabeça.

-Você é um idiota. Não devia ter falado com ela.

- Obrigado. - Thomas esfregou o rosto. Minho tinha razão.

- Odeio me meter nessa discussão, muchachos - disse Jorge. -Vocês podem conversar o dia inteiro sobre toda essa porcaria, mas não vai adiantar nada, a menos que a gente consiga sair deste lindo lugar. Não importa quem está do lado de quem.

De repente, a porta da sala se abriu, e três dos captores entraram com grandes sacos cheios de alguma coisa. Um quarto os seguiu, armado com um Lança-

Granadas e uma pistola. Percorreu a sala apontando a arma, verificando se havia alguma espécie de ameaça, e os outros começaram a distribuir o que estava dentro dos sacos: pão e garrafas de água.

- Como conseguimos sempre entrar nesse tipo de fria? - perguntou Minho. - Pelo menos antes podíamos responsabilizar o CRUEL por todas essas coisas.

- É... Bem, ainda podemos - murmurou Thomas.

Minho sorriu.

- É isso aí. Aqueles caras de mértila.

Um silêncio incômodo se assentou na sala enquanto os sequestradores se moviam por ali. As pessoas passaram a comer. Thomas percebeu que teriam de sussurrar se quisessem continuar conversando.

Minho cutucou Thomas.

- Só um deles está armado - sussurrou. - E não parece ser tão agressivo. Aposto que conseguiria cuidar dele.

- Talvez - respondeu Thomas baixinho. - Mas não faça nada estúpido. Ele tem uma pistola e também um Lança-Granadas. Confie em mim: não vai gostar de ser atingido por nenhum dos dois.

- Certo. Mas quero que você confie em mim dessa vez. - Minho deu uma piscadela para Thomas, e diante disso ele só pôde suspirar. Não havia grandes possibilidades de que, seja lá o que estivesse prestes a acontecer, passasse despercebido.

Os sequestradores se aproximaram dos dois amigos e se detiveram diante do pequeno grupo. Thomas pegou um pãozinho e uma garrafa de água, mas, assim que o homem entregou o pão a Minho, ele o jogou longe.

- Por que pegaria alguma coisa de vocês? Provavelmente está envenenado.

- Se quer ficar com fome, por mim tudo bem - respondeu o sujeito, seguindo adiante.

Quase já os deixara para trás, quando Minho se levantou de um salto e atacou o sujeito que segurava o

Lança-Granadas. Thomas se encolheu quando o homem se desvencilhou do amigo e atirou, lançando uma granada para o teto, onde ela atingiu uma luminária. O sequestrador ainda estava no chão quando Minho começou a socá-lo, lutando para agarrar a pistola do homem com a mão livre.

Por um instante, todos ficaram paralisados. Mas logo depois uma movimentação frenética eclodiu, antes mesmo que Thomas pensasse em reagir. Os demais guardas largaram os sacos para atacar Minho, mas, antes que pudessem dar uni passo à frente, já havia seis pessoas sobre eles, arremessando-os ao chão. Jorge ajudou Minho a segurar o guarda e deu socos no braço do homem, até que soltasse a pistola que havia retirado do cinto; Minho a chutou para longe, e uma mulher a pegou. Enquanto isso, Brenda agarrava o Lança-Granadas.

- Parem! - gritou ela, apontando a arma para os sequestradores.

Minho se levantou, e, ao se afastar do guarda prostrado no chão,Thomas pôde ver que a cara do sujeito estava coberta de sangue. Outras pessoas haviam arrastado os dentais guardas para junto do parceiro, de modo que os quatro ficassem juntos.

Tudo aconteceu muito depressa.Thomas não dera uni passo sequer, lias agora estava pronto para a ação.

-Temos de fazê-los falar - disse. -Temos de nos apressar antes que cheguem substitutos.

- O que a gente tem de fazer é atirar na cabeça deles! - gritou uni dos prisioneiros. - Atirar neles e sumir daqui. - Outros gritaram expressando concordância.

Thomas percebeu que o grupo havia se transformado em uma multidão. Se quisesse informações, teria de agir depressa, antes que as coisas saíssem do controle. Levantou-se e se dirigiu à mulher que estava com a pistola, convencendo-a a entregá-la a ele; depois voltou

e se ajoelhou ao lado do homem que lhe dera o pão. Encostou a pistola na têmpora do sujeito.

-Vou contar até três. Ou você começa a contar o que o CRUEL planejava fazer conosco e onde pretendiam se encontrar com eles, ou vou puxar o gatilho. Uni.

O homem não hesitou.

- CRUEL? Não temos nada a ver com o CRUEL.

- Está mentindo. Dois.

- Não, juro! Isto não tem nada a ver com eles! Pelo menos, não que eu saiba.

- É mesmo? Então quer fazer o favor de me explicar por que estão sequestrando uni monte de Imunes?

Os olhos do homem se voltaram para os companheiros, mas em seguida o olhar se desviou, pousando fixamente em Thomas:

-Trabalhamos para o Braço Direito.

46

Como assim, trabalham para o Braço Direito? - perguntou Thomas. Não fazia o menor sentido.

- O que acha que quis dizer com trabalhamos para o Braço Direito? - repetiu o homem, apesar da pistola na cabeça. - Trabalhamos para a droga do Braço Direito, ora. Por que é tão dificil de entender?

Thomas afastou a pistola da cabeça do sujeito e se sentou, confuso.

- Por que estão capturando Imunes?

- Porque queremos - respondeu ele, lançando um olhar para a arma abaixada. - É só isso que têm de saber, e pronto.

- Atire nele e passe para o próximo - sugeriu alguém da multidão.

Thomas tornou a se inclinar e pressionou de novo a pistola na têmpora do sujeito.

- Está sendo muito corajoso, considerando que sou eu que tenho uma arma nas mãos.Vou contar até três mais uma vez. Exijo que me diga por que o Braço Direito quer Imunes, ou vou presumir que está escondendo alguma coisa. Um.

-Você sabe que não estou escondendo nada, garoto.

- Dois.

-Você não vai me matar. Posso ver isso em seus olhos.

O homem apostara alto. Mas Thomas não seria capaz de executar um estranho com uma bala na cabeça. Suspirou e afastou a arma.

- Se trabalha para o Braço Direito, então supostamente estamos do mesmo lado. Conte o que está acontecendo.

O sujeito sentou-se com gestos lentos, e os outros três o imitaram, o de rosto ensanguentado gemendo com o esforço.

- Se deseja respostas - disse um deles -, terá de perguntar ao chefe. Realmente não sabemos de nada.

- É isso mesmo - acrescentou o outro guarda. - Somos zero à esquerda.

Brenda se aproximou com o Lança-Granadas.

- E como chegamos ao chefe de vocês?

O homem deu de ombros.

- Não faço a menor ideia.

Minho soltou um suspiro e arrancou a arma das mãos de Thomas.

- Cansei desta mértila. - Apontou a arma para o pé do homem. - Muito bem, não vamos matá-lo, mas em três segundos vai sentir uma dor insuportável no pé se não começar a falar. Um.

- Estou lhe dizendo: não sabemos de nada. - O rosto do sujeito emanava raiva por todos os poros.

- Ótimo - replicou Minho. E disparou a pistola.

Thomas assistiu, em choque, ao homem agarrar o próprio pé, gemendo de pura agonia. Minho havia atingido o dedo mínimo - aquela parte específica do sapato e o próprio pé haviam sido dilacerados, substituídos por unia ferida sangrenta.

- Como pôde fazer isso? - gritou a mulher ao lado dele no chão, enquanto se movia para ajudar o amigo. Pegou um monte de guardanapos que tinha no bolso da calça e o pressionou contra o pé dele.

Thomas ainda estava surpreso pelo que Minho havia feito, mas não podia negar uma pontada de admiração. Thomas jamais teria conseguido puxar o gatilho, e, se não tivessem respostas agora, saberiam que elas de fato não existiam. Olhou para Brenda, e o dar de ombros indiferente dela lhe mostrou que a garota concordava

com Minho. Teresa assistia a certa distância, a expressão indecifrável.

Minho continuou:

- Muito bem, enquanto ela está cuidando desse pobre pé, é melhor que alguém comece a falar. Digam o que está acontecendo, ou atiro em outro dedo. - Balançou a pistola diante da mulher e depois à frente dos outros dois sujeitos. - Por que estão sequestrando pessoas para o Braço Direito?

-já lhe dissemos: não sabemos de nada - respondeu a mulher. - Eles nos pagam, e fazemos o que mandam.

- E você? - perguntou Minho, apontando a arma para um dos guardas. - Quer dizer algo, salvar um ou dois dedos?

Ele ergueu as mãos.

-Juro pela vida da minha mãe que não sei de nada. Mas...

Pareceu se arrepender de imediato desta última palavra.Trocou um olhar com os amigos e empalideceu.

- Mas o quê? Desembuche. Sei que estão escondendo alguma coisa.

- Não é nada.

- Precisamos mesmo continuar com esse jogo? - Minho apontou a pistola direto para o pé do homem. -Vou começar a contar.

- Pare! - gritou o guarda. - Está bem, ouçam. Podemos levar alguns de vocês conosco para que perguntem pessoalmente. Não sei se vão permitir que falem com quem está no comando, mas quem sabe? Não vou deixar que atirem no meu pé sem uma boa razão.

- Muito bem - concordou Minho, recuando um passo e fazendo um gesto para que o sujeito se levantasse. - Está vendo? Não foi tão ruim assim! Vamos visitar esse seu chefe. Eu, você e meus amigos.

A sala irrompeu em uma profusão de vozes. Ninguém queria ser deixado para trás, e todos desejavam se

pronunciar a respeito do que ocorreria.

A guarda se levantou e berrou para que a multidão se calasse.

- Ei, escutem. Estão muito mais seguros aqui! Confiem em mim quando digo isso. Se todos quiserem nos acompanhar, garanto que metade não vai conseguir chegar. Se esses rapazes querem ver o chefe, deixem que arrisquem o próprio pescoço. Uma pistola e um Lança-Granadas não fazem a menor diferença por lá. Aqui, no entanto, temos uma porta trancada e nenhuma janela.

Quando terminou, uni coro de queixas invadiu a sala.A mulher se virou para Minho e Thomas, e tentou falar acima do ruído:

- Ouçam, lá fora é perigoso. Não levaria mais de duas pessoas comigo. Quanto mais gente nos acompanhar, maior a probabilidade de serem vistos. - Fez uma pausa e examinou a sala. - E, se fosse vocês, eu me apressaria. Pelo andar da carruagem, a inquietação por aqui só vai piorar. Logo não haverá mais como conter essas pessoas. E lá fora... -A mulher apertou os lábios em uni gesto de angústia, depois continuou: - Há Cranks por toda parte. Estão matando qualquer coisa que se mova.

47

Minho apontou a pistola para o teto e atirou, fazendoThomas dar uni salto. 0 ruído da multidão transformou-se em absoluto silêncio.

Minho não precisou dizer nem uma palavra. Fez um gesto para a guarda se manifestar.

- Lá fora está unia loucura. Tudo aconteceu muito depressa. Os Cranks estão escondidos, só à espreita. Esta manhã a polícia foi dominada, e os portões foram abertos. Alguns Cranks do Palácio entraram. Estão em toda parte agora. - Fez uma pausa e aproveitou para fitar algumas pessoas aleatoriamente. -Juro que não vão querer ir lá fora. E juro que nós sonsos os mocinhos da história. Não sei o que o Braço Direito planejou, mas sei que parte do plano inclui nossa retirada de Denver.

- Então por que estão nos tratando como prisioneiros? - gritou alguém.

- Só estou fazendo o que fui contratada para fazer. - Voltou a atenção para Thomas.-Acho que é uma ideia estúpida saírem daqui, mas, como eu disse, se resolverem ir, não podem ser mais de duas pessoas. Esses Cranks localizam em um segundo um grupo grande de carne fresca dando sopa por aí, e então será o fim do plano. Com ou sem armas. E o chefe pode não gostar de ver uma multidão querendo falar com ele. Ou mesmo os guardas, vendo unia van cheia de estranhos, podem começar a atirar.

- Vamos eu e Brenda - disse Thomas, sem saber direito como aquelas palavras haviam saído de sua boca.

- De jeito nenhum - Minho balançou a cabeça. - Eu e você.

Era arriscado levar Minho. Ele tinha um pavio muito curto. Brenda pensava antes de agir, e era disso que precisavam para sair vivos daquela situação. Além do fato de Thomas não querer deixá-la longe de sua vista, pura e simplesmente.

- Eu e ela. Nós dois nos viramos muito bem sozinhos lá no Deserto. Podemos fazer o mesmo novamente.

- De jeito nenhum, cara! - Thomas podia jurar que o amigo estava magoado. - Não devemos nos dividir. Nós quatro temos de ir juntos. É mais seguro assim.

- Minho, precisamos de alguém aqui para cuidar das coisas - argumentou Thomas, e realmente acreditava nisso. Ali havia uma multidão que podia muito bem ajudá-los a derrubar o CRUEL. -Além disso, odeio lhe dizer, mas e se algo acontecer com a gente? Alguém tem de ficar para trás e garantir que os planos vão seguir em frente. Pegaram Caçarola, Minho. Só Deus sabe quem mais.Você disse uma vez que eu devia ser o Encarregado dos Corredores. Bem, deixe-me fazer isso hoje. Confie em mim. Como disse a moça, quantos menos gente, maior a chance de passarmos despercebidos.

Thomas fitou o amigo fixamente, aguardando uma resposta. Minho demorou um longo tempo para responder:

- Tudo bem - falou por fim. - Mas, se você morrer, quero deixar claro que não vou ficar nem um pouco contente.

Thomas assentiu.

- Ótimo. - Não se dera conta do quanto era importante para ele que Minho acreditasse em suas palavras. Custara-lhe muito reunir coragem suficiente para tomar aquela decisão.

O guarda que havia sugerido levá-los pessoalmente para falar com o chefe acabou sendo quem os conduziu até lá. Seu nome era Lawrence e, não importava o que houvesse lá fora, parecia ansioso para deixar aquela sala

repleta de pessoas furiosas. Destrancou a grande porta e fez um gesto para que Thomas e Brenda o seguissem. Thomas com a pistola, e Brenda com o Lança-Granadas.

O grupo seguiu caminho descendo o longo corredor, e Lawrence parou diante da porta que dava para fora do prédio. A luz mortiça do teto iluminou o rosto do homem, e Thomas pôde perceber o quanto estava preocupado.

- Muito bem, precisamos tomar uma decisão. Se formos a pé, vai demorar algumas horas, mas temos uma chance muito maior de percorrer as ruas. É mais fácil nos escondermos se estivermos a pé do que se formos de van. A van pode nos conduzir até lá mais depressa, mas com certeza seremos localizados.

-Velocidade versus discrição - disse Thomas. Os olhos procuraram os de Brenda. - O que você acha?

- A van - foi a resposta.

- Feito - concordou Thomas. A imagem do Crank com o rosto ensanguentado na véspera o havia assombrado. -A ideia de estar lá fora a pé me apavora. A van, definitivamente.

- Certo - respondeu Lawrence. -Vamos de van. Mantenham a boca fechada e as armas engatilhadas.A primeira coisa que faremos é entrar no veículo e trancar as portas. Está bem em frente desta porta aqui. Prontos?

Thomas arqueou uma das sobrancelhas para Brenda, e ambos concordaram com uni gesto afirmativo de cabeça. Estavam mais do que prontos.

Lawrence tirou do bolso uma pilha de cartões-chave e destravou as diversas trancas alinhadas na parede. Apertou os cartões na mão, pressionou o corpo contra a porta e depois a abriu bem devagar. Estava escuro lá fora, uma única lâmpada de rua proporcionando iluminação. Thonias ponderou por quanto tempo mais teriam eletricidade; fatalmente, com o caos estabelecido, tudo pararia depois de uni tempo. Denver poderia estar morta em questão de dias.

Avistou a van estacionada em uni beco estreito, a uns seis metros de distância. Lawrence colocou a cabeça para fora, olhou para a esquerda e para a direita, e depois encostou a porta.

-A rua parece vazia.Vamos.

Os três saíram, e Thomas e Brenda correram para a van enquanto Lawrence segurava a porta. Thomas sentia a adrenalina percorrer todo o seu corpo. A ansiedade o fez olhar para um lado e outro da rua, certo de que veria um Crank prestes a saltar sobre si a qualquer momento. Mas, embora conseguisse ouvir o som distante de risos histéricos, o lugar permanecia deserto.

As trancas da van se destravaram, e Brenda abriu a porta, deslizando para dentro, com Lawrence depois dela. Thomas se juntou a eles no banco dianteiro e bateu a porta. Lawrence imediatamente acionou as trancas e ligou o motor. Estava pronto para acelerar, quando uni ruído alto pareceu explodir acima da cabeça deles, a van balançando com o solavanco. Em seguida, silêncio. Entrecortado pelo som abafado de unia tosse.

Havia alguém no teto da van.

48

Avan balançou de novo, e as mãos de Lawrence agarraram o volante com firmeza. Thomas se virou e examinou as janelas traseiras, mas lá não havia nada. Quem quer que tivesse subido na van, estava aguardando.

Quando Thonias voltou a olhar para a frente, um rosto apareceu no para-brisa, encarando-os de cabeça para baixo. Era unia mulher, o cabelo esvoaçante ao vento. Lawrence enfiou o pé no acelerador e saiu a toda a velocidade. Os olhos da mulher encontraram os de Thomas, e ela sorriu - uni conjunto de dentes perfeitos, para sua surpresa.

- Em que ela está se segurando? - perguntou Thomas.

Lawrence respondeu, a tensão evidente no tom de voz:

- Quem é que sabe? Mas não vai durar muito.

Os olhos da mulher continuavam fixos em Thomas, mas ela havia soltado uma das mãos e a cerrado, para dar leves batidas no para-brisa. Toc, toc, toc. O sorriso se mantinha amplo, os dentes brilhando à luz da iluminação do veículo.

- Pode, por favor, se livrar dela? - gritou Brenda.

- Claro. - E Lawrence pisou no freio.

A mulher voou no ar, projetada adiante como um disparo de granada, os braços girando e as pernas estendidas, até se esborrachar no chão. Thomas se encolheu e cerrou bem os olhos, depois se esticou para observá-la. Era inacreditável, mas ela já se movia, sacudindo o corpo e ficando de pé. Retomou o equilíbrio

e se virou devagar na direção deles, os faróis da van fazendo reluzir cada pedacinho do corpo dela.

Agora não sorria mais, absolutamente. Em vez disso, os lábios tinham se curvado em uma careta feroz, e um grande ferimento avermelhado mar cava-lhe a lateral do rosto. Os olhos se fixaram em Thomas mais uma vez, e ele estremeceu.

Lawrence deu a partida no carro. A Crank parecia prestes a se lançar na frente do veículo, como se de algum modo pudesse detê-lo, mas no último segundo saltou para trás e só ficou vendo-o desaparecer pelo caminho. Thomas não conseguia desgrudar os olhos dela, e na última olhada que deu o rosto da mulher se contraiu e os olhos clarearam, um brilho de lucidez, como se acabasse de compreender o que havia feito; como se ainda houvesse ali algo da pessoa que fora um dia.

Testemunhar aquilo tornou tudo ainda pior para Thomas.

- Aquela mulher era um misto de lucidez e loucura.

- Devemos agradecer por ter sido apenas uma - murmurou Lawrence.

Brenda apertou o braço de Thomas.

- É difícil encarar essa situação. Sei como foi para você e Minho verem o que aconteceu com Newt.

Thomas não respondeu, mas colocou a mão sobre a dela.

Chegaram ao fim da viela, e Lawrence virou à direita, saindo em uma rua maior. Pequenos grupos de pessoas preenchiam a área à frente.Algumas lutavam, mas a maioria vasculhava o lixo ou comia coisas que Thomas não saberia nomear. Rostos assustadores e fantasmagóricos se voltaram e o encararam com olhos inexpressivos ao passarem por eles.

Ninguém na van comentou nada, como se temessem que, ao falar, pudessem chamar a atenção dos Cranks lá fora.

- Não posso acreditar que esteja acontecendo tão depressa - Brenda falou por fim. E perguntou a Lawrence: -Você acha que eles têm algum tipo de plano maluco para ocupar Denver? Será que seriam capazes de se organizar para algo assim?

- Dificil saber - replicou Lawrence. - O caos já dava seus sinais há algum tempo. Pessoas desaparecendo, representantes do governo sumindo, mais e mais infectados sendo descobertos. Mas parece que um número enorme de Cranks se escondeu, só aguardando o momento certo para agir.

- É - disse Brenda. - Parece que era só uma questão de número. Quando o total de Cranks superou o de pessoas saudáveis, o caminho se abriu para eles.

- Não importa como aconteceu - disse Lawrence. - O que importa é como as coisas estão agora. Olhem ao redor. Este lugar é uni pesadelo. - Reduziu a velocidade para fazer uma curva fechada e entrar numa rua comprida e escura. - Estamos quase lá. Precisamos ser mais cuidadosos agora. - Desligou os faróis e aumentou a velocidade.

À medida que seguiam pela rua, a escuridão foi tomando conta do local, até que Thonias não conseguisse enxergar nada além de sombras enormes e disformes, imaginando se não esconderiam alguém que de repente saltaria à frente deles.

- Talvez não devesse dirigir tão depressa.

-Vai dar tudo certo - Lawrence respondeu. -já fiz este caminho milhares de vezes. Conheço tudo aqui como a palma da nu...

Thomas voou para a frente e foi projetado de novo para trás devido ao cinto de segurança. Haviam passado por cima de alguma coisa, e aquilo se arrastava sob a van. Algo de metal, pelo ruído que havia produzido. O veículo deu alguns solavancos e depois parou.

- O que foi isso? - sussurrou Brenda.

- Não sei - respondeu Lawrence, a voz ainda mais baixa. - Provavelmente uma lata de lixo ou algo assim. Fiquei apavorado.

A van voltou a se movimentar, e um grito alto e rouco invadiu o ar. Em seguida, ouviram uni baque surdo, outro estrondo, e tudo caiu em silêncio.

- Dessa nos livramos - murmurou Lawrence, sem se dar ao trabalho de esconder o alívio. Continuou, mas reduziu uni pouco a velocidade.

- Não é melhor ligar os faróis? - sugeriu Thomas, surpreso pela velocidade que as batidas de seu coração atingia. - Não consigo enxergar nada lá fora.

- É mesmo - acrescentou Brenda. - Seja como for, tenho certeza de que todo mundo por aqui ouviu essa confusão. Não vai adiantar nada ficar com as luzes apagadas.

- Imagino que sim - disse Lawrence, ligando os faróis.

A iluminação do veículo tomou a rua e, comparada à escuridão anterior, parecia mais ofuscante que o Sol. Thomas estreitou os olhos diante da claridade, depois os abriu, e uma onda de horror tomou conta dele. A cerca de uns seis metros à frente havia umas trinta pessoas amontoadas, bloqueando a rua por completo.

Os rostos eram pálidos e cadavéricos e exibiam arranhões e feridas purulentas. Roupas rasgadas e imundas pendiam de corpos esquálidos. O grupo ficou ali, observando as luzes brilhantes, como se não se sentissem nem uni pouco intimidados. Pareciam cadáveres recéni-levantados dos túmulos.

Thomas sentiu um calafrio pelo corpo.

A multidão passou a se dividir. Moviam-se de modo sincronizado, e uni grande espaço se abriu no meio da rua enquanto recuavam para as laterais. Uni deles acenou, mostrando que a van poderia seguir em frente.

- Que Cranks mais educados - sussurrou Lawrence.

49

Será que ainda não atingiram a Insanidade? - indagou Thomas, embora a pergunta lhe parecesse extremamente estúpida. - Talvez só não estejam a fim de ser atropelados por uma van, não é?

- Bem, vá em frente - disse Brenda. - Antes que mudem de ideia.

Para alívio de Thomas, Lawrence fez exatamente isso; a van seguiu em frente sem diminuir a velocidade. Os Cranks alinhados junto à parede os observaram enquanto passavam. Vê-los assim de perto, com arranhões, sangue e ferimentos à mostra, além do olhar enlouquecido, fez Thomas estremecer de novo.

Aproximavam-se do final do grupo, quando uma série de altos estrondos soou, e a van se desviou para a direita, a frente dela colidindo com a parede, prensando dois Cranks contra ela. Thomas olhou horrorizado para o para-brisa, enquanto os Cranks berravam em agonia e batiam os punhos ensanguentados na frente do veículo.

- Mas que droga...? - berrou Lawrence, enquanto dava a ré na van.

Recuaram alguns metros, o veículo sacudindo horrivelmente. Os dois Cranks tombaram ao chão e foram imediatamente atacados pelos que estavam mais próximos da van. Thomas desviou os olhos, tomado por um terror nauseante. De todos os lados, Cranks se aproximavam e começavam a esmurrar a van. Ao mesmo tempo, os pneus giravam e rangiam, incapazes de sair do lugar. A combinação de ruídos parecia ser proveniente de um pesadelo.

- O que aconteceu? - gritou Brenda.

- Fizeram alguma coisa com os pneus! Ou com o eixo do veículo. Não sei dizer o quê!

Lawrence continuou dando ré na van, mas, a cada tentativa, o carro se movimentava apenas alguns centímetros. Uma mulher com o cabelo desgrenhado se aproximou da janela à direita de Thomas. Segurava uma enorme pá com as duas mãos, e ele pôde acompanhar de perto quando ela a levantou sobre a cabeça, arremetendo-a depois contra a janela. O vidro não cedeu.

- Precisamos sair daqui com urgência! - gritou Thomas. Em desespero, não sabia o que fazer. Haviam sido estúpidos em cair naquela armadilha tão óbvia.

Lawrence continuou acelerando a van, mas o veículo mal saía do lugar. Uma série de sons familiares soou no teto. Alguém havia subido lá. Agora os Cranks atacavam todas as janelas com tudo o que encontravam à frente, desde pedaços de pau até a própria cabeça. A mulher que tentava quebrar o vidro da janela não desistia, brandindo sem parar sua pá. Enfim, na quinta ou sexta vez, foi bem-sucedida, provocando unia rachadura fina como um fio de cabelo, que atravessou a janela toda.

O pânico crescente causou um nó na garganta de Thomas.

- Ela vai quebrar o vidro!

- Tire-nos daqui! - Brenda gritou, ao mesmo tempo que Thomas.

A van se moveu alguns centímetros, o suficiente para fazer a mulher errar o golpe seguinte. Mas alguém lá em cima bateu com uma marreta no para-brisa, e unia enorme teia de aranha surgiu no vidro, só aguardando para estilhaçar.

Mais uma vez, a van mal se movimentou. O homem que segurava a marreta caiu no capô e, antes de poder dar mais uni golpe, aterrissou na rua. Um Crank com uni imenso corte no alto da cabeça calva arrancou a ferramenta da mão do homem e deu mais duas

marretadas no capô, antes que começassem a brigar com ele pela posse da arma. As rachaduras no para-brisa tiravam totalmente a visão de dentro da van.

Uni som de vidro estilhaçado veio de trás; Thomas se virou e viu que um braço se projetava pelo rombo da janela, as pontas irregulares de vidro quebrado rasgando-lhe a pele.

Thomas desatou o cinto de segurança e se contorceu até alcançar o banco de trás da van.Agarrou a primeira coisa que encontrou, uma longa ferramenta de plástico com uma escova em uma extremidade e uma ponta aguda na outra - uma picareta de neve -, e engatinhou pelo corredor entre os bancos; arremessou a ferramenta no braço do Crank, depois outra vez, e ainda unia terceira. Gritando, quem quer que fosse o dono daquele braço o encolheu, espalhando estilhaços de vidro na rua lá fora.

- Quer o Lança-Granadas? - perguntou Brenda.

- Não! - gritou Thomas. - É grande demais para movimentar dentro da van. Passe a pistola!

A van deu unia guinada para a frente, depois tornou a parar; Thomas bateu o rosto em uni dos bancos, sentindo unia corrente de dor se espalhar pelo rosto e atingir o maxilar.Viu então uni honrem e unia mulher arrancando o vidro que sobrara da janela quebrada. O sangue das mãos de ambos escorria conforme o rombo aumentava.

-Tome! - gritou Brenda atrás dele.

Thomas se virou e pegou a pistola da mão dela, apontou e disparou uma vez, depois duas, e os Cranks foram ao chão, alguns gritos de agonia sendo abafados pelo ruído terrível de pneus rangendo e motor acelerado, aliado ainda ao som de socos dos Cranks no carro.

- Estamos perdidos! - gritou Lawrence. - Não sei o que fizeram!

Lawrence estava molhado de suor. Agora havia um buraco em meio à teia de aranha do para-brisa. As outras

janelas estavam cobertas de rachaduras, prontas para estilhaçar a qualquer momento. Quase nada do lado de fora era visível de dentro da van. Brenda ergueu o Lança-Granadas, pronta para usá-lo se a situação se tornasse ainda mais desesperadora.

A van se moveu uni pouco para trás, depois outro tanto para a frente. Parecia menos desgovernada agora. Dois pares de braços se projetaram pela abertura no vidro traseiro, e Thomas deu mais dois tiros. Ouviram gritos, e o rosto de unia mulher, contorcido em unia expressão ameaçadora, os dentes sujos à vista, apareceu na janela.

- Deixe-nos entrar, garoto - disse, as palavras sussurradas quase inaudíveis. -Tudo o que queremos é comida. Dê-nos alguma comida. Deixe-me entrar!

Gritou as últimas palavras e inseriu a cabeça pela abertura, como se de fato achasse possível passar por ali. Thomas não queria atirar nela, mas deixou a pistola em posição, caso a mulher, de algum modo, conseguisse entrar. Mas, quando a van deu um solavanco para a frente de novo, a mulher foi projetada para fora, deixando as extremidades da janela manchadas de sangue.

Thomas se preparou para outro solavanco. Mas, após uma breve pausa, a van avançou cerca de um metro à frente, posicionando-se na direção correta.

- Acho que conseguimos! - gritou Lawrence.

De novo avançou à frente, dessa vez uns três metros. Os Cranks a seguiram o máximo que puderam, mas o curto momento de silêncio enquanto eram deixados para trás não durou. Logo gritos, batidas e socos recomeçaram. Um homem projetou o braço pelo buraco do vidro traseiro com uma longa faca na mão e começou a brandi-la para a esquerda e a direita, tentando atingir qualquer coisa pelo caminho.Thomas ergueu a pistola e

atirou. Quantos já havia matado? Três? Quatro? Será que realmente os havia matado?

Com um último rangido longo e terrível, a van se precipitou para a frente e dessa vez não parou. Deu alguns solavancos enquanto passava por cima dos Cranks que se postavam no caminho e, encontrando o asfalto plano, recuperou a velocidade. Thomas olhou para trás e viu corpos despencando do teto do veículo. Alguns Cranks ainda correram atrás da van, mas não demorou para que fossem deixados para trás.

Thomas então largou-se no banco, deitando de costas e fitando o teto amassado. Respirou fundo várias vezes, tentando retomar o controle das emoções. Mal notou quando Lawrence desligou o único farol não danificado, virando aqui e ali, e em seguida entrando por uma porta de garagem aberta, que se fechou assim que a transpuseram.

50

Quando a van parou e Lawrence desligou o motor, o silêncio envolveu o mundo de Thomas. A única coisa que ouvia era o sangue pulsando na cabeça. Fechou os olhos e tentou normalizar a respiração. Os outros dois não disseram nada durante alguns minutos, até que Lawrence rompeu o silêncio:

- Estão lá fora à espreita, só esperando a gente sair.

Thonias se obrigou a sentar. Do lado de fora, a escuridão dominava.

- Quem? - perguntou Brenda.

- Os guardas do chefe. Sabem que esta é unia das vans deles, e não vão se aproximar até que a gente saia. Precisam confirmar quem sonios...Acho que temos cerca de umas vinte armas apontadas para nós neste momento.

- Então, o que vamos fazer? - perguntou Thomas, o corpo sem forças para outro confronto.

-Vamos sair com calma. Logo vão me reconhecer.

Thomas deslizou sobre o banco.

- Sairemos ao mesmo tempo ou um de nós sai primeiro?

- Eu vou primeiro, e lhes direi que está tudo bem. Esperem até que eu bata na janela para saírem - respondeu Lawrence. - Prontos?

- Acho que sim - suspirou Thomas.

- Seria unia coisa horrível - disse Brenda - passar por tudo isso apenas para que atirem eni nós agora. Tenho certeza de que, depois de toda essa agitação, estou parecendo unia Crank.

Lawrence abriu a porta, e Thomas aguardou, ansioso, pelo sinal dele. A pancada surda na lataria da van o assustou, mas ficou a postos de uni salto.

Brenda abriu a porta devagar e saiu.Thomas a seguiu, esforçando-se para enxergar na escuridão, embora o local estivesse negro como piche.

Um cuque alto soou, e o lugar foi imediatamente inundado por uma luz branca ofuscante. Thomas levantou as mãos e fechou os olhos; depois, protegendo-se, relanceou o olhar para ver o que havia à frente. Um enorme holofote montado em um tripé apontava direto para eles. Tudo que conseguiu distinguir foi a silhueta de duas figuras a seu lado. Examinando o resto do local, percebeu que havia pelo menos uma dúzia de outras pessoas, todas portando armas variadas, bem como Lawrence tinha dito.

- Lawrence, é você? - chamou um dos homens, a voz ecoando contra as paredes de concreto. Era impossível definir qual deles havia falado.

- Sim, sou eu.

- O que aconteceu com sua van, e quem são essas pessoas? Diga-me, por favor, que não trouxe infectados até aqui.

- Fomos atacados por um enorme grupo de Cranks em uma viela perto daqui. E estes dois são Privilegiados; obrigaram-me a trazê-los até você. Querem ver o chefe.

- Por quê?

- Eles disseram...

O homem cortou a resposta de Lawrence:

- Quero ouvir da boca deles. Digam seu nome e por que obrigaram Lawrence a trazê-los aqui e destruir um dos poucos veículos que nos restavam. É melhor que seja por uma boa razão.

Thomas e Brenda se entreolharam para decidir quem começaria a falar, e Brenda fez um sinal para ele começasse.

O garoto voltou o olhar para o holofote, concentrando-se na pessoa à direita dele. Era seu melhor palpite de quem havia falado.

- Meu nome é Thomas. Esta é Brenda. Conhecemos Gally... Bem, estivemos com ele no CRUEL, e alguns dias atrás Gally nos contou sobre o Braço Direito e o que vem fazendo. Estamos prontos para ajudar, mas não assim, às cegas. Queremos saber o planejam e por que estão sequestrando Imunes e os confinando. A princípio, achei que os sequestros eram coisa do CRUEL.

Thomas não sabia o que esperava como resposta, mas com certeza não o que se seguiu: o sujeito se pôs a rir.

-Acho que vou deixá-los ver o chefe só para tirarem da cabeça essa ideia idiota de que poderíamos, algum dia, fazer qualquer coisa que lembrasse, mesmo de longe, os atos do CRUEL.

Thomas deu de ombros.

- Ótimo. Vamos ao chefe, então. -Aquele desafeto pelo CRUEL parecia sincero, mas não fazia sentido terem sequestrado os Imunes.

- É melhor não estragar as coisas, garoto - falou o sujeito. - Lawrence, levem-nos lá para dentro. Alguém vai checar a van em busca de armas.

Thomas ficou em silêncio enquanto ele e Brenda eram conduzidos por dois lances de uma escada de metal sombria. Depois por uma porta de madeira desgastada, um corredor sujo com uma lâmpada no teto e papel de parede descascado, e por fim ao longo de um grande espaço, que poderia ter sido uma bela sala de conferências cinquenta anos atrás. Agora tudo que continha era uma mesa grande e estropiada, e cadeiras de plástico espalhadas aleatoriamente pelo lugar.

Duas pessoas encontravam-se sentadas na extremidade mais distante da mesa. Thomas localizou Gally primeiro, à direita. Ele parecia cansado, o cabelo em total desalinho, mas deu um breve aceno e um

pequeno sorriso - nada mais que um vinco desafortunado na confusão de um semblante preocupado. Um homem enorme estava ao lado dele, mais gordura que músculos, a circunferência do corpo mal contida entre os braços da cadeira de plástico branco em que estava sentado.

- Este é o quartel-general do Braço Direito? - perguntou Brenda. - Considerem-me um pouco decepcionada.

Gally respondeu, agora sem nenhum resquício de sorriso:

- Mudamos mais vezes do que é possível contar. Mas obrigado pelo cumprimento.

- E então, qual de vocês é o chefe? - perguntou Thomas.

Gally fez um aceno para o companheiro.

- Não seja idiota...Vince é quem está no comando. E trate de mostrar respeito, Thomas. Ele arrisca a própria vida porque acredita que as coisas têm de ser feitas do modo correto no mundo.

Thomas ergueu as mãos em um gesto conciliatório.

- Não quis ofender ninguém. Pelo modo como agiu lá no apartamento, achei que pudesse ser o chefe.

- Bem, não sou. O chefe é Vince.

-Vince sabe falar? - perguntou Brenda.

- Basta! - gritou o homem grande em uma voz profunda e retumbante. - Toda a cidade está tonada pelos Cranks. Não tenho tempo para ficar sentado aqui ouvindo piadinhas infantis. O que vocês querem?

Thomas tentou esconder a raiva que havia se desencadeado dentro dele.

- Só unia coisinha. Queremos saber por que nos sequestrou, por que está sequestrando gente para o CRUEL. Gally nos deu muitas esperanças. Acreditávamos estar do mesmo lado. Imagine nossa surpresa ao descobrir que o pessoal do Braço Direito é tão ruim quanto o pessoal que supostamente estão combatendo.

Quanto dinheiro vão ganhar comercializando seres humanos?

- Gally - disse o homem em resposta, como se não tivesse ouvido unia única palavra.

- Sin?

- Confia nesses dois?

Gally se recusou a encarar Thomas.

-Sim.- E fez um aceno coma cabeça.- Com certeza podemos confiar neles.

Vince se inclinou para a frente, apoiando os braços maciços na mesa.

- Então não vamos perder mais tempo. Garoto, esta é unia operação-cópia, e não planejamos ganhar uni centavo de ninguém. Estamos reunindo Privilegiados, como o CRUEL, para negociar com ele.

A resposta surpreendeu Thomas.

- E por que fariam algo assim?

-Vamos usá-los para entrar no quartel-general deles.

51

Thomas mirou o homem durante alguns segundos. Se o CRUEL era mesmo responsável pelo desaparecimento de outros Privilegiados, o plano era tão simples que ele quase riu.

- Não é que pode funcionar?

- Estou satisfeito por ter aprovado. - O rosto do homem exibia uma expressão enigmática; Thomas não conseguia decifrar se estava ou não sendo sarcástico. - Temos um contato, e o negócio já está arranjado para vendê-los. Será nossa porta de entrada.Temos de deter essas pessoas, evitar que desperdicem ainda mais recursos em um Experimento inútil. Para o mundo sobreviver, é preciso que usem o que têm para ajudar as pessoas a se manterem vivas, para fazer a raça humana trilhar um caminho que faça sentido.

- Acha que há alguma chance de algum dia encontrarem uma cura? - perguntou Thomas.

Vince soltou uma risada longa e baixa, que produzia um chiado em seu peito.

- Se acreditasse nisso por um segundo sequer, não estaria aqui diante de mim, estaria? Não teria fugido, nem desejaria se vingar. Suponho que é o que esteja fazendo, não é? Sei o que você passou. Gally me contou tudo. - Fez uma pausa. -A resposta à sua pergunta é não; já desistimos dessa tal cura há muito tempo.

- Não estamos aqui por vingança - falou Thomas. - Não estamos aqui por nós. Por isso gostei quando mencionou usar os recursos do CRUEL para algo diferente. Quanto você sabe sobre os planos do CRUEL?

Vince tornou a se recostar na cadeira, toda ela rangendo enquanto mudava de posição.

- Acabei de lhe contar um segredo que temos guardado sob perda de vidas, se necessário. É sua vez de retribuir a confiança. Se Lawrence e seu pessoal soubessem quem você era, a primeira coisa que teriam feito era trazê-lo aqui. Peço desculpas pelo tratamento rude.

- Não é preciso se desculpar - respondeu Thomas. Embora o aborrecesse saber que o Braço Direito o teria tratado de maneira diferente se soubesse de antemão quem ele era. - Só quero saber o que planejaram.

- Não prosseguiremos até que compartilhe o que você sabe. O que tem a nos oferecer?

- Diga-lhe - sussurrou Brenda, cutucando Thomas com o cotovelo. - Foi para isso que viemos.

Ela tinha razão. Sua intuição lhe dissera para confiar em Gally desde o momento em que recebera o bilhete dele, e havia chegado o momento de se comprometer. Sem ajuda, jamais conseguiriam voltar ao Berg, quanto mais realizar outras coisas.

- Certo - Thomas concordou. - O CRUEL acha que pode concluir a descoberta da cura; diz que está quase lá. A única peça que falta sou eu. Juram que essa informação é verdadeira, mas já me manipularam e mentiram tanto que é impossível saber o que é real ou não. Sabe-se lá quais são os motivos deles agora. Ou até que ponto estão desesperados, ou ainda o que querem fazer de verdade.

- Quantos de vocês estão lá? - perguntouVince.

Thomas ponderou a respeito.

- Há menos de quatro lá de onde fomos trazidos por Lawrence. Não somos em muitos, mas temos bastante conhecimento interno. Quantos há em seu grupo?

- Bem, Thomas, essa é uma pergunta dificil de responder. Se está me perguntando quantas pessoas se

juntaram ao Braço Direito desde que começamos a nos encontrar e reunir forças alguns anos atrás, há bem mais de mil. Mas quantas estão ainda por aí, ainda em segurança, dispostas a ver tudo isso ter uni fim... Bem, falamos de apenas algumas centenas, infelizmente.

-Alguns de vocês são Imunes? - perguntou Brenda.

- Quase ninguém. Eu mesmo não sou e, depois dos últimos fatos ocorridos em Denver, tenho quase certeza de que agora já contraímos o Fulgor. Espero que a maioria ainda não tenha o vírus, mas será inevitável neste mundo prestes a sucumbir totalmente. Ainda assim, queremos ter certeza de que algo está sendo feito para salvar o que restou desta bela raça chamada humana.

Thomas apontou para duas cadeiras próximas.

- Podemos nos sentar?

- Claro que sim.

Quase no mesmo instante em que sentou, Thonias se inclinou para a frente, perguntando o que desejava saber com ansiedade:

- O que exatamente estão planejando fazer?

Vince tornou a soltar aquela risada retumbante.

- Calma, filho. Diga-nie o que vocês têm a oferecer, e depois lhe contarei meus planos.

Thomas relaxou e se acomodou melhor na cadeira.

- Sabemos muito sobre o quartel-general do CRUEL e como as coisas funcionam por lá. E tensos gente do nosso grupo que recuperou a memória. Mas o mais importante é que o CRUEL quer que eu volte. Acho que podemos usar isso como um ponto de vantagem.

- Só isso? - perguntou Vince. - É só o que têm?

- Nunca disse que faríamos grande coisa sem ajuda. Ou sem armas.

Diante deste último comentário, Vince e Gally trocaram um olhar significativo.

Thonias soube que havia levantado unia questão importante.

- E então?

Vince voltou a atenção para Brenda, depois encarou Thonias.

-Temos algo que é infinitamente melhor do que uma arma.

Thomas tornou a se inclinar na cadeira.

- E será que posso saber o que é?

-Temos um jeito de garantir que ninguém consiga usar uma arma contra nós.

52

Como? - perguntou Brenda, antes mesmo que Thomas pudesse se manifestar.

-Vou deixar Gally explicar melhor. -Vince fez um gesto para o garoto.

- Muito bem. Pensem no pessoal do Braço Direito - começou Gally, levantando-se. - Não são soldados. São contadores, porteiros, encanadores, professores. E o CRUEL tem praticamente um exército próprio, treinado no uso de armamentos modernos e caros. Mesmo que conseguíssemos encontrar o maior estoque do mundo de Lança-Granadas e outras armas que utilizam, ainda assim estaríamos em enorme desvantagem.

Thomas ainda não conseguia vislumbrar aonde queriam chegar.

- Certo. E qual é o plano?

-A única maneira de igualar esse combate é nos certificar de que eles estejam desarmados. Só assim teremos uma chance.

- Então pretendem roubar o armamento do CRUEL? - perguntou Brenda. -Vão assaltar alguma remessa de armas, ou algo assim?

- Não, nada desse tipo - respondeu Gally, sacudindo a cabeça. Uni ar de excitação infantil surgiu em seu rosto. - Não se trata de quantos recrutar para a causa, mas de quem. De todas as pessoas que o Braço Direito recrutou, uma mulher é a solução.

- Quem é? -Thomas indagou.

- Seu nome é Charlotte Chiswell. Ela foi engenheira-chefe do maior fabricante de armas do mundo. Pelo menos levando em conta armamentos avançados que

usam tecnologia de segunda geração. Todas as pistolas, Lança-Granadas, granadas - seja lá o nome que quiserem dar - usados pelo CRUEL vêm de lá, e todos se baseiam em recursos avançados de eletrô nica e sistemas computadorizados para funcionar. Mas Charlotte descobriu um modo de inutilizar as armas.

- É mesmo? - perguntou Brenda, um tom de dúvida na voz. Thomas também achou a ideia difícil de acreditar, mas ouviu com atenção enquanto Gally explicava.

- Há uni chip comum em todas as armas que o CRUEL usa, e Charlotte passou os últimos meses tentando descobrir unia forma de reprogramá-lo remotamente, uni modo de interferir no funcionamento dos chips. E foi bem-sucedida.Vai demorar algumas tempo após o início do trabalho, e um pequeno dispositivo tem de ser colocado dentro do prédio para que o plano funcione. O pessoal que vai vender os Privilegiados fará o trabalho. Se funcionar, também não teremos armas, mas pelo menos obteremos uni campo de batalha nivelado.

- Se é que não ficaremos em vantagem - acrescentouVince. - Os guardas estão tão treinados a usar essas armas que, atualmente, elas são como uma parte do corpo deles. Aposto que serão fáceis de derrotar no combate corpo a corpo, na luta real. Um combate com facas, pedaços de pau, pedras e punhos. - Sorriu com malícia. - Será uma briga à moda antiga. E acho que podemos nos dar bem. Com as armas funcionando, no entanto, seríamos destruídos antes mesmo de começar a agir.

Thomas pensou na batalha que havia travado com os Verdugos dentro do Labirinto. Tinha sido como o que Vince acabara de descrever. Sentiu um calafrio ao se lembrar. Mas aquele plano era muito melhor que enfrentar o arsenal do CRUEL. Se desse certo, teriam unia chance. Uma onda de excitação percorreu o corpo de Thomas.

- E como farão isso?

Vince passou a explicar:

- Temos três Bergs. Vamos neles com cerca de oitenta pessoas, as mais fortes que pudermos selecionar do grupo. Entregaremos os Privilegiados ao nosso contato dentro do CRUEL, plantaremos o dispositivo - acredito que essa vá ser a parte mais difícil do plano - e, quando o trabalho estiver feito, abriremos uma passagem com explosivos para que os outros entrem. Quando conseguirmos controlar as instalações, Charlotte nos ajudará a restituir o funcionamento das armas, para que nós, então, fiquemos no controle. Ou conseguiremos, ou morreremos tentando. Se necessário, explodiremos o lugar todo.

Thomas compreendeu com facilidade o plano. Seu grupo seria extremamente valioso em um ataque como aquele, principalmente os que haviam recuperado a memória. Estes conheciam a planta inteira do complexo do CRUEL.

Vince prosseguiu, e foi como se tivesse lido a mente de Thomas.

- Se o que Gally diz é verdade, você e seus amigos serão de enorme ajuda à equipe de planejamento, pois alguns conhecem as instalações por dentro e por fora. Além do fato de uma pessoa a mais ser sempre importante, não me importa se velha ou jovem.

-Também temos um Berg- ofereceu Brenda.-A menos que os Cranks o tenham destruído. Está fora dos muros de Denver, do lado noroeste. O piloto está com nossos outros amigos.

- Onde estão os Bergs de vocês? - perguntou Thomas.

Vince dirigiu a mão para o fundo da sala.

- Em Thataway. Um lugar bem seguro. Está tudo pronto. Adoraríamos ter mais uma ou duas semanas para nos prepararmos, mas não temos muita escolha. O dispositivo de Charlotte está pronto. As primeiras oitenta

pessoas também. Podemos passar o dia todo amanhã compartilhando com vocês e com os outros o que sabemos e fazendo os preparativos finais, e depois entramos em ação. Não há razão para tornar o plano glamoroso. Apenas entraremos lá e faremos o que tem de ser feito.

Ouvi-lo dizer aquelas simples palavras tornou tudo mais real para Thomas.

-Até que ponto estão confiantes?

- Garoto, escute-me - disse Vince, a expressão grave. - Durante anos e anos temos ouvido falar sobre a missão do CRUEL. Como cada tostão, cada homem, cada mulher, cada recurso - como cada coisa deveria ser devotada à causa de encontrar uma cura para o Fulgor. Disseram-nos que haviam encontrado Privilegiados e, se pudessem descobrir por que o cérebro deles resistia ao vírus, o mundo inteiro seria salvo! Nesse meio-tempo, cidades desmoronaram; a educação, a segurança, os remédios para todas as outras doenças conhecidas pelo homem, a caridade, a ajuda humanitária, tudo foi canalizado para que o CRUEL fizesse o que bem entendesse.

- Eu sei - disse Thomas. - Sei muito bem disso tudo.

Vince não conseguia se conter, desabafando o fluxo de pensamentos que obviamente vinham se acumulando dentro dele há anos.

- Poderíamos ter detido a disseminação da doença, em vez de canalizar recursos para curá-la. Mas o CRUEL sugou todo o nosso dinheiro e as melhores pessoas que tínhamos disponíveis. E não é só: deram-nos falsas esperanças; ninguém tomou as precauções devidas. Pensaram que, no fim, uma cura mágica os salvaria. Mas, se esperarmos um segundo a mais, não haverá ninguém para ser salvo.

Vince agora parecia cansado. A sala caiu em silêncio quando se sentou, e se voltou paraThomas, aguardando

algum tipo de comentário. Mas como o garoto poderia argumentar contra aquelas palavras?

Vince prosseguiu:

- O pessoal que fará a venda dos Privilegiados poderia certamente plantar o dispositivo quando estivesse lá dentro, mas seria muito mais fácil se já estivesse instalado quando chegássemos. Ter os Privilegiados do nosso lado vai nos permitir entrar no espaço aéreo e ter permissão para aterrissar, mas... - Arqueou as sobrancelhas para Thomas, como se quisesse que ele próprio declarasse o óbvio.

Thomas fez que sim com a cabeça.

- É aí que eu entro.

- Pois é - falou Vince com um sorriso. - Acho que é aí que você entra.

53

Uma surpreendente calma tomou conta de Thomas.

- Podem me deixar a alguns quilômetros de distância, que sigo caminhando até lá. Vou fingir ter voltado para terminar os Experimentos. Tendo em vista o que vi e ouvi, vão me receber de braços abertos. É só me explicar o que devo fazer para plantar o dispositivo.

Outro sorriso genuíno cruzou o rosto deVince.

-A própria Charlotte vai fazer isso.

-Vocês podem obter informações com meus amigos.Teresa,Aris e os demais podem ajudá-los. Brenda, que está aqui, também sabe de muita coisa.

A decisão de Thomas havia sido rápida e decidida, embora a tarefa fosse perigosa. Era a melhor chance que tinham.

- Tudo bem, Gally - falou Vince. - E agora? Como faremos isso?

O velho inimigo de Thomas se levantou e o encarou.

-Vou trazer Charlotte para instruí-lo em relação ao dispositivo. Depois, levaremos você ao hangar do nosso Berg e o deixaremos perto do quartel-general do CRUEL, enquanto o restante se prepara com a equipe principal de solo. É melhor estar preparado para algum imprevisto. Devemos esperar algumas horas antes de chegar lá com os Privilegiados, ou vai parecer suspeito.

- Ficarei bem. - Thomas respirou fundo várias vezes, procurando se acalmar.

- Ótimo. Quando partir, vamos trazer Teresa e os outros para cá. Espero que não se importe de fazer outro agradável passeio pela cidade.

Charlotte era uma mulher silenciosa e miúda, que só pensava em trabalho. Explicou a Thomas as funções do dispositivo de neutralização de maneira breve e eficiente. Ele era pequeno o bastante para caber na mochila que haviam providenciado, junto com alguma comida e roupas extras para a caminhada a céu aberto que Thomas teria de fazer. Quando o dispositivo fosse plantado e ativado, ele se conectaria automaticamente aos sinais de cada arma e confundiria o sistema. Demoraria aproximadamente unia hora para que todas as armas do CRUEL fossem inutilizadas.

Bem simples, considerou Thomas. A parte mais difícil seria plantar a coisa quando entrasse lá, sem despertar suspeitas.

Gally designou Lawrence para acompanhar Thomas e uma piloto ao hangar abandonado onde guardavam os Bergs. De lá, voariam direto ao quartel-general do CRUEL. Isso significava outro passeio de van pelas ruas infestadas de Cranks, embora dessa vez fossem tomar uni caminho sem tantos desvios, através de uma importante rodovia.

O alvorecer se aproximava, e, por alguma razão, esse fato fez Thomas se sentir um pouco melhor.

O garoto se ocupava reunindo suprimentos de última hora para a viagem quando Brenda apareceu. Ele fez um aceno de cabeça em sua direção e lhe lançou uni sorriso.

- Vai sentir minha falta? - perguntou. A voz soou como se fosse unia brincadeira, mas na verdade desejava que Brenda respondesse afirmativamente.

Ela revirou os olhos.

- Não fale assim. Desse jeito, parece até que não vai voltar. Antes que imagine, todos estaremos juntos, rindo ao lembrar dos bons e velhos tempos.

- Conheço você há apenas algumas semanas. -Tornou a sorrir.

- Não importa. - Ela colocou os braços ao redor dele e lhe sussurrou no ouvido: - Sei que fui enviada ao Deserto para encontrá-lo e fingir ser sua amiga. Mas quero que saiba que você é mesmo meu amigo.Você...

Thomas se afastou para poder observar melhor seu rosto, que tinha unia expressão indecifrável.

- O quê?

- Apenas... volte vivo, está bem?

Thomas engoliu em seco, sem saber o que responder.

- O que me diz? - Brenda insistiu.

- Tenha cuidado também - foi tudo o que Thomas conseguiu dizer.

Brenda se aproximou dele e lhe beijou o rosto.

- Essa foi a coisa mais doce que já ouvi você dizer. - Revirou os olhos, mas lhe lançou um sorriso, que fez tudo parecer mais brilhante para Thomas.

-Tome conta para que ninguém estrague as coisas - disse ele. - Para que o plano dê certo.

-Tomarei. A gente se vê dentro de um dia ou por aí.

- Certo.

-Vou me cuidar se você se cuidar também. Prometo.

Thomas a atraiu para si em um último abraço.

- Combinado.

54

0 Braço Direito lhes forneceu uma nova van. Lawrence dirigia, e a piloto estava sentada no banco do passageiro ao lado dele. A mulher estava em silêncio e não era nem um pouco sociável, mantendo-se a maior parte do tempo com a expressão fechada. Lawrence também não estava no melhor dos humores, provavelmente porque havia deixado de ser um distribuidor de alimentos em um local seguro para servir de motorista designado a atravessar uma cidade infestada de Cranks. Pela segunda vez.

O Sol já havia nascido, iluminando os prédios do que parecia ser uma cidade completamente diferente daquela da noite anterior. Por alguma razão, a claridade trazia segurança.

Thomas havia recebido de volta sua pistola, totalmente carregada, e a colocara na cintura do jeans. Tinha consciência de que as doze balas recarregadas não fariam muito estrago se fossem alvo de uma emboscada de novo, mas essa perspectiva parecia distante no estado de relaxamento em que se encontrava.

- Muito bem, repasse o plano - falou Lawrence, rompendo o silêncio.

- Qual era mesmo? - perguntou Thomas.

- Repasse o plano até chegarmos ao hangar se não quiser morrer antes da hora.

Boa sugestão, pensou Thomas.

Caíram de novo em silêncio, os únicos sons sendo o do motor e o dos solavancos sobre a estrada. O momento grave que viviam fez Thomas pensar em todas as coisas que poderiam dar errado nos próximos dias. Esforçou-se

para bloquear tais pensamentos, concentrando-se na cidade arruinada pela qual passavam.

Até então só havia visto poucas pessoas aqui e ali, a maioria a distância. Ponderava se não tinham ficado acordadas até tarde, com medo do que pudesse surgir da escuridão. Ou se os próprios não haviam sido os protagonistas desse tipo de incursão.

O Sol reluzia nas altas janelas dos arranha-céus. Os prédios, incrivelmente altos, pareciam se estender rumo ao infinito. A van passou pelo parte principal da cidade, descendo uma rodovia ampla onde havia alguns carros abandonados. Thomas viu Cranks se escondendo em veículos, espreitando pelas janelas, como se aguardassem para uma emboscada.

Lawrence pegou unia saída dois ou três quilômetros à frente, encaminhando-se a uma rodovia plana, que conduzia a um dos portões da cidade murada. Barricadas tinham sido montadas dos dois lados da estrada - provavelmente construídas em tempos mais felizes, para evitar que o ruído de um número excessivo de carros perturbasse os moradores da cidade cujas casas ficavam próximas da autoestrada. Naquele momento, parecia impossível que tal mundo houvesse existido um dia - um lugar onde uma pessoa não se sentisse terrivelmente apavorada com a vida cotidiana.

-Vamos seguir por aqui pelo resto do caminho - disse Lawrence. - O hangar é nossa instalação mais protegida, e toda a preocupação se resume em mantê-lo em pé e intacto. Daqui a uma hora estaremos no ar, felizes e em segurança.

- É bom mesmo - respondeu Thomas, embora, após a experiência da noite anterior, aquilo parecesse muito fácil. A piloto permaneceu em silêncio.

Andaram por quase cinco quilômetros, quando então Lawrence passou a reduzir a velocidade do veículo.

- O que está acontecendo? - murmurou ele.

Thomas voltou sua atenção para a estrada à frente, a fim de ver a que Lawrence se referia, e avistou vários carros dirigindo em círculos.

- Acho que teremos de passar por eles - Lawrence falou, mais para si próprio do que para os demais.

Thomas não respondeu nada; era óbvio para todos ali que, fosse o que fosse aquela movimentação, só poderia significar problemas.

-Vai levar uma eternidade voltar e tentar um caminho diferente. Vou tentar passar por eles - Lawrence falou.

- Por favor, só não faça nada estúpido - disse a piloto com rispidez. - Com certeza não chegaremos lá se tivermos de ir a pé.

Enquanto se aproximavani,Thomas se inclinou no banco e tentou avaliar melhor a situação. Cerca de vinte pessoas brigavam por uma pilha de algo que não conseguia distinguir dali, atirando pedaços de coisas, acotovelando-se e trocando socos. Aproximadamente trinta metros à frente estavam os carros - desviando, girando e colidindo uni com o outro. Era um milagre ninguém na estrada ainda ter sido atingido.

- O que planejam fazer? - perguntou Thomas. Lawrence não fez menção de reduzir a velocidade, e já estavam quase lá.

-Você precisa parar! - gritou a piloto.

Lawrence ignorou a ordem.

- Não.Vou em frente.

-Você quer que a gente morra?

- Ficaremos bem. Calem a boca por um segundo, os dois!

Aproximaram-se do grupo de pessoas, que ainda se apinhavam umas contra as outras, disputando o que quer que estivesse naquela enorme pilha. Thomas deslizou para a lateral da van, tentando obter melhor visão do que ocorria. Os Cranks rasgavam enormes sacos de lixo, tirando dali velhas embalagens de comida e de

carne em decomposição, bem como restos de alimentos. Mas ninguém conseguia manter uma coisa na mão sem que outro ameaçasse torná-la. Socos eram trocados, e unhas arranhavam. Um homem tinha um enorme corte sob o olho, e uma mancha sanguinolenta descia-lhe pelo rosto como se fossem lágrimas vermelhas.

A van desviou eni alta velocidade, e Thomas voltou a atenção para a frente. Os motoristas dos carros - modelos antigos, com lataria amassada, a maioria cone a pintura desgastada - haviam parado, e três deles tinham se alinhado frente a frente com a van que se aproximava. Lawrence não reduziu a velocidade. Em vez disso, desviou, encaminhando-se para o espaço maior entre o carro da direita e o do meio. Então, num minuto o carro da esquerda avançou, virando de repente para tentar atingir a van antes que ela passasse.

- Segurem-se! - gritou Lawrence, e aumentou ainda mais a velocidade.

Thomas se agarrou no assento ao se encaminharem para o vão entre os carros. Ambos os veículos não se moveram, mas o terceiro, o que saíra da esquerda, manobrara e agora voltava na direção deles. Ficou evidente para Thomas que não teriam chance, e quase teve tempo de gritar, mas era tarde demais.

A van acabara de embicar no espaço entre os dois carros, quando o terceiro a atingiu em cheio na lateral traseira esquerda. Thomas voou para a esquerda, batendo a cabeça contra o veículo, choque que lhe provocou uma marca horrível e imediata.Vidros se estilhaçaram em todas as direções, e a van começou a girar, a traseira parecendo um chicote em movimento. Thomas era arremessado de um lado a outro, e tentava se agarrar em alguma coisa, em vão. O som de pneus se arrastando e metal em atrito invadiu o ar.

O ruído cessou quando, por fim, a van se chocou contra uma parede.

Thomas, ferido e desnorteado, estava no assoalho da van, ajoelhado. Tivera tempo de ver os três veículos se afastar, o som do motor sumindo enquanto seguiam pela estrada longa e plana pela qual haviam vindo antes. Olhou, preocupado, para Lawrence e a piloto; ambos pareciam bem.

Então a coisa mais estranha do mundo aconteceu.Thonias correu os olhos para fora da janela e viu uni Crank ferido encarando-o a uns seis metros de distância. Demorou apenas uni segundo para registrar quem ele era.

Newt.

55

Newt estava com uma aparência horrível. O cabelo apresentava ausência de vários tufos, deixando aparentes pontos de calvície que eram mais vergões vermelhos. Arranhões e ferimentos lhe cobriam o rosto; a camisa estava rasgada, apenas um trapo sobre a estrutura de ossos quase cadavérica; e a calça era unia mescla de imundície e sangue. Era como se enfiai houvesse se rendido ao fato de ser uni Crank, unindo-se de corpo e alma ao grupo.

No entanto, Newt o olhou fixamente, como se reconhecesse ter esbarrado com uni amigo.

Lawrence estivera falando há algum tempo, mas só agora Thomas processava as palavras dele.

-Vamos ficar bem.A van está bastante avariada, mas espero que consiga andar mais alguns quilômetros para nos levar ao hangar.

Lawrence engatou a ré, e a van manobrou, afastando-se da parede, o ruído de plástico quebrado e metal retorcido e o rangido de pneus rompendo o absoluto silêncio que havia se instalado. Então começou a se afastar, e foi como se uni dique se acionasse na cabeça de Thomas.

- Pare! - ele gritou. - Pare a van! Agora!

- O quê? - replicou Lawrence. - Do que está falando?

- Pare a droga da van!

Lawrence pisou no freio, e Thomas se levantou e se dirigiu à porta. Fez menção de abri-la, mas o outro agarrou sua camisa pelas costas e o deteve.

- Que diabos acha que está fazendo? - Lawrence berrou.

Thomas não permitiria que nada o detivesse. Tirou a pistola da cintura e a apontou para Lawrence.

- Tire as mãos de cima de mim. Tire as mãos de cima de mim!

Lawrence obedeceu, erguendo as mãos no ar.

- Ei, garoto. Acalme-se! O que há de errado com você?

Thomas se afastou dele.

-Vi um amigo lá fora. Quero ver se está bem. Se houver algum tumulto, corro de volta para a van. Só peço que fique a postos para nos tirar daqui assim que eu voltar.

- Acha que aquela coisa lá fora ainda é seu amigo? - perguntou a piloto com frieza. - Esses Cranks já atingiram a Insanidade há muito tempo. Não consegue enxergar isso? Seu amigo agora não passa de um animal. Não, deve ser bem pior que um animal.

- Então será uma despedida breve, certo? - respondeu Thomas. Abriu a porta e saiu para a rua. - Me dê cobertura se for preciso. Tenho mesmo de fazer isso.

-Vou lhe dar um belo de um chute no traseiro antes de chegarmos àquele Berg, prometo a você - grunhiu Lawrence. -Apresse-se. Se esses Cranks que estão entretidos com o lixo se encaminharem para cá, começaremos a atirar. E não me importa se a mamãe ou o titio estiverem lá fora.

- Combinado. -Thomas se afastou deles, tornando a enfiar a pistola na cintura do jeans. Caminhou devagar na direção do amigo, ali em pé e sozinho, bem distante do grupo de Cranks que ainda vasculhava o lixo. No momento, pareciam satisfeitos com aquilo e nem um pouco interessados nele.

Thomas venceu metade da distância que o separava de Newt, depois parou. A pior parte do estado do amigo era a selvageria do olhar. A loucura espreitava atrás deles, dois poços infestados de demência. Como aquilo acontecera tão depressa?

- Ei, Newt? Sou eu, Thomas. Ainda se lembra de mim, não é?

Uma clareza repentina perpassou o olhar de Newt, quase provocando um recuo de surpresa em Thomas.

- É claro que me lembro de você, Tommy. Você foi me ver no Palácio, ignorando o que lhe pedi no meu bilhete. Não fiquei completamente louco em apenas alguns dias.

Aquelas palavras feriram mais o coração de Thomas do que a visão lamentável do amigo.

- Então por que está aqui? Por que está com... eles?

Newt se voltou para os Cranks, depois encarou Thomas.

- Isso vai e vem, cara. Não dá pra explicar. Às vezes não consigo me controlar, mal sei o que estou fazendo. É como uma coceira no cérebro, que provoca irritação suficiente pra que eu mande tudo para o espaço. Fico furioso.

-Você parece bem agora.

- É, eu sei.A única razão de estar com esses doidos do Palácio é porque, na verdade, não tenho nada mais importante para fazer. Eles brigam o tempo todo, mas estão em grupo. Se ficarmos sozinhos, não teremos nem uma maldita chance.

- Newt, venha comigo dessa vez, agora. Podemos levá-lo a um lugar seguro, a um lugar melhor para...

Newt riu, e ao fazê-lo a cabeça se contorceu para o lado algumas vezes de modo estranho.

- Dê o fora daqui, Tommy. Vá embora.

-Venha comigo - implorou Thomas. - Amarro você, se o fizer se sentir melhor.

O rosto de Newt de repente foi tomado pela raiva, e as palavras saíram em um jorro de ira:

- Cale a boca, traidor de mértila! Não leu meu bilhete? Não pode fazer uma última maldita coisa por mim? Tem de ser o herói, como sempre? Odeio você. Sempre odiei você!

Ele não quer dizer isso,Thomas disse a si mesmo com firmeza. Eram apenas palavras sem sentido.

- Newt...

- Foi tudo culpa sua! Você poderia ter detido todos eles quando os primeiros Criadores morreram. Poderia ter descoberto uni modo de fazer isso. Mas não! Tinha de seguir em frente, tinha de tentar salvar o mundo, de ser o herói. Daí foi para o Labirinto e nunca mais parou. Só se importa com você mesmo! Admita! Quer ser reconhecido, adorado! Devíamos ter atirado você quando estava na Caixa!

O rosto de Newt havia assumido uma coloração de um vermelho brilhante, e várias gotículas de saliva acompanhavam suas palavras boca afora. Fez menção de dar alguns passos manquitolas à frente, os punhos cerrados.

-Vou atirar nele! - gritou Lawrence da van. - Saia da frente.

Thomas se virou.

- Não! Isso é entre mim e ele! Não faça nada! - Encarou o amigo de novo. - Newt, ouça o que vou dizer. Sei que está bem agora, o bastante para me entender.

- Odeio você,Tommy! - Ele estava a poucos passos de distância, e Thomas recuou, o sofrimento por Newt transformando-se em certo temor. - Odeio você, odeio, odeio! Depois de tudo o que fiz pra você, depois de todo o maldito perrengue que passei naquela droga de Labirinto, você não pode fazer a única coisa que pedi pra você fazer? Não consigo nem olhar pra essa sua cara feia de mértila!

Thomas recuou mais um pouco.

- Newt, precisa se controlar.Vão atirar em você. Pare e me escute! Entre na van, deixe-nle amarrá-lo. Me dê uma chance! - Não conseguiria matar o amigo. Estava acima de suas forças.

Newt gritou e se precipitou para a frente. Um tiro de Lança-Granadas partiu da van, crepitando no chão, embora sem ter atingido Newt.Thonias estacara, imóvel, e Newt o arremessara ao chão, deixando-o sem fôlego por alguns instantes. Lutou para voltar a respirar, enquanto o velho amigo subia sobre seus ombros e pressionava seu corpo contra o chão.

- Devia arrancar seus olhos - disse Newt, cuspindo no rosto de Thomas enquanto falava. - Dar uma lição em você. Por que veio aqui? Esperava por acaso que eu lhe desse um maldito abraço? Há? Queria uma conversa civilizada sobre os bons tempos na Clareira?

Thomas balançou a cabeça, tomado pelo terror, os dedos tateando bem devagar o revólver com a mão livre.

- Quer saber por que manco assim, Tommy? Já lhe contei? Não, acho que não.

- O que aconteceu? - perguntou Thomas, ganhando tempo. Fechou os dedos ao redor da arma.

-Tentei me matar no Labirinto. Subi até a metade de um daqueles malditos muros e pulei.Alby me encontrou e me arrastou de volta à Clareira pouco antes de as Portas se fecharem. Odiava aquele lugar,Tommy. Odiei cada segundo de cada dia. E foi tudo... sua... culpa!

Em um movimento súbito, Newt agarrou a mão de Thomas que segurava a pistola. Dirigiu-a para si mesmo, erguendo-a até que o cano pressionasse a própria testa.

-Agora, faça sua parte! Mate-me, antes que me torne um desses monstros canibais! Pedi isso a você, e a ninguém mais.Vamos, atire!

Thomas tentou puxar a mão, mas a força de Newt era descomunal.

- Não consigo, Newt. Não consigo.

- Faça sua parte! Arrependa-se do que me causou! - Aquelas palavras dilaceravam o coração de Thomas; todo o seu corpo tremia. Então a voz baixou para um sussurro urgente e áspero: - Mate-me agora, seu covarde de

mértila. Prove que é capaz de fazer algo certo, para variar. Livre-me dessa situação miserável.

Thomas sentia-se cada vez mais horrorizado.

- Newt, talvez a gente possa...

- Cale-se! Cale essa boca! Confiei em você. Agora, puxe o gatilho!

- Não posso.

- Puxe!

- Não posso! - Como Newt podia lhe pedir uma coisa daquelas? Como poderia matar um de seus melhores amigos?

- Mate-me, ou então vou acabar com a sua raça.Vamos, ande logo com isso!

- Newt...

- Faça isso, antes que me torne um deles!

- Eu...

- MATE-ME! - E então os olhos de Newt se tornaram lúcidos, como se houvesse obtido uni último segundo de sanidade, e a voz se acalmou. - Por favor, Tommy. Por favor.

Com o coração caindo em um abismo negro,Thomas puxou o gatilho.

56

Thomas fechara os olhos ao atirar. Ouvira o impacto da bala contra a carne de Newt, e sentira o corpo dele arquejar e depois tombar na rua. Sentindo o estômago revirar, levantou-se, sem conseguir abrir os olhos até começar a correr. Não podia se permitir ver o que havia feito com o amigo. O horror daquele ato, arrependimento, culpa e loucura, tudo isso ameaçava consumi-lo, e os olhos marejaram de lágrimas ao se dirigir correndo à van.

- Entre logo! - gritou Lawrence.

A porta ainda estava aberta.Thomas saltou para dentro e a fechou. Não demorou uni segundo, e a van já se movia.

Ninguém disse uma palavra. Thomas olhava através da janela para uni ponto distante, em estado total de atordoamento. Havia atirado na cabeça de seu melhor amigo. Não importava que Newt houvesse implorado por isso, que fosse seu desejo. Ainda assim, fora ele quem havia puxado o gatilho. Olhou para baixo, percebendo que mãos e pernas tremiam, e de repente se deu conta de que sentia um frio congelante.

- O que foi que eu fiz? - murmurou, mas os outros não lhe deram nenhuma resposta.

O resto da viagem foi uni borrão confuso na mente de Thomas. Passaram por mais Cranks, tiveram inclusive de atirar algumas granadas pela janela eni alguns momentos. Depois transpuseram o muro da cidade e o portão que dava para o pequeno aeroporto, alcançando a porta enorme do hangar, guardada cone atenção por mais membros do Braço Direito.

Não se falou muito;Thomas fez apenas o que lhe foi mandado, seguindo para onde devia ir. Embarcaram no Berg, e ele seguiu os outros dois quando entraram na nave e realizaram uma inspeção. Em momento algum proferiu sequer uma palavra. A piloto ligou o motor da grande aeronave, e Lawrence desapareceu em algum canto. Thomas se acomodou em unia cama na área comum. Recostou-se e manteve o olhar fixo na grade de metal do teto.

Desde que havia atirado em Newt, não pensara mais na missão que o aguardava. Havia se livrado do CRUEL, e ali estava ele, voltando voluntariamente para eles.

Nada mais importava. O que quer que acontecesse. Sabia que pelo resto da vida seria assombrado pelo que vira. Chuck sufocado, arquejando enquanto sangrava até morrer, e agora Newt, gritando cone ele em uni acesso de loucura crua e aterrorizante. E, naquele último momento de sanidade, os olhos implorando por misericórdia.

Thomas cerrou os olhos, mas as imagens permaneciam vivas. l)encorou uni longo tempo para adormecer.

Lawrence o despertou:

- Ei, levante-se, garoto. Chegaremos em alguns minutos.Vamos desembarcá-lo e depois sair chispando daquele inferno. Sem ofensa.

- Tudo bem - resmungou Thomas, colocando as pernas para fora da cama. - Quanto vou ter de andar para chegar lá?

- Alguns quilômetros. Mas não se preocupe. Não creio que vá dar de frente com muitos Cranks... Está frio na floresta. Embora possa encontrar alguns alces zangados pelo caminho. E lobos podem tentar arrancar suas pernas. Nada de mais.

Thomas se voltou para Lawrence, pensando que depararia com uni grande sorriso irônico, mas ele estava

ocupado organizando coisas num canto da nave.

- Sua mochila e um casaco estão à espera ali na rampa - avisou ele, enquanto depositava uma pequena peça de equipamento em uma prateleira. - Lá tem comida e água. Queremos ter certeza de que será unia caminhada tranquila e agradável. Para que desfrute das alegrias da natureza, você sabe... - Ainda nenhum esboço de sorriso.

- Obrigado - murmurou Thomas. Esforçava-se para sair do poço escuro de tristeza em que havia despencado durante o sono.Ainda não conseguira afastar Chuck e Newt da mente.

Lawrence se deteve e se virou para Thomas.

- Só vou lhe perguntar uma vez.

- O quê?

- Tem certeza do que vai fazer? Tudo o que já ouvi sobre essa gente é podre. Eles sequestrarei, torturam, matam... Fazem qualquer coisa para conseguir o que querem. Para mim, é unia loucura deixá-lo entrar ali sozinho.

Por alguma razão que não sabia explicar, Thomas não tinha mais medo.

-Vai dar tudo certo. Fique preparado para quando eu voltar.

Lawrence balançou a cabeça.

- Ou você é o garoto mais corajoso que já conheci, ou é o mais maluco. Seja como for, vá tomar uma ducha e colocar roupas limpas. Deve haver alguma coisa no armário.

Thomas não sabia como estava sua aparência naquele momento, mas imaginou que fosse algo semelhante a um zumbi pálido e abatido, de olhos vazios.

- Certo - respondeu, e foi ver se conseguia, com a ducha, se livrar daquele estado catatônico.

O Berg começou a descer, e Thomas se segurou em unia barra lateral enquanto a nave baixava. A rampa

passou a se abrir com um rangido nas dobradiças, enquanto ainda estavam a uns cem metros do chão, e o ar frio penetrou o interior da aeronave. O som dos propulsores ficou mais alto. Thomas notou que estavam sobre uma pequena clareira, em unia grande floresta de pinheiros cobertos de neve. Eram tantas as árvores, que o Berg não podia aterrissar. Thomas teria de saltar.

O avião baixou mais um pouco, e Thomas ficou a postos.

- Boa sorte, garoto - desejou Lawrence, indicando com um aceno de cabeça o solo abaixo enquanto se aproximavam. - Recomendaria cautela, mas você não é idiota, por isso não vou recomendar nada.

Thomas lhe lançou um sorriso, aguardando retribuição. Era como se precisasse daquele gesto, mas não obteve nada em troca.

- Ok, então.Vou plantar o dispositivo assim que entrar. Tenho certeza de que tudo vai correr bem, sem problema nenhum. Certo?

-Vou virar mico de circo se não houver problemas - respondeu Lawrence, mas havia um quê de bondade no tom de voz. - Agora, vá. Quando estiver lá fora, siga naquela direção. - Apontou para a esquerda, na direção dos limites da floresta.

Thomas vestiu o casaco, enfiou os braços pelas correias da mochila e depois, com cuidado, desceu a grande rampa de metal, agachando-se na extremidade exterior. Estava a pouco mais de um metro do chão coberto de neve, mas ainda assim teria de ter cuidado. Saltou, e aterrissou em um local macio... um monte de neve recém-caída. O tempo todo, sentia as entranhas entorpecidas.

Havia matado Newt.

Tinha atirado na cabeça do próprio amigo.

57

Aclareira estava repleta de troncos tombados há muito tempo. Os pinheiros altos e grossos da floresta cercavam Thomas, esgueirando-se para cima como um muro de torres majestosas. Protegeu os olhos do vento feroz que o atingiu quando o Berg acelerou os motores e subiu, observando-o desaparecer no céu a sudoeste.

O ar era cruel e gélido, e a floresta parecia recém-formada, como se se erguesse em um novo mundo, um local intocado por qualquer tipo de doença. Tinha certeza de que não eram muitas as pessoas que haviam conseguido ver algo assim naquele mundo de hoje, e se sentiu afortunado.

Ajeitou a mochila e partiu na direção que Lawrence havia indicado, determinado a transpor o caminho o mais rápido possível. Sabia que estar ali na floresta, sozinho, lhe daria tempo demais para pensar, mas, quanto menos tempo tivesse para refletir no que havia feito com Newt, melhor. Deu os últimos passos, deixando a clareira coberta de neve, e embrenhou-se na escuridão da floresta de pinheiros. Permitiu que o fragrância agradavelmente marcante o envolvesse, e fez o máximo para bloquear qualquer tipo de pensamento.

Thomas conseguiu seu intento ao se concentrar no caminho, nas visões e nos sons de passarinhos, esquilos e insetos, e no aroma maravilhoso. Os sentidos nunca haviam sido usados para esse tipo de coisa, pois passara a maior parte da vida, pelo que se lembrava, confinado. Sem mencionar o Labirinto e o Deserto. Enquanto andava pela floresta, achou difícil acreditar que um lugar como aquele e o Deserto pudessem existir no mesmo planeta.

Sua mente viajou. Ponderava como seria a vida de todos aqueles animais se os humanos realmente desaparecessem para sempre.

Caminhou por mais de uma hora, até chegar, enfim, aos limites da floresta - um local amplo de terra árida e rochosa. Espaços de uma crosta marrom-escura, desprovidos de vegetação, preenchiam a extensão sem árvores onde a neve havia sido levada pelo vento. Pedras ásperas de todos os tamanhos pontilhavam a superfície, que caía em uma queda repentina - uni enorme penhasco. Além dali, estava o oceano, seu azul profundo no horizonte em unia linha tênue ao se transformar no azul-claro do céu brilhante. E, instalado na extremidade do penhasco, quase uni quilômetro à frente, estava o quartel-general do CRUEL.

O complexo era enorme, composto de amplos prédios interligados e sem grandes ornamentos; as paredes eram entrecortadas vez ou outra por fendas no cimento branco, permitindo a entrada de luz natural. Unia construção arredondada erguia-se em meio às outras, imponente. O clima árido da região, misturado à umidade do mar, havia cobrado seu preço nas fachadas dos prédios. Rachaduras, como teias de aranha, cobriam o exterior do complexo. Mas, para Thomas, pareciam ter sempre existido ali - unia reminiscência um tanto confusa de algo visto nos livros de História... algum tipo de hospício assombrado. Era o lugar perfeito para abrigar a organização que tentava impedir que o mundo se tornasse um hospício completo. Unia estrada longa e estreita saía do complexo, desaparecendo floresta adentro.

Thomas seguiu pela terra rochosa. Um silêncio quase perturbador pairava sobre o local. A única coisa que conseguia ouvir, além do ruído de passos e da própria respiração, era o som de ondas distantes quebrando contra o penhasco, e mesmo este era fraco. Tinha

certeza de que, àquela altura, o CRUEL já o havia rastreado.A segurança dali devia ser eficiente e rígida.

Um rangido semelhante ao de fricção de metal contra pedra o fez se deter e olhar para a direita. Como se inspirado por unia suspeita, uni be souro mecânico encarapitado em uma rocha o observava, o olho vermelho brilhando na direção de Thomas.

O garoto se lembrou de como havia se sentido a primeira vez que vira um deles dentro da Clareira. Parecia ter se passado uma eternidade desde então.

Acenou para o besouro mecânico e continuou a andar. Daí a dez minutos estaria diante das portas do CRUEL, pedindo, pela primeira vez, para entrar. Não para sair.

Venceu a última parte do declive, pisando sobre a calçada coberta de gelo que circundava o complexo. Aparentemente, fora feito uni esforço para tornar o local uni pouco piais agradável que o ambiente árido que o cercava, mas os arbustos, as flores e as árvores havia muito tinham sucumbido ao inverno, e nas porções acinzentadas de solo que podia entrever na neve só nasciam ervas daninhas.Thomas caminhou pela via pavimentada, ponderando por que ninguém havia aparecido ainda para recebê-lo. Talvez o Honrem-Rato estivesse lá dentro, assistindo e se felicitando por Thomas enfim ter se rendido a eles.

Mais dois besouros mecânicos capturaram sua atenção, ambos perambulando pelas ervas daninhas recobertas de neve dos canteiros de flores, espreitando à esquerda e à direita, os raios vermelhos se evidenciando enquanto corriam.Thomas observou o conjunto de janelas mais próximo, lá em cima, mas só viu escuridão - o vidro estava pintado de uma cor escura. Uni ruído vindo de trás o obrigou a se virar. Uma tempestade se formava, as nuvens densas e escuras, mas ainda estava a alguns quilômetros de distância. Enquanto observava, vários raios de luz ziguezaguearam rumo ao solo pardo, o

que o fez se lembrar do Deserto, da terrível tempestade que os recebera ao se aproximarem da cidade. Torcia para que o clima não fosse tão ruim em uni ponto isolado como aquele.

Voltou a andar, reduzindo a velocidade ao se aproximar da entrada principal. Um grande conjunto de portas de vidro o aguardava, e unia onda repentina e quase dolorosa de recordações martelou sua cabeça.A fuga do Labirinto, a corrida pelos corredores do CRUEL, a chegada àquelas portas. Notou um pequeno estacionamento à direita, onde um velho ônibus estava parado junto a unia série de carros.Tinha de ser o mesmo que havia passado por cima daquela pobre mulher infestada pelo Fulgor e que em seguida os levara àqueles dormitórios onde o CRUEL tinha se divertido com a mente deles, enfim obrigando-os a entrar no Transportai, rumo ao Deserto.

E agora, depois de tudo pelo que havia passado, estava ali, à entrada do CRUEL, por escolha própria. Estendeu a mão e bateu no vidro frio e escuro à frente. Não conseguia enxergar nada do outro lado.

Quase imediatamente várias trancas foram desativadas, uma após a outra; em seguida, uma das portas se abriu. Janson, que para Thomas sempre fora o Homem-Rato, estendeu-lhe a mão.

- Seja bem-vindo, Thomas - disse-lhe. - Ninguém acreditou em mini, mas vinha dizendo o tempo todo que você retornaria. Estou satisfeito por ter feito a escolha certa.

-Vamos acabar logo com isso - respondeu Thomas. Devia representar seu papel, mas não precisava fingir que estava contente.

- Parece uma excelente ideia -Janson comentou, recuando um passo e inclinando-se levemente. -Você primeiro.

Com um calafrio percorrendo-lhe a espinha devido ao frio congelante lá fora, Thomas passou à frente do Homens-Rato e adentrou o quartel-general do CRUEL.

58

Thomas entrou em um amplo saguão com algumas poltronas e cadeiras, à frente das quais se via uma grande escrivaninha vazia. Era diferente das que tinha visto da última vez em que estivera ali. A mobília era colorida e brilhante, mas não conseguia dissipar a aura sombria do lugar.

- Achei que passaríamos alguns minutos no meu escritório - disse Janson, e apontou para o corredor que saía à direita do saguão. Passaram a percorrê-lo. - Sinto muitíssimo o que aconteceu em Denver. É uma vergonha perder uma cidade com tal potencial. Mais uma razão para finalizar o que precisamos fazer, e fazê-lo logo.

- E o que é isso que você tem de fazer? - obrigou-se a perguntar.

-Vimos discutir o assunto no meu escritório. Nossa equipe principal está lá.

O dispositivo oculto na mochila era um peso excessivo na consciência de Thomas. De algum modo, tinha de plantá-lo o quanto antes e pôr o relógio para funcionar.

- Ótima ideia - respondeu -, mas antes preciso usar o banheiro.

Foi a primeira coisa que lhe veio à mente. Era um jeito seguro de ficar pelo menos um minuto sozinho.

- Há um bem perto daqui - respondeu o Homem-Rato.

Viraram e seguiram por um corredor ainda mais sombrio, que conduzia ao banheiro masculino.

- Espero você aqui fora - falou Janson, apontando a porta.

Thomas entrou sem dizer uma única palavra. Tirou o dispositivo da mochila e olhou ao redor. Havia um

armário de madeira para armazenagem de produtos logo acima da pia e, na parte de cima dele, uma abertura com tamanho suficiente para Thomas inserir o dispositivo e ele ficar oculto. Puxou a descarga e depois abriu a torneira da pia. Ativou o dispositivo conforme lhe tinham ensinado, o estômago se contraindo assim que um leve bipe soou, e em seguida estendeu a mão e o depositou na parte de cima do armário. Após fechar a torneira, acalmou-se, enquanto o secador de mãos fazia seu serviço.

Depois de alguns minutos, voltou ao corredor.

- Já terminou? - perguntou Janson, um tom que chegava a ser aborrecido de tão educado.

- Já terminei - replicou Thomas.

Continuaram andando, passando por alguns retratos tortos pendurados na parede. Eram da chanceler Paige, parecidos com os dos cartazes de Denver.

-Vou me encontrar pessoalmente com a chanceler? - perguntou Thomas, curioso com relação àquela mulher.

-A chanceler Paige está muito ocupada - respondeu Janson. -Você deve se lembrar, Thomas, de que terminar o plano e conseguir a cura são só o começo. Ainda estamos organizando a logística de fazê-la chegar às massas. Neste exato momento, a maior parte da equipe está trabalhando nisso sem parar.

- O que o deixa tão certo de que isso vai funcionar? E por que justamente eu?

Janson o encarou e exibiu seu sorriso de roedor.

- Eu sei, Thomas. Acredito nisso com todas as células do meu ser. E prometo a você que lhe darei o crédito que merece.

Por alguma razão, Thomas pensou em Newt.

- Não desejo crédito nenhum.

- Chegamos - replicou o homem, ignorando o comentário de Thomas.

Estavam diante de uma porta sem nenhuma indicação, e o Homem-Rato o fez entrar. Duas pessoas - um homem e unia mulher - encontravam-se sentadas diante de uma escrivaninha. Thomas não as conhecia.

A mulher usava um terno escuro, tinha um longo cabelo ruivo e óculos de aro fino sobre o nariz. O homem era calvo e magro, e estava vestido com um daqueles macacões verdes.

- São meus colegas de trabalho - apresentou Janson, já se movendo para sentar atrás da escrivaninha. Fez um gesto indicando a Thomas para tomar a terceira cadeira entre os dois visitantes, pedido que o garoto atendeu.-A dra. Wright - disse ele indicando a mulher - é nossa Psi chefe, e o dr. Christensen, nosso médico principal. Temos muito a discutir; por isso, perdoem-nie se estou sendo breve nas apresentações.

- Por que fui escolhido o Candidato Final? - perguntou Thomas, indo direto ao assunto.

Janson se preparou, movendo desnecessariamente as coisas que havia sobre a escrivaninha, antes de sentar e cruzar as mãos sobre o colo.

- Excelente pergunta. Tínhamos vários - perdoem-me o termo - indivíduos selecionados a princípio para... disputar essa honra. Recentemente, foram reduzidos a você e Teresa. Mas ela tem unia forma de seguir as ordens diferente da sua. A tendência ao livre modo de pensar foi o que por fim determinou que você seria o Candidato Final.

Fie, o jogo até o fiai, pensou Thomas com amargura. As tentativas de se rebelar haviam se transformado exatamente no que o CRUEL queria.Toda a sua raiva se concentrou no homem sentado à frente. No Homem-Rato. Para Thomas, Janson passara a representar o CRUEL de cabo a rabo.

-Vamos acabar com isso - disse ele. Fez o melhor que pôde para escondê-la, mas ele mesmo percebia a raiva

contida na voz.

Janson parecia tranquilo.

- Uni pouco de paciência, por favor. Não vai demorar. Tenha em mente que juntar os padrões da Zona de Conflito Letal é unia operação delicada. Estancos lidando com a sua mente, e a menor distorção no que está pensando, interpretando ou percebendo pode inutilizar os achados resultantes.

- Sim - acrescentou a dra. Wright, colocando o cabelo atrás da orelha. - Sei que A. 1). Janson lhe falou sobre a importância de você voltar, e estamos contentes por ter tomado essa decisão. - A voz dela era suave, agradável, e de algum modo a mulher emanava inteligência pelos poros.

O dr. Christensen pigarreou, depois se manifestou com sua voz aguda e estridente. Thomas antipatizou com ele de imediato.

- Não sei como poderia tomar outra decisão. O mundo todo está à beira do colapso, e você pode ajudar a salvá-lo.

- É o que vocês dizem - respondeu Thomas.

- Exatamente - falou Janson. - É o que nós dizemos. E está tudo pronto. Mas ainda há pequenas coisas que precisamos lhe falar para que possa compreender a decisão que tomou.

- Mais algumas daquelas pequenas coisas pra me falar? - repetiu Thomas. -A principal premissa das Variáveis não é a de que não devo ter todas as informações? Não me digam que vão me atirar numa jaula com gorilas ou algo assim. Quem sabe me fazer caminhar através de um campo minado? Ou me lançar no oceano e ver se consigo nadar até a praia?

- Conte-lhe o resto - pediu o dr. Christensen.

- O resto? - perguntou Thomas.

- Sim, Thomas -Janson prosseguiu, a voz entrecortada por um suspiro. - O resto. Depois de todos os

Experimentos, de todos os estudos, de todos os padrões que foram coletados e examinados, após todas as Variáveis que apresentamos a você e seus amigos, chegamos a isto.

Thomas não disse uma palavra sequer. Mal conseguia respirar devido a uma estranha expectativa, desejos contraditórios entre saber e não saber.

Janson se inclinou para a frente, os cotovelos apoiados na escrivaninha e uma expressão grave sombreando-lhe o rosto.

- Chegamos a um resultado final.
- E qual é esse resultado?
- Thomas, precisamos do seu cérebro.

59

Afrequência cardíaca de Thomas se acelerou até se tornar um conjunto de pancadas agitadas no peito. Tinha dúvidas de se aquilo era ou não um teste. Haviam chegado ao máximo que podiam na análise de reações e padrões cerebrais. Agora escolhiam a pessoa mais adequada para ser.... dissecada em um esforço de produzir a cura?

De repente, o tempo que o Braço Direito demoraria a chegar não parecia ser rápido o suficiente.

- Meu cérebro? - repetiu em tom de descrença.

- Isso mesmo - respondeu o dr. Christensen. - O Candidato Final tem a peça que falta para completar os dados para o Esboço. Mas não há como afirmar até monitorarmos os padrões em relação àsVariáveis.A vivissecção nos permitirá obter os dados finais, com os sistemas funcionando adequadamente enquanto realizamos os procedimentos. Não que vá sentir algum tipo de dor...Vamos sedá-lo até que...

Não precisava terminar. As palavras do médico se desintegraram no silêncio, e os três cientistas do CRUEL agora aguardavam a resposta de Thomas. Mas era impossível articular qualquer palavra. Havia enfrentado a morte inúmeras vezes, mais do que podia se lembrar na vida, mas sempre o fizera na esperança desesperadora da sobrevivência, de fazer qualquer coisa ao alcance para durar mais um dia. Aquilo, no entanto, era diferente. Não tinha de sobreviver a um Experimento até o resgate chegar. Aquela experiência era algo do qual jamais retornaria. Seria o fim se o Braço Direito não viesse.

Teve um pensamento terrível: Teresa sabia daquilo?

Ficou surpreso ao ver com que profundidade aquela ideia o magoara.

- Thomas? - perguntou Janson, interrompendo a sequência de pensamentos do garoto. - Sei que deve ter sido um choque para você. Preciso que entenda que não se trata de um teste. Não é uma Variável, e também não estou mentindo. Chegamos à conclusão de que podemos completar o Esboço analisando seu tecido cerebral e como, combinado a padrões que já coletamos, sua composição fisica lhe permite resistir ao poder do vírus do Fulgor. Os Experimentos foram todos criados para que não tivéssemos de aplicar esse tipo de procedimento a ninguém. Nosso objetivo era salvar vidas, não desperdiçá-las.

- Coletamos e analisamos os padrões durante anos, e você foi de longe o mais forte na reação àsVariáveis - continuou a dra.Wright. -já sabíamos há certo tempo, e foi nossa riais alta prioridade poupar os indivíduos disso, que teríamos de escolher o melhor candidato para este último procedimento.

O dr. Christensen prosseguiu delineando o processo, enquanto Thomas escutava em uni silêncio de puro entorpecimento.

-Você tem de estar vivo, mas não desperto.Vamos sedá-lo e anestesiar a área da incisão, por isso será um processo relativamente indolor. Infelizmente, você não vai se recuperar dessas explorações neurais; o procedimento é fatal. Mas os resultados serão valiosíssimos.

- E se não funcionar? - perguntou Thomas. Divisava agora os momentos derradeiros de Newt. E se Thomas pudesse, de fato, impedir aquela morte horrível para inúmeras outras pessoas?

Os olhos da Psi piscaram em um gesto de desconforto.

- Bem, continuaremos trabalhando nisso. Mas estamos bastante confiantes...

Thomas a cortou, incapaz de se conter:

- Vão conseguir de qualquer jeito, não é? Estão pagando pessoas para sequestrar mais... indivíduos, como dizem; indivíduos Imunes - disse a última palavra com uni ódio quase incontrolável. - Para que possam começar de novo, não é isso?

A princípio ninguém respondeu. Depois de alguns instantes, Janson se pronunciou:

- Faremos o que for preciso para encontrar a cura. Com o mínimo possível de perda de vidas. Nada mais precisa ser dito sobre o assunto.

- Então por que estamos conversando? - perguntou Thomas. - Por que simplesmente não me agarram, me amarram e arrancam meu cérebro?

Foi o dr. Christensen quem respondeu:

- Porque você é o Candidato Final. É a ponte entre nossos fundadores e a equipe atual. Tentamos lhe demonstrar o respeito que merece. E torcemos para que faça a escolha certa.

- Thomas, você quer alguns minutos para pensar? - perguntou a dra. Wright. - Sei que é uma decisão dificil, e asseguro que para nós não é fácil também. O que estamos lhe pedindo é um enorme sacrificio.Você doará seu cérebro para a ciência? Permitirá que encaixemos as peças finais do quebra-cabeça, que avancemos em direção à cura, pelo bem da raça humana?

Thomas não sabia o que dizer. Não havia processado ainda a reviravolta dos acontecimentos. Depois de tudo por que haviam passado, era de mais uma morte que precisavam?

O Braço Direito estava a caminho. A imagem de Newt lhe cruzou a mente.

- Preciso ficar um pouco sozinho - falou por fim. - Por favor. - Pela primeira vez, uma parte dele desejava realmente se entregar ao CRUEL e deixá-los fazer o que

precisavam. Mesmo que houvesse apenas uma pequena chance de serem bem-sucedidos.

- Será a escolha certa concordar conosco - afirmou o dr. Christensen. - E não se preocupe; não vai sentir nem um pouquinho de dor.

Thomas não queria ouvir mais nada.

- Só preciso de mais algum tempo sozinho antes de tudo isso começar.

- É muito justo - respondeu Janson, levantando-se. - Vamos acompanhá-lo às instalações médicas e deixá-lo algum tempo em um lugar privativo. Mas precisamos nos apressar.

Thomas se inclinou para a frente e colocou a cabeça entre as mãos, o olhar perdido no chão. O plano que havia traçado com o Braço Direito de repente parecia uma completa idiotice. Mesmo que pudesse escapar do CRUEL - mesmo que desejasse fazer isso -, como sobreviveria até a chegada dos amigos?

- Thomas? - chamou a dra. Wright, estendendo o braço para afagar as costas dele. -Você está bem? Quer fazer mais alguma pergunta?

Thomas se endireitou na cadeira, desvencilhando-se das mãos dela.

- Levem-me para onde disseram.

Repentinamente, o ar parecia ter sumido do escritório de Janson, e o peito de Thomas se oprimiu. Levantou-se e caminhou até a porta, abriu-a e ganhou o corredor. Eram coisas demais para processar.

60

Thomas seguiu os médicos, mas a mente girava em uni turbilhão. Não sabia o que fazer. Não havia como se comunicar com o Braço Direito, e tinha perdido a capacidade de se comunicar telepaticamente com Teresa ou Aris.

Percorreram uni caminho sinuoso, e a rota ziguezagueante o fez se lembrar do Labirinto. Quase desejou estar lá; as coisas eram tão riais simples que agora!

- Há unia sala à esquerda - disse Janson. -já coloquei uni bloco lá, caso queira deixar alguma mensagem para um amigo. Encontrarei um meio de entregá-la.

-Vou providenciar algo para você comer - disse a dra.Wright atrás deles.

A educação deles o aborrecia. Lembrou-se de histórias antigas de assassinos condenados à morte. Tinham sempre direito a unia última refeição, tão sofisticada quanto desejassem.

- Quero uni bife - disse ele, detendo-se e virando-se para ela. - E camarão. Lagosta. Panquecas. E uma barra de chocolate.

- Sinto muito... Terá de se contentar com alguns sanduíches.

Thomas suspirou.

- Cada unia...

Thomas sentou em unia cadeira macia, fitando o bloco na pequena mesa à frente. Não tinha intenção de escrever nenhum bilhete, mas não havia mais nada a fazer. A situação tinha se configurado bem mais complicada do que poderia imaginar. Não sabia o que o

esperava, mas, de modo geral, dissecação em vida era algo que jamais teria lhe passado pela mente. Havia imaginado que, fosse o que fosse que pretendessem, poderia ir enrolando, fingindo que concordava, até o Braço Direito aparecer.

Bem, não havia ninguém ali agora.

Por fim, escreveu mensagens de despedida para Minho e Brenda, no caso de acabar morto; em seguida, repousou a cabeça nos braços até a comida chegar. Comeu devagar, depois tornou a descansar. Tudo que lhe restava era torcer para que os amigos aparecessem a tempo. Fosse como fosse, com certeza não deixaria aquela sala até ser terminantemente obrigado.

Cochilou enquanto esperava, os minutos se alongando.

Uma batida à porta o despertou.

- Thomas? - disse a voz abafada de Janson. - Precisamos começar os procedimentos agora.

As palavras desencadearam uma onda de pânico em Thomas.

- Não... não estou pronto ainda. - Sabia que aquela frase era ridícula.

Depois de uma longa pausa, Janson falou:

- Receio que não tenhamos muita escolha.

- Mas... - começou Thomas. Antes que pudesse organizar os pensamentos, no entanto, a porta foi aberta, e Janson entrou.

- Thomas, a espera só vai piorar as coisas. Precisamos ir.

O garoto não sabia mais como argumentar. Para ser honesto, estava surpreso com a calma com que o haviam tratado até aquele momento. Tinha levado as coisas ao limite, e o tempo se esgotara. Respirou fundo.

-Vamos acabar logo com isso.

O Homem-Rato sorriu.

- Siga-me.

Janson levou Thomas a uma sala de preparação com uma maca de rodinhas equipada com todo tipo de monitores e assistida por várias enfermeiras. O dr. Christensen estava ali, vestido da cabeça aos pés com um traje cirúrgico, a máscara cirúrgica já colocada no rosto. Thomas só conseguia enxergar os olhos dele, mas, pelo que podia perceber, ele parecia bem ansioso para começar.

- Então, chegou o momento? - perguntou Thomas. Uma onde de pânico lhe percorreu as entranhas, e o coração estava prestes a saltar do peito. - Está na hora de me abrir?

- Sinto muito - respondeu o médico. - Mas precisamos começar.

O Homem-Rato fez menção de falar alguma coisa, quando um forte alarme irrompeu pelo prédio todo.

O coração de Thomas deu um salto, e o alívio o inundou de imediato. Só podia ser o Braço Direito.

A porta foi aberta, e Thomas se virou a tempo de ver uma mulher anunciar freneticamente:

- Um Berg chegou com uma entrega, mas era um golpe para colocar pessoas aqui dentro. Neste exato momento, estão tentando invadir o prédio principal.

A resposta de Janson quase fez o coração de Thomas parar de bater.

- Bem, então precisamos nos apressar e iniciar logo o procedimento. Christensen, a anestesia.

61

0 peito de Thomas se contraiu, e a garganta pareceu inchar. Tudo seguia seu curso, e ele estava paralisado de terror.

Janson comandou aos berros:

- Dr. Christensen, rápido. Quem sabe o que essas pessoas estão prestes a fazer? A partir de agora, não podemos perder nem um minuto.Vou instruir o pessoal da cirurgia para que permaneçam nos devidos postos, não importa o que aconteça.

- Espere - Thomas se pronunciou. - Não sei se posso fazer isso. - As palavras saíram vazias; sabia que não cancelariam o procedimento àquela altura.

O rosto de Janson ficou vermelho. Em vez de responder a Thomas, dirigiu-se ao médico.

- Faça o que tiver de fazer para abrir o cérebro desse garoto.

Quando Thomas fez menção de retrucar, algo afiado lhe picou o braço, enviando ondas de calor através de seu corpo. No mesmo instante sentiu o corpo ficar mole, e desmoronou na maca. Do pescoço para baixo, estava anestesiado, e o terror se instalou dentro dele. O dr. Christensen se inclinou sobre ele e entregou a seringa usada à enfermeira.

- Realmente lamento, Thomas, mas tenho de fazer isso.

O médico e a enfermeira o ajeitaram na maca, erguendo suas pernas de maneira que ficasse totalmente na horizontal.Thomas conseguia mover um pouco a cabeça de uni lado para outro, mas isso era tudo. A repentina virada dos acontecimentos o oprimia, como se

só agora percebesse as implicações de seus atos. Estava a um passo da morte.A menos que de algum modo o Braço Direito chegasse rapidamente até onde se encontrava, iria morrer.

Janson surgiu em seu campo de visão.Acenando com a cabeça em aprovação, o Honrem-Rato deu um tapinha no ombro do médico.

- Vamos lá. - Então se virou e desapareceu. Thomas conseguiu ouvir alguém gritando no corredor antes de a porta ser fechada.

- Preciso fazer alguns testes - explicou o dr. Christensen.- Depois vamos para a sala de cirurgia. - Virou-se e passou a se ocupar com alguns instrumentos que estavam atrás dele.

O médico parecia ter falado de uma distância de centenas de quilômetros. Thomas se sentia desamparado, a mente trabalhando sem parar, enquanto o médico tirava unia amostra de seu sangue e media seu crânio. O homem trabalhava em silêncio, mal arranjando tempo para piscar. E gotas de suor na testa mostravam que corria contra sabe-se lá o quê. Será que tinha apenas unia hora para terminar o procedimento? Ou várias horas, talvez?

Thomas fechou os olhos. O dispositivo de desativação das armas teria funcionado? Será que alguém conseguiria encontrá-lo ali? Será que ele queria que o encontrassem? Quem sabe o CRUEL não estivesse mesmo bem perto de uma cura... Obrigou-se a respirar com regularidade, concentrando-se em tentar mover braços e pernas. Nada aconteceu.

O médico se esticou em um movimento repentino, sorrindo para Thomas.

-Acho que estamos prontos. Agora o levaremos à sala de cirurgia.

O dr. Christensen passou pela porta, e a maca de Thomas foi empurrada para o corredor. Incapaz de se

mover, ficou olhando as luzes no teto enquanto avançavam. Era hora de fechar os olhos.

Eles o poriam para dormir. O mundo desapareceria. E ele estaria morto.

Abriu os olhos de novo. E os fechou mais uma vez. O coração batia acelerado; as piãos ficaram suadas, e percebeu que se agarrava aos lençóis da cama com os punhos cerrados. As luzes passavam cada vez mais rápido. Unia curva. Outra. O desespero ameaçava acabar com a vida de Thomas antes que os médicos o fizessem.

- Eu... - fez menção de dizer, mas não saiu nada.

- O quê? - perguntou Christensen, inclinando-se para ele.

Thomas se esforçava para falar, mas, antes que conseguisse proferir qualquer palavra, uni estrondo enorme atingiu o corredor, e o médico tropeçou, o peso do próprio corpo empurrando a maca para a frente enquanto se esforçava para se equilibrar. A maca disparou para a direita e se chocou contra a parede, depois se afastou, girou e colidiu com a do outro lado. Thomas tentava se mover, sem sucesso. Pensou em Chuck e em Newt, e uma tristeza como nenhuma outra antes invadiu-lhe o coração.

Alguém gritou de onde partira a explosão. Gritos se seguiram, e depois tudo caiu eni silêncio de novo. O médico, já de pé, apressou-se em direção à maca, colocou-a na posição certa e voltou a empurrá-la, abrindo com ela várias portas vaivém. Diversas pessoas em traje cirúrgico os esperavam em unia sala branca.

Christensen passou a dar ordens.

- Estamos com pressa! Assumam seus lugares. Lisa, aplique-lhe unia sedação profunda. Agora!

Unia mulher baixinha respondeu:

- Ainda não fizemos todos os prep...

- Não importa! Pelo que sabemos, todo o prédio vai se incendiar.

Encostou a maca a uma mesa de operação; vários conjuntos de mãos o ergueram para a mesa. Foi acomodado de costas, à mercê daquela profusão de médicos e enfermeiras, pelo menos nove ou dez deles. Sentiu unia picada no braço. Olhou para baixo e viu uma mulher lhe inserir uni cateter na veia. Enquanto isso, o único movimento que conseguia fazer era cone as mãos.

Luzes foram colocadas em posição, bem acima dele. Outros equipamentos foram conectados a seu corpo em diversos lugares. Os monitores começaram a bipar; uma máquina zumbia; vozes se sobrepunham unias às outras.A sala se encontrava em uma movimentação tão apressada que mais parecia a coreografia de uma dança.

E as luzes, tão brilhantes! O quarto girava, embora continuasse perfeitamente imóvel. O terror pelo que viria no momento seguinte não parava de aumentar. Era o fim, bem ali, bem agora.

- Espero que funcione - conseguiu murmurar.

Alguns segundos depois, as drogas tomaram conta dele, e o mundo desapareceu.

62

Durante um longo tempo, Thomas só conheceu a escuridão.A interrupção no vazio dos pensamentos se deu com um estalo no couro cabeludo, amplo o suficiente para conscientizá-lo do próprio vazio. No limiar da consciência, sabia que supostamente dormia, mas também que o mantinham vivo apenas para que pudessem inspecionar seu cérebro. Para fatiá-lo, provavelmente, pedaço a pedaço.

Pelo visto, ainda não estava morto.

Em algum ponto, enquanto flutuava na massa confusa de escuridão, ouviu uma voz. Chamava seu nome.

Depois de ouvir Thomas várias vezes, decidiu ir atrás da voz. Conseguiu se mover em direção a ela.

Em direção ao próprio nome.

63

Thomas, tenho muita fé em você - disse-lhe uma mulher, enquanto ele lutava para recobrar a consciência. Não reconheceu a voz, mas tinha um tom suave e autoritário ao mesmo tempo. Continuou se esforçando. Ouviu-se resmungar, sentindo que mudava de posição na cama.

Então abriu os olhos. Piscando sob a luz acima dele, percebeu uma porta se fechar atrás de quem quer que estivesse ali para tentar despertá-lo.

- Espere - disse, mas o que saiu não foi nada além de um sussurro áspero.

Esforçando-se ao máximo, conseguiu se apoiar e levantar. Estava sozinho no quarto, e os únicos sons que ouvia eram gritos distantes e um ruído ocasional, como o de um trovão. A mente clareava aos poucos. Percebeu que, além de um ligeiro estupor, sentia-se bem. O que significava que, a menos que os milagres da ciência houvessem realmente dado um salto, ele ainda possuía um cérebro.

Uma pasta sobre a mesa ao lado da cama chamou sua atenção. Em grandes letras vermelhas, lia-se nela: Thomas. Girou as pernas para sentar-se na beirada do colchão e pegou a pasta.

Dentro havia duas folhas de papel.A primeira era um mapa do complexo do CRUEL, com uma caneta hidrográfica preta assinalando vários caminhos através do prédio. Examinou com rapidez a segunda: era uma carta endereçada a ele e assinada pela chanceler Paige. Pôs a folha do mapa atrás e passou a ler a carta desde o início:

Caro Thomas,

Quero crer que os Experimentos terminaram. Ternos dados mais que suficientes para criar um Esboço. Meus assessores discordam de mim a respeito do assunto, mas consegui interromper este procedimento e salvar sua vida. Agora cabe a nós trabalhar com os dados que já temos e produzir uma cura para o Fulgor. Sua participação, assim corno a dos outros indivíduos, não é mais necessária.

Agora você tem uma grande tarefa à frente. Quando me tornei chanceler, percebi a importância de criar urna espécie de saída alternativa neste prédio. Instalei urna porta em urna sala de manutenção ociosa. Estou lhe pedindo que se retire, que vá embora com seus amigos e o número considerável de Imunes que reunimos. O tempo agora é vital, e tenho certeza de que está consciente disso.

Há três caminhos marcados no mapa que coloquei na pasta. O primeiro mostra como sair do prédio através de um túnel; uma vez lá fora, você vai encontrar o local onde o Braço Direito criou a própria entrada para outro prédio. Lá será possível juntar-se a eles. O segundo caminho vai lhe mostrar corno chegar aos Imunes. O terceiro mostra corno encontrar a porta dessa saída alternativa. Lá haverá um Transportal, que vai levá-lo para o que, espero, venha a ser urna nova vida. Reúna todos e deixe este lugar.

Ava Paige, chanceler

Thomas olhava fixamente para o papel, a mente trabalhando. Outro estrondo soou a distância e o trouxe de volta à realidade. Confiava em Brenda, e ela confiava na chanceler. Era hora de se mexer.

Dobrou a carta e o mapa e os enfiou no bolso traseiro. Depois se levantou devagar. Surpreso ao ver a rapidez com que suas forças haviam retornado, correu para a porta. Uma espiada no corredor lhe mostrou que estava

vazio. Assim que saiu, duas pessoas apareceram correndo por trás dele. Mal o olharam e Thomas percebeu que o caos produzido pelo ataque do Braço Direito seria o que, no fim, o acabaria salvando.

Tirou o mapa do bolso e o estudou com cuidado, seguindo a linha preta que conduzia ao túnel. Não demoraria muito até chegar a ele. Memorizou o caminho e se apressou pelo corredor. Enquanto prosseguia, ia examinando os outros caminhos que a chanceler Paige havia marcado no mapa.

Só havia avançado alguns metros quando parou, estarrecido com o que via. Aproximou mais o mapa do rosto para se certificar... Talvez não o tivesse compreendido direito. Mas não havia nenhum equívoco no que o mapa mostrava.

O CRUEL havia escondido os Imunes no Labirinto.

64

Havia dois Labirintos no mapa, é claro: um para o Grupo A e outro para o Grupo B. Ambos deviam ter sido escavados na profundidade das rochas existentes sob as principais construções do quartel-general do CRUEL. Thomas não sabia afirmar para qual tinha sido orientado a ir primeiro, mas qualquer uni dos caminhos que seguisse daria no Labirinto. Totalmente aterrorizado, passou a correr, seguindo o caminho traçado no mapa da chanceler Paige.

Avançou corredor após corredor, até alcançar uni longo conjunto de degraus que desciam para um porão. O caminho assinalado o conduziu por vários quartos vazios e, por fim, para uma pequena porta que dava em uni túnel. O túnel estava escuro, mas Thomas ficou aliviado por ver que a escuridão não era absoluta.Várias lâmpadas pendiam do teto à medida que corria pelo corredor estreito. Após uns sessenta metros, chegou a unia escada marcada no mapa. Subiu a escada, e, no alto, havia uma porta de metal com unia roda de fechadura, que o lembrou da entrada para a Casa dos Mapas na Clareira.

Girou a roda de fechadura e a empurrou com toda a força. Unia luz fraca surgiu quando Thomas forçou a porta, e, ao abri-la totalmente, unia rajada de ar frio lhe atingiu o rosto. Protegeu-se atrás de unia grande rocha na terra árida, coberta de neve, entre a floresta e o quartel-general do CRUEL.

Ainda abaixado atrás da pedra, espreitou ao redor. Não percebeu nenhum movimento, embora à penumbra da noite não houvesse possibilidade de se enxergar bem.

Fitou o céu e, ao ver as mesmas nuvens densas e cinzentas que observara quando se dirigira ao complexo, deu-se conta de que não tinha a mínima ideia de quanto tempo havia se passado desde então. Será que havia estado no prédio apenas durante algumas horas, ou tinha passado ali unia noite e um dia inteiros?

O bilhete da chanceler Paige dizia que o Braço Direito havia feito a própria entrada para os prédios, provavelmente criando-a com as explosões que Thomas tinha ouvido antes, e era para lá que precisava ir primeiro. Era uma estratégia inteligente se reunir ao Braço Direito - somariam maior número -, e os informaria, tão logo os encontrasse, sobre onde os Imunes estavam escondidos.A julgar pelo mapa, a melhor opção que Thomas tinha era avançar para o grupo de prédios mais distante e procurar o local exato naquela área.

Foi em sua busca, margeando a rocha e correndo para o prédio mais próximo. Abaixou-se ao correr, tentando ficar o mais próximo possível do chão. Uni relâmpago cortou o céu, iluminando os edifícios do complexo e a neve branca. Um estrondo o seguiu, reverberando no espaço ao redor e fazendo seu coração se acelerar.

Alcançou o primeiro prédio e seguiu a fileira de arbustos junto à parede. Foi margeando toda a lateral, mas não encontrou nada. Parou ao chegar a uma esquina, espreitando ao redor. No espaço entre os prédios havia uma série de pátios, mas não via ali nenhuma entrada.

Passou pelos próximos dois prédios, mas, ao se aproximar do quarto, ouviu vozes e imediatamente se lançou ao chão. No maior silêncio possível, arrastou-se ao longo da superfície congelada, em direção a um grande arbusto, e só então olhou em torno para buscar a fonte do barulho.

Ali estava. Havia montes de cascalho espalhados pelo pátio, e, atrás deles, uni enorme buraco fora aberto na lateral do prédio com unia explosão - o que significava que a explosão havia partido de dentro. Unia luz fraca surgia da passagem, criando sombras irregulares no chão. Sentadas à beira das sombras estavam duas pessoas vestindo roupas de civis. O Braço Direito.

Thomas fez menção de se levantar, quando unia mão gelada cobriu-lhe a boca, e foi arremessado para trás. Outro braço envolveu seu peito e o puxou, arrastando-o pelo chão; os pés se enterravam na neve.Thomas deu chutes, lutando para se libertar, mas quem o agarrara era muito forte.

Contornaram o prédio e se dirigiram a um pátio pequeno, onde Thomas foi atirado de cara no chão. O captor golpeou suas costas e pôs novamente uma das mãos sobre a boca de Thomas. Era uma mão desconhecida. Outra figura também se curvou sobre ele.

Janson.

- Estou muito desapontado - confessou o Homem-Rato. - Parece que, afinal, nem todos da minha organização pertencem ao mesmo time.

Thomas ainda tentava se desvencilhar, sem sucesso, de quem o pressionava contra o chão.

Janson soltou uni suspiro.

- Acho que vamos ter de proceder do modo mais dificil.

65

janson puxou urna faca comprida e fina, ergueu-a e a inspecionou, estreitando os olhos.

- Deixe-me lhe dizer unia coisa, garoto. Jamais me considerei um homem violento, mas você e seus amigos certamente me levaram ao limite. Minha paciência está reduzida a quase zero, porém vou me conter. Ao contrário de vocês, não penso só em mim. Estou trabalhando para salvar a humanidade, e vou concluir esse projeto.

Thomas se obrigou a relaxar. Lutar não ia adiantar nada; tinha de economizar energia para quando a oportunidade certa se apresentasse. Era evidente que o Honrem-Rato havia perdido sua chance e, a julgar por aquela faca, estava determinado a levar Thomas de volta à sala de cirurgia a qualquer custo.

- Bom garoto. Não precisa lutar desse jeito. Deveria estar orgulhoso.Você e seu cérebro salvarão o mundo, Thomas.

O homem que prendia Thomas, uni sujeito encorpado de cabelo negro, falou:

-Vou soltá-lo agora, garoto. Mas olhe para o lado, e A. D. Janson vai lhe dar uma bela espetada com essa faca. Entendeu? Queremos você vivo, mas não significa que não possa ter alguns ferimentos de guerra pelo caminho.

Thomas acenou com a cabeça, concordando, da maneira mais calma possível, e o homem saiu de cima dele e sentou no chão.

- Garoto inteligente.

Foi a deixa para Thonias começar a agir. O garoto balançou as pernas cone força para a direita, ganhando

impulso, e chutou o rosto de Janson. A cabeça do honrem pendeu para trás, e o corpo se estatelou no chão. O homem de cabelo negro se moveu para deter Thomas, mas este se esquivou, passando por baixo dele, e partiu de novo para cima de Janson, dessa vez chutando a mão que segurava a faca. Esta voou para fora de seu alcance, dando um salto no chão e aterrissando ao bater na lateral do prédio.

Thomas relanceou o olhar para a faca, e o homem truculento aproveitou a distração para se lançar sobre Thomas, que foi cair, de costas, sobre Janson. O Homem-Rato se contorceu sob eles enquanto lutavam, eThomas sentiu o desespero tomar conta de seu ser, a adrenalina explodindo por todo o corpo. Gritou, empurrou, chutou, abriu caminho à força entre os dois homens. Usando mãos e pés, entre socos e desvios de corpo, conseguiu se soltar, partindo em direção ao prédio para pegar a faca. Aterrissou perto dela, agarrou-a e girou o corpo, aguardando um ataque imediato. Os dois homens acabavam de se levantar, obviamente espantados com a repentina explosão de força.

Thomas também se levantou, segurando a faca diante deles.

- Deixem-me ir. Afastem-se, e me deixem sair daqui. Juro que, se me seguirem, vou enlouquecer com esta coisa na mão e não vou parar de enfiá-la em vocês até que estejam mortos. Juro.

- São dois contra um, garoto - disse Janson. - Não me importo nem um pouco com sua faca.

-Você viu o que sou capaz de fazer se me tirarem do sério - replicou Thomas, tentando soar tão perigoso quanto se sentia. -Vocês me viram no Labirinto e no Deserto. - Quase riu diante da ironia. Haviam-no transformado em um assassino para... salvar pessoas?

O sujeito troncudo zombou:

- Se acha que nós...

Thomas recuou e atirou a faca, como vira Gally fazer certa vez. Ela girou pelo espaço entre eles e atingiu o pescoço do homem. De início não houve sangue, mas então ele levantou a mão, e o choque lhe transformou o rosto.Agarrou a faca enfiada no pescoço. Foi quando o sangue começou a jorrar, saindo em jatos, conforme os batimentos cardíacos. O sujeito fez menção de falar alguma coisa, mas, antes que articulasse qualquer palavra, caiu de joelhos.

- Seu pequeno pedaço de... - sussurrou Janson, os olhos arregalados de horror ao fitar o colega.

Thomas também estava chocado com o que havia feito, e continuava imóvel, mas o senso de movimentação retornou logo, assim que Janson voltou a cabeça para encará-lo. Thomas irrompeu em uma corrida para fora do pátio, contornando o prédio. Tinha que voltar para a passagem aberta pelo Braço Direito; tinha de entrar lá.

- Thomas! - gritou Janson, e Thomas ouviu passos atrás dele. - Volte aqui! Não tens a menor ideia do que está fazendo!

Thomas não hesitou. Passou pelo arbusto atrás do qual havia se escondido e correu a toda a velocidade para o buraco aberto na lateral do prédio. Uni honrem e uma mulher ainda estavam sentados ali perto, costas apoiadas com costas. Ao verem Thomas, ambos se levantaram de uni salto.

- Meu nome é Thomas! - gritou, assim que abriram a boca para fazer algum tipo de pergunta. - Estou do lado de vocês!

Ambos se entreolharam e depois voltaram a atenção para Thomas, justamente quando este freava diante deles. Levantando o corpo para retomar o fôlego, virou-se para trás e viu a sombra de Janson se aproximar na direção deles, talvez a uns quinze metros de distância.

- Estão procurando por você em toda parte - disse o guarda. - Mas pensávamos que estivesse lá dentro. - Ele apontou o dedo para a passagem aberta no prédio.

- Onde estão os outros? Onde estáVince? - perguntou Thomas, ofegante. Enquanto falava, sabia que Janson se aproximava ainda mais. Thonias se virou para encarar o Homem-Rato, cujo rosto estava contorcido em unia expressão de raiva irracional, algo que Thomas nunca tinha visto nele. Era a mesma raiva insana que observara em Newt. O Homens-Rato estava infectado pelo Fulgor.

Janson falou em meio à respiração entrecortada: - Esse garoto... é propriedade... do CRUEL. Peguem-no.

A mulher não se moveu.

- O CRUEL não significa porcaria nenhuma pra mim, velho. Se eu fosse você, sumiria daqui. Coisas bem ruins estão pra acontecer com seus amigos lá dentro.

O Homem-Rato não respondeu. Apenas ofegou, o olhar oscilando entre Thomas e os demais. Por fim, decidiu recuar lentamente.

- Não percebem o que está acontecendo? Essa arrogância hipócrita será o fim de todos nós. Espero que possam viver com isso enquanto estiverem apodrecendo no inferno. - Então se virou e correu, desaparecendo na penumbra.

- O que fez para que sumisse daqui desse jeito? - perguntou a mulher.

Thomas tentava recuperar o fôlego.

- É uma longa história. Preciso encontrar Vince, ou quem quer que esteja no comando. Preciso encontrar meus amigos.

- Calma aí, garoto - o homem falou. -As coisas estão bem calmas agora, não é preciso se preocupar. O pessoal está voltando à posição original, e efetuando o plano.

- Efetuando o plano? - perguntou Thomas.

- Sim, efetuando o plano.

- O que isso quer dizer?

- Explosivos, seu idiota. Estamos nos preparando para botar abaixo todo este prédio.Vamos mostrar ao velho e bom CRUEL que não estamos para brincadeira.

66

Naquele momento, tudo se encaixou na cabeça deThomas. Havia uni fanatismo em Vince que não tinha percebido inteiramente até aquele momento. Por acaso não fora essa a maneira como tinham tratado Thomas e seus amigos, quando os haviam sequestrado? Além disso, por que todos aqueles explosivos e nenhuma arma convencional? Não fazia sentido, a menos que o objetivo fosse destruir desde o princípio, e não assumir o comando. O Braço Direito não tinha a mesma postura que ele. Talvez achassem que os próprios motivos eram válidos, mas Thomas começava a perceber que a organização tinha um propósito mais obscuro.

Precisava agir com cautela. Tudo o que importava naquele momento era salvar os amigos e encontrar e libertar os outros que haviam sido capturados.

A voz da mulher interrompeu os pensamentos de Thomas:

- Esta cabecinha está pensando demais.

- É... desculpe. Quando acham que vão detonar os explosivos?

- Logo. Estiveram planejando isso durante horas. Querem que tudo exploda ao mesmo tempo, mas não acredito que a gente esteja totalmente preparado ainda.

- E quanto às pessoas lá dentro, as que viemos resgatar?

Os guardas se entreolharam.

-Vince torce para que tenham saído.

- Torce? O que significa isso?

- Significa que ele torce, ora.

- Preciso filar com ele agora. - O que Thomas desejava realmente era encontrar Minho e Brenda. Com ou sem o Braço Direito, sabia muito bem o que tinham de fazer: entrar no Labirinto e tirar todos os Imunes dali, conduzindo-os ao Transportal.

A moça apontou para o rombo na lateral do prédio.

- Indo por ali, vai encontrar uma área praticamente dominada por nós. É provável que Vince esteja lá. Mas cuidado. O CRUEL tem guardas escondidos por toda parte. São sujeitos impiedosos.

- Obrigado pela advertência. - Thomas se virou, ansioso para sair dali. A passagem se agigantava conforme se aproximava, escuridão e poeira esperando por ele do outro lado. Não havia mais alarmes nem luzes vermelhas piscando. Entrou.

A princípio, Thomas não viu nem ouviu nada. Caminhou em silêncio, apreensivo pelo que poderia encontrar diante de si a cada passo. As luzes iam se tornando mais brilhantes à medida que avançava, e localizou uma porta no final do corredor totalmente aberta. Correu para lá e espiou.Viu uma grande sala com mesas enfileiradas, como se fossem uma proteção. Várias pessoas estavam agachadas atrás delas, observando um grande conjunto de portas duplas do outro lado da sala.

Ninguém percebeu a presença dele ao se esgueirar batente da porta adentro, ocultando a maior parte do corpo. Inclinou a cabeça lá para dentro, de modo a obter melhor visão. Localizou Vince e Gally atrás de uma das mesas, mas não reconheceu mais ninguém. Na extremidade esquerda da sala havia um pequeno escritório, e considerou que pelo menos umas nove ou dez pessoas estariam escondidas lá dentro. Esticou-se para ver melhor, mas não conseguiu reconhecer nenhum rosto.

- El! - sussurrou o mais alto que se atreveu a falar. - Ei, Gally!

O garoto se virou imediatamente, mas teve de procurar ao redor por alguns segundos antes de localizar Thomas. Gally estreitou os olhos, como se achasse que o próprio olhar poderia denunciá-lo.

Thomas acenou para ter certeza de que o havia visto, e Gally fez um sinal para que se aproximasse.

Thomas tornou a olhar à sua volta, para ter certeza de que estava em segurança. Depois se agachou, correu até a mesa tão abaixado quanto possível e parou perto do antigo inimigo. Havia tantas perguntas a fazer que não sabia por onde começar.

- O que aconteceu? - perguntou Gally. - O que fizeram com você?

Vince lhe lançou um olhar, mas não comentou nada.

Thomas procurava as palavras adequadas.

- Bem... fizeram alguns testes. Olhe, descobri onde estão mantendo Imunes presos aqui. Não podem explodir o lugar até conseguirmos evacuá-lo.

- Então vá lá e os tire daqui - disse Vince. - Conseguimos uma vitória espetacular, e não vamos desperdiçá-la.

-Você mesmo trouxe algumas dessas pessoas para cá! -Thomas se voltou para Gally, pedindo apoio, mas só conseguiu uni dar de ombros como resposta.

Thomas não conseguiria apoio.

- Onde estão Brenda, Minho e todos os outros? - perguntou.

Gally apontou para a sala ao lado.

- Estão todos ali. Disseram que não fariam nada até você voltar.

Thomas foi tomado por um acesso súbito de piedade pelo garoto assustado a seu lado.

-Venha comigo, Gally. Vamos deixar esses caras fazer o que quiserem, mas venha nos ajudar. Você não teria

gostado se alguém tivesse feito a mesma coisa por nós quando estávamos no Labirinto?

Vince se virou para eles.

- Nem pense nisso - berrou. - Thomas, quando você veio para cá, sabia qual eram nossos objetivos. Se nos abandonar agora, vou considerá-lo uni traidor. Você será uni alvo.

Thomas manteve o olhar fixo em Gally. Notou unia tristeza nos olhos do garoto, que fez seu coração apertar. Também viu algo ali que jamais tinha percebido antes: confiança. Genuína confiança.

-Venha conosco - disse Thomas.

Um sorriso se formou no rosto do antigo inimigo. Ele reagira de um modo que Thomas nunca teria esperado.

- Certo.

Não esperaram pela reação de Vince. Ele agarrou o braço de Gally, e os dois saíram juntos de detrás da mesa, disparando para o escritório ao lado.

Minho foi o primeiro a vê-lo e o puxou para um abraço de urso, enquanto Gally observava a um canto, um tanto sem jeito. Os demais também estavam lá: Minho, Brenda, Jorge, Teresa. E até Aris. Thomas ficou zonzo em meio a tantos abraços, palavras de alívio e exclamações de boas-vindas. Sentiu-se especialmente contente em rever Brenda e lhe reservou um abraço mais longo do que o de todos os outros. Mas, por melhor que parecesse o momento, não tinham tempo a perder.

Afastou-se.

- Não posso explicar tudo agora. Mas, para resumir, temos de encontrar os Imunes que o CRUEL sequestrou. Em seguida, devemos achar a porta de uma saída alternativa, onde eu soube que umTransportal nos aguarda. Devemos nos apressar, antes que o Braço Direito resolva explodir tudo isso aqui.

- Onde estão os Imunes? - perguntou Brenda.

- É, o que você sabe a respeito? - acrescentou Minho.

Thomas jamais achou que tivesse de dizer as palavras que se seguiram:

- Precisamos voltar ao Labirinto.

67

Thomas mostrou a eles a carta que havia encontrado na pasta, na sala de recuperação, e só demorou alguns minutos para que todos concordassem - até mesmo Teresa e Gally - em abandonar o Braço Direito e seguir por conta própria. Partiram rumo ao Labirinto.

Brenda olhou para o mapa de Thomas e informou que sabia exatamente como chegar lá. Deu-lhe unia faca como munição, que Thomas segurou com firmeza na mão direita, ponderando que sua sobrevivência dependeria agora de unia lâmina fina. Saíram da sala lateral, passando pelas portas duplas, enquanto o pessoal do Braço Direito gritava, chamando-os de loucos e afirmando que seriam mortos em minutos. Thom as ignorou cada uma daquelas palavras.

Thomas foi o primeiro a entrar. Abaixou-se, a postos para um ataque, mas o corredor estava vazio. Os outros estavam atrás dele, e decidiu optar por velocidade, em vez de discrição, correndo ao longo do primeiro corredor. A luz mortiça dava ao local um ar assombrado, como se o espírito de todas as pessoas que o CRUEL havia deixado morrer estivesse por ali, espreitando por cantos e fendas. Mas Thomas chegou à conclusão de que estariam do seu lado.

Com Brenda indicando o caminho, seguiram adiante e desceram uni lance de escada. Tomaram uni atalho através de uni antigo depósito, que dava em outro longo corredor. Mais escadarias. Unia à direita e depois outra à esquerda. Thomas mantinha o ritmo acelerado, avaliando a todo momento se havia perigo. Não se deteve para recuperar o fôlego; não duvidou das orientações de

Brenda. Era novamente uni Corredor e, apesar de tudo, sentia-se muito bem.

Aproximaram-se do fim de um corredor e viraram à direita. Thomas só havia descido três degraus quando, do nada, alguém o agarrou pelos ombros, atirando-o ao chão.

Thomas caiu e rolou, tentando se desvencilhar de quem estava em cima dele. Ouviu gritos e sons de outras pessoas lutando. Estava escuro, e ele mal conseguia distinguir com quem lutava, mas socou e deu chutes, sacando a faca. Sentiu que cortava algo. Um grito de mulher soou. Um punho disparou contra a lateral direita de seu rosto, e algo duro penetrou o alto de sua coxa.

Thomas fez uma pausa para se firmar, depois empurrou com toda a força.A oponente se chocou contra a parede e depois tornou a saltar sobre ele. Ambos rolaram, colidindo com outro par que também lutava. Foi necessária toda a sua concentração para não soltar a faca, e continuou golpeando com ela, embora fosse dificil se aproximar tanto assim da oponente. Arremeteu a faca com a mão esquerda, atingindo o queixo da mulher, e aproveitou o segundo de distração para esfaqueá-la no estômago. Outro grito - mais uma vez uma voz de mulher, e vinha, definitivamente, da pessoa que o atacara. Empurrou-a para se livrar dela.

Thomas se levantou, olhando ao redor para ver quem poderia ajudar.À luz mortiça, viu Minho montado sobre um homem, socando-o, o sujeito sem demonstrar nenhuma resistência. Brenda e Jorge haviam dominado outro guarda, e, quando Thomas olhou, o homem se levantava e fugia. Teresa, Harriet e Aris estavam encostados à parede, retomando o fôlego. Todos tinham sobrevivido. Mas precisavam correr.

-Vamos! - gritou ele. - Minho, solte esse homem!

O amigo desferiu mais alguns socos para garantir, depois se levantou e deu um último pontapé no sujeito.

- Acabei. Agora podemos ir.

O grupo continuou correndo.

Desceram correndo mais um lance de escada e chegaram, aos tropeções, em outro aposento.Thomas sentiu um calafrio de terror ao perceber onde estava. Era o cômodo onde se alojavam os Verdugos, o lugar onde se encontravam quando tinham fugido do Labirinto. As janelas de observação estavam quebradas; havia estilhaços de vidro espalhados pelo chão. Os cerca de quarenta compartimentos retangulares onde osVerdugos descansavam e se refaziam pareciam trancados desde que os Clareanos haviam passado por ali algumas semanas antes. Uma camada de poeira cobria o que havia sido uma brilhante superfície branca da última vez que Thomas vira aquilo.

Sabia que, como membro do CRUEL, havia passado inúmeras horas e dias naquele lugar, enquanto trabalhavam na criação do Labirinto, e sentia unia enorme vergonha ao pensar nisso.

Brenda apontou para a escada que conduzia ao local aonde precisavam ir.Thomas estremeceu diante da lembrança de escorregar pela rampa dos Verdugos durante a fuga - poderiam simplesmente ter descido a escada.

- Por que será que não tem ninguém aqui? - perguntou Minho. Girou o corpo em uni círculo completo ao redor do lugar. - Se estão mantendo pessoas aqui, por que não há guardas?

Thomas sugeriu:

- Quem precisa de soldados para guardá-los quando se tem o Labirinto fazendo esse trabalho por você? Demoramos muito tempo para encontrar unia saída.

- Não sei, não... - falou Minho. - Tem alguma coisa suspeita por aqui.

Thomas deu de ombros.

- Bem, ficar sentado aqui não vai ajudar. A menos que tenham descoberto algo útil, vareios subir e começar a tirá-los de lá.

- Útil? - repetiu Minho. - Não descobri nada de útil.

- Então vareios subir.

Thomas subiu a escada e entrou em outro cômodo que lhe era familiar - aquele no qual havia o teclado em que digitara o código, desativando os Verdugos. Chuck estivera ali, apavorado, mas fora corajoso. E, menos de unia hora depois, estava morto. A dor da perda do amigo oprimiu mais unia vez o peito de Thomas.

- Lar, doce lar - murmurou Minho. Apontava para uni buraco redondo acima deles. Era o buraco que constituía o Penhasco. Quando o Labirinto se encontrava em plena operação, fora usada tecnologia holográfica para ocultá-lo, para fazê-lo parecer parte do céu falso e interminável que ficava além do contorno rochoso do declive. Era evidente que tudo aquilo fora desativado, e Thomas podia ver os muros do Labirinto através da passagem. Unia escada portátil havia sido colocada bem abaixo dele.

- Não posso acreditar que estamos aqui de novo - disse Teresa, aproximando-se de Thomas. A voz parecia vir de outro mundo, e ecoou conto se a ouvisse dentro dele.

Thomas se deu conta de que, com essa simples declaração, os dois enfiai estavam em campos iguais - tentavam salvar vidas, compensar o que haviam feito, ajudando a projetar tudo aquilo. Desejava acreditar nisso com cada pedacinho do seu ser.

Voltou-se para ela:

- Louco, hein?

Ela sorriu pela primeira vez desde que... não conseguia se lembrar.

- Muito louco.

Havia tanta coisa que Thomas ainda não se lembrava - sobre ele próprio, sobre ela -, mas Teresa estava ali, ajudando-o, e era tudo que podia lhe pedir.

- Não é melhor subirmos lá? - perguntou Brenda.

- Sim - concordou Thomas. -Vamos.

Seguiu por último. Depois que os outros subiram, escalou a escada e andou sobre as duas tábuas que emolduravam a fenda no chão de pedra do Labirinto, delimitando o Penhasco. Abaixo dele havia apenas unia área com paredes negras, um local que antes sempre fora considerado unia queda sena fim. Olhou para o Labirinto e teve de fazer unia pausa para reunir forças.

Onde o céu havia uni dia brilhado, azul e cintilante, agora havia apenas um sombrio teto cinza. A tecnologia holográfica que criava a ilusão do Penhasco havia sido encerrada por completo, e a visão que antes induzia à vertigens tinha se transformado em um simples estuque preto. Mas ver as paredes maciças cobertas de hera tirou-lhe a respiração. Estas eram altas, mesmo sem o reforço da ilusão, e agora se elevavam acima dele como um daqueles monumentos ancestrais, verdes, cinzentas e rachadas. Como se repousassem ali há mil anos, enormes tumbas marcando a morte de tantas pessoas.

Estava de volta.

68

Minho liderou o caminho dessa vez, os ombros alinhados enquanto corria, cada centímetro do corpo evidenciando o orgulho que sentia por aqueles dois anos em que havia dominado os corredores do Labirinto. Thomas vinha logo atrás, erguendo o pescoço às vezes para ver as paredes cobertas de hera que se erguiam em direção ao teto cinzento. Era uma sensação estranha voltar ali depois de tudo o que havia acontecido desde que tinham fugido.

Ninguém disse muita coisa enquanto corriam em direção à Clareira. Thomas imaginava o que Brenda e Jorge estariam pensando sobre o Labirinto - tinha de parecer enorme. E, no entanto, um besouro mecânico jamais conseguiria ser eficiente se o Labirinto fosse tão grande assim. E quanto a Gally? Que espécie de lembranças estariam passando por sua mente agora?

Venceram uma curva final, que conduzia ao amplo corredor externo à Porta Leste da Clareira. Quando Thomas se aproximou do lugar onde havia amarrado Alby, deteve-se, observando de perto a transa deformada dos galhos. Todo aquele esforço para salvar o ex-líder dos Clareanos, apenas para vê-lo morrer alguns dias depois, a mente nunca mais recuperada após a Transformação.

Uma onda de raiva correu pelas veias de Thomas em um ardor líquido.

Atingiram a Porta Leste, e Thomas reteve a respiração, reduzindo o ritmo dos passos. Havia centenas de pessoas correndo em círculos pela Clareira. Ficou horrorizado ao deparar até mesmo com bebês e crianças pequenas espalhados entre a multidão. Demorou uni pouco para

que os sussurros se disseminassem em meio à multidão de Imunes, mas, em segundos, cada olhar se cravara nos recém-chegados, e um silêncio dominou a Clareira por completo.

- Sabia que havia tantos assim? - Minho indagou a Thomas.

Tinha gente por toda parte, com certeza muito mais do que os Clareanos poderiam ter imaginado. Mas o que deixou Thomas sem fala foi ver a própria Clareira de novo. O prédio que chamavam de Sede; o patético bosque; o galpão do Sangradouro; o Campo-Santo - agora, apenas ervas daninhas ressecadas. A carbonizada Casa dos Mapas, com sua porta de metal escurecida ainda entreaberta. De onde estava conseguia ver até mesmo o Amansador. Unia onda de emoção ameaçou irromper dentro dele.

- Terra chamando... - zombou Minho, estalando os dedos. - Fiz unia pergunta.

- Há? Puxa... Tem tanta gente aqui... Este lugar parece menor, não parece?

Não demorou muito, e os amigos os localizaram. Caçarola. Clint, o Socorrista, Sonya e algumas outras garotas do Grupo B. Todos vinham correndo, e houve uma breve explosão de encontros e abraços.

Caçarola deu um tapinha no braço de Thomas.

- Dá para acreditar que me puseram de volta neste lugar? Nem me deixaram cozinhar; só nos mandam um fardo de comida embalada na Caixa três vezes ao dia. A cozinha não funciona mais, nem a eletricidade, nada.

Thomas riu, a raiva se abrandando.

- Você reclamava de cozinhar para cinquenta caras? Experimente alimentar este exército.

- Muito engraçado, Thomas.Você é um sujeito engraçado. Estou contente em revê-lo. - Então seus olhos se arregalaram. - Gally? Gally está aqui? Gally está... vivo?

- Bom ver você também - falou o garoto em uni tom de voz seco.

Thomas bateu amigavelmente nas costas de Caçarola.

- É uma longa história. Agora Gally é um bom sujeito.

Gally riu, mas não comentou nada.

Minho se aproximou deles.

- Muito bem, a festa acabou. Como é que vamos fazer isso, cara?

- Não deve ser muito difícil - respondeu Thomas. Não gostava nada da ideia de conduzir toda aquela gente, não apenas ao longo do Labirinto, mas por todo o complexo do CRUEL, até o Transportal. Mas tinha de ser feito.

- Não tente me enrolar - disse Minho. - Seus olhos não mentem.

Thomas sorriu.

- Bem, pelo menos não podemos reclamar de que estamos em uni número pequeno.

-já deu unia olhada nesses pobres coitados? - perguntou Minho, parecendo desgostoso. -A metade deles é mais jovem que nós, e a outra metade não parece ter usado o braço para muita coisa até agora, que dirá para unia troca violenta de socos.

- Às vezes quantidade é tudo o que importa - respondeu Thomas.

Localizou Teresa e a chamou, e fez o mesmo com Brenda.

- Qual é o plano? - perguntou Teresa.

Se Teresa estava realmente do lado deles, havia chegado o momento em que mais precisaria dela - e de todas as suas lembranças recuperadas.

- Muito bem,vamos dividi-los em grupos - disse para a multidão.- Deve haver unias quatrocentas ou quinhentas pessoas por aqui; então, faremos grupos de cinquenta. Depois colocaremos um Clareano ou alguém do Grupo B

à frente de cada grupo. Teresa, sabe como chegar à sala de manutenção?

Ele lhe mostrou o mapa, e ela concordou com um gesto de cabeça após examiná-lo.

Thomas prosseguiu:

-Vou ajudar as pessoas a se organizarem, enquanto você e Brenda lideram o caminho. Todos nós devemos ser guias dos grupos. Exceto Minho, Jorge e Gally. Acho que vocês devem proteger a retaguarda.

- Por mim está bem - disse Minho, dando de ombros. Por incrível que pudesse ser, parecia entediado.

- O que você mandar, tnuchacho - acrescentou Jorge. Gally apenas acenou em concordância.

Passaram os vinte minutos seguintes dividindo as pessoas em grupos e organizando-as em longas filas. Deram especial atenção em manter o equilíbrio dos grupos em termos de idade e força. Os Imunes não tiveram problema em seguir as ordens ao perceberem que os recém-chegados tinham vindo resgatá-los.

Já em grupos,Thomas e seus amigos se alinharam diante da Porta Leste. Thomas agitou as mãos para chamar a atenção da multidão.

- Escutem! - começou Thomas. - O CRUEL está planejando usá-los para estudos científicos. O corpo de vocês, o cérebro de vocês.Têm estudado pessoas há anos, colhendo dados para desenvolver unia cura para o Fulgor.Agora querem usá-los também, mas vocês merecem mais que tuna vida de ratos de laboratório.Vocês são, todos somos, o futuro, e o futuro não vai ser do jeito que o CRUEL quer. Por isso estamos aqui. Para tirá-los deste lugar. Passaremos por uma série de prédios até chegarmos aoTransportal, que vai nos levar para uni lugar seguro. Se formos atacados, teremos de lutar. Mantenham-se em grupos, e os mais fortes precisam fazer o que for necessário para proteger os...

As últimas palavras de Thomas foram interrompidas por um estrondo, como o de pedras se fragmentando. Depois, nada. Apenas um eco reverberando nas paredes.

- O que foi isso? - gritou Minho, olhando para o céu em busca da fonte do barulho.

Thonias inspecionou a Clareira, as paredes do Labirinto que se elevavam atrás dele, mas nada estava fora do lugar. Fez menção de voltar a falar, quando soou outro estrondo, e mais outro. Uni ruído alto e ameaçador percorreu a Clareira, começando tímido, mas aumentando aos poucos em profundidade e volume. O grupo se agitou, exibindo expressões de temor. O mundo parecia prestes a desmoronar.

As pessoas olhavam ao redor procurando a fonte do ruído, e Thomas percebeu que o pânico se disseminava. Logo perderia o controle daquela multidão. O chão vibrou com violência, os sons se amplificaram, e agora surgiam gritos provenientes da massa de pessoas diante deles.

Num rompante,Thomas compreendeu.

- Os explosivos!

- O quê? - gritou Minho.

Thomas se virou para o amigo.

- O Braço Direito!

Um estrondo ensurdecedor sacudiu a Clareira, e Thomas voltou o olhar para cima. Grande parte da parede à esquerda da Porta Leste havia desmoronado, e pedaços enormes de pedra voavam por toda parte. Uma rocha enorme pareceu flutuar, desafiando a gravidade, e depois começou a cair.

Thomas não teve tempo de advertir ninguém antes de a rocha maciça aterrissar sobre um grupo de pessoas, esmagando-as enquanto se partia pela metade. Ficou sem fala por um instante, só observando o sangue escorrer de suas extremidades, empoçando-se no chão de pedra.

69

Os feridos gritavam. Ruídos estrondosos e o sons de pedras se fragmentando se combinavam para compor uni terrível coro, enquanto a superficie sob os pés de Thomas continuava a tremer. O Labirinto desmoronava ao redor deles... tinham de sair dali com urgência.

- Corram! - gritou ele para Sonya.

Ela não hesitou.Virou-se e desapareceu pelos corredores do Labirinto. Os que se enfileiravam atrás dela não precisaram de unia ordem para segui-la.

Thomas cambaleou, conseguiu se reequilibrar e correu até onde Minho estava.

- Cubra a retaguarda! Teresa, Brenda e eu precisamos tomar a dianteira!

Minho concordou com a cabeça e lhe deu uni pequeno empurrão para que fosse em frente. Ao lançar um olhar para trás, Thomas pôde ver a Sede se partir ao meio, como uma noz, metade da estrutura caindo ao chão em uma nuvem de madeira aos pedaços e poeira. O olhar pousou então na Casa dos Mapas, e notou que as paredes de concreto já quase desmoronavam.

Não havia tempo a perder. Procurou Teresa em meio ao caos. Ela se aproximou do velho amigo e o seguiu. Encontraram Brenda, que, com Jorge, tentava fazer o máximo para evitar uma debandada em massa, algo que certamente mataria a metade daquela multidão.

Outro ruído de desmoronamento. Thomas ergueu a cabeça e viu uma parte da parede do Labirinto cair ao chão. Felizmente, dessa vez sem ninguém embaixo. Comi uni repentino grito de horror, percebeu que o próprio teto estava prestes a desabar.

-Vá em frente! - gritou Brenda. - Estou logo atrás de você!

Teresa agarrou o braço de Thomas, empurrando-o para a frente, e os três correram e entraram no Labirinto, acenando e mostrando o caminho para a multidão que seguia na mesma direção. Thomas teve de correr para alcançar Sonya - não tinha certeza se ela havia sido uma Corredora no Grupo B ou se apenas se lembrava do trajeto tão bem quanto ele, se é que ainda era o mesmo.

O chão continuava a tremer, uma ameaça maior a cada explosão. As pessoas tombavam para a esquerda e para a direita, caíam, levantavam-se de novo e continuavam correndo. Thomas se esquivava e abaixava a cabeça enquanto corria, a certa altura tendo de saltar sobre uni homem caído. Pedras se soltavam das paredes.Viu uma atingir um homem em cheio na cabeça, arremessando-o ao chão. Algumas pessoas se inclinaram para o corpo sem vida, tentaram levantá-lo, mas havia tanto sangue que Thomas concluiu imediatamente ser tarde demais.

Thomas alcançou Sonya e passou por ela correndo, liderando todos eles, curva após curva.

Aproximavam-se. Torcia para que o Labirinto houvesse sido o primeiro lugar a ser atingido e que o resto do complexo estivesse intacto; que ainda tivessem tempo suficiente para sair.

O chão de repente saltou embaixo dele, e um estrondo de arrebentar os tímpanos invadiu o ar. Thomas caiu de cara no chão e teve de se esforçar para levantar. Cerca de uns trinta metros à frente, uma parte do solo de pedra se deslocara para cima. Enquanto observava o estrago, metade daquela saliência explodiu, enviando uma chuva de pedras e poeira em todas as direções.

Thomas não se deteve. Havia um caminho estreito entre a superficie que agora se projetava para cima e a parede, e foi por ali que avançou, Teresa e Brenda em

seu encalço. Mas sabia que aquele estreitamento de passagem iria retardar a saída deles.

- Apressem-se! - gritou sobre o ombro. Diminuiu a velocidade para focalizar melhor, e detectou desespero no olhar dos demais.

Sonya avançou pela passagem estreita e, então, fez unia pausa para ajudar os outros a passar por ela, agarrando mãos, puxando e empurrando. Aquele procedimento ocorreu muito mais rápido do que Thomas poderia imaginar. Continuou rumo ao Penhasco a toda a velocidade.

Enquanto atravessava o Labirinto, pedras desmoronavam e caíam por toda parte; pessoas gritavam e choravam. Tudo que lhe restava era liderar os sobreviventes. Uma curva à esquerda e outra à direita. Mais uma à direita. Seguiram por um longo corredor que dava no Penhasco. Pôde divisar o teto cinzento e as paredes negras, e o buraco redondo de saída... além de um grande estrondo ecoando e atravessando o antes falso céu azul.

Virou-se para Sonya e gritou:

- Depressa! Corram!

Enquanto se aproximavam, Thomas vivenciou o pleno horror em toda a sua extensão. Rostos pálidos e contraídos pelo medo, pessoas caindo ao chão e tornando a se levantar.Viu um menino que não podia ter mais de dez anos, arrastando com esforço uma mulher até que conseguisse encontrar o chão sob os pés. Uma pedra do tamanho de um carro despencou do alto da parede e atingiu um homem mais velho, lançando-o a vários metros de distância, antes de atingir o chão e desmoronar, estatelado.Thomas, mesmo abalado pelo terror, continuava a correr, berrando palavras de encorajamento aos que o cercavam.

Enfim, chegaram ao Penhasco. As duas tábuas permaneciam firmes em seu lugar, e Sonya fez um gesto

para Teresa cruzar a ponte improvisada e passar pelo antigo Buraco dos Verdugos. Depois foi a vez de Brenda, com uma fila atrás dela.

Thomas esperava na extremidade do Penhasco, acenando para quem ainda se aproximava. Era uma tarefa agonizante, quase insuportável, ver as pessoas abrindo caminho lentamente para sair do Labirinto, quando todo o lugar parecia prestes a desmoronar a qualquer segundo. Um por um, a multidão foi evacuando o local. Thomas imaginou se Teresa não os havia mandado descer a rampa em vez da escada para acelerarem a partida.

- Vá! - gritou Sonya para Thomas. - Eles precisam saber o que fazer quando estiverem lá embaixo.

Thomas fez que sim com a cabeça, embora se sentisse culpado por sair dali. Havia feito a mesma coisa da primeira vez que escapara, abandonando os Clareanos em meio à luta para digitar o código. Mas sabia que ela tinha razão. Lançou um último olhar ao Labirinto trepidante - pedaços de teto pendendo e pedras se projetando na superficie antes plana. Não sabia se todos conseguiriam, e o coração apertou ao pensar em Minho, Caçarola e os outros amigos.

Espremeu-se entre o fluxo de pessoas e atravessou as tábuas em direção ao buraco; depois se desviou da multidão na rampa e correu para a escada. Desceu os degraus o mais rápido que pôde e ficou aliviado ao ver que os danos ainda não haviam atingido aquela parte do Labirinto. Teresa estava lá, ajudando as pessoas a se levantar depois de aterrissarem e lhes dizendo que direção tomar.

- Eu faço isso! - gritou para ela. -Vá para a frente do grupo! - Apontou para as portas duplas.

Teresa fez menção de responder, quando percebeu algo atrás dele. Os olhos se arregalaram de medo, e Thomas se virou.

Vários dos compartimentos empoeirados dos Verdugos se abriam, a metade superior se erguendo como tampas de caixão.

70

Preste atenção! - gritou Teresa. Agarrou-o pelos ombros e o virou para encará-lo. - Na extremidade final dos Verdugos - apontou para o compartimento mais próximo -, que os Criadores chamavam de tambor, no interior da parte gosmenta, há um circuito, parecido com unia manivela. É preciso enfiar o braço através do revestimento viscoso e puxar a manivela para fora. Se conseguir fazer isso, vão parar de funcionar na hora.

Thomas concordou com a cabeça.

- Certo. Continue seguindo com os outros!

As tampas dos compartimentos não paravam de abrir, eThomas se apressou em direção ao mais próximo.A tampa estava quase toda aberta quando a alcançou, e se esticou para ver lá dentro. O corpo enorme de lesma do Verdugo tremia e se contorcia, sugando a umidade e o combustível dos tubos conectados às laterais.

Thomas se aproximou da extremidade final do Verdugo. Enfiou a mão através do revestimento gosmento, tentando encontrar o que Teresa havia descrito. Gemeu devido ao esforço e empurrou mais a mão, até encontrar unia alavanca rígida, puxando-a com toda a força. Toda a coisa pareceu derreter, e o Verdugo murchou em uma massa gelatinosa no fundo do compartimento.

Jogou a alavanca no chão e correu para o compartimento seguinte, onde a tampa já quase alcançava o chão. Demorou apenas alguns segundos para se posicionar na lateral, enterrar a mão na carne gosmenta e alcançar a alavanca.

Enquanto se dirigia ao compartimento seguinte, Thomas arriscou uni olhar rápido para Teresa. Ela ainda ajudava as pessoas a se levantarem depois de escorregarem pela rampa, orientando-as a passar pelo conjunto de portas. Elas desciam depressa, uma praticamente aterrissando em cima da outra. Sonya estava ali, depois Thomas viu Caçarola e Gally. Minho apareceu quase voando em seu campo de visão. Alcançou o próximo compartimento, cuja tampa se abrira por completo, os tubos que conectavam o Verdugo ao contêiner se desligando um a um. Repetiu a operação.

Thomas se dirigiu ao quarto compartimento aos tropeços, mas oVerdugo já se movia, a extremidade inicial se erguendo acima do conmpartiniento aberto, os apêndices irrompendo da pele para ajudá-lo a se movimentar. Thomas se apressou e se postou na lateral do compartimento. Enfiou a mão dentro do revestimento gosmento e puxou a alavanca. Mas uni par de lâminas semelhante a unia tesoura voou em direção à sua cabeça. Abaixou-se enquanto arrancava a peça do corpo da criatura, a massa de gosma, inerte, espalhando-se dentro do compartimento.

Thomas tinha consciência de que era tarde demais para deter o último Verdugo antes que deixasse o compartimento. Virou-se para avaliar a situação, a tempo de vê-lo sair do caixão branco. O Verdugo já examinava a área com uni dispositivo de observação que se projetava na parte de cima de seu corpo. Então, como os vira fazer tantas vezes, a criatura se enrolou, virando unia bola, os ferrões se projetando. Girou para a frente cone uni grande zumbido metálico. Pedaços de concreto voavam no ar, os ferrões doVerdugo se arrastando no chão, e Thomas assistiu, impotente, enquanto ele se chocava com uni pequeno grupo de pessoas que descia a rampa. As lâminas se estenderam e fatiaram várias pessoas antes que ao menos soubessem o que havia acontecido.

Thomas olhou ao redor, em busca de qualquer coisa que pudesse usar como arma. Uni pedaço de cano que tinha quase o tamanho de seu braço havia se desprendido de algo no teto. Correu e o pegou. Ao se virar na direção do Verdugo, viu que Minho já tinha se aproximado da criatura, desferindo-lhe chutes com uma ferocidade assustadora.

Thomas gritou, avisando as pessoas que se desviassem do Verdugo. A criatura girou na direção dele como se houvesse escutado a ordem, e se ergueu sobre a extremidade bulbosa. Dois apêndices emergiram das laterais, e Thomas ficou imóvel, em estado de alerta. Um novo braço de metal zuniu com uma serra giratória em movimento, o outro com uma garra de aparência assustadora, terminando em quatro pontas com lâminas.

- Minho, deixe-me distraí-lo! - gritou Thomas. - Tire todo mundo daqui e mande Brenda conduzir as pessoas à sala de manutenção!

Mesmo tendo avisado, um homem se pusera no caminho do Verdugo. Antes que pudesse se distanciar dele, uma vara se projetou da criatura e o atingiu no peito, e o homem caiu no chão cuspindo sangue.

Thomas correu, levantando o cano, pronto para golpear os apêndices e alcançar o revestimento gosmento até chegar à alavanca. Quase conseguia seu intento, quando, de repente, Teresa surgiu num rompante a seu lado, ultrapassando-o, e se arremessou contra o Verdugo. A criatura se transformou em uma bola com rapidez, todos os apêndices se retraindo.

-Teresa! - gritou Thomas, parando abruptamente, sem saber o que fazer.

Ela girou o corpo para encará-lo.

-Vá! Tire-os daqui! - Passou a desferir chutes e golpes, as mãos buscando o ponto certo em meio à gosma reluzente. Até então, não parecia ter grandes ferimentos.

Thomas se aproximou mais um pouco, agarrando o cano com firmeza e aguardando o momento certo para atacar o Verdugo sem machucá-la.

Os olhos de Teresa se voltaram para Thomas de novo.

- Saia daqui...

Mas as palavras se perderam. OVerdugo havia sugado seu rosto para dentro do corpo gosmento e a puxava cada vez mais para dentro, sufocando-a.

Thomas apenas olhava, incapaz de se mover. Pessoas demais haviam morrido. Demais. E não ficaria ali postado, sem fazer nada, enquanto Teresa se sacrificava para salvá-lo e aos outros. Não podia permitir.

Soltou um grito, com toda a força que tinha, correu e saltou no ar, voando para cima do Verdugo. A serra giratória projetou-se na direção de seu peito, mas Thomas desviou para a esquerda e girou o cano. Este atingiu a serra, que se quebrou e disparou pelo ar. Thomas a ouviu bater no chão com um ruído seco. Projetou-se para trás, equilibrando-se, e direcionou o cano para o corpo da criatura, próximo de onde estava a cabeça de Teresa, soterrada. Usou toda a força que tinha para tirá-la dali, enquanto golpeava repetidamente a criatura.

Um apêndice com uma garra o ergueu do chão e o atirou longe.Thomas caiu sobre o cimento e rolou, voltando a ficar de pé logo em seguida. Teresa havia conseguido certa vantagem de manobra no interior do corpo da criatura. Ficara de joelhos e agora golpeava os braços de metal doVerdugo. Thomas investiu de novo, agarrando-se ao revestimento gosmento. Usou o cano para golpear qualquer coisa que se aproximasse dele. Teresa também resistia, e a criatura pendeu para o lado, transformando-se em uma bola de novo e arremessando-a a cerca de três metros de distância.

Thomas agarrou um dos braços de metal, desferindo um golpe contra a garra antes que conseguisse atingi-lo.

Plantou os pés no chão e esticou o braço rumo à massa gosmenta, em busca da alavanca. Algo lhe rasgou as costas, e uma centelha de dor aguda percorreu todo o seu corpo. Continuou procurando, cada vez mais para dentro. Quanto mais fundo penetrava, mais a carne da criatura se assemelhava a lama endurecida.

Por fim, as pontas dos dedos encontraram um material resistente, e Thomas forçou a mão alguns centímetros à frente. Agarrou a alavanca e a puxou com toda a força, arrancando-a do corpo do Verdugo. Teresa lutava contra um par de lâminas a centímetros do rosto dela. Então, de repente, um súbito silêncio tomou o lugar, e a criatura parou de se mover. Autodestruiu-se em um amontoado de gosma e engrenagens, os apêndices caindo ao chão, inertes.

Thomas repousou a cabeça no chão e inspirou profundamente. Não demorou para que Teresa estivesse a seu lado, ajudando-o a se virar de barriga para cima.Viu o sofrimento estampado no rosto dela, os arranhões, a pele corada e molhada de suor. Ela sorriu.

- Obrigada, Tom.

- Por nada. -A trégua na batalha era boa demais para ser verdade.

Teresa o ajudou a se levantar.

-Vamos dar o fora daqui.

Thomas percebeu que ninguém mais escorregava pela rampa, e Minho acabava de acompanhar a saída das últimas pessoas conjunto de portas afora. O garoto inclinou-se, as mãos nos joelhos para retomar o fôlego.

- Todos já se foram. - Endireitou o corpo com um gemido. - Todos os que conseguiram, pelo menos. Suponho que agora descobrimos por que nos deixaram entrar tão facilmente. Planejavam que osVerdugos de mértila nos cortassem em pedacinhos antes de conseguirmos sair. Seja como for, vocês precisam correr para ajudar Brenda a abrir caminho.

- Tudo bem com ela? - perguntou Thomas. O alívio era imenso.

- Sim, tudo certo.

Thomas conseguiu se levantar, mas, após dois passos, estacou de novo. Um estrondo se avolumou, vindo, segundo parecia, de todos os lugares. O chão estremeceu por alguns segundos, depois parou.

- É melhor nos apressarmos - Thomas sugeriu, partindo em uma corrida tresloucada atrás dos outros.

71

Pelo menos duzentas pessoas haviam conseguido sair do Labirinto, mas, por alguma razão, tinham parado de se mover. Thomas abriu caminho entre a multidão no corredor apinhado, lutando para chegar lá na frente.

Passou por homens, mulheres e crianças, e enfim localizou Brenda. Ela o encontrou a meio caminho, abraçando-o e lhe dando um beijo no rosto. Do fundo do coração, desejava que tudo aquilo acabasse naquele momento; que já estivessem em total segurança, sem ter de ir a lugar nenhum.

- Minho me obrigou a sair - disse ela. - Prometeu ajudá-lo se você precisasse. Disse que tirar todos dali era prioridade e que vocês conseguiriam dominar o Verdugo. Mas eu devia ter ficado. Pode me perdoar?

- Eu também lhe disse pra fazer isso - respondeu Thomas. - E foi a coisa certa a fazer. Logo todos nós estaremos fora daqui.

Ela lhe deu um empurrão carinhoso.

- Então vamos logo.

- Combinado. - Thomas apertou a mão dela, e ambos se juntaram a Teresa, encaminhando-se de novo para a dianteira do grupo.

O corredor estava ainda mais escuro do que antes. As poucas luzes que funcionavam estavam fracas, e acendiam e apagavam, oscilantes. As pessoas pelas quais passavam abriam caminho em silêncio, aguardando com ansiedade. Thomas avistou Caçarola, que não disse nada, mas fez o que pôde para lhe lançar um sorriso encorajador, embora parecesse forçado. A distância, um estrondo ocasional soava de vez em

quando, e o prédio tremia. As explosões ainda estavam bem longe, mas Thomas sabia que não demorariam a se aproximar.

Quando ele e Brenda alcançaram a dianteira da multidão, descobriram que o grupo havia parado diante de uma escadaria, sem saber se devia subir ou descer.

- Precisamos subir - instruiu Brenda.

Thomas não hesitou. Fez um sinal para o grupo segui-lo e passou a subir, Brenda a seu lado. Recusava-se a sucumbir à fadiga. Quatro lances, cinco, seis. Parou no patamar, retomou o fôlego e olhou para baixo. Viu que os outros estavam em seu encalço. Brenda o guiou até uni corredor, virando à esquerda e depois à direita, e outro lance de escadas acima. Mais uni corredor, e depois desceram outra escada. Pé ante pé. Àquela altura,Thomas só torcia para que a chanceler houvesse sido honesta sobre o Transportai.

Uma explosão soou eni algum lugar acima dele, sacudindo todo o prédio e lançando-os ao chão.A poeira inundou o ar, e pequenos fragmentos do teto caíram em suas costas. Sons de coisas desmoronando e se fragmentando encheram o ar. Segundos após o abalo, no entanto, tudo estava quieto e calmo de novo.

Thomas estendeu a mão em direção a Brenda, para se certificar de que ela não estava ferida.

-Todos estão bem? - gritou ele pelo corredor.

- Sim! - alguém berrou de volta.

- Continuem andando! Estamos quase chegando! - Ajudou Brenda a se levantar e continuaram, Thomas rezando para que o prédio ficasse no mesmo lugar pelo menos mais alguns instantes.

Thomas, Brenda e os que os seguiam conseguiram alcançar a parte do prédio circulada pela chanceler no mapa: a sala de manutenção. Várias outras bombas tinham sido detonadas, a intervalos cada vez menores.

Mas nada forte o bastante para detê-los, e agora estavam praticamente lá.

A sala de manutenção ficava atrás de unia enorme área de armazenamento. Séries organizadas de prateleiras de metal repletas de caixas alinhavam-se na parede da direita, e Thomas se dirigiu àquele lado da sala, ace nando para os demais entrarem. Queria todos juntos antes de avançarem para o Transportai. Havia uma porta nos fundos da sala; devia ser ela que os levaria à sala que procuravam.

- Continuem andando e fiquem alerta - disse a Brenda; depois se apressou em direção à porta. Se a chanceler Paige houvesse mentido sobre o Transportai, ou se alguém do CRUEL ou do Braço Direito tivesse descoberto o plano deles, seria o fim.

A porta dava para uma pequena sala repleta de mesas lotadas de ferramentas, pedaços de metal e componentes de máquinas. Do lado oposto, uma grande tela havia sido pendurada na parede. Thomas foi até ela e a arrancou. Atrás dela, encontrou unia parede acinzentada com um brilho bruxuleante e, junto dela, uni painel de controle.

Era o Transportal.

A chanceler não mentira.

Thomas soltou uma gargalhada diante da ironia da situação. O CRUEL... a própria líder do CRUEL o havia ajudado.

A menos que... Precisava se certificar de uma última coisa. Tinha de testar aonde dava oTransportal antes de enviar qualquer pessoa através dele. Thomas respirou fundo. Tinha de fazê-lo.

Obrigou-se a atravessar a linha gélida do Transportai. E saiu em um galpão de madeira simples, a porta totalmente aberta diante dele.Além dali, viu... tudo verde. Unia enorme quantidade de verde. Grama, árvores, flores, arbustos. Era o suficiente para ele.

Recuou de novo à sala de manutenção, exultante. Haviam conseguido... Estavam praticamente lá. Correu para a área de armazenamento.

-Venham! - gritou. -Venham todos para cá... funcionou! Depressa!

Unia explosão sacudiu as paredes e as prateleiras de metal. Poeira e detritos passaram a cair do teto.

- Depressa! - repetiu.

Teresa fazia as pessoas se apressarem, conduzindo-as até onde Thomas estava. Ele se postara ao lado da porta da sala de manutenção e, quando a primeira pessoa cruzou a soleira, uma mulher, tomou-a pelo braço e a conduziu até a parede acinzentada do Transportal.

- Sabe o que é isso, não sabe? - perguntou-lhe.

Ela balançou a cabeça afirmativamente, tentando com coragem esconder a ansiedade de entrar naquela coisa à sua frente.

-já estive fora desses prédios algumas vezes, garoto.

- Posso confiar que vai ficar aí e garantir que todos atravessem o Transportal?

Primeiro ela empalideceu, mas depois fez que sim com a cabeça.

- Não se preocupe - garantiu-lhe Thomas. - Fique aqui o máximo de tempo que puder.

Assim que ela assentiu, Thomas voltou para a porta.

Outros já haviam superlotado a pequena sala, e Thomas recuou um passo.

- É exatamente por aqui. Abram espaço do outro lado!

Abriu caminho em meio à multidão e voltou ao depósito. Todos haviam se enfileirado dentro da sala de manutenção. E, de pé, atrás de todos, estavam Minho, Brenda, Jorge, Teresa, Aris, Caçarola e alguns membros do Grupo B. Gally também. Thomas se encaminhou para onde os amigos estavam.

- É melhor darmos o fora daqui bem rápido - disse Minho. -As explosões estão cada vez mais perto.

- O lugar todo vai por terra abaixo - acrescentou Gally.

Thomas examinou o teto, como se esperasse que aquilo acontecesse naquele exato momento.

- Eu sei. Eu mesmo pedi que se apressassem. Bem, todos estaremos fora daqui em um...

- Então, o que temos aqui? - soou uma voz vinda dos fundos da sala.

Um burburinho se formou, e Thomas se virou para ver quem havia falado. O Homem-Rato tinha acabado de transpor a porta que dava para o corredor, e não estava sozinho - vários guardas do CRUEL o acompa nhavani.Thonias contou sete no total, o que significava que ele e os antigos estavam em vantagem.

Janson parou e colocou as mãos em concha para gritar mais forte que o estrondo de outra explosão.

- Lugar estranho para se esconderem quando tudo está prestes a desmoronar! - Pedaços de metal despencaram do teto, fazendo uni grande ruído ao cair no chão.

- Sabe muito bem por que estamos aqui! - gritou Thomas em resposta. - É tarde demais... estancos de partida!

Janson puxou a mesma faca comprida que havia usado antes e a brandiu. E, como se fosse uni sinal, os guardas revelaram armas similares.

- Mas poderios recuperar alguns - disse Janson. - E parece que temos os mais fortes e brilhantes bem aqui diante do nariz. Até mesmo nosso Candidato Final, vejam só! Aquele de que mais precisamos, aias que se recusa a cooperar.

Thomas e os amigos se postaram em uma linha entre a multidão minguada de prisioneiros e os guardas. Thomas e os demais procuravam no chão algo que pudessem encontrar para usar como arma - canos, parafusos compridos, a extremidade denteada de uma grade de metal. Thomas localizou uni fragmento de um

grosso cabo que terminava em uma ponta de fios de metal rígidos, com uma aparência tão mortal quanto uni arpão. Agarrou-o no exato momento em que outra explosão abalou a sala, fazendo ruir ao chão uma parte enorme das prateleiras de metal.

- Nunca vi uni bando de brutamontes tão ameaçador! - gritou o Homens-Rato, mas o rosto exibia uma expressão enlouquecida, a boca retorcida em unia selvagem expressão de desprezo. - Admito que estou aterrorizado!

- Cale essa sua boca de mértila e vamos acabar logo com isso! - gritou Minho em resposta.

Janson concentrou o olhar frio e insano nos jovens que o encaravam.

- Com prazer - disse ele.

Thomas estava ansioso para atacar e se vingar de todo o medo, dor e sofrimento que haviam definido sua vida durante tanto tempo.

-Vamos! - bradou.

Os dois grupos se atacaram, os gritos de guerra sufocados pelo abalo repentino da detonação de mais explosivos, que sacudiu o prédio inteiro ao redor deles.

72

De algum modo, Thomas conseguiu manter o equilíbrio, apesar de toda a sala ter sido sacudida pela série de explosões, detonadas de uni local bem próximo.A maioria das prateleiras caiu, e objetos foram arremessados pela sala. Esquivou-se de uni pedaço de madeira cheio de perigosas farpas, e depois desviou de unia peça de maquinário que passou, sem controle, por ele.

Gally, que estava ao lado dele, tropeçou e caiu; Thomas o ajudou a se levantar. Brenda também escorregou, mas conseguiu se manter em pé.

Lançaram-se uns contra os outros, como a linha de frente de soldados de antigas formações de batalha corpo a corpo.Thomas atacou o Homem-Rato, pelo menos quinze centímetros mais alto que ele, brandindo sua lâmina; ela prescreveu um arco em direção ao ombro de Thomas, mas este se defendeu, arremessando o cabo rígido de baixo para cima e atingindo a axila do homem. Janson gritou e deixou cair a arma, enquanto um porção de sangue jorrava do ferimento. Colocou a outra mão sobre ele e recuou, encarando Thomas com um olhar repleto de ódio.

À direita e à esquerda, todos lutavam. O ambiente havia sido invadido por sons de metal contra metal, lamentos e grunhidos. Alguns haviam enfrentado dois ao mesmo tempo; Minho lutou contra unia mulher que parecia duas vezes riais forte que qualquer uni dos homens. Brenda estava no chão, enfrentando uni homem magro e tentando lhe tirar uni facão das niãos.Thomas

captou tudo em um relance, voltando depois a atenção para o próprio oponente.

- Não me importo de sangrar até a morte - Janson falou com uma careta. - Contanto que eu morra depois de fazê-lo recuar.

Outra explosão sacudiu o chão sob eles, e Thomas tombou para a frente, deixando a arma cair e chocando-se contra o peito de Janson.Ambos caíram, e Thomas lutou para se desvencilhar do homem com uma das mãos, enquanto o socava o máximo que podia com a outra. Desferiu vários golpes do lado esquerdo do peito de Janson com o punho fechado e observou a cabeça do Homem-Rato tombar para o lado, sangue escorrendo-lhe da boca.Thomas tomou fôlego para nova série de golpes, mas o homem arqueou o corpo com violência, livrando-se dele;Thomas caiu de costas no chão.

Antes que pudesse se mover, Janson pulou sobre ele e envolveu seu tronco com as pernas, imbolizando os braços de Thomas com os joelhos. Thomas se contorcia para se desvencilhar, e o homem passou a golpeá-lo sem parar, socando-o várias vezes no rosto totalmente desprotegido.A dor tomou conta dele. Mas logo a adrenalina o invadiu; não morreria daquele jeito. Pressionou os pés contra o chão e impulsionou o estômago para cima.

Só se levantou alguns centímetros do chão, mas foi o suficiente para libertar os braços. Bloqueou o golpe seguinte com os antebraços, depois lançou os dois punhos fechados contra o rosto do homem. Janson perdeu o equilíbrio, e Thomas se aproveitou para sair de sob seu corpo. Chutou, ainda sentado, várias vezes a lateral do tronco do inimigo, os dois pés trabalhando sem parar. O corpo do homem se afastava alguns centímetros a cada pontapé. Mas, quando Thomas se preparava para ficar de pé, Janson girou o corpo e se arremeteu contra

ele, agarrando-lhe os pés e fazendoo cair. Tornou a se colocar sobre Thomas.

O garoto ficou louco de raiva; desferia chutes, socos, contorcia-se para se desvencilhar. Rolaram pelo chão, um deles ganhando certa vantagem por apenas uma fração de segundo, para em seguida sucumbir de novo. Punhos e pés se movimentavam, e fisgadas de dor alfinetavam o corpo de Thomas. Janson arranhava e mordia. Continuaram a rolar, batendo um no outro, ambos já quase sem forças.

Enfim,Thomas conseguiu um bom ângulo para atingir o nariz de Janson com o cotovelo. Um ímpeto de energia se apossou do corpo de Thomas; saltou sobre Janson e colocou os dedos em volta do pescoço do homem, começando a apertá-lo. Janson chutava, sacudia os braços, mas Thomas o continha com uma raiva feroz, inclinando-se para a frente com todo o seu peso para esmagá-lo enquanto apertava com mais e mais força. Sentiu coisas estalando e se dilacerando sob as mãos. Os olhos de Janson se projetaram; a língua se precipitou para fora da boca.

Alguém lhe bateu na cabeça com a palma da mão aberta; percebia que falavam com ele, um som longínquo, mas não conseguia distinguir as palavras. O rosto de Minho apareceu à sua frente. Ele berrava alguma coisa. Uma sede de sangue havia tomado conta de Thomas. Esfregou os olhos na manga da camisa e se concentrou de novo no rosto de Janson. O homem estava morto, duro, pálido e acabado. Thomas voltou a olhar para Minho.

- Ele está morto! - gritava o amigo. - Está morto!

Thomas se obrigou a largá-lo, e Minho o ajudou a se levantar.

- Aniquilamos todos eles! - gritou Minho em seu ouvido. - Agora, precisamos dar o fora daqui!

Duas explosões atingiram ao mesmo tempo a área de armazenamento, e as paredes implodiram, lançando pedaços de tijolo e cimento em todas as direções. Choveram detritos sobre Thomas e Minho. A poeira invadiu o ar, e figuras sombrias cercaram Thomas, escorregando, caindo e se levantando de novo. Thomas continuava em pé e se encaminhava para a sala de manutenção.

Peças do teto ruíam, fragmentando-se e se espatifando no chão. Os sons eram terríveis, ensurdecedores. O chão tremia com violência, mas as bombas continuavam a ser detonadas sem descanso, aparentemente em toda parte ao mesmo tempo. Thomas caiu; Minho o agarrou, obrigando-o a se levantar. Alguns segundos depois, foi Minho quem caiu; Thomas o puxou com força e o arrastou, até estarem ambos correndo de novo. De repente, Brenda entrou em seu foco de visão, um olhar de puro terror. Pensou ter visto também Teresa nas proximidades, todos lutando para manter o equilíbrio enquanto avançavam.

Um ruído de estilhaços e destruição cortou o ar, tão alto que Thomas olhou para trás. Os olhos se dirigiram para cima, onde uma parte maciça do teto desabava. Observou, quase hipnotizado, aquela porção maciça se avolumar em sua direção. Podia ver Teresa com o canto dos olhos, sua imagem quase indistinta através do ar empoeirado. O corpo dela se chocou contra o dele, atirando-o em direção à sala de manutenção. A mente de Thomas se tornou distante, vazia, enquanto era lançado para trás e caía, no momento exato em que um enorme pedaço do prédio caía sobre Teresa, esmagando-lhe o corpo, apenas a cabeça e um dos braços aparecendo agora.

- Teresa! - gritou Thomas, um som sobrenatural que de algum modo se sobrepôs a todo o burburinho. Arremessou-se em sua direção. Havia sangue por todos o

rosto de Teresa, e, pela parte à mostra do braço, ele todo parecia esmagado.

Chamou-a de novo, e a imagem de Chuck, caído no chão, coberto de sangue, cruzou-lhe a mente, bem como o olhar vidrado de Newt. Três de seus melhores amigos, tirados dele pelo CRUEL.

- Sinto muito - sussurrou, sem saber se Teresa o ouvia. - Sinto muito.

A boca de Teresa se moveu, esforçando-se para falar, e Thomas se inclinou para compreender o que dizia.

- Eu... também - sussurrou ela. - Só... me importava...

Então Thonias se sentiu arrastado para longe dela. Toda a energia se esvaíra dele. Teresa estava morta. O corpo dele doía; o coração parecia sangrar. Brenda e Minho o puxaram para cima, colocando-o de pé. E foi quando os três foram projetados para a frente sob forte impacto. Um incêndio havia começado a arder em um buraco aberto por uma explosão - a fumaça aumentava e se agitava em meio ao ar poeirento. Thomas tossiu, mas tudo que sentiu foi o estrondo nos ouvidos.

Outra explosão reverberou pelo local; Thomas virou a cabeça enquanto corria para ver a parede de trás da área de armazenamento explodir, ruindo no chão em pedaços, as chamas penetrando pelos espaços abertos. O que restava do teto começou a desmoronar, a estrutura toda desabando. Cada pedacinho restante do prédio se preparava para vir ao chão, de uma vez por todas.

Atingiram a porta da sala de manutenção e se espremeram dentro dela, a tempo de ver Gally desaparecer Transportal adentro. Todos já haviam partido. Thomas seguiu aos tropeções com os amigos, vencendo com rapidez o curto espaço. Em segundos, estariam mortos. Os ruídos de desmoronamento e coisas desabando atrás de Thomas eram cada vez mais altos - estalos, rangidos e atrito de metal, e o crepitar abafado de chamas. A destruição atingira uni patamar

inacreditável;Thomas se recusava a olhar, embora sentisse o perigo atrás dele, a apenas centímetros de distância, como uni sopro de respiração bem atrás do pescoço. Empurrou Brenda para o Transportal. O mundo desmoronava ao redor deles.

Juntos, ele e Minho saltaram pela parede acinzentada adentro.

73

Thomas mal conseguia respirar. Tossia e cuspia. O coração acelerado recusava se acalmar. Aterrissou no chão de madeira do galpão e agora engatinhava para a frente, querendo se afastar do Transportal, no caso de qualquer detrito chegar voando através dele. Percebeu Brenda pelo canto dos olhos. Ela pressionava alguns botões em uni painel de controle, e então a superficie acinzentada desapareceu, revelando as tábuas de cedro da parede atrás dele. Onde ela aprendeu afazer isso?, ponderou Thomas.

-Você e Minho, saiam já daqui! - disse ela com unia urgência incompreensível na voz.

Minho ficou de pé e se aproximou de Thomas para ajudá-lo a levantar.

- Meu cérebro de mértila não pode gastar mais nem uni segundo pensando. Deixe que ela faça o que quiser.Vamos sair daqui.

- Tudo bem - Thomas concordou. Ele e o amigo se entreolharam, retomando o fôlego, tentando se aliviar de alguma maneira, em poucos segundos, dos últimos acontecimentos, das mortes, de todo o sofrimento. E, mesclado a isso, estava o alívio de que talvez, apenas talvez... tudo estivesse acabado.

Mas, sobretudo, Thomas sentia a dor da perda. Assistir à morte de Teresa, que salvara a vida dele, era demais para suportar. E agora, olhando para a pessoa que se tornara seu melhor amigo, teve de lutar para conter as lágrimas. Naquele momento, jurou que jamais contaria a Minho o que fizera com Newt.

-Tudo bem mesmo, com certeza, seu cara de mértila - respondeu Minho. Mas aquele seu sorriso irônico, marca registrada do amigo, não estava ali. No lugar dele, havia um olhar de cumplicidade, como se dissesse aThomas que compreendia. E que ambos carregariam a dor de sua perda pelo resto da vida. Então Minho se virou e se afastou.

Depois de alguns instantes, Thomas o seguiu.

Quando pôs o pé lá fora, teve de se deter um momento diante da visão. Estavam em uni lugar que haviam lhe dito que não existia mais. Maravilhoso, verde e repleto de vida. Estavam no alto de uma colina, acima de um campo de grama alta e flores silvestres.As cerca de duzentas pessoas que haviam resgatado perambulavam por ali, algumas delas realmente correndo e pulando.À direita, a colina descia para um vale de árvores muito altas que pareciam se estender por quilômetros, terminando em uma parede de montanhas rochosas que sobressaíam em direção ao céu azul sem nuvens. À esquerda, o campo gramado transformava-se lentamente em arbustos bem baixos e, depois, em areia. Além, vinha o oceano, as ondas grandes com espumas brancas quando se quebravam na praia.

O paraíso. Estavam no paraíso. Torcia de coração para que um dia conseguisse sentir a alegria daquele lugar.

Ouviu a porta do galpão se fechar e depois o ruído de fogo crepitando lá dentro. Virou-se e avistou Brenda. Ela o empurrou com suavidade, afastando-o da estrutura, agora já engolfada em chamas.

- Só pra garantir? - perguntou ele.

- Só pra garantir - ela repetiu, e lhe lançou um sorriso tão sincero que Thomas relaxou uni pouco, sentindo-se mais confortado. - Sinto muito por Teresa.

- Obrigado. - Foi a única palavra que conseguiu encontrar.

Brenda não disse nada, vias não era preciso que falasse muito mais.Thomas compreendia. Caminharam juntos, reunindo-se ao grupo que havia travado a última batalha com Janson e os outros, todos arranhados e feridos dos pés à cabeça. Trocou uni olhar cúmplice com Caçarola, como havia feito com Minho. Então, todos se voltaram para o galpão e ficaram assistindo até que se consumisse em chamas por inteiro.

★

Algumas horas mais tarde,Thomas estava sentado no alto de um penhasco, observando o oceano, os pés pendendo no vazio. O Sol já quase imergira no horizonte, que parecia arder em chamas. Era uma das visões mais fantásticas que tivera.

Minho havia começado a organizar as coisas lá embaixo, na floresta, onde tinham decidido viver, organizando grupos para procurar comida, um comitê de construção, um e outro detalhe de segurança. Thomas estava contente com essa iniciativa; não desejava que nenhuma responsabilidade caísse novamente sobre seus ombros. Sentia-se exausto, de corpo e alma. Esperava que, onde quer que estivessem, ficassem isolados e seguros enquanto o resto do mundo descobria como lidar com o Fulgor, com ou sem cura. Sabia que o processo seria longo, dificil e desagradável, e tinha cem por cento de certeza de que não queria fazer parte daquilo.

Já havia feito tudo o que podia.

- Ei, você aí.

Thomas se virou e viu Brenda se aproximar.

-Venha aqui. Não quer sentar?

- Quero sim, obrigada. - Ela se acomodou ao lado dele. - Isso me faz lembrar dos crepúsculos no CRUEL, embora jamais tenham parecido tão maravilhosos.

- O que você disse se aplica a muitas coisas por aqui. - Sentiu um tremor de emoção quando a imagem de

Chuck, Newt e Teresa cruzaram sua mente.

Alguns minutos se passaram em silêncio, enquanto observavam a luz do dia desaparecer, o sol e a água, antes com reflexos alaranjados, tornando-se púrpura e, depois, azul-escuros.

- O que essa cabecinha está pensando? - perguntou Brenda.

-Absolutamente nada. Parei de pensar por algum tempo. - Estava sendo sincero. Pela primeira vez na vida, sentia-se livre e seguro, por mais dificil que fora chegar até ali.

Então Thomas fez a única coisa na qual conseguiu pensar: estendeu a mão e segurou a de Brenda. Ela apertou a mão dele em resposta.

-Aqui há mais de duzentas pessoas, e todos somos Imunes. Será um bom recomeço.

Thomas a encarou com certa descrença. Brenda parecia tão segura, como se soubesse de alguma coisa que ele ignorasse.

- O que quer dizer com isso?

Ela se inclinou para a frente e o beijou no rosto, depois nos lábios.

- Nada. Absolutamente nada.

Thomas esvaziou a mente de qualquer preocupação, atraindo-a para mais perto dele, enquanto o último sinal de luz do sol desaparecia horizonte abaixo.

EPÍLOGO

Memorando final do CRUEL, data 232.4.10, hora 12h45

PARA: Meus associados
DE: Ava Paige, chanceler
REE: RECOMECO

Fracassamos.

Mas também fomos bem-sucedidos.

Nossa visão original não se tornou realidade; o plano nunca se concretizou. Fomos incapazes de descobrir uma cura para o Fulgor. Mas previ esse resultado, e coloquei em prática uma solução alternativa, para salvar pelo menos uma parte de nossa raça. Com a ajuda de meus parceiros, dois Imunes habilmente infiltrados, consegui planejar e implementar uma solução que se configurará o melhor resultado que poderíamos esperar.

Sei que a maior parte do CRUEL achava que precisávamos ser mais rígidos, ir mais fundo, ser mais implacáveis com nossos indivíduos, continuar buscando uma resposta, recomeçar o ciclo de Experimentos. Mas o que deixamos de ver estava diante de nossos olhos: os Imunes são o único recurso que restava a este mundo.

E, se tudo correu segundo o planejado, enviamos os mais brilhantes, os mais fortes e os mais resistentes de nossos indivíduos para uni lugar seguro, onde poderão iniciar uma nova civilização enquanto o resto do mundo é levado à extinção.

Minha esperança é que com o correr dos anos nossa organização tenha, de algum modo, pago o preço pelo ato inenarrável contra a humanidade cometido por nossos antecessores no governo. Embora esteja plenamente consciente de que foi um ato de desespero após os clarões solares, disseminar o vírus do Fulgor

como meio de controle populacional foi uni crime abominável e irreversível. E os resultados desastrosos jamais poderiam ter sido previstos. O CRUEL agiu desde então sob a premissa de que esse foi um ato correto, e não errado, com o objetivo de encontrar uma cura. E, embora tenhamos fracassado nesse esforço, podemos pelo menos dizer que plantamos a semente para o futuro da humanidade.

Não sei como a História julgará as ações do CRUEL, mas declaro aqui, para que seja registrado, que a organização teve apenas um único objetivo: a preservação da raça humana. E, com esse último ato, fizemos exatamente isso.

Como tentamos instilar repetidamente em nossos indivíduos, o CRUEL é bom.

AGRADECIMENTOS

Que viagem foi esta trilogia! De muitas maneiras, foi uni esforço colaborativo entre mine, minha editora Krista Marino e meu agente Michael Bourret. É provável que jamais possa agradecer devidamente a essas duas pessoas. Mas vou continuar tentando.

Agradeço muito a todas as pessoas da Random House, em particular a Beverly Horowitz e às minhas agentes de relações-públicas, Emily Pourciau e Noreen Herits. E também aos incríveis membros das equipes de vendas, marketing, design, preparação de texto e todas as outras partes vitais que fazem um livro acontecer. Obrigado a vocês por tornarem esta série uni sucesso.

Obrigado a vocês, Lauren Abramo e Dystel & Goderich, por garantirem a difusão destes livros mundo afora. E agradeço a todos os meus editores estrangeiros por lhes dar essa oportunidade.

Obrigado a Lynette e J. Scott Savage, por lerem os manuscritos iniciais e me darem sua opinião. Prometo recompensá-los por isso!

Obrigado a todos os bloggeis de livros, aos amigos do Facebook e ao Twitter #dashnerarmy, por estarem do meu lado e divulgarem minhas histórias a outras pessoas. A vocês e a todos os meus leitores, muito obrigado. O universo deste livro se tornou real para mim, e espero que tenham gostado de viver nele.

Sua opinião é muito importante!

Mande uni e-mail para opiniao@vreditoras.com.br com o título deste livro no campo "Assunto".